UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ARUÃ SILVA DE LIMA

**Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no
Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**

SÃO PAULO

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no
Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**

ARUÃ SILVA DE LIMA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História Social do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para a obtenção do
título de doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Cancelli

SÃO PAULO
2015

Aos meus pais,

Agradecimentos

Esta tese, embora carregue a autoria, é resultado do apoio, ajuda e contribuição de muitas pessoas em diferentes partes do mundo. Muitos lugares me foram cedidos nos “bondes” que peguei por causa deste trabalho. Ouvi muitos ternos adeuses nas paragens onde atraquei por breve tempo e logo parti. Desse modo, estas palavras servem à justiça da lembrança, à eternidade da gratidão.

A professora Elizabeth Cancelli me recebeu num final de manhã escuro em São Paulo. Tive com ela uma conversa nervosa, para mim. Eu me encontrava numa encruzilhada na minha vida, havia depositado todas as esperanças naquele projeto que ela havia acabado de julgar e sobre o qual me inquiria. Sem nunca ter lhe visto, sem intermediários, nasceu a relação entre orientando e orientador que certamente durará para sempre. Com ela tenho aprendido cotidianamente sobre os rigores do ofício. Eu lhe sou profundamente grato pela confiança e pelas lições.

Neste mesmo dia, quando saí, feliz, da entrevista, telefonei para aquela que seria a responsável por tornar minha vida em São Paulo tão tranquila e segura como se estivesse em Feira de Santana. Margarida, minha tia, recebeu a ligação e combinamos de almoçar para celebrar. Àquela altura, o sol já tinha saído e caminhar em São Paulo para encontrá-la teve outro gosto. Nós nos encontramos e comemos um prato de vaca atolada. O gosto permaneceu e não tenho hesitações em dizer que escrever esta tese, viver em São Paulo e, agora, terminá-la, tem gosto de vaca atolada.

Minha tia Margarida e meu tio Ivan foram meus pais em São Paulo. Eles se preocuparam, me guiaram, me fizeram companhia e posso dizer que poucas vezes fui tão feliz como quando estive na presença deles. Minha eterna gratidão aos dois. Mas também sou grato aos meus primos Vitor Hugo e Júlio César. O primeiro, além da companhia, me concedeu o privilégio de ver seu pequeno filho, Emílio, engatinhar e andar; o outro me permitiu risos e gargalhadas que só um curto cotidiano debaixo do mesmo teto permitem. Marília e Priscilla, respectivas companheiras dos meus primos, sempre estiveram presentes e, certamente, o brilho dos almoços e jantares não teria sido o mesmo sem elas.

Agradeço à Janete por preparar meu almoço e de meu tio Ivan. Ela me fez ouvir músicas que sem ela jamais ouviria.

Tia Marinete, tia Zuila e Camila foram uma segunda casa que, infelizmente, pouco utilizei. Agradeço pela hospitalidade e pelo carinho que sempre me concedem a cada visita, a cada telefonema.

Na Universidade de São Paulo, fui bem recebido por todos que encontrei. As leituras nas duas disciplinas que cursei até hoje ressoam em mim. Por isso, agradeço às professoras Mary Ann Junqueira e Maria Helena Machado por proporcionarem um ambiente desafiador e fecundo. Certamente eu não nunca mais fui o mesmo desde então.

Aos professores Sean Purdy e Michael Hall, que participaram da banca de qualificação e fizeram observações lúcidas e gentis que só tornaram o trabalho mais desafiador e empolgante. Espero ter respondido à altura àqueles questionamentos.

Dentre os colegas das disciplinas, uma boa parte, infelizmente, eu perdi o contato. Vinícius, Marina, Carla e Marília foram os mais próximos com quem, hoje, não tenho contato. Àquela época foram grandes companheiros de discussões. Maíra Chinelatto tornou-se uma grande amiga ao longo dos anos, o que muito me orgulha. Agradeço a Pedro Bortolo por um grupo de discussão que não conseguiu se reunir muitas vezes e que terminou sendo o mote para que continuássemos a nos comunicar. À Maria Clara Carneiro, por ter me ajudado na ida a Moscou.

Dentre meus colegas de orientação, tampouco posso me queixar. Fui recebido por Wanderson Chaves. Um intelectual e amigo de raríssimas qualidades. A primeira delas é a solidariedade. Se fosse pensar em algo concreto para definir o que entendo por solidariedade, diria que é Wanderson. Júlio Cattai foi outro de quem logo me afeiçoei. Tanto Júlio como Ângela e Wanderson foram fundamentais para minha aclimação em São Paulo. Logo depois, outros colegas se chegaram, como Renata Meirelles, com quem tive importantes conversas, Gustavo Mesquita e Pâmela Almeida. Agradeço também aos colegas Fábio Cruz, Alex Gomes, Diego da Silva e Luciana Marta.

Pelas instituições por onde passei, agradeço enormemente aos corpos de funcionários. No Arquivo Edgar Leurenroth, agradeço aos funcionários, tão prestativos. No Centro de Documentação da Universidade Estadual Paulista, agradeço profundamente a Sandra, a Pedro Bortolo e a Renain. No Arquivo Nacional também fui muito bem-tratado e agradeço à totalidade do seu corpo de funcionários. Na Biblioteca Pública dos Barris, em Salvador, aos servidores do setor de Jornais Raros, agradeço profundamente pela paciência.

No National Archives em College Park, nos Estados Unidos, também fui muito bem-recebido. Na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, posso afirmar que não teria sido possível fazer coisa alguma não fosse pela abnegação da bibliotecária e arquivista Erika Spencer. Em Washington, eu não poderia deixar de agradecer a Sara e Gena Zak pela hospitalidade. Em Nova York, tanto no Schomburg Center como no Tamiment Library & Robert F. Wagner Labor Archives, a pesquisa de arquivo foi acompanhada por uma qualidade

irrepreensível com a ajuda dos funcionários, arquivistas e bibliotecários. Em Nova York, agradeço também a Laura Lomas e Rubem pela hospitalidade e pela amizade.

Em 2012 fui contemplado com uma ajuda do Grupo Coimbra para realizar um período de pesquisa na Abo University, em Turku, Finlândia. Lá, sob supervisão do professor Holger Weiss, realizei pesquisa no acervo pessoal dele a respeito das atividades comunistas entre organizações negras. Também participei de discussões com seu grupo de orientandos. Dentre eles, destaco Fredrik Petersen, Kasper Brasken, Stefan Norrgard e Mats Wickstrom. Todos eles contribuíram enormemente para este trabalho. Agradeço a todos pela hospitalidade, pelo calor das relações, pela amizade e, principalmente, pelo aprendizado.

De lá fui a Moscou para um período de pesquisa no RGASPI. Tatiana Androsova foi uma espécie de escudeira e me ajudou a desbravar a documentação. Os funcionários foram todos muito prestativos e sorridentes comigo, ao que agradeço.

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida.

Na Universidade Estadual de Feira de Santana, devo aos companheiros do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU) um ambiente de debate fraterno e franco sobre nossas pesquisas. A todos eles, meus agradecimentos.

Na Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, onde sou professor, agradeço aos estudantes pela paciência e condescendência comigo. Sempre fiz o que pude, mas os limites do corpo vez ou outra se impuseram. De todo modo, agradeço pelas lições diárias de humanidade. Aos meus colegas, todo o meu agradecimento. Os professores Carla Taciane e Ricardo Silva foram muito importantes em diferentes momentos do trabalho. Um agradecimento especial dirijo aos professores Sheyla Farias, Flávio Moraes, Gabriel Badue, Marcos Ricardo Lima e José Vieira da Cruz, sem os quais esta tese realmente não teria sido possível. Se foi possível concebê-la e terminá-la, devo isto a esses companheiros.

Uma infinidade de pessoas me ajudou a tornar minha vida mais amena para que eu pudesse me concentrar neste trabalho. A lista de colegas, amigos e familiares que estão nessa jornada desde as primeiras dez linhas que escrevi sobre este tema, no final da graduação em 2006, é muito grande para caber neste espaço. Por isso, deixo aqui um amplo, geral e irrestrito obrigado aos meus amigos, colegas, professores e familiares que me ajudaram nessa jornada, em todas as partes do mundo.

Não é demais lembrar que, a despeito de toda a ajuda, ninguém é responsável, salvo eu próprio, pelos prováveis equívocos aqui existentes.

Mas eu não poderia terminar sem agradecer à Thaísa Mercês, que tem me ajudado, se preocupado, vivido comigo todas as angústias e alegrias que esta tese me impôs nos últimos

anos. Além disso, tem arrumado tempo para me ensinar, desde muito tempo, tudo que sei sobre o amor.

E aos meus pais. Por tudo.

*“I stand in astonishment at the
revelation of Russia that has come
to me. I may be partially deceived
and half-informed. But if what I
have seen with my eyes and heard
with my ears in Russia is
Bolshevism, I am a Bolshevik.”*

W. E. B. Du Bois, verão de 1926

Resumo

O presente trabalho é resultado de uma investigação a respeito da relação estabelecida entre comunistas e organizações negras nos Estados Unidos e Brasil entre as décadas de 20 e 30 do século XX. Foi estudado o percurso duplo por onde trafegaram ideias comunistas no sentido das organizações negras e como estas mesmas organizações influenciaram a agenda política dos comunistas no que tange às questões raciais. Foi possível concluir que as mudanças nas políticas da Internacional Comunista em relação à questão negra obedeceram tanto a critérios internos dos Partidos Comunistas nacionais como às flutuações políticas da União Soviética.

Palavras-chave: Internacional Comunista. Questão Negra. Estados Unidos. Brasil.

Abstract

This work is result of an investigation about the relationship established between communists and black organizations in the United States and Brazil between 20s and 30s of the 20th century. It was studied the double path on which communists ideas transited towards black organizations and how these very organizations influenced the communist political agenda regarding racial issues. It was possible to conclude that the political shifts in the Communist International with regard to the black question obeyed to internal criterias within national Communist Parties as well as to the political fluctuations in the Soviet Union.

Keywords: Communist International. Black Question. United States. Brazil.

Sumário

1	Introdução.....	11
2	“Uma parte da luta”: a América Latina e a Comintern, da fundação ao segundo período.....	20
2.1	Autodeterminação entre ortodoxia e heterodoxia.....	21
2.2	O México, estratégia e anti-imperialismo: a Comintern na América Latina.....	29
2.3	De Moscou para uma outra América, a do Sul.....	38
2.4	Os soviéticos e o debate sobre raça: a Comintern entre negros e índios.....	46
3	A questão negra entre o império e a nação: perspectivas em movimento	58
3.1	Os socialistas e a questão racial.....	58
3.2	Os socialistas e os negros nos Estados Unidos.....	66
3.3	O Harlem e as formulações antirracistas.....	73
3.4	A “missão Martens”, a Internacional Comunista e o “cordão de isolamento”.....	75
3.5	Integração e o mundo do trabalho.....	87
3.6	A construção do separatismo estadunidense.....	97
3.7	Fracionamento da luta negra e a pulverização organizativa.....	102
4	Tensões e aproximações às avessas: o PCB, a questão negra e a Internacional Comunista	106
4.1	A questão negra e a stalinização do PCB.....	116
4.2	As inserções internacionais dos comunistas brasileiros.....	134
5	Rearranjos atlânticos: organizações negras no tempo das Frentes Populares.....	155
5.1	A resposta antirracista global.....	156
5.2	Expressões do antirracismo nos Estados Unidos: por uma política de integração.....	173
6	Os comunistas, o antirracismo e a revolução no Brasil	193
6.1	Os Congressos Afro-Brasileiros e os comunistas.....	197
6.2	O Congresso Afro-Brasileiro do Recife.....	199
6.3	O II Congresso Afro-Brasileiro, Édison Carneiro e o antirracismo: uma agenda comunista entre a integração e a secessão.....	205
6.4	Octávio Brandão e o PCB: da classe à raça.....	217
	Referências.....	228

1 Introdução

Quando este trabalho foi iniciado, seu objetivo central era identificar os mecanismos de atuação dos comunistas face à questão racial no Brasil e Estados Unidos nas décadas de 20 e 30 do século XX. Havia a esperança de achar linhas diretas de comunicação entre comunistas brasileiros e norte-americanos a respeito da questão negra. Aos poucos, o curso foi ajustado e o tema acabou se alargando. O movimento empreendido pelos comunistas tinha pretensões globais e se articulou em âmbito mundial. Quando da elaboração do projeto de pesquisa, o desprezo deste aspecto possibilitou o subdimensionamento do tema e, portanto, de seu objetivo, que foi corrigido apenas a partir das primeiras incursões em arquivos. Caso não tivesse havido uma correção de curso, não teria sido possível entender a atuação dos comunistas no Brasil e nos Estados Unidos e a dinâmica de suas relações com os comunistas soviéticos e entre estes consigo mesmos. Por conseguinte, foi inevitável investigar o círculo soviético ele mesmo. Ao fim do trabalho, é possível reposicionar, portanto, seu objetivo: trata-se de um exame das transformações das posições dos comunistas e das organizações e seus intelectuais negros vinculados ao comunismo face à questão racial.

O caminho que levou a esta formulação teve que percorrer a lógica interna de funcionamento dos aparatos políticos do movimento comunista internacional. Por isso, alguns debates antigos reaparecem neste texto, ora subliminar ora explicitamente. A maioria da historiografia brasileira sobre o Partido Comunista do Brasil (PCB) evitou questões organizativas, entendidas *ipsis litteris* tais como o funcionamento prático das comunicações; pouco se perguntou como a organização atual do acervo da Internacional Comunista (IC) pode explicar, mesmo que parcialmente, seu próprio funcionamento. Ainda que não conste por extenso neste trabalho, foram esses os exercícios realizados cujos intuitos foram não sobredeterminar os aspectos organizativos das divisões e subdivisões da Internacional Comunista na definição programática da organização.

A questão racial foi apenas um pequeno aspecto da militância comunista internacional, o que, paradoxalmente, não deve ser entendido como sinônimo de desimportância. É possível, sim, elencar outras ênfases ao longo dos quase 25 anos de existência da Internacional Comunista. No entanto, dada a grandiosidade da IC e da agenda política dos comunistas, isto não significa que pouca coisa tenha sido feita a respeito da questão negra e racial, tampouco que relegar a um plano secundário tenha sido obra de racismo ou, ainda, que não fosse possível combater o racismo a partir do manancial teórico e ideológico comunista.

Para compreender como os negros e a questão racial, entendida mais amplamente, se tornaram pauta dos comunistas, foi necessário recorrer a diferentes pistas. A mais importante delas, sem dúvida, foi “Framing a Radical African Atlantic”, de Holger Weiss.¹ Nesse trabalho monumental, Weiss reconstruiu a trajetória de comunistas negros europeus, norteamericanos, caribenhos e africanos. Weiss percorre a diversidade de linhagens do pan-africanismo e desmonta teses homogeneizadoras desse movimento. A mescla de radicalismo negro com comunismo proporcionaria uma certa versão de pan-africanismo distinta de suas correntes hegemônicas. O foco de Weiss esteve nas articulações entre União Soviética, Europa, Estados Unidos e a África subsaariana. O autor deixou tanto uma trilha quanto um vazio, o que permitiu análises da América Latina e do Brasil a respeito dessa questão, presentes nos capítulos 2, 4 e 6.

Considerando o que já foi dito sobre a importância da questão negra entre os soviéticos e entre comunistas de todo o mundo, mesmo que esta importância tenha variado em termos de espaço e tempo, é preciso mencionar que foi necessário descobrir os aspectos organizativos do movimento comunista internacional e, por vezes, até mesmo da União Soviética. O financiamento dos movimentos, os vetores de poder (de Moscou para as seções partidárias e vice-versa) e, principalmente, a forma como as fraturas internas na própria União Soviética delinearão parte das agendas políticas para a questão racial constituíram aspectos que precisaram ser enfrentados. Eles se encontram diluídos em todo o texto, ainda que apareçam com maior ênfase nos capítulos 2 e 3.

A análise das linhas programáticas definidas em Moscou nos congressos da Internacional Comunista, também conhecida pelo acrônimo Comintern, as inúmeras organizações criadas pelos comunistas para atacar a questão negra, a relação dos secretariados regionais e das seções partidárias com as ênfases políticas definidas pelos congressos não seriam suficientes para explicar a expressão do enfrentamento à questão racial nos Estados Unidos e no Brasil. Por isso, foi preciso estudar os comunistas em seus respectivos lugares de atuação.

No Brasil, foi identificada desde a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) uma severa resistência em fazer cumprir determinações da IC a respeito da questão negra e em reconhecer a existência de uma questão racial no Brasil. As organizações negras foram relativamente livres de qualquer influência de esquerda, não havendo aproximações orgânicas

¹ WEISS, Holger. **Framing a Radical African Atlantic**: : ming a Radical African Atlanticialto não significa que pouca coisa tenha sido feita signittee of Negro Workers ming a Radical African Atlanticialto não significa que pouca coisa tenh

na década de 1920 entre grupos organizados negros e comunistas, como ocorreu nos Estados Unidos. Está claro que a opinião dos comunistas em sua totalidade não deve ser confundida com a política definida pelo PCB, fruto de uma decisão majoritária. Foi especialmente difícil identificar a minoria derrotada que pode ter expressado outra visão a respeito das questões negra e indígena no Brasil. A identificação de alguma tendência que aproximou algum fragmento da esquerda, neste caso os comunistas, e grupos definidos em termos raciais, a saber, indígenas e negros, data da primeira metade da década de 1930. Na Bahia, alguns comunistas passaram a articular-se em consonância com agenda racial de Moscou. Precisamente neste ponto reside o argumento principal a respeito da relação entre agenda política e seu cumprimento: os comunistas brasileiros, na quase totalidade do tempo de existência da IC, não cumpriram as diretrizes cominternianas sobre a questão racial. A respeito dessa questão, os capítulos 4 e 6 são essenciais.

O caso dos Estados Unidos requer a mesma atenção. Conforme apontado, houve imbricações entre movimentos negros radicais e o movimento comunista nos Estados Unidos. Essa história, mais bem documentada e conhecida, leva, necessariamente aos ramos internacionalistas do movimento negro. No campo da esquerda, esse movimento se confundiu com a ampla atividade anti-imperialista sem a qual é impossível compreender a atividade desse espectro do radicalismo negro. Esse conjunto de questões está nos capítulos 3 e 5.

Em todo caso, faz-se necessário um rápido balanço sobre o estado da arte nos Estados Unidos. O ponto de partida da primeira crítica historiográfica estadunidense sobre as esquerdas e, mais especificamente, sobre a história do comunismo nos Estados Unidos foi a prevalência das análises das diretrizes partidárias em detrimento das práticas cotidianas da militância. Por motivações distintas, intelectuais entenderam os resultados das reuniões de direção e de congressos como sinônimos da atuação partidária.² Theodore Draper fez um dos primeiros estudos documentais sobre a atividade comunista nos Estados Unidos. Seus livros “The Roots of American Communism”, publicado em 1957, e “American Communism and

² Cf. FOSTER, William Z. **History of the Communist Party of the United States**. Nova York: International Publishers, 1952; DRAPER, Theodore. **The Roots of American Communism**. Nova York: The Viking Press, 1957; KLEHR, Harvey. **Communist Cadre: The Social Background of the American Communist Party**. Stanford: Hoover Institution Press, 1960. A primeira obra foi escrita por um comunista que passou a maior parte de sua trajetória política ocupando cargos de direção na estrutura do movimento comunista internacional. Assim, a narrativa obedece à ideia central de que o movimento encontrou seu auge nos Estados Unidos, quando se colocou sob os auspícios da liderança soviética. Os dois últimos, obedecendo também a critérios argumentativos distintos entre si, defendem a tese de que a experiência comunista era exógena aos Estados Unidos e, por isso, deveria ser enfrentada como questão de segurança nacional. No fundo, o elemento interpretativo que organiza as explicações sobre “os comunistas nos Estados Unidos” deriva da assunção que Moscou deteve a liderança do processo.

Soviet Union”,³ em 1960, constituem bases daquela perspectiva metodológica que superestima o papel das direções. A despeito disso, a obra de Draper é um legado intelectual ainda em processo de superação. Em ambos os escritos, ele escreve sobre a história do comunismo nos Estados Unidos a partir de suas próprias experiências de ex-comunista e de um privilegiado *corpus* documental. Sua interpretação da história do comunismo nos EUA associa o Partido a um elemento externo em solo americano. Concluiu em ambas as publicações que os comunistas se estabeleceram como um apêndice soviético em terras norte-americanas. A associação entre ser comunista e ser espião ou, no mínimo, impatriota, tornou-se quase automática e coerente com os anos de bipolaridade geopolítica. A explicação da dinâmica partidária a partir de uma mimese que flui de um centro às periferias obliterou a capacidade criativa do movimento enquanto narrado por parcela da historiografia estadunidense, inclusive em seu momento menos submetido às diretrizes cominternianas, que foi o da Frente Popular, ao menos no caso dos Estados Unidos. Tal qual existente na narrativa de Draper, credita-se aos militantes comunistas norte-americanos a quase absoluta submissão aos ditames de Moscou. Após anos de reinterpretações e releituras, em 2003, Draper, em notável autocritica, escreveu uma nova introdução para sua obra de 1957, na qual afirma que ao “tornar o termo *comunista* equivalente a *espionagem*, uma grande injustiça pode ser feita àqueles que não foram espiões”.⁴

Como um sintoma dos novos tempos, as palavras de Draper indicam que no século XXI o estado da arte na historiografia estadunidense já é diverso daquele da década de 1960. A produção é vasta e existem gerações se sobrepondo e disputando posições de prevalência no campo historiográfico, mesmo que as questões surgidas, também a partir da obra de Draper, continuem implícitas. Ou seja, o exercício historiográfico pautado na tensão autonomia–heteronomia dos comunistas estadunidenses em relação a Moscou continua no centro das pesquisas. Mudaram, no entanto, os percursos narrativos, os temas e, mais recentemente, as fontes.

Ainda na década de 1970 foram iniciados trabalhos que reposicionaram o binômio citado até aqui. Mark Solomon e Kenneth Waltzer criticaram a ênfase analítica nos direcionamentos de Moscou. Ambos pesquisaram a Frente Popular, que vigeu oficialmente entre 1934 e 1939, e demonstraram que comunistas provenientes das comunidades negra, no caso de Solomon, e judia, no caso de Waltzer, perfizeram caminhos nem sempre coincidentes

³ Cf. DRAPER, Theodore. **American Communism and Soviet Russia: The Formative Period**. Nova York: Viking, 1960.

⁴ DRAPER, Theodore. **The Roots of American Communism**. Nova Jersey: Transaction Publishers, 2003. p. XIX.

com as diretrizes cominternianas. Desse modo, Solomon e Waltzer terminaram chamando atenção tanto para novos temas como, sobretudo, para uma necessidade de nova abordagem para entendê-los e, conseqüentemente, compreender melhor o fenômeno comunista nos Estados Unidos.⁵

Maurice Isserman aprofundou a crítica às apropriações da história do *comunismo americano*, como chamou Draper. Isserman reperiodizou a história do Partido Comunista dos Estados Unidos em função do que chamou “a geração de comunistas que entrou no PC no início dos anos da Depressão e continuou nele até 1956”.⁶ Além de retirar uma ênfase excessivamente local da interpretação sobre o movimento comunista nos Estados Unidos, Isserman reinterpretou o período de Frente Popular nos Estados Unidos à luz da própria dinâmica interna dos comunistas norte-americanos. Sugeriu que parte da crise do comunismo estadunidense de finais da década de 1950 guardou mais vínculo com a agenda política da Frente Popular de 20 anos antes, como parte do argumento em prol da tese de que o comunismo no país não seria mero satélite soviético. A polêmica sintetizou o cerne do conflito historiográfico que garantiu sobrevida à “*new history of american communism*”.

Em meados da década de 1990, as perguntas impostas por Cary Nelson e Mary Helen Washington acabaram induzindo uma congruência até então pouco evidenciada.⁷ Novos trabalhos tornaram complexa aquela que era vista como uma mera relação de hierarquia da Comintern sobre o Communist Party of the United States (CPUSA) e dos comunistas com as comunidades étnicas. Por conseguinte, incorporaram-se aos poucos novos termos ao debate acerca do binômio autonomia–heteronomia da atividade comunista, e detecta-se, nas pesquisas mais recentes, a existência de autores que coadunam os dois mundos nos quais os comunistas se viam imersos: um primeiro, das redes de comunicação globais onde não raro se viam absolutamente submetidos, e um segundo, ligado aos problemas internos, locais e cotidianos que eles enfrentavam nos Estados Unidos. Há, nesses autores, um equilíbrio na equação autonomia–heteronomia, já que somam a filiação político-partidária àquelas ligadas aos mundos do trabalho, às questões de gênero e etnia. Esses autores submetem-se ao desafio

⁵ Cf. WALTZER, Kenneth. The Party and the Polling Place: American Communism and an American Labor Party in the 1930s. **Radical History Review**, Nova York, n. 23, p. 104-129, 1980; WALTZER, Kenneth. **The American Labor Party: Third Party Politics in New Deal-Cold War New York, 1936-1954**. 1977. Tese (Doutorado em História)–Harvard University, Cambridge, 1977; SOLOMON, Mark. **The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-36**. Jackson: The University of Mississippi Press, 1998.

⁶ ISSERMAN, Maurice. **Which side were you on: the American Communist Party during the Second World War**. Middletown: Wesleyan University Press, 1982. p. xii. “The generation of communists who joined the CP in the early years of the Depression and remained in it until 1956”.

⁷ WASHINGTON, Mary Helen. Disturbing the Peace: What Happens to American Studies If You Put African American Studies at the Center? **American Quarterly**, Baltimore, v. 50, n. 1, p. 1-23, mar. 1998; NELSON, Cary. What happens when we put the left at the Center? **American Literature**, Durham, v. 66, n. 4, dez. 1994.

de contar a história do comunismo nos Estados Unidos compreendendo-o como parte de um fenômeno global, mas entendendo sua existência prática num espaço social específico e único.⁸

A apreciação que segue sobre os comunistas e negros estadunidenses pretende também equalizar o quanto ordenava a Comintern e o quanto obedeciam os comunistas estadunidenses. O capítulo 5 tem como objetivo refazer alguns percursos da história dos comunistas em relação ao racismo e à questão negra nos Estados Unidos. Dado que o tema transcende a história estadunidense, e os próprios comunistas tinham esse entendimento, realizou-se incursões em outros lugares a fim de refazer as linhas de conexão entre processos perdidos ora por excessos analíticos do papel explicativo das diretrizes ora por abordagens que exageraram o fator local em fenômenos eminentemente globais.⁹

A condução da pesquisa partiu de uma noção tripartite, por assim dizer, da atuação dos comunistas. A articulação entre Europa (incluindo aqui a União Soviética), Brasil e Estados Unidos guiou a parte majoritária da pesquisa em arquivo. Por isso a varredura documental foi empreendida no Brasil, nos Estados Unidos, na Inglaterra, Holanda, Finlândia e Rússia. O manancial documental abriu os termos de uma “história sem fim”. A história da participação de negros enquanto negros no movimento comunista internacional parece, hoje, mais profunda do que parecia à primeira vista. O ataque à quantidade de documentos arrolados obedeceu à tentativa de reconstruir um fenômeno global, em curso em diferentes lugares de diferentes maneiras. Foi especialmente difícil mapear os pólos irradiadores de poder do movimento comunista em relação à questão racial. A dualidade “centro–periferia” mudou constantemente no que diz respeito às formulações sobre a questão negra, em específico. Se Moscou foi o centro irradiador das políticas para o movimento comunista internacional, por outro lado, os Estados Unidos e a África do Sul foram centros propugnadores e articuladores de políticas raciais. Os brasileiros, por seu turno, rejeitaram a agenda racial proveniente de Moscou no final da década de 1920 demonstrando resistência política. Portanto, a análise dos documentos não pôde levar em consideração tão somente as relações de poder evidentes à luz

⁸ Cf. MAXWELL, William J. **New Negro, old left: African-American writing and Communism between the Wars**. Nova York: Columbia University Press, 1999; MULLEN, Bill V. **Popular Fronts: Chicago and African-American Cultural Politics, 1935-46**. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1999; MULLEN, Bill; SMETHURST, James Edward. **Left of the Color Line: Race, Radicalism, and Twentieth-Century Literature of the United States**. Chapel Hill: The North Carolina Press, 2003; NAISON, Mark. **Communists in Harlem during the Depression**. Champaign: The University Illinois Press, 2005; SOLOMON, 1998; KELLEY, Robin D. G. **Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression**. Chapel Hill: The North Carolina Press, 1990.

⁹ Cf. STORCH, Randi. **Red Chicago: American Communism at its Grassroots, 1928-35**. Champaign: University of Illinois Press, 2007.

do dia. Foi preciso cotejar a documentação e destrinchar sua lógica, que, na maior parte dos casos, transbordava de sua própria internalidade.

A circunscrição espacial da pesquisa flutuou em diferentes dimensões. Na análise das ideias e da agenda política, o espaço dilatou-se, especialmente quando o tema foi o imperialismo e racismo. Por outro lado, quando se buscou amearhar as organizações antirracistas e suas expressões no movimento comunista, os locais protagonizaram a narrativa: Salvador, Nova York, Moscou, Paris, Chicago, Birmingham e outros.

A ideia de uma história global e transnacional permeia este trabalho muito mais como um procedimento de trabalho que propriamente uma noção de história à parte.¹⁰ Se está clara a função de uma história transnacional para combater versões provincianas da história dos Estados Unidos, exageradamente autocentradas em variantes do “excepcionalismo”, em estudos de caso essencialmente transnacionais, como este, não está claro outro benefício para seu uso senão possibilitar a própria execução do trabalho. Não foi possível encontrar outro caminho senão deixar-se seguir pelo próprio movimento desenhado pela documentação, uma vez que foram reconstruídos os meandros, as idas e vindas do processo de construção de agendas para a questão negra no decorrer da existência da Comintern.

Uma protagonista desta história é a Internacional Comunista. Sua genealogia, do ponto de vista factual, relativa à sua fundação e inspirações políticas já foi objeto de amplo debate historiográfico sobre o qual pouco será acrescentado. No entanto, é preciso realçar o lugar de escrita deste texto em relação ao tema.

Em março de 1919, quando a IC foi fundada, completava-se um ano da assinatura do Tratado de Brest-Litovski com as potências ocidentais envolvidas na Grande Guerra. Alemanha, Bulgária (então chamada a Prússia dos Bálcãs), Turquia e o Império Austro-Húngaro, por um lado, e a Rússia, por outro, acordaram na cessão de territórios do antigo Império Russo e na renúncia de dívidas de guerra, de acordo com o artigo IX. Dessa maneira, o esfacelamento do Império Russo se deu, sobretudo, na sua borda Oeste, onde Ucrânia, Estônia, a região da Livônia e a Finlândia deixariam de estar sob soberania russa. O objetivo dos bolcheviques era evitar a sangria dos já escassos recursos caso fosse preciso pagar dívidas de guerra. Além disso – e não menos importante – viveu na política externa bolchevique, por

¹⁰ Ver debate: MCGERR, Michael. The Price of the “New Transnational History”. **The American Historical Review**, Durham, v. 96, n. 4, p. 1056-1067, out. 1991; VEYSEY, Laurence. The Autonomy of American History Reconsidered. **American Quarterly**, Baltimore, n. 31, p. 455-77, outono 1979; IRIYE, Akira. The Internationalization of History. **The American Historical Review**, Durham, v. 94, n. 1, p. 1-10, fev. 1989; TYRRELL, Ian. American Exceptionalism in an Age of International History. **The American Historical Review**, Durham, v. 96, n. 4, p. 1031-1055, out. 1991.

algum tempo, uma sincera política pela autodeterminação dos povos, exercida sem relativizações.

Para este trabalho, um aspecto fundamental da relação que a Comintern manteve com seus militantes em todo o mundo foi o papel de arregimentadora de vontades coletivas. A fundação da Internacional Comunista, ou a Terceira Internacional, aconteceu num momento raro de confluência de fenômenos e processos que desafiarão qualquer teleologia ou previsibilidade histórica. Por esse mesmo motivo, não parece frutífero pensar as elaborações de bolcheviques e socialistas destes curtos anos pós-1917 em termos de ilusões psicanalíticas. A IC disputou corações e mentes e venceu muitos deles. A utopia alastrada pela Comintern sob a aura da Revolução de 1917 e o sonho moderno de liberdade e igualdade plenas não podem ser diminuídos em nenhuma análise a respeito do movimento comunista internacional.

Aldo Agosti afirma que os aspectos ilusórios que existiram nas primeiras análises não ignoraram a base que fundamentava a estratégia global da Revolução Bolchevique: a dupla necessidade, ao mesmo tempo, de expandir o processo revolucionário e defender a “fortaleza bolchevique”.¹¹ A dimensão necessariamente global de toda a estratégia bolchevique culminou no conceito de partido mundial da revolução (sobre isso já há bibliografia). Curiosamente,

Se analisarmos os documentos e os debates do primeiro ano de vida do Comintern, com efeito recolhemos a impressão de que – precisamente quando era mais viva a confiança na iminência da revolução mundial e maior era o peso que ela tinha no horizonte estratégico do movimento comunista – o conceito de partido mundial da revolução era mais impreciso e mais indeterminado. Decerto, há diversas razões que explicam essa anomalia. As condições objetivas (isolamento da Rússia através do cordão sanitário, inconsistência e debilidade das frações ou dos partidos comunistas na maior parte dos países, impossibilidade para o Comintern de influir diretamente no curso dos eventos em situações que se apresentavam como revolucionárias) fizeram com que, durante todo o ano de 1919, o Comintern não fosse absolutamente aquele “estado-maior da revolução mundial” em que aspirava a se converter, mas sim o restrito núcleo de uma organização que devia ainda, em grande parte, ser criada: bem mais uma idéia-força do que um organismo em funcionamento.¹²

À medida que o “partido mundial da revolução” foi transformando seu propósito em algo menos impreciso, as ideias sobre nações vinculadas a determinações étnicas e raciais foram se consolidando como agenda política dos comunistas. Uma política em termos raciais, como o “cinturão negro” nos Estados Unidos ou a autodeterminação dos povos negro e indígena no Brasil, só foi possível à proporção que a ideia de um “partido mundial da revolução” transformou-se em “partido mundial da revolução em defesa da União Soviética”.

¹¹ AGOSTI, Aldo. As Correntes Constitutivas do Movimento Comunista Internacional. In: HOBBSAWM, Eric et al. **O marxismo na época da Terceira Internacional**: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 104.

¹² Ibidem, p. 105-6.

Por fim, a tentativa de medir adequadamente a importância da utopia na prática formuladora dos comunistas foi um desafio. E, em mais de um sentido, esta foi a maior dificuldade enfrentada neste trabalho: discernir, dentre as inúmeras possibilidades postas por uma documentação ainda pouco explorada, o que era importante.

2 “Uma parte da luta”: a América Latina e a Comintern, da fundação ao segundo período

O movimento comunista enfrentou a questão racial de maneiras distintas durante os quase 25 anos de duração da III Internacional. Nas Américas, a Internacional Comunista (Comintern) estabeleceu uma clivagem analítica que diferiu as manifestações de “raça” entre negros e índios. Por isso, os organismos que coordenaram e catalizaram discussões sobre o tema, respectivas a cada um dos grupos, provieram de espaços nem sempre coincidentes. Em linhas gerais, o ataque à “questão negra” obedeceu às formulações as quais mantiveram vínculo com a estratégia de combate ao imperialismo, por meio ora da própria Comintern ora de organismos auxiliares tais como a Profintern, a Sindical Vermelha. Já a questão camponesa terminou se mesclando às questões indígenas via Internacional Camponesa, a Krestintern. Essa divisão se deu em função das capacidades organizativas, que não possibilitavam que um mesmo suborganismo se engajasse em espaços numerosos, e também em função de formulações que associaram quase que automaticamente certas populações trabalhadoras do mundo rural à Krestintern e urbanas à Profintern.

A autodeterminação na América Latina era “apenas parte da luta universal dos povos oprimidos contra seus opressores imperialistas que na China, Índia, América Central ocupam posições centrais”.¹³ O conflito permanente entre comunistas latino-americanos e as diretivas de Moscou relacionava-se às generalizações dessa natureza impostas pela Comintern. A capacidade de cada unidade partidária dialogar com as diretivas numa estrutura altamente centralizada foi sempre um indicador da intensidade do conflito entre locais e Moscou.

No presente capítulo, serão apreciados aspectos ligados à estruturação interna da Comintern e as relações que os organogramas então vigentes mantiveram com as formulações do movimento comunista internacional, dessa maneira, subsidiando uma compreensão de como operava a Internacional Comunista (IC). O objetivo principal é analisar a chegada do comunismo na América Latina não enquanto ideário e, sim, da IC enquanto organização. Para isso, serão necessárias algumas digressões no sentido de perfazer o itinerário de conceitos relevantes para a definição da política dos comunistas de todo o mundo identificando seus portadores. Além desta ênfase na América Latina, será feita uma incursão nos debates realizados entre russos durante o século XIX e início de XX. Isso tornará possível

¹³ DEGRAS, Jane. **The Communist International, 1919-1943**. Londres/Nova York: Oxford University Press, 1959. v. 2. p. 355.

dimensionar os termos em que as questões raciais foram discutidas por comunistas latino-americanos anos depois, sob a rígida influência dos soviéticos. Pelo mesmo motivo, neste capítulo será apresentada a moldura em que Josef Stalin operou sua ideia de autodeterminação, que o alçou ao posto de formulador de política para “os povos coloniais” mesmo antes de se tornar a figura central do regime soviético.

2.1 Autodeterminação entre ortodoxia e heterodoxia

A ideia de autodeterminação entre socialistas e comunistas, desde o tempo da I Internacional, tinha contornos nacionalistas. Esse foi um constructo que permitiu aos comunistas pós-1917 atuar por uma pauta nacionalista sob um argumento internacionalista, constituindo-se justamente o liame entre os comunistas nas Américas. Mais precisamente, entre membros da esquerda e setores tidos como progressistas vigeu uma interpretação, ainda que difusa, de que partilhavam uma condição comum de explorados e em favor destes últimos. Dessa maneira, o enfrentamento nacional por parte de cada uma das populações exploradas redundaria numa frente internacional.¹⁴ Calcados nesse argumento que enfatizava o local/nacional, ao final da década de 1930, comunistas de uma maioria significativa dos países do continente tinham ao menos discutido a possibilidade de secessão política em seus respectivos países. Basearam-se no argumento da autodeterminação dos povos mobilizando aspectos que correlacionavam exploração econômica e ligações identitárias com bases em marcadores étnico-nacionais.¹⁵ Os comunistas das três Américas terminariam por ajudar a difundir o raciocínio sobre as questões nacionais à feição dos bolcheviques, sob o manto stalinista, ao associar a luta pela revolução proletária à resolução dos problemas nacionais. Afinal, após o processo de bolchevização, eles se tornariam não apenas comunistas mas também bolcheviques, cuja principal missão, portanto, seria a defesa da União Soviética.¹⁶

¹⁴ Cf. BENNER, Erica. **Really existing nationalisms**: a post-communist view from Marx and Engels. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 171-208.

¹⁵ Os antecedentes desse debate se encontram introduzidos em: LÖWY, Michael. O Sonho Naufragado: a Revolução de Outubro e a questão nacional. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, v. 7, mar. 2011.

¹⁶ O processo de bolchevização teve início a partir do II Congresso da IC, quando as 21 condições foram impostas para que os partidos de todo o mundo pleiteassem participar da Comintern. Em outubro de 1924, o comunista estadunidense James Cannon escrevia: “O Congresso achou que todos os partidos da Internacional, com exceção do Partido Russo, estão distantes dos requerimentos para serem considerados como um Partido Bolchevique” (CANNON, James Patrick. **James P. Cannon and the Early Years of American Communism**: Selected Writings and Speeches, 1920-1928. Nova York: Spartacist Publishing Co., 1992. p. 233). Sobre as polêmicas em torno do processo de bolchevização: DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta armado (1879-

Conquanto a expressão máxima do pensamento internacionalista postulasse a diluição das fronteiras nacionais em prol da nação global do proletariado, passada a verve de outubro de 1917, o internacionalismo seria alocado a um horizonte utópico; tanto após as derrotas alemãs como, nas Américas, em razão do vigor das políticas repressivas, a revolução mundial chegava ao seu anoitecer.¹⁷ E, dessa maneira, descortinava-se a necessidade histórica, na visão dos bolcheviques, de defesa dos soviets na Rússia. Para isso, e antes de mais nada, era necessário frear o imperialismo.

Na divisão das atribuições e áreas de atuação de cada bolchevique, Josef Stalin era o sujeito responsável pela definição da política ligada aos povos satélites do antigo Império Russo Czarista e, por tabela, aqueles entendidos pelos comunistas enquanto submetidos pelo imperialismo. Desde quando publicou “O marxismo e o problema nacional e colonial”, redigido em diversas partes entre 1913 e 1920, Stalin havia se notabilizado como um formulador político para adequar os povos do antigo império aos novos tempos, levando em conta a tese da autodeterminação. De aplicador ortodoxo a relativizador, Stalin viu suas teses sofrerem flutuações a partir de sua própria caneta. Em poucos meses as formulações stalinianas inflexionavam ao sabor dos acontecimentos.¹⁸ Isaac Deutscher, biógrafo de Stalin,

1921). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a; DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky: o profeta desarmado** (1921-1929). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b; PIATNITSKY, Ossip. **The Bolshevization of the Communist Parties by eradicating the social-democratic traditions**. Manchester: Co-operative Printing Society, [s.d.]; FREYMOND, Jacques (Org.). **Contributions a l'Histoire du Comintern**. Genebra: Droz, 1965. (Publications de l'Institut Universitaire de Haute Études Internationales, 45); WOHL, Robert. **French Communism in the Making, 1914-1924**. Stanford: Stanford University Press, 1966; LINDEMANN, Albert S. **The Red Years: European Socialism Versus Bolshevism, 1919-1921**. Los Angeles: University of California Press, 1974; LAPORTE, Norman; MORGAN, Kevin; WORLEY, Matthew. **Bolshevism, Stalinism and the Comintern: Perspectives on Stalinisation, 1917-1953**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2008. Para uma versão online das 21 condições (em inglês): MINUTES of the Second Congress of the Communist International: Seventh Session – July 30. **Marxists Internet Archive**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/2nd-congress/ch07.htm>>. Acesso em: 20 set. 2012.

¹⁷ O fracasso das “revoluções” europeias foi creditado a uma “bolchevização inadequada” (ELEY, Geoff. **Forging Democracy: The history of the Left in Europe, 1850-2000**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 254). Como consequência das derrotas da esquerda europeia, o modelo bolchevique ascendeu como principal referência no campo da esquerda e, em função disso, materializou-se durante o V Congresso da IC, em 1924, uma certa acepção de “bolchevização”, a qual postulava que o termo “significava estrito centralismo da organização; respeito disciplinado às diretivas da Comintern; e teoria ‘Leninista’” (Ibid., p. 251).

¹⁸ Stalin era o único não russo entre os principais componentes do Partido Comunista da União Soviética. Havia nascido na Geórgia submetida ao antigo Império Russo Czarista. Ainda em 1913 escrevera uma crítica ao Partido Social Democrata Trabalhista Russo em razão de uma relativização do conceito de autodeterminação, que obliterara o sentido internacionalista das formulações da Liga Caucasiana que, por sua vez, era integrante do Partido. Cf. STALIN, Josef V. On the road to nationalism. **Marxists Internet Archive**. 2008. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/01/12_2.htm>. Acesso em: 14 out. 2012. Defenderia a autonomia regional das nações pertencentes ao Império ao mesmo tempo em que adotava o internacionalismo como saída para o problema da divisão dos trabalhadores em torno do nacionalismo: “O único meio de evitar isso [a fragmentação do Partido] é a organização segundo os princípios do internacionalismo”. E insiste no exemplo dos caucasianos como organização internacionalista (STALIN, Josef V. **O marxismo e o problema nacional e colonial**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. p. 60.) Josef Stalin não apresentaria

informa, a esse propósito, que a independência da Finlândia, antiga possessão do Império Russo Czarista, fora concebida a partir de elaborações stalinianas sobre a autodeterminação dos diferentes povos. De acordo com Deutscher, Stalin conceberia a eles o direito de escolher sua maneira de determinar-se, fosse ela sob a forma de um Estado-Nação fosse sob a forma de unidade centralizada conforme pactuação entre povos. Anos depois, em 1921, quando houve necessidade de lidar com a mesma questão na Geórgia, seu país de nascimento, Stalin se viu forçado a mudar sua orientação sob o argumento de que a concessão do direito de autodeterminação aos povos anteriormente pertencentes ao Império Russo Czarista culminou no exercício pleno do poder da burguesia a partir da direção de um recém-criado estado capitalista.¹⁹ Na verdade, ainda em 1918, quando tinha sido necessário lidar com a Ucrânia, Stalin já havia revisitado e relativizado sua tese sobre a autodeterminação. Essa relativização inexistia em 1917 quando a independência da Finlândia seria o exemplo clássico da aplicação da tese da autodeterminação como sinônimo de autonomia, como resumido na seguinte fórmula: todo povo pode e deve se determinar sob a estrutura de um Estado-Nação independente e regido pelos seus próprios desejos.²⁰ Ainda que os bolcheviques não fossem partidários da onda de separatismos que dessa tese poderia nascer, avaliava-se, de acordo com Deutscher, que “a sociedade socialista internacional só podia estar baseada – assim argumentava Stalin – no acordo voluntário entre os povos que a constituiriam; e o acordo voluntário pressupunha que cada nação deveria, primeiro, reconquistar a completa liberdade”.²¹ Dizia o próprio Stalin, quatro dias depois de ser um dos signatários da independência da Finlândia:

discordâncias profundas com outros bolcheviques a respeito do internacionalismo até o início do chamado “segundo período”, que durou de 1924 a 1928.

¹⁹ Sob o argumento de que havia uma sublevação comunista em curso e que o Exército Vermelho apenas aumentaria as chances contra os mencheviques, Stalin enviou, com o apoio de Lênin e do politburo, em fevereiro de 1921, destacamento do II Exército Vermelho para invadir a Geórgia e expulsar o governo. Cf. CARR, Edward Hallett. “Self-determination in practice” e “The balance-sheet of self-determination”. In: _____. **The Bolshevik Revolution (1917-1923)**. Nova York: MacMillan Company, 1985. v. 1. p. 286-379.

²⁰ Este é obviamente um tema polêmico sobretudo porque se trata de um país cuja independência não completou sequer 100 anos e sua historiografia ainda é parte de um esforço que ajuda a moldar uma dada identidade nacional. Os eventos da Segunda Guerra Mundial, a chamada “Guerra do Inverno”, promoveram uma imagem da independência finlandesa que não corresponde necessariamente à realidade. A participação decisiva de Stalin na concessão soviética é obliterada, por exemplo, da grande narrativa de fundação da Finlândia. Lênin, ao contrário, é visto como decisivo. Diferentemente de Deutscher, parte significativa da historiografia finlandesa entende a iniciativa de Lênin como um ato deliberado de concessão do poder aos que seriam soviéticos finlandeses. Tendo em vista o fracasso da iniciativa, os soviéticos teriam insuflado uma guerra civil que, embora curta, deixaria cicatrizes na memória histórica daquele país e ajudaria a forjar uma ponte com o dorso da Europa: a Alemanha (MEINANDER, Henrik. **A History of Finland**. Londres: C. Hurst & Co., 2011. p. 124-135). Mesmo nesse ato de concessão e aplicação de suas formulações longamente trabalhadas desde 1912 sobre autodeterminação, Stalin já se mostra hesitante.

²¹ DEUTSCHER, Isaac. **Stalin**: uma biografia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 206.

Se observarmos com atenção [...], veremos que o Conselho de Comissários do Povo, a despeito da sua intenção, deu a liberdade não para o povo, não para os representantes da classe operária da Finlândia, mas para a burguesia finlandesa, a qual [...] tomou o poder e recebeu a independência das mãos dos socialistas da Rússia.²²

Já em janeiro de 1918, ao perceber o fracasso da política que contribuíra para formação de governos antibolcheviques em países das fronteiras russas, o futuro secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) proporia uma revisão na política ao defender que:

[...] devia ser entendido como direito de autodeterminação não da burguesia, mas das massas espoliadas de uma dada nação. O princípio de autodeterminação devia ser usado como instrumento da luta pelo socialismo e estar subordinado aos princípios do socialismo.²³

Ao defender uma iniciativa intervencionista por parte do estado bolchevique, condicionando a autodeterminação, Stalin passaria a dirigir suas atenções ao mecanismo capaz de tornar real a nova estratégia soviética: a diplomacia. Situa-se precisamente aqui o ceticismo staliniano que marcaria suas relações com a Comintern.

A partir da fundação da IC, em março de 1919, os argumentos stalinianos sobre os povos “oprimidos” seriam, sob a defesa de Lênin, apropriados pelo movimento comunista internacional. Ao invocar, com Lênin, argumentos contra o federalismo como solução para o “problema interno das nacionalidades” que advinha do Império Russo Czarista herdado à União Soviética, Stalin propugnaria definitivamente uma versão de tese:²⁴ os povos não eram obrigados a permanecer na União, mas se o fizessem aceitariam a centralização em detrimento de uma federação e toda autonomia relativa que estados federados gozam. Essa formulação baseou a organização hierárquica da IC, que centralizou nos russos o poder decisivo do aparato internacionalista sobre as seções partidárias dos outros países.

Para Stalin, embora sua tese do “socialismo num país só” ainda não estivesse tão clara em 1920 como estaria em anos mais tarde, o trabalho da IC constrangia sobremaneira aquele do Comissariado dos Assuntos Internacionais.²⁵ Esta defesa do *Narkomindel*, isto é, o

²² Ibid., p. 206-7.

²³ DEUTSCHER, 2006, p. 208.

²⁴ A partir de 1928, Stalin defenderia uma tese variante do federalismo para a Rússia.

²⁵ Essa tese está em Isaac Deutscher: “Nos anos imediatamente seguintes [ao colapso do comunismo alemão em 1923], o destino do Komintern permaneceria em aberto. Embora Stalin julgasse a organização mais ou menos inútil como instrumento da revolução, não podia dissociá-la do partido dominante russo – os laços entre bolchevismo e Komintern eram muito fortes para permitir tal dissociação. O Komintern, por outro lado, estava inspirado pelo sentimento de missão. Representava apenas a minoria da classe operária européia, mas tratava-se de minoria ampla e importante que incluía os elementos mais ativos, ardorosos e idealistas do proletariado ocidental. Sua atividade não podia deixar de perturbar a diplomacia soviética. Eis um dos motivos que levaram a tentar domesticar a indisciplinada organização. Naqueles anos, os dirigentes comunistas europeus, embora aceitassem a orientação dos bem-sucedidos especialistas bolcheviques em revolução, ainda falavam com eles de igual para igual e davam como óbvio o próprio direito de opinar sobre as questões russas. A maioria deles, inicialmente, tomou partido de Trotski contra Stalin, dos bolcheviques de orientação européia contra a

Comissariado de Assuntos Internacionais, viria a ter ligação com o papel do PCUS como articulador da revolução mundial; esta, por sua vez, submetida à proteção do novo estado soviético. A chamada “russificação” da Comintern, cujo ápice foi a centralização da IC pelo PCUS, é um indício da imbricação da política externa soviética com o alastramento da revolução pelo globo onde a agenda desta se encontra submetida à daquela.

Até meados da década de 1920, em que pese o paulatino aparelhamento da Comintern em relação aos organismos russos da administração estatal, a IC conseguiria pautar questões próprias, mas, a partir do VI Congresso, em 1928, quando se concretizou o pleno domínio staliniano, já havia uma preponderância da política externa soviética sobre as formulações da IC. As teses que incentivariam a secessão política em países com minorias “raciais” oprimidas seriam aplicadas, como no Peru, Cuba e Estados Unidos. Assim, apesar do pretenso radicalismo do chamado “terceiro período”, iniciado no VI Congresso, da “classe contra classe”, a aplicação da tese aprofundou a noção da autodeterminação como sinônimo virtual de nacionalismo distanciando-se do internacionalismo propugnado na década de 1910 na medida em que recrudesceram os espaços locais de identificação e de pontes de solidariedade.

Quando as diretivas que ordenavam secessão política baseada em aspectos raciais chegaram às seções partidárias da IC, instalaram-se nelas crises intestinas e, na maior parte das vezes, as diretrizes separatistas não foram seriamente consideradas pelos comunistas.²⁶ Não foram raros os confrontos entre uma militância comunista intelectualizada e autóctone contra um setor centralizado às determinações de Moscou. Parte desses dissensos tinham como epicentro a interpretação da questão racial como fragmento explicativo das realidades nacionais. O peso dado à questão faria variar as elaborações sobre o imperialismo e, consequentemente, as ações anti-imperialistas. Como já foi dito, um choque se estabeleceu pós-1928 entre os comunistas alinhados a Moscou e aqueles guiados majoritariamente pela realidade nacional. Trata-se precisamente do problema fulcral entre os comunistas estadunidenses quando confrontados com a tese do Cinturão Negro (*Black belt thesis*) e, surpreendentemente embora em menor grau, é também o problema de comunistas brasileiros e no restante da América Latina, que terminaram por recusar, uns com mais vigor, outros com

estabilizada hierarquia russa de secretários. Desse modo, tanto por motivos domésticos quanto diplomáticos, Stalin não podia deixar de estender ao Komintern, ainda acostumado à interação de variadas correntes, tradições e pontos de vista, os métodos com os quais reformulava o partido russo como partido ‘monolítico’” (DEUTSCHER, op cit., p. 419-420).

²⁶ Cf. WEISS, Holger. **The Road to Hamburg and Beyond: African American Agency and the Making of a Radical African Atlantic, 1922-1930. Part One.** Turku: Abo Akademi, 2009. p. 10. Disponível em: <<http://www.abo.fi/institution/en/media/7957/cowopa16weiss.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2012; JOHNS, Sheridan. The Comintern, South Africa and the Black Diaspora. **The Review of Politics**, Notre Dame, v. 37, n. 2, abr. 1975; KELLEY, 1990; NAISON, 2005; MULLEN; SMETHURST, 2003; SOLOMON, 1998.

menos, as diretrizes vindas de Moscou. É possível atribuir essa resistência também ao *modus operandi* da comunicação entre os comunistas de todo o mundo e a III Internacional.

Em reunião do Comitê Executivo da Internacional, decidiu-se pela criação de *bureaux* estrangeiros em 1919. A tarefa dos *bureaux* era de “funcionar como um meio de entrar em contato com o mundo externo sob as difíceis circunstâncias das intervenções militares e da ausência de Partidos Comunistas fora da União Soviética”.²⁷ O organograma dos *bureaux* na estrutura da Internacional fora desenhado por Zinoviev no outono de 1919 e apresentava um complexo emaranhado o qual elegia como centro os países da Europa Ocidental. Dada a volatilidade dos *bureaux* instalados pela IC durante seus primeiros anos de existência, é difícil traçar as incumbências e áreas de atuação. A IC adotou a descentralização como política organizativa em seus primeiros anos. Essa forma de operar tornou as atividades um tanto caóticas. Alguns elementos contribuíram para essa anomalia nas atividades cominternianas: 1) as localizações dos *bureaux* não necessariamente coincidiam com suas áreas de atuação; 2) as datas de fundação variavam porque nem sempre ocorreu um efetivo deslocamento de comunistas para realizar os trabalhos requeridos pelo Comitê Executivo da Internacional (CEIC) quando da fundação dos *bureaux*, como os *bureaux* holandês e de Viena; e 3) em alguns casos, os *bureaux* ultrapassaram suas atribuições na avaliação da IC e terminaram tendo poderes limitados pelo CEIC. Em outros casos houve mudança de nomes, de localização e de abrangência geográfica de suas ações. Em tantos outros, a documentação simplesmente não confirma nem nega o desaparecimento de alguns *bureaux*, o que pode indicar a simples inoperância da organização. Por último, a paulatina melhoria das condições internas da URSS ocorreu paralelamente às liquidações e limitações de poderes dos *bureaux*. É possível concluir que a transitoriedade desses suborganismos se deveu, portanto, à expiração de suas funções enquanto postos avançados de comunicação e logística, algo que se tornaria obsoleto com o fim da Guerra Civil e a estabilização do regime.

Para traçar a chegada da Comintern às Américas – principalmente, na América Latina –, uma vez que o percurso até os Estados Unidos teve um caminho próprio, é necessário uma apreciação sobre o *bureaux* holandês (daqui em diante “Amsterdã”).

²⁷ YAMANOUCHI, Akito. The Early Comintern in Amsterdam, New York and Mexico City. **Journal of History**, Fukuoka, v. 147, p. 102, 2010. Disponível em: <<https://qir.kyushu-u.ac.jp/dspace/bitstream/2324/16911/1/pa099.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2012. Atualização em jan. 2015: <<http://catalog.lib.kyushu-u.ac.jp/handle/2324/16911/pa099.pdf>>.

A Internacional, em setembro de 1919, numa reunião do *politburo*, definiu, dentre outras, as seguintes atribuições ao Bureau de Amsterdã: “6) a autorizar [a Seção] a estabelecer conexões com todos os países; 7) a dar poder a Seção na Holanda para em casos especiais, sem o devido tempo, aparecer de maneira independente com o nome da Terceira Internacional”.²⁸

Na data de fundação da Internacional Comunista, 2 de março de 1919, duas deliberações centrais para o futuro da Comintern no Novo Mundo tinham sido definidas:

Rutgers, o delegado holandês do primeiro congresso, foi instruído a organizar o *bureau* da Europa Ocidental na Holanda, em razão do isolamento de Moscou. O *bureau* foi estabelecido no final de 1919 em Amsterdã. O secretariado da Europa ocidental, também organizado no outono de 1919, estava situado em Berlim e incluiu Paul Levi entre seus membros. Foi iniciado por Thomas, um bávaro, e Bronsky, um polonês que serviu na missão comercial soviética em Berlim.²⁹

Ainda que cético do real papel cumprido pelo Bureau de Amsterdã, Pierre Broué reconhece o fato de que se tratava de um posto avançado e que “visava ao Novo Mundo, à Grã-Bretanha, à França e de maneira geral ao Extremo Ocidente”.³⁰ A ligação com Louis Fraina, importante líder do movimento socialista americano, por parte do encarregado Sebald Justinus Rutgers, é identificada pelo próprio Broué. Em dezembro de 1919, um relatório da inteligência britânica também aponta para essa ligação entre holandeses e a propaganda comunista internacional:

As autoridades holandesas estão cientes que agentes bolcheviques estão entrando na Holanda com propósitos de propaganda externa. Eles chegam via Winschoten e Nieuweschans e então procedem a Roterdã, onde eles embarcam em navios que saem do porto como membros das tripulações ou como intrusos. É prevista para logo a chegada de emissários bolcheviques americanos carregando altas somas. Eles podem viajar via Inglaterra.

[...] É confiável o relato de que agentes alemães estão fazendo esforços ainda maiores para espalhar a propaganda bolchevique no Reino Unido e também na Índia e no Japão. Uma organização para esse propósito foi estabelecida na Holanda e os capitães e tripulações de embarcações holandesas são subornados para transportar agentes bolcheviques a Suez, onde eles devem desembarcar.

[...] É também relatado que Sneevliet, que foi recentemente expulso das Índias Holandesas Orientais e que está no presente momento trabalhando no “Tribune”, um

²⁸ “6) To commission [the Section] to establish connections with all the countries. 7) To empower the Section in Holland in exceptional cases, without giving time, to come out independently by the name of the Third International.” YAMANOUCHI, 2010, p. 106.

²⁹ “Rutgers, the Dutch delegate to the first congress, was instructed to set up a west European bureau of the Comintern in Holland, because of Moscow's isolation. The bureau was established at the end of 1919 in Amsterdam. The west European secretariat, also set up in the autumn of 1919, had its seat in Berlin and included Paul Levi among its members. It had been started by Thomas, a Bavarian, and Bronsky, a Pole who had served with the Soviet trade mission in Berlin.” DEGRAS, Jane (Ed.). **The Communist International, 1919-1943, Documents**. Londres: Frank Cass and Company; Oxford University Press, 1955. v. 1. p. 6-7. Tradução livre.

³⁰ BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista: a ascensão e a queda (1919-1943)**. São Paulo: Sundermann, 2007. v. 1. p. 115.

jornal comunista editado por Wynkoop, irá brevemente aos Estados Unidos da América e ao Japão.³¹

Desde o início das atividades da Internacional Comunista, o plano era fazer de Amsterdã a ponte entre a Rússia e as Américas. Com a consolidação do *bureaux*, referendada pela Comintern, estaria estabelecida a conexão entre a isolada Rússia bolchevique e o restante do mundo. Serviços de inteligência ocidentais não conseguiam manter-se no encalço dos comunistas e, no caso dos britânicos, embora tivessem uma noção relativamente apurada dos eventos em Moscou, terminavam cometendo equívocos que arruinavam o entendimento da situação. O Bureau de Amsterdã ou Bureau Ocidental é um caso desse tipo de desencontro. Em setembro de 1920, o *Directorate of Intelligence* era categórico ao confirmar “que o sub-Bureau da Terceira Internacional em Amsterdã não foi fechado”³² quando, na verdade, já havia sido liquidado desde abril daquele ano e passava por uma reestruturação operacional.³³

Durante o curto período de existência dos *bureaux*, foi decisiva a participação dos comunistas holandeses e, do ponto de vista logístico, Amsterdã viria a ser, entre 1919 e 1921, um dos principais *hubs* de dispersão dos comunistas e dos recursos para patrocinar suas atividades pelo mundo. Um dos destinos prováveis de quem saía de Amsterdã, vindo de Moscou, era a América.

³¹ CAB/94/95. **A Monthly Review of Revolutionary Movements in Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), p. 17-18, dez. 1919. “The Dutch authorities are aware that Bolshevik agents are entering Holland for foreign propaganda purposes. They arrive by way of Winschoten and Nieuwesches and then proceed to Rotterdam, where they board outward-bound ships either as members of the crews or as stowaways. American Bolshevik emissaries with large funds at their disposal are said to be due to arrive in Holland shortly. They may travel via England.

[...] It is reliably reported that German agents are making further efforts to spread Bolshevik propaganda in the United Kingdom and also in India and Japan. An organisation for this purpose has been established in Holland and the captains and crews of Dutch vessels are bribed to convey the Bolshevik agents to Suez, where they are to disembark.

It is also reported that Sneevliet, who was recently expelled from the Dutch East Indies and who is at present working on the ‘Tribune’, a Communist newspaper edited by Wynkoop, is shortly going to the United States of America and Japan.” Não foi possível cotejar os pseudônimos.

³² Órgão ligado ao “Home Office”, criado em 1919 para efetuar atividades “contrassubversivas”. ANDREW, Christopher. **The Inter-War Years**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.mi5.gov.uk/home/mi5-history/mi5-between-the-wars/the-inter-war-years.html>>. Acesso em: 14 out. 2012. “It is confirmed that the Amsterdam sub-Bureau of the Third International has not been closed down.” CAB/24/112. **A Monthly Review of Revolutionary Movements in Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), p. 12, set. 1920.

³³ YAMANOUCI, 2010, p. 107.

2.2 O México, estratégia e anti-imperialismo: a Comintern na América Latina

Na hierarquia de importâncias da Internacional, a América Latina situava-se na parte inferior. Geopoliticamente, a Europa, a Ásia e a América do Norte orbitavam mais próximo do núcleo estratégico dos bolcheviques. Contraditoriamente, a influência mais duradoura da Revolução de Outubro talvez se tenha dado justamente na América Latina porque a natureza de sua inserção, conquanto episódica e fragmentária, situou-se sobretudo no âmbito da teoria. A história dessa relação, apesar de ter começado antes de 1919, teria nesse ano um divisor de águas, já que começaria a partir de então a erigir pontes de contato entre o país soviético e os países americanos. As páginas seguintes apontam alguns elementos da inserção prática da Terceira Internacional na América Latina nos anos de 1920.

A perspectiva de alastramento da Revolução de Outubro face ao isolamento enfrentado pela Rússia pós-1917 impunha um paradoxo aos formuladores da política externa bolchevique. Se por um lado havia um “cordão sanitário” que sufocava a produção econômica russa, por outro o proletariado do mundo do capitalismo avançado, na avaliação dos comunistas, preparava-se para sublevar-se, aos moldes da Rússia bolchevique. Mais uma vez, na avaliação de parte majoritária dos comunistas, esse dado consubstanciaria os elementos necessários para a vitória final dos comunistas a despeito do isolamento.³⁴

A chegada da Revolução bolchevique na América Latina coube ao *Narkomindel* e à Comintern. Mikhail Gruzenberg, conhecido pela alcunha de “Borodin”, ao que tudo indica, foi o primeiro contato soviético na América Latina. Seu percurso é tortuoso, e os aparatos de inteligência dos Estados Unidos e Inglaterra encontraram dificuldades para seguir seus traços. Historiadores também têm tido problemas para definir o real valor de Borodin. Manuel Caballero, por exemplo, assenta seu argumento sob o depoimento de Boris Souvarine. Este, que foi um dos mais proeminentes dissidentes trotskistas da década de 1920, afirmou, mais tarde, que Borodin era apenas um militante ordinário, não sendo nem um líder bolchevique nem muito menos um amigo de Lênin. Havia sido indicado, ainda segundo Souvarine, por Angela Babalanova e Leon Karakhan pelo simples “fato de já ter passado alguns anos nos Estados Unidos e saber falar inglês”. Daniela Spenser, por seu turno, sugere que Borodin fora

³⁴ “Quando ouvimos como se difundiu rapidamente a ideia dos Sovietes na Alemanha e mesmo na Inglaterra, para nós isto é uma importantíssima prova de que a revolução proletária vencerá. Só por breve tempo será possível deter a sua marcha.” LENINE, Vladimir. I Congresso da Internacional Comunista: Teses e Relatório sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado. In: _____. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2004. v. 3. p. 87.

enviado à América Latina por Lênin. Ela reconstrói a biografia comumente aceita de Mikhail Markovic Gruzenberg, o Borodin: nascera em 1884, se tornaria um revolucionário desde os 16 anos e iniciara sua participação na Revolução de 1905 apenas para ser preso e exilado.³⁵ Em 1906, já nos Estados Unidos, ele estudaria direito na Universidade de Valparaíso, no estado de Indiana, e tomaria parte no *Socialist Party of America*. De acordo com Spenser, apenas em julho de 1918 ele retornaria a Moscou:

E foi recrutado para trabalhar no Comissariado para Assuntos Externos e ao mesmo tempo na Comintern. Nessa empreitada dupla, Lênin enviou Borodin ao Novo Mundo para apoiar economicamente a missão comercial Soviética estabelecida em Nova York em 1918 e, usando o México como uma base de operações, organizar e financiar os partidos comunistas na América Latina.³⁶

Victor Jeifets corrobora com a hipótese de Spenser acrescentando informações. Borodin teria sido não só um amigo próximo de Lênin como também teria sido um de seus confidentes. Eles se conheciam desde o tempo de exílio na Suíça, em algum momento entre 1900 e 1905. De acordo com Jeifets, Borodin recebera missões em 1918, tais como obter o reconhecimento *de facto* das missões diplomáticas soviéticas por parte dos países escandinavos e participar da comissão organizadora da III Internacional na Noruega.³⁷

Há problemas concernentes à história das atividades de Mikhail Borodin. O primeiro é a afirmação de Spenser que sugere ter Borodin participado do Narkomindel e do Comintern ao mesmo tempo. A rigor, Borodin não poderia ter recebido ordens para agir em nome da Comintern em 1918 porque esta não existia ainda. Nesse ponto, tanto Spenser quanto Jeifets parecem se apressar aos fatos. A confusão dos dois pesquisadores, no entanto, é em si mesmo um indicador que, talvez, a cronologia de Terry J. Uldricks para o imbricamento da política externa soviética com uma versão de internacionalismo, para esse período, esteja correta. Segundo Uldricks, do início do processo revolucionário até o início de 1921 a diplomacia era uma escrava da revolução mundial, ou seja, o Narkomindel estaria submetido ao ideário fundador da Comintern.³⁸ Em que pese o vínculo, havia uma incapacidade organizativa

³⁵ CABALLERO, Manuel. **Latin America and the Comintern 1919–1943**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986; SPENSER, Daniela. **The Impossible Triangle: Mexico, Soviet Russia and the United States in the 1920s**. Duke; Londres: Duke University Press, 1999; SPENSER, Daniela. **Stumbling its way through Mexico: the early years of the Communist International**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2011; FREYMOND, 1965.

³⁶ SPENSER, 1999, p. 39-40.

³⁷ Cf. JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. Michael Borodin: The First Comintern-emissary to Latin America (Part 1). **The International Newsletter of Historical Studies on Komintern, Communism, and Stalinism**, v. 2, n. 5-6, p. 145-149, 1994-1995; JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. Michael Borodin: The First Comintern-emissary to Latin America (Part 2). **The International Newsletter of Historical Studies on Komintern, Communism, and Stalinism**, v. 3, n. 7-8, p. 84-88, 1996.

³⁸ ULDRICKS, Teddy J. **Diplomacy and Ideology: The origins of Soviet Foreign Relations, 1917-1930**. Londres; Bervely Hills: Sage Publications, 1979. p. 167.

limitando os poderes da Internacional nesses primeiros anos. Para além deste problema, a biografia de Borodin indica uma quantidade de feitos que nem historiadores nem serviços de inteligência conseguiram traçar, seja porque ele, de fato, não deixou rastros seja porque talvez ele não tenha sequer saído dos Estados Unidos antes de fins de 1918.³⁹

Mikhail Borodin, amigo ou não de Lênin, teve a tarefa de apoiar tanto a *missão Martens*, em Nova York,⁴⁰ como a efetivação de um braço bolchevique no México. Sua chegada a este país, em meados de 1919, é um dos elementos mais controversos na historiografia do Partido Comunista Mexicano (PCM).⁴¹ Primeiro, porque se envolveu na história de perda de joias dos Romanov.⁴² Segundo, porque no México seria acompanhado pelo militante anticolonial Manabrenda Nath Roy, com quem, junto com americano José Allen, fundaria o Partido Comunista do México. Terceiro, porque José Allen era, na verdade, informante da inteligência militar estadunidense.⁴³ Por fim, porque Borodin ganharia rapidamente capacidade de inserção em setores governamentais assim como no núcleo da classe trabalhadora urbana mexicana.

As missões de Borodin dividiam-se entre a IC e o Narkomindel. Ao mesmo tempo que recebera ordens para organizar sindicatos do mundo do trabalho urbano no país, tinha como missão garantir o reconhecimento da URSS por parte do México. Este país aparecia como estratégico entre os comunistas. Em que pesem a organização dos trabalhadores argentinos ligados à fundação do Partido Internacional Socialista que já havia pedido filiação à Comintern em abril 1919 e a influência que esse partido passaria a ter entre trabalhadores chilenos e uruguaios, segundo Jeifets e Jeifets, os soviéticos avaliavam que:

O México pareceu ser o único país latino-americano que não cortou relações diplomáticas com Moscou depois que os bolcheviques chegaram ao poder. (O México apenas retardou por um tempo.) Mas a principal razão, talvez, era que o México sofria com eventos similares com aqueles que a Rússia sofria: a revolução, o conflito com “o vizinho imperialista” (os EUA), e certo isolamento do mundo. Moscou considerou o México como “o nó latino-americano das contradições” e como o centro natural do movimento revolucionário continental. O movimento dos trabalhadores mexicanos estava conectado de maneira próxima ao americano e isto

³⁹ A história dos primeiros emissários soviéticos ainda é objeto de informações desencontradas. As especulações são comuns haja vista as dificuldades de se realizarem pesquisas em Moscou. Nos últimos 20 anos tem havido um esforço no sentido de produzir relatos mais confiáveis. Cf. JEIFETS; JEIFETS, 1994-1995, p. 145-149.

⁴⁰ No próximo capítulo.

⁴¹ ROY, Manabrenda Nath. **M. N. Roy's Memoirs**. Bombay: Allied Publishers, 1964, p. 177.

⁴² A história remete à perda de diamantes por parte de Gruzenberg, o Borodin. Enquanto ele tentava contrabandear as pedras para financiar o movimento comunista nos Estados Unidos e América Latina, terminou pedindo ajuda a um viajante a quem confiou uma pasta de fundo falso contendo as pedras. As joias só retornariam à Rússia em 1948 após terem ficado sob posse irlandesa, já que à época os diamantes serviram de garantia para um empréstimo concedido pelo primeiro-ministro daquele país. Cf. DRAPER, 1957, p. 235-243; JEIFETS; JEIFETS, 1994-1995, p. 147.

⁴³ CARR, Barry. Marxism and Anarchism in the Formation of the Mexican Communist Party. **The Hispanic American Historical Review**, Durham, v. 63, n. 2, p. 294, mai. 1983.

foi reforçado pela presença de um grande grupo de socialistas, anarquistas e membros da IWW [Industrial Workers of the World], todos eles americanos no México; muitos latino-americanos viviam ou trabalhavam nos Estados Unidos.⁴⁴

Por outro lado, há quem aponte motivos mais pragmáticos para ida de Borodin ao México. Barry Carr sugere que suas primeiras ações no México seguiram mais as diretrizes diplomáticas que cominternianas. Baseado nos relatos do indiano Manabrenda Nath Roy, Carr sugere que trocas comerciais estavam na agenda tanto quanto uma ajuda para recuperar as tais joias, mas:

Borodin estava também interessado em assegurar apoio mexicano e possivelmente até mesmo um reconhecimento diplomático para o novo governo Soviético. Carranza estava deveras impressionado com a declaração russa acerca do apoio de seu governo à luta dos povos latino-americanos contra o colonialismo e imperialismo e, se deveríamos acreditar no relato de Roy, autorizou Borodin a usar os canais diplomáticos mexicanos para estabelecer comunicação com a Comintern na Europa.⁴⁵

O cenário descrito por Carr está situado numa obra autobiográfica do indiano Manabrenda Nath Roy. Tal qual tantos outros militantes comunistas, a biografia de Roy é recheada de lacunas. Ele era um ajudante dos alemães durante a Primeira Guerra Mundial que trabalhava para desestabilizar o império britânico na Índia e se descreve como o responsável pela aquisição de dinheiro e armas para a luta pela independência indiana. Isso foi feito via Comitê Revolucionário Indiano em Berlim nos idos de 1914. Saíra da Índia e circularia a Ásia em busca de armas para ajudar o movimento de libertação nacional em seu país de origem. Após o fracasso da independência e uma longa viagem pelo Pacífico, desembarcou em San Francisco no verão de 1916 “com uma bíblia na mão”. Depois de dois meses na costa oeste, Nath Roy iria a Nova York: “Eu tinha vindo à América na verdade como um emissário do ‘nacionalismo revolucionário’ em aliança com a Alemanha na luta contra o Imperialismo britânico”.⁴⁶ Seu plano inicial era ir à Alemanha, via Estados Unidos. Logo percebera que seria difícil chegar ao destino, já que não recebia contato de alemães e não imaginava como fazer a travessia do Atlântico sem apoio, seja de alemães seja de indianos do Comitê Revolucionário. Permaneceu nos Estados Unidos, mais precisamente na costa leste. A Primeira Guerra chegara aos Estados Unidos e Roy teria que fugir rapidamente para o

⁴⁴ JEIFETS; JEIFETS, 1994-1995, p. 146. “Mexico appeared to be the only Latin American country which didn't break diplomatic relation with Moscow after the Bolsheviks had come in power. (Mexico just held it up for a time). But the principal reason, perhaps, was that Mexico endured the events similar to Russia's ones: the revolution, the conflict with ‘the imperialist neighbour’ (the USA), and certain isolation in the world. Moscow considered Mexico as ‘the Latin American knot of contradictions’ and as the natural centre of the continental revolutionary movement. Mexican workers’ movement was closely connected to American one, and that was reinforced by the presence in Mexico of the large group of American socialists, anarchists and IWW members; a lot of Latin Americans lived or worked in the USA.”

⁴⁵ CARR, 1983, p. 302.

⁴⁶ ROY, 1964, p. 22.

México, posto que procurado pela polícia. O México já era um destino vislumbrado como plano de fuga em razão de contato com socialistas nova-iorquinos. Em seu próprio relato, após chegar ao México, conseguiu uma audiência com o Ministro da Guerra e ouviu deste homem de Estado que sua liberdade naquele país estava garantida, não obstante a intimação que havia recebido pelo Ministro das Relações Exteriores.⁴⁷ Começava então a relação do indiano com setores dirigentes do Estado mexicano, e a partir disso ele colocaria Borodin em contato com altos funcionários do governo mexicano.⁴⁸

A ida de Borodin ao México se desenhou por meio do Bureau de Amsterdã e foi orientada com o fito de patrocinar o movimento comunista nos Estados Unidos.⁴⁹ Foi uma das poucas ações de sucesso do breve *bureau*. De acordo com Broué:

[Os membros do Bureau de Amsterdã] Conseguiram fazer partir, de seu país para o continente americano o russo-americano Gruzenberg, dito Borodin, com cerca de 500 mil dólares para o movimento comunista americano.⁵⁰

A sequência de eventos que envolvem o primeiro contato da Comintern com a América Latina e os descaminhos que se seguiram têm ligação com a transformação nas condições internas da União Soviética. No decorrer da segunda metade do ano de 1920, os *bureaux* seriam rapidamente dissolvidos até agosto, quando o *politburo* decidiu abolir todos os *bureaux* no dia 6, permitindo apenas a atuação individual de agentes, supostamente, para fins eminentemente técnicos. Dias depois, diante das interpelações de H. Marin e Fraina, Zinoviev sugeriu uma moção que, ao mesmo tempo em que abolia todos os *bureaux* na Europa Ocidental e todos os similares, criaria “pequenos *bureaux*” que, de fato, seriam apenas pessoas individualmente responsabilizadas por missões pontuais, ora representando oficiosamente a diplomacia soviética ora operando como articulador da revolução mundial. No que tange à comunicação com Moscou, esses “pequenos *bureaux*” deveriam organizar os serviços de correio, divididos em três categorias: “1) aquele que entrega literatura, etc.; 2) aquele que envia e recebe variados tipos de informação *também*; 3) aquele que executa tarefas políticas”.⁵¹

⁴⁷ ROY, 1964, p. 177.

⁴⁸ ROY, op. cit., p. 3-60.

⁴⁹ Cf. Nota 22 e Jeifets e Jeifets (1994-1995, p. 146).

⁵⁰ BROUÉ, 2007, p. 115.

⁵¹ YAMANOUCHI, 2010, p. 109-110. Os investigadores britânicos conseguiram rastrear indícios de mudanças no sistema de comunicação dos comunistas, a partir de uma maior descentralização dos subcomandos, já que as responsabilidades, dali em diante, seriam individualizadas. “Enquanto isso os arquivos do sub-Bureau da Terceira Internacional em Amsterdã e outras cidades holandesas serão aumentados, e um novo sistema de correio entre Viena e a Inglaterra, via Holanda, será inaugurado a fim de que Bronsky, o chefe da missão Soviética não oficial na Áustria, possa estar mais perto com a Missão russa na Inglaterra.” “Meanwhile the archives of the sub-Bureau of the Third International in Amsterdam and other Dutch towns are to be enlarged, and a new courier system between Vienna and England, *via* Holland, is to be inaugurated, so that Bronsky, the

Essa reestruturação organizativa e de comunicação trouxe uma dificuldade em se definir o que seriam as “tarefas políticas”, uma vez que presumia que existiam tarefas não políticas. Houve igualmente uma confusão no que tange aos serviços de correio porque, em alguma medida, as categorias em que se encontravam divididos se sobrepunham. Dadas essas dificuldades operacionais, o Comitê Executivo da Internacional (CEIC) apostou na criação da “Agência Pan-Americana”, sob presidência de Sen Katayama, para organizar um *bureau* cujo objetivo era efetivar a união dos revolucionários em todas as Américas.⁵²

Esse movimento de reorganização acompanhou o movimento geral da Comintern no que diz respeito à sua relação com a política externa soviética, entre 1919 e 1921. Quando o cerco do Exército Branco – ajudado pelas potências ocidentais – à União Soviética se desmanchou durante o outono de 1919, as funções diplomáticas oficiosas aos poucos perderam função. Ao mesmo tempo, a liquidação dos *bureaux* na Europa Ocidental parece seguir um movimento de contenção da influência europeia no movimento comunista internacional. A intensidade do interesse soviético no México também aos poucos se esvaiu. O país antes visto como estrategicamente localizado seria um canal diplomático de comunicação entre os dois novos mundos, o soviético e o americano.⁵³ Até 1924 todas as potências já haviam restaurado relações diplomáticas com os soviéticos, exceção feita aos Estados Unidos da América, redirecionando os esforços da política externa soviética alhures.

O militante japonês Sen Katayama chegaria às Américas como agente da Comintern já em finais de 1920. Teria algumas missões a cumprir. A primeira e, possivelmente, mais importante era fazer a unificação do movimento comunista nos Estados Unidos. A segunda era articular o movimento comunista no México, integrando a luta anti-imperialista entre comunistas estadunidenses, canadenses e mexicanos. Havia também indicativo para que, a partir do México, fosse organizar a Comintern no restante da América Latina e no Caribe.

head of the unofficial Soviet Mission in Austria, may be in closer touch, with the Russian Mission in England.” CAB/24/112, 1920.

⁵² Tim Davenport sugere que a Agência Pan-Americana era, na verdade, a Agência Americana (AA) que teve “originalmente o papel de unificar o fraturado movimento comunista americano e estabelecer partidos comunistas no Canadá e México. Com a emergência da Internacional Sindical Vermelha (ISV), a AA foi rapidamente transformada em ‘Agência Pan-Americana’ da ISV”. “[...] originally had the task of uniting the fractured American communist movement and establishing Communist Parties in Canada and Mexico. With the emergence of the Red International of Labor Unions, the AA was briefly transformed into the ‘Pan-American Agency’ of RILU.” (DAVENPORT, Tim (Ed.). **Roger Baldwin Raps Haywood’s “Desertion”**. Corvallis: 1000 Flowers Publishing, 2007. Disponível em: <<http://www.marxisthistory.org/history/usa/unions/iww/1921/0429-leader-baldwin.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.) Cf. AKERS, David. Rebel or Revolutionary? Jack Kavanagh and the Early Years of the Communist Movement in Vancouver, 1920-1925. **Labour/Le Travail**, Toronto, v. 30, p. 36, outono 1992; YAMANOUCHI, 2010, passim.

⁵³ SPENSER, 1999, p. 58-62, p. 88-89. Há também indícios de que o México era utilizado como caminho para correspondências diplomáticas entre a União Soviética e outros Estados, sobretudo os escandinavos.

No caso da tentativa de organização no México, a Internacional e seus braços atuaram, como era frequente, em superposições, muitas vezes desencontradas e, não raro, desviando-se das chamadas diretrizes de Moscou. Essa chegada de emissários ao México é um dos inúmeros desencontros entre a Comintern e a América Latina.

A missão de Borodin se encerraria com a criação do Partido Comunista Mexicano (PCM). Ele havia sido o principal responsável por estabelecer um *link* entre os mexicanos e os comunistas holandeses do Bureau de Amsterdã, por onde passariam recursos, informações e pessoas nos canais Moscou-Amsterdã-Novo Mundo. Borodin deixaria o México em dezembro de 1919 em definitivo, não sem antes ter acertado questões práticas com os holandeses em outubro do mesmo ano. Os arranjos terminaram comprometidos porque, em reunião realizada em fevereiro de 1920, cuja pauta era a questão mexicana, foram descobertos aparelhos de escuta instalados pela polícia holandesa. Isso levou à suspensão do encontro no seu segundo dia.⁵⁴

Quase um ano se passaria até que a Comintern voltasse a enviar quadros ao México. Até então, os partidos da América Latina, mesmo o PCM, não guardariam nenhuma ligação orgânica com a Comintern. Em que pese a existência de prova documental de um *bureau* latino-americano já em 1919, não se deve depreender que ele tenha realizado atividades ou mesmo que se tenha realmente constituído do ponto de vista organizativo. Nesse caso, não há como não acompanhar as teses gerais dos historiadores sobre o movimento comunista desses anos: houve um redirecionamento do interesse bolchevique para o Oriente.⁵⁵

A partir do II Congresso da Internacional Comunista, em julho de 1920, em Petrogrado, continuado dois meses depois em Baku, a tendência rumo ao Oriente se fortaleceria no círculo decisório dos bolcheviques. Desse modo, os protagonistas dos primeiros contatos entre a Comintern e a América Latina seriam enviados para a China e Ásia Central com o propósito de preparar a revolução, como se atesta pelos itinerários de viagem de Borodin e Roy.⁵⁶ Para o combate ao imperialismo, alguns princípios, orientações e práticas

⁵⁴ DEGRAS, 1959, p. 94.

⁵⁵ Cf. MAZZEO, Antônio Carlos. **Sinfonia inacabada**: a política dos comunistas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999; BROUÉ, 2007; CLAUDÍN, Fernando. **The Communist Movement**: from Comintern to Cominform (part two). Nova York; Londres: Monthly Review Press, 1975. Os autores são unânimes em posicionar o Congresso de Baku, em setembro de 1920, como ponto transformador dos interesses cominternianos na Ásia.

⁵⁶ Roy fundou uma escola de formação para Comunistas da Ásia Central na atual Tashkent, Uzbequistão, no decorrer de 1920. Sete anos depois tomaria parte na missão soviética na China, reencontrando Borodin. No interregno entre 1920 e 1922, Borodin trabalharia no Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB). Em agosto de 1922, Borodin seria preso em Glasgow. Interrogado e provavelmente em posse de documentos da Comintern, a inteligência britânica dissecaria o movimento comunista daquele país. CAB/24/138. Report on Revolutionary Organisations in the United Kingdom. **The National Archives**, 24 ago. 1922. Depois de quase um ano preso,

aplicadas na Ásia serviriam à orientação das atividades comunistas no continente latino-americano.⁵⁷

No final de 1920, entretanto, o México tornar-se-ia novamente alvo das atenções bolcheviques. Claro já está que o interesse, leniniano sobretudo, se dava em função da “localização estratégica” do país no continente. Embora houvesse interesse na situação camponesa e na tensão indígena, o sentido tático de fazer do México um porto para atividades comunistas associava-se à nova estratégia global de minar os imperialismos a partir de suas periferias. Em relatório da inteligência britânica sobre as discussões do II Congresso, é possível detectar essa reviravolta:

O debate sobre as questões colonial e nacional, que parece ter causado interesse considerável, foi marcado por uma longa fala de Lênin. Ele defendeu que o domínio capitalista em todas as colônias seria superado apenas se o todo-poderoso proletariado se engajasse na sua propaganda entre os nativos oprimidos; mas ele foi incapaz de dizer exatamente quais medidas os comunistas se propunham a adotar para induzir o proletariado a tomar ação necessária. Entretanto, ele assegurou a sua audiência que tempo e experiência iriam lhes mostrar claramente o tipo de política mais propensa ao sucesso, e que enquanto isso a ideia soviética precisaria ser utilizada em todos os lugares e adaptada às condições locais. Existia campo ilimitado para propaganda. Uma resolução foi desenvolvida para que o regime capitalista na Europa e nos Estados Unidos da América fosse esmagado de uma só vez se vários países perdessem suas possessões coloniais, em vista do fato que as colônias proveem os governos metropolitanos com muita receita.⁵⁸

Este segundo momento da chegada da Internacional ao México deu-se por meio da *Krasnyi internatsional profsoyuzov*, a Internacional Sindical Vermelha ou a Profintern. Tal qual outras “subsidiárias” da IC, como o Socorro Vermelho Internacional (SVI), a Juventude Comunista e a Internacional Camponesa (Krestintern), a Profintern continha em si aspectos da ambivalência organizacional da própria IC. Foram comuns práticas competitivas entre agentes

voltaria a Moscou em junho de 1923 e relataria a situação britânica. Foi para a China em setembro de 1923 começar os trabalhos que resultariam no fracasso do Kuomintang em 1927. LAZIC, Branko M.; DRACHKOVITCH, Milorad M. **Biographical dictionary of the Comintern**. ed. rev. Stanford: Hoover Institution Press, 1986. p. 39. Para um balanço das atividades cominternianas no CPGB na década de 1920, cf. MCILROY, John; CAMPBELL, Alan. ‘Nina Ponomareva's hats’: the new revisionism, the Communist International, and the Communist party of Great Britain, 1920-1930. **Labour/Le Travail**, Toronto, n. 49, p. 147-187, primavera 2002.

⁵⁷ Entre 1921, saída da última missão cominterniana no México, e 1924, fundação do Secretariado Sul-Americano, a única rotina de comunicação entre a América Latina e Moscou foi estabelecida pelos comunistas argentinos.

⁵⁸ CAB/24/116. **The Second Congress of the Third International-July-August 1920**: Special Report. Directorate of Intelligence (Home Office), n. 19, p. 10, nov. 1920. “The debate on colonial and national questions, which seems to have aroused considerable interest, was marked by a long speech by Lenin. He stated that capitalist rule in all colonies would be overcome if only the all-powerful proletariat would carry on its propaganda among the oppressed natives; but he was unable to state exactly what measures the communists proposed to adopt in order to induce the proletariat to take the necessary action. However, he assured his audience that time and experience would show them clearly the kind of policy most likely to gain their ends, and that meanwhile the soviet idea must be utilized everywhere and adapted to local conditions. There was an unlimited field for propaganda. A resolution was carried to the effect that the capitalist regime in Europe and in the United States of America would be crushed at once if the various countries were to lose their colonial possessions, in view of the fact that the colonies supplied the home governments with large revenues.”

da Comintern e da Profintern. As atividades desses organismos, conquanto orbitassem em torno do mesmo centro de gravidade, tinham suas linhas mestras definidas por grupos hegemônicos distintos, com mecanismos igualmente diferentes de controle.⁵⁹

A Profintern foi, em 1921, uma resposta soviética à reorganização da chamada Internacional Sindical de Amsterdã. Em sua fundação, a Sindical Vermelha já tinha como propósito organizar os trabalhadores em países “coloniais” e “semicoloniais” além da Europa e dos Estados Unidos. Sua criação já estava em pauta desde o II Congresso da IC, em meados de 1920, quando houve conversações sobre a criação de uma nova internacional:

O Congresso se absteve de qualquer pronunciamento sobre a criação de uma Internacional Sindical – talvez porque não havia sido fácil obter uma maioria. Mas enquanto o Congresso estava em sessão, um grupo representava as delegações russa, italiana e búlgara, alguns membros da delegação britânica e somente um delegado francês da extrema esquerda, pretendendo duvidosamente falar em nome de oito milhões de trabalhadores organizados, decidiram criar um Conselho Sindical Internacional (Mezhsovprom), cuja função principal seria a de organizar um “conselho internacional de sindicatos vermelhos”. Lozovski se converteu em presidente do novo conselho, com Tom Mann e Rosmer como vice-presidentes. A dependência do Mezhsovprom em relação ao CEIC [Comitê Executivo da Internacional Comunista] se manifestou quando se propôs que o CEIC fizesse um chamado a “todos os sindicatos do mundo” denunciando “a Internacional amarela de Amsterdã” e convidando-os a unirem-se à nova Internacional sindical.⁶⁰

Seria sob essa conjuntura que em finais de 1920 e início de 1921 três comunistas desembarcariam no México para criar uma organização comunista na América Latina, a partir daquele país. Sen Katayama, Louis Fraina e Charles Phillips. Esses três homens, sob a liderança do japonês septuagenário, defrontaram-se com um partido comunista que existia apenas virtualmente sob o comando de José Allen, que, como já informado, era agente infiltrado do Inteligência Militar dos Estados Unidos. Tornando públicos os 21 pontos necessários para filiar-se à Internacional Comunista e angariando organizações sindicais interessadas em fazer parte da nova Internacional Sindical, os três tiveram seus trabalhos facilitados pela transferência de fundos da Comintern. De qualquer sorte, pouco puderam fazer para estabelecer um legado organizativo permanente: o governo Obregón recrudesciu a

⁵⁹ Cf. AGOSTI, Aldo. **Il partito mondiale della rivoluzione**: Saggi sul comunismo e l'Internazionale. Milão: Unicopli, 2009; TOSSTORF, Reiner. **Profintern**: Die Rote Gewerkschaftsinternationale, 1921-1937. Paderborn: Schoeningh Ferdinand, 2004.

⁶⁰ “El Congreso se abstuvo de cualquier pronunciamiento sobre la creación de una Internacional sindical – quizá porque no hubiese sido fácil el obtener una mayoría. Pero mientras el Congreso estaba en sesión, un grupo que representaba a las delegaciones rusa, italiana y búlgara, algunos miembros de la delegación británica y un solo delegado francés de la extrema izquierda, pretendiendo dudosamente hablar en nombre de ocho millones de trabajadores organizados, decidieron crear un Consejo Sindical Internacional (Mezhsovprom) cuya principal función sería la de organizar un ‘congreso internacional de sindicatos rojos’. Lozovski se convirtió en presidente del nuevo consejo, con Tom Mann y Rosmer como vicepresidentes. La dependencia del Mezhsovprom con respecto al IKKI se puso de manifiesto cuando se propuso que el IKKI hiciese un llamamiento a ‘todos los sindicatos del mundo’ denunciando ‘la Internacional amarilla de Amsterdam’ e invitándolos a unirse a la nueva Internacional sindical.” CARR, 1985, p. 220.

repressão a partir de meados de 1921, deportou Phillips para Guatemala, e, como este era o único dos três que sabia falar espanhol, a militância se tornou mais difícil. Ainda que antes tenham criado mecanismos de propagação de informação como a editora Biblioteca Internacional e efetivado contatos com unidades sindicais antes mesmo da fundação da Profintern, o resultado da atuação de Katayama e Fraina não respondeu às expectativas da Comintern. Ao fim de outubro de 1921, Katayama já havia embarcado de volta a Moscou, e Fraina, além de sugerir a vinda de comunistas soviéticos experientes, teria também sido incumbido de realizar uma prospecção na América do Sul para avaliar as possibilidades de organização do movimento.⁶¹

2.3 De Moscou para uma outra América, a do Sul

No final do outono de 1922, duas direções orientavam as formulações dos comunistas: 1) a reafirmação da defesa da URSS; e 2) o enfrentamento do imperialismo nos países coloniais e “semicoloniais”. A tese de combate ao imperialismo não redundava numa política de incentivo à tomada de poder pelos soviets dos variados países potencialmente em estágio revolucionário, ela servia à estratégia de Frente Única e tinha como pressuposto o combate aos impérios por meio do ataque direto às colônias e aos países subordinados aos imperialismos europeus.⁶² Didaticamente, a América Latina se incluiria no segundo rol, de países semicoloniais; a maior parte da África e porção significativa da Ásia no primeiro grupo, de países coloniais. Portanto, garantir atividades comunistas na América Latina significava, na avaliação dos comunistas, irromper contra o imperialismo estadunidense e europeu.

⁶¹ SPENSER, 1999, p. 49.

⁶² A política de Frente Única estabelecida desde 1921 encontraria seu fracasso na Europa em novembro de 1923 quando os comunistas do KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands*) foram derrotados e o partido proibido de funcionar por seis meses. A Frente Única consistia numa aliança com a “pequena-burguesia” e suas organizações que, no caso alemão, era o Partido Socialdemocrata Alemão (SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Frente Única, Frente Popular e Frente Nacional: anotações históricas sobre um debate presente. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 5., 2007. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao3/Carlos_Zacarias.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.) Com este último fracasso, alguns comunistas tiveram o argumento necessário para, em finais de 1924, defender a retração revolucionária e instalar o “segundo período”, tempo em que fora defendido o socialismo num só país. Cf. CARR, Edward Hallett. **Socialism in One Country**. Nova York: MacMillan, 1958. (History of Soviet Russia, n. 5).

Nos planos dos secretariados que articulavam as iniciativas anti-imperialistas, constava a necessidade de comunicação sistemática entre partidos da mesma região, e era precisamente esse o motivo de se estabelecer subcentros articuladores nas periferias. Nem na pesquisa documental nem nos escritos sobre a história dos comunistas nas Américas, foi possível encontrar qualquer indício de comunicação sistemática entre comunistas mexicanos e sul-americanos anterior à entrada dos partidos comunistas do Cone Sul na IC. Ou seja, ao menos até meados de 1922 não é possível afirmar que havia qualquer rotina de comunicação entre os PCs da América Latina nem entre estes e seu congênere estadunidense. Há, no entanto, um certo exagero em avaliar esse isolamento dos PCs latino-americanos. Pierre Broué chega a sugerir que:

Até 1928, os partidos comunistas na América Latina surgem e se desenvolvem independentemente não só uns dos outros, mas sobretudo da órbita da Comintern que, em atraso com sua informação sobre o mundo, ignora toda a realidade econômica, social e política que os cerca e da qual eles se alimentam.⁶³

O Partido Socialista Internacional, fundado após a ruptura com o PSA (Partido Socialista Argentino) no início de 1917, daria origens, em dezembro de 1919, ao Partido Comunista de la Argentina.⁶⁴ Dois dos fundadores, José Fernando Penelón e Juan Greco, iriam a Moscou apenas em novembro de 1922 para o IV Congresso da IC. O último chegaria a Moscou alguns meses antes, em julho, para o II Congresso da Profintern. Sabe-se, por meio das publicações oficiais da Comintern, que o III Congresso da IC, em julho de 1921, já havia designado o PCA para organizar um *bureau* de propaganda, como segue:

EXTRATOS DE UM MANIFESTO DA CEIC SOBRE A CONCLUSÃO DO
TERCEIRO CONGRESSO DA COMINTERN
17 de julho de 1921

⁶³ BROUÉ, 2007, p. 365.

⁶⁴ Há, aqui, uma controvérsia cronológica uma vez que Daniel Campione afirma, em seu livro, que “los primeros pasos del Partido Socialista Internacional, agrupación política fundada en enero de 1918 como desgajamiento del Partido Socialista de la Argentina, que se convirtió, en diciembre de 1920, en Partido Comunista, como Sécción Argentina de la Internacional Comunista” (CAMPIONE, Daniel. **El comunismo en Argentina: sus primeros pasos**. Buenos Aires: Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini – CCC, 2005. p. 3.). A base para a citação no corpo do texto provém do seguinte trecho: “En el II Congreso del PSI reunido los días 19 y 20 de abril de 1919 es reelegido miembro del CE con el cargo de legado a los congresos internacionales. En ese mismo año preside el I Congreso Extraordinario del partido, reunido los días 25 y 26 de diciembre, en el que se adopta el nombre de Partido Comunista de la Argentina y se aceptan las 21 condiciones para adherir a la III Internacional contenidas en la Circular Zinoviev” (verbete “Penelón, José Fernando”, em TARCUS, Horacio (Ed.). **Diccionario Biográfico de la Izquierda Argentina: de los anarquistas a la “nueva izquierda”** (1870-1976). Buenos Aires: Emecé, 2007. p. 499). Há, no entanto, um entendimento de continuidade entre o PSI e o PCA em que pese a mudança de nome, já que não se alterou a composição partidária. (CAMPIONE, Daniel; MAIER, Bárbara; CANTERA, Mercedes Fernanda López. **Buenos Aires-Moscú-Buenos Aires: los comunistas argentinos y la Tercera Internacional, primera parte (1921-1924)**. Buenos Aires: Ediciones del CCC, 2007. p. 23.)

A primeira reunião do Comitê Executivo depois do terceiro congresso admitiu o Partido Comunista da Argentina, a quem foi pedido que organizasse um *bureau* de propaganda para a América Latina.⁶⁵

As diretrizes da IC e os bolcheviques se valeram da presença de Ghioldi no III Congresso para tornar a Argentina um porto seguro da imersão comunista na América Latina. Sua presença solidificou o alinhamento do então recém-formado PCA às 21 condições para a entrada na IC, consolidando o início do processo de bolchevização daquele que viria a ser o principal partido da América Latina para os núcleos dirigentes da IC.⁶⁶

Do mesmo modo que no caso do México, o interesse soviético na Argentina obedeceu a motivos estratégicos.⁶⁷ O país já havia chamado anteriormente a atenção de Lênin, já que ele mencionou o país num de seus textos mais famosos, “Imperialismo, etapa superior do Capitalismo”. Em 1916, data aceita como de elaboração do texto, Lênin caracterizara a Argentina como um país semicolonial e dependente dos países de capitalismo avançado, comparando-a à Turquia, China e à então Pérsia. O *leitmotiv* leniniano era, àquela época, a intensidade com a qual o capital financeiro inglês invadira a Argentina.⁶⁸ Ao sugerir uma análise que serviria a tantos países tão bem como à Argentina, Lênin estava explicitando uma generalização baseada na dependência econômica desses países em relação à Europa e Estados Unidos. Tal formulação dominaria as interpretações comunistas de maneira indiscriminada. Alguns anos depois, já a partir de sua fundação, a Comintern determinaria que todos os países fora do jugo colonial formal, mas que apresentassem severa dependência econômica, seriam classificados como “semicoloniais”.

Além da divisão entre países coloniais e semicoloniais, portanto, submetidos de maneiras e intensidades distintas ao fenômeno imperialista, havia também uma interpretação acerca dos conflitos de direção do próprio imperialismo. Assim Eugen Varga delineou a nova

⁶⁵ DEGRAS, 1955b, p. 282. “EXTRACTS FROM A MANIFESTO OF THE ECCI ON THE CONCLUSION OF THE THIRD COMINTERN CONGRESS. 17 July 1921. The first meeting of the Executive after the third congress admitted the Communist Party of Argentina, which was asked to set up a propaganda bureau for Latin America.” Os vínculos iniciais dos comunistas no México e na Argentina se davam diretamente com Moscou. A IC não prescindia da centralização do processo de formação das redes de comunicação entre a Rússia e América Latina.

⁶⁶ Cf. verbete “Ghioldi, Rodolfo José” em Tarcus (2007, p. 252).

⁶⁷ A Argentina teria sido mais fácil de compreender em função de suas semelhanças com a Europa e, talvez por isso, passou a ocupar, rapidamente, uma posição de liderança na América do Sul. Durante a vigência da III Internacional, Rodolfo Ghioldi e Victorio Codovilla foram as lideranças mais estáveis e duradouras. Cf. CABALLERO, 1986, p. 45. Caballero ainda levanta outros dois motivos que teriam atraído o interesse dos estrategistas soviéticos para a Argentina. Não há acordo com as proposições do autor, posto que: 1) os conflitos de classe e suas condições só se assemelhavam às europeias em Buenos Aires, os conflitos no campo tinham características “latino-americanas”; e 2) havia imigrantes em outros países da América Latina que poderiam exercer a tarefa de tradução (do alemão, russo, francês e inglês) para fomentar as atividades de propaganda.

⁶⁸ LENINE, Vladimir. O Imperialismo, fase superior do capitalismo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 575-671.

estrutura sobre a qual se assentava o conflito capitalista mais relevante para aquele momento: o anglo-americano em “Economic Basis of Imperialism in the U.S. of North America”, publicado em 1921. Sua tese central era a existência de um conflito interimperialista entre Estados Unidos e Inglaterra, tese posteriormente partilhada na segunda metade da década de 1920 por Astrojildo Pereira para uma interpretação do imperialismo na América Latina e defendida desde 1924 por Otávio Brandão em “Agrarismo e Industrialismo”.⁶⁹

Há poucos trabalhos produzidos no Brasil acerca dos vínculos latino-americanos do movimento comunista internacional. Os escritos repetem-se, tanto nas fontes como nos argumentos. A aparição do PCA serve habitualmente para justificar o enredo sobre o Secretariado Sul-Americano e a influência da Comintern sobre o PCB. A direção do PCA tem sido analisada sob a égide do alinhamento a Moscou.⁷⁰

⁶⁹ KAREPOVS, Dainis. **A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)**. 2001. Tese (Doutorado em História Social)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 611. Eugen Varga escreveu em 1921 “Economic Basis of Imperialism in the U.S. of North America”. Varga concluía: “Nós presumimos que o ponto alto da crise já foi alcançado, sintomas de melhora das condições econômicas estão para ser observados. Alguém pode dizer com certeza que, dada a colossal riqueza do país, o capitalismo imperialista será capaz de lidar efetivamente com a crise. Mas, apesar de toda essa riqueza, não obstante a eficácia da política que procura compensação na América do Sul e na China pelas perdas dos mercados europeus — a restauração da economia pública americana é impossível se a quebra do capitalismo europeu continuar no ritmo anterior. O futuro precisa levar inevitavelmente a uma colisão entre as três potências — os Estados Unidos, Inglaterra e Japão — uma colisão que é provocada em razão dos esforços de cada um desses países em adquirir posse dos, até agora saudáveis, elementos da economia pública mundial. Essa segunda guerra mundial provocará então uma crise dos países capitalistas similar a esta que no presente começa a ter efeitos na Europa continental”. Texto original: “We presume that the highest point of the crisis has been attained already, symptoms of improvement of the economic conditions are to be observed. One may say with assurance that, owing to the colossal wealth of the country, imperialist capitalism will be able to cope with the crisis. But, notwithstanding all this wealth, in spite of the efficacy of the policy which is seeking in South America and China compensation for the loss of the European markets—the restoration of American public economy is impossible if the breakdown of European capitalism should continue at the former rate. The future must lead inevitably to a collision between three world Powers—the United States, England and Japan—a collision which is called forth by the efforts of each of these countries to acquire possession of the, as yet healthy, elements of the world public economy. This second world war will call forth then a crisis of the capitalist countries similar to the one which has at present taken hold of continental Europe.” (VARGA, Eugen. *Economic Basis of Imperialism in the U.S. of North America*. **Marxists Internet Archive**. 2010. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/varga/1921/x01/x01.htm>>. Acesso em: 18 set. 2012). Trotski, em 1921, participou da escrita junto com Varga do seguinte texto: “The International Situation: a Study of Capitalism in Collapse” (In: **Marxists Internet Archive**. 2010. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/varga/1921/x01/x02.htm>>. Acesso em: 18 set. 2012). Em 1925, o mesmo Trotski defenderia a tese do choque imperialista entre Inglaterra e Estados Unidos: PINHEIRO, Paulo Sergio. **Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 154.

⁷⁰ Autores argentinos afirmam que os comunistas argentinos não se alinharam à IC de maneira inquestionável. “Uma análise mais pormenorizada revela que ao PC argentino não faltavam totalmente iniciativa e opiniões próprias. Nesses primeiros anos se costumava discutir duramente com os próprios representantes da Internacional no país, e inclusive com pedido à IC de seu deslocamento [...]. Não existia, porém, a atitude de reverência invariável pelo que vinha do ‘centro’, que se materializou anos depois.” “Un análisis más pormenorizado revela que el PC argentino no carecía totalmente de iniciativas y opiniones propias. En estos años primeros se solía discutir duramente con los propios representantes de la Internacional en el país, e incluso pedir a la IC su desplazamiento [...]. No existía todavía la actitud de reverencia invariable hacia lo que venía del ‘centro’, que se materializaría años después.” (CAMPIONE; MAIER; CANTERA, 2007, p. 24). Seguem

O movimento de alinhamento às 21 condições, na Argentina, se deu distintamente daquele ocorrido no México. Enquanto a criação e gestão do PCM esteve vinculada à Comintern e aos comunistas estadunidenses, no PCA o partido era autóctone.⁷¹

A formação do PCA se deu a partir da fusão de diferentes agremiações socialistas. A capilaridade social desses partidos era sensivelmente distinta daquela apresentada entre partidos da mesma natureza no México.⁷² Destarte, as características dos respectivos PCs, na Argentina e no México, carregam as marcas dessa peculiaridade de origem. Em que pese essa diferença, os primeiros contatos de argentinos com a IC, no entanto, foram semelhantes àqueles do PCM. Embora não pareçam ter desempenhado funções de emissário, ao menos três sujeitos não argentinos realizaram a tarefa de estreitar laços com Moscou: Mikhail Komin-Alexandrovsky, Mikhail Mashevich e Felix Weil. São poucas as referências sobre eles.

Paulo Sérgio Pinheiro cita um relatório acerca de uma viagem de prospecção feita por um comunista de nome Abramson. O relatório feito pelo próprio comunista teria chegado às mãos do “Bureau of Investigation” estadunidense e de um coronel da Marinha em Istambul evidenciando a ocorrência de três processos paralelos entre os anos de 1919 e 1922: a ida de Borodin e Katayama ao México, as investigações de Abramson pela América do Sul e as tentativas de latino-americanos em contatar Moscou. Sobre o autor do relatório, Pinheiro não se debruça utilizando-se do argumento de que no relatório “podem ser isolados alguns elementos que servirão de balizas para os debates e a política da IC em relação à América Latina”,⁷³ independentemente de sua autenticidade. A viagem relatada por Abramson teria se iniciado em finais de 1920, já que a 10 de janeiro de 1921 desembarcara em Lima após ter percorrido o Chile. Do Peru teria ido a Buenos Aires e Montevideu. De acordo com Pinheiro, no relatório consta a avaliação sobre a Argentina ser o melhor lugar para o estabelecimento da

exemplos de trabalhos de gerações distintas que fazem uso de arsenal documental parecido: SEGATTO, José Antonio. **Breve História do PCB**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981; PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros**: Memória e História do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009. O último exemplo se aproxima dos outros pela eleição dos documentos partidários como fonte primordial para a história dos comunistas e do PCB.

⁷¹ ROJAS, Gonzalo Adrián. **Os socialistas na Argentina (1880-1980)**: um século atuação política. Tese (Doutorado em Ciência Política)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 130. Rojas sugere que desde 1912 os socialistas argentinos já se digladiavam em torno de uma formação partidária, o Partido Socialista, e ao observar a composição do PSI e do PCA é possível depreender que na Argentina não havia dependência de militantes estrangeiros.

⁷² Sobre a Argentina: Cf. CAMARERO, Hernán. **A la conquista de la clase obrera**: Los comunistas y el mundo del trabajo, 1920-1936. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007; LOBATO, Mirta. **Rojos**: Algunas reflexiones sobre las relaciones entre los comunistas y el mundo del trabajo en la década de 1930. **Prismas, Revista de história intelectual**, Bernal, n. 6, 2002. Sobre o México: Cf. CARR, Barry. **La izquierda mexicana a través del siglo XX**. México DF: Ediciones Era, 1996; e VERDUGO, Arnoldo Martínez. **Historia del Comunismo en México**. México: Grijalbo, 1985; Grijalbo, 1985 (Enlace)

⁷³ PINHEIRO, 1991, p. 31.

Comintern, pois lá a centelha insurrecional, conquanto sob formas desorganizadas, se encontrava viva. Era necessário apenas elevar o nível de consciência de classe. Por fim, Abramson recomendava o envio de líderes sul-americanos à Europa para a formação de quadros.

Há aparições desse nome, Abramson, nas memórias de Nikita Khrushchev como zinovievista no embate do XV Congresso do PCUS contra Stalin.⁷⁴ Também surge como intérprete de Borodin quando este, em 1927, esteve em missão na China.⁷⁵ Khrushchev não se lembraria do primeiro nome de Abramson, apenas se recordaria do fato de que era de Leningrado e que, como quase todos os leningradenses, era um fiel apoiador de Zinoviev.

Emmanuel Moyseevich Abramson⁷⁶ acompanhou Mikhail Borodin e Vasily Blyukher como intérprete de ambos na China entre 1925 e 1927. A principal fonte dessa história é o livro de memória de Vera Vladimirovna Vishnyokova, que, com pouco mais de 20 anos, estudante universitária em Vladivostok, acompanhou parte da missão soviética na China. Sobre Emmanuel Abramson, ela conta que ele dominava muito bem o chinês dado o fato de haver nascido em Harbin, cidade do norte chinês próxima da fronteira com a Rússia. Em data incerta, Abramson viria a ser o secretário científico do Instituto de Pesquisa Científica na Universidade Sun Yat-Sen em Moscou, segundo Vishnyokova.⁷⁷

A hipótese de que emissários soviéticos tenham realizado prospecções na América do Sul é verossímil. Os problemas começam a aparecer quando do *timing* e dos motivos das visitas. Em janeiro de 1922, como já foi dito, após o fracasso da segunda empreitada cominterniana no México, Louis Fraina teria ficado responsável por “ir à América do Sul para investigar as condições para organização de pessoas com o intuito de disseminar propaganda na região”.⁷⁸ A essa altura, o argentino Rodolpho Ghioldi já havia estado em Moscou, chegando em maio de 1921 e saindo em data incerta, e o próprio Abramson já tinha feito sua viagem pela América Latina.

Mikhail Komin-Alexandrovsky, Mikhail Mashevich e Felix Weil foram entre 1920 e 1922 interlocutores da IC com a direção do PCA. As tensões advindas desse processo de

⁷⁴ KHRUSHCHEV, Nikita; KHRUSHCHEV, Sergei (Ed.). **Memoirs of Nikita Khrushchev**: Commissar (1918-1945). University Park: The Pennsylvania State University Press, 2005. v. 1. p. 20-23.

⁷⁵ HOLTHOON, Frits van; LINDEN, Marcel van der. **Internationalism in the Labour Movement, 1830-1940**. Leiden: E. J. Brill, 1988. v. 2. p. 125.

⁷⁶ “F.495,op.65a,d.863” é o número de chamada do arquivo pessoal de Abramson e nele nada consta. Sabe-se a partir da organização do RGASPI que seu arquivo pertence ao setor da “Administração” da IC.

⁷⁷ VISHNYAKOVA-AKIMOVA, Vera Vladimirovna. **Two Years in Revolutionary China, 1925-1927**. Cambridge: Harvard University Press (Harvard East Asian Monographs), 1971. p. 250.

⁷⁸ FRAINA apud SPENSER, 1999, p. 49.

diálogo já foram esmiuçadas por Victor e Lazar JEIFETS.⁷⁹ A dinâmica de resolução de conflitos entre dirigentes da IC em Moscou, seus representantes na América Latina e os comunistas latino-americanos em seus respectivos países foi bastante variada, e os métodos empregados para solucionar os conflitos também variaram de acordo com cada um dos três interlocutores. Alexandrovsky dirigia comunicados ao CEIC tanto detalhando as falhas na execução de diretrizes da IC quanto acusando a direção do PCA de sabotar a organização de uma seção da Sindical Vermelha em Buenos Aires. A razão para as estratégias da direção do PCA, segundo as análises de Victor e Lazar JEIFETS, é que os argentinos temiam conceder a Alexandrovsky um canal de diálogo direto com a IC. Ou seja, o controle do aparelho político não podia prescindir do poder de produzir decisões políticas e do monopólio do contato com Moscou.

Dados o pioneirismo dos contatos com Moscou e uma avaliação positiva dos emissários da IC – como o relatório Abramson já sugeria – do trabalho político realizado entre operários, o PCA terminou guiando os rumos das discussões sobre a América Latina. Isso implicava que temas e análises da realidade deveriam ter as posições do PCA como parâmetro e que, por algum tempo, o restante dos PCs do Cone Sul viriam a reboque. Uma dinâmica diferente de comunicação entre a IC e seus apêndices só se estabeleceria após a criação do Secretariado Sul-Americano, em 1924, e sua implementação no ano seguinte.

Mesmo a consolidação de Partidos Comunistas no Cone Sul se realizou sob a tutela dos argentinos. No caso brasileiro, a ida de Antonio Canellas ao IV Congresso da IC em 1922 foi intermediada pelo PCA.⁸⁰ Após o episódio que culminou no primeiro esforço de bolchevização do PCB, o partido sofreria uma intervenção dos comunistas argentinos em nome do Bureau Sul-Americano já em 1923.⁸¹ Em correspondência ao “Grupo Comunista do Brasil”, argentinos demandavam informações sobre a realidade brasileira.⁸² Mesmo timidamente, e estando a América Latina fora do centro de preocupações de Moscou, a partir de 1922 a IC, por meio da representação dos argentinos, procurava construir informações acerca da América Latina e do Brasil.⁸³ O repertório de dados que a IC construiu sobre a região seria útil em 1928, quando ocorreu uma inflexão no interesse soviético na região.

⁷⁹ JEIFETS, Victor. Die Komintern und Argentinien in den Jahren 1919-1922. Die Kommunistische Partei Argentinien gegen die “argentinischen Lenins”. *The International Newsletter of Communist Studies*, Mannheim, v. 15, n. 22, p. 137-147, 2009. passim.

⁸⁰ Centro de Memória (UNESP) – 495.029.005, bobina 3, identificação 107. Arquivo digital: ic-0107.pdf.

⁸¹ Centro de Memória (UNESP) – 495.029.009, bobina 3, identificação 111. Arquivo digital: ic-0112.pdf.

⁸² Centro de Memória (UNESP) – 495.029.005, bobina 3, identificação 105. Arquivo digital: ic-0105.pdf.

⁸³ Não há indicações precisas sobre as construções dessas informações antes de 1928. A questão que se impõe é: se os dados compilados são apresentados em reuniões periódicas em 1928, trata-se de um indicativo de que haviam sido construídos antes. Infelizmente o autor desconhece trabalhos realizados no Brasil ou em qualquer

O Partido Comunista da Argentina foi, durante todo o período de bolchevização das seções da IC na América Latina, uma organização com canais privilegiados de comunicação com Moscou. Sairia do PCA o quadro de dirigentes dos organismos da IC no continente, como, por exemplo, o condutor do Secretariado Sul-Americano, Vitorio Codovilla, do Bureau Sul-Americano, que continuou tendo como protagonistas os argentinos Codovilla e Ghioldi.⁸⁴ A ascendência argentina seria de tal modo sentida que impor a uma distinção clara entre os comunistas do Cone Sul, liderados pelos argentinos, e os outros latino-americanos.⁸⁵

outro lugar sobre os estudos realizados na Escola Leninista Internacional e na Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente, fundadas em 1926 e 1921, respectivamente.

⁸⁴ CABALLERO, 1986, p. 27-33. A forma por meio da qual a Comintern se relacionou com os comunistas latino-americanos modificou-se ao longo da década de 1920, e as transformações de *bureau* para secretariado são indicadores dessas alterações. Em que pese o argumento factível de que houve desinteresse da Comintern em relação à região durante a primeira metade da década de 20, a ascensão do stalinismo modificou tal posição. A estruturação do Secretariado, conduzida pelo suíço Jules Humbert-Droz – bukharinista de primeira ordem – é um indicador do argumento. A queda de Humbert-Droz e ascensão de Guralsky, um zinovievista, para refundar o Secretariado sob a forma de um *bureau* também pode ser lida como indicativo de que o movimento comunista na América Latina passou a responder em sincronia às vibrações políticas providas de Moscou. Caballero, no entanto, entende o contrário. Para ele houve falta de interesse da burocracia stalinista na região, por isso designou Guralsky, de modo que o *bureau* foi liquidado silenciosamente e pouco se ouvia falar dele até o fim da IC, em 1943. Ele relaciona uma possível queda do *bureau* também à perda do quartel-general da IC na Alemanha a partir de 1932. Já Eudocio Ravines, antigo comunista que escreveu e teve livro publicado com financiamento da CIA (ver WORLDWIDE propaganda network built by the CIA. **The New York Times**, Nova York, 26 dez. 1977. Disponível em: <<http://jfk.hood.edu/Collection/Weisberg%20Subject%20Index%20Files/C%20Disk/CIA%20Reporters%20News%20York%20Times%20Series%2012-25-77/Item%2007.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2014), sugere o oposto. Para ele, em finais da década de 1920, “En la America del Sur había comenzado a actuar un selecto grupo de comunistas de diversas nacionalidades, constituyendo el Bureau Sud-americano de la Internacional Comunista y laborando, por primera vez, bajo la dirección inmediata y el comando personal de guías soviéticos, de bolsheviquis expertos en las tareas revolucionarias.” RAVINES, Eudocio. **La Gran Estafa: la penetración del Kremlin en Iberoamérica**. México: Libros y Revistas, 1952. p. 163. Cf. MUÑOZ CARRILLO, Gabriel. **Disputa por el comunismo en Chile: estalinistas y opositoristas en el partido de Recabarren (1924-1934)**. Informe de Seminario (Licenciatura em História)–Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago, 2014.

⁸⁵ Em documento de data incerta (possivelmente 1928-1929), em uma reunião do grupo executivo do Bureau Sul-Americano (não aparece o nome “Secretariado”) surge a seguinte posição: “É preciso recordar que no último congresso da ISV [Internacional Sindical Vermelha], os delegados sul-americanos, de Argentina, Chile, Uruguay e Brasil, têm sempre estado em acordo; estas delegações de países onde existe um verdadeiro movimento operário estavam formadas por operários. Os delegados dos partidos do Norte formavam coalizão contra os sul-americanos. Os companheiros do México, lamento dizê-lo, estão completamente desviados e têm iniciado uma verdadeira luta contra os companheiros e Partidos dos Sul. É preciso evitar essas lutas esclarecendo bem as coisas.” “Hay que recordar que en el ultimo Congreso de la I.S.R., los delegados sudamericanos, de Argentina, Chile, Uruguay y Brasil, han estado siempre de acuerdo; estas delegaciones provenientes de países donde existe un verdadero movimiento obrero, estaban formadas por obreros. Los delegados de los países del Norte, formaban coalición contra los sudamericanos. Los compañeros de México, lamenta decirlo, están completamente desviados, y han iniciado una verdadera lucha contra los compañeros y los Partidos del Sur. Hay que evitar esas luchas aclarando bien las cosas.” RGASPI (Arquivo Estatal Russo de História Sócio-Política), F. 503, op. 1, d. 62.

2.4 Os soviéticos e o debate sobre raça: a Comintern entre negros e índios

A Internacional foi, inicialmente, um veículo de propaganda e de interação entre os comunistas de todo o mundo uma vez que ainda vigia no início da década de 1920 a tese de que, para ser vitoriosa, a revolução deveria ser mundial. A IC tinha, na verdade, dois papéis simultâneos: propugnar a revolução mundial e defender a União Soviética. Ao ancorar um no outro, estavam lançadas as bases da aplicação da tese do socialismo num só país. Era mais ou menos evidente que a execução rigorosa da revolução mundial colocaria em risco a URSS. Sendo assim, o combate ao imperialismo a partir das colônias serviria também para tentar dirigir o conflito de classes para longe do centro do capitalismo. Portanto, em certo sentido, a tese leniniana do combate ao imperialismo satisfaz os desígnios dos soviéticos que pleiteavam, sobretudo, a proteção do novo estado proletário em detrimento da revolução mundial.

Foi durante o II Congresso da Comintern, em Petrogrado e Moscou, no mês de julho de 1920, que as formulações teóricas para as áreas coloniais seriam definidas. O argumento leniniano se sobrepôs: todos os partidos comunistas estavam incumbidos da tarefa de apoiar os movimentos de libertação nacional liderados pelas burguesias nacionalistas das colônias. Lênin ainda aprofundaria o argumento ao sugerir que a vitória do comunismo na Europa dependia da vitória anterior da revolução nas colônias.⁸⁶ Essa conclusão, de profundo impacto nas decisões ulteriores da Comintern, possui uma história que tem ligação com a formação de liberais russos do século XIX. Filhos dessa tradição, Lênin, Bukharin, Trotski, Zinoviev, o próprio Stalin e, possivelmente, toda a geração de bolcheviques de 1917 impuseram os marcos a partir dos quais se travaria o debate acerca das questões coloniais e, como consequência, da autodeterminação.

A questão racial surgiria como parte dos espíritos nacionais que desde o tempo czarista compunham o Estado russo. A questão nacional, imiscuída por uma racialização, tangenciou o centro das formulações dos bolcheviques acerca das nações circunvizinhas. Desse modo, não era possível aos comunistas soviéticos escapar dos limites colocados pelas caracterizações autoimpostas pela origem geográfica: caucasianos, uralianos, siberianos e moscovitas eram definidos por pares do PCUS em termos de suas naturalidades, e isso também estabeleceu o limite da duração que o internacionalismo teve na URSS.

⁸⁶ MATUSEVICH, Maxim. An exotic subversive: Africa, Africans and the Soviet everyday. **Race and Class**, Londres, vol. 49, n. 4, p. 60, abr. 2008.

Ao analisar a tríade raça–colonialismo–autodeterminação, é possível conceber distinções significativas entre a Rússia e países ocidentais como Inglaterra, França e Estados Unidos. A primeira e mais relevante delas é a posição do negro, que tem um papel irrelevante no processo de racialização russo-soviética. As influências de certa intelectualidade liberal russa da segunda metade do século XIX podem ajudar a explicar o itinerário.

Possivelmente influenciado pelo poeta Alexandre Pushkin, mas também pelo vigor das instituições ligadas à servidão, Alexander Herzen⁸⁷ foi um dos liberais que inspirou uma insurreição de servos em 1861. Junto a outros liberais russos da segunda metade do século XIX, demonstrara especial asco pela instituição da escravidão nos Estados Unidos. Ainda que “ocidentalizados” para os padrões russos, Herzen, Vissarion Belinsky e Nikolay Chernyshevsky⁸⁸ constituíram-se como expressões do liberalismo que inspiraria as gerações seguintes de anticzaristas. Este último traduziu “A cabana do pai Tomás” em 1858 e, utilizando-se de sua gráfica e de seu jornal, distribuiu-o gratuitamente forjando uma dada impressão literária sobre a vida do negro nos Estados Unidos dentre os círculos letrados e progressistas da Rússia czarista.

Esse mesmo grupo de liberais viria a sustentar intenso, embora casual, intercâmbio com afro-americanos. Houve turnês do ator afro-americano Ira Albridge, que estreou no Leste Europeu e na Rússia no final da década de 60 do século XIX. Em pleno vigor de ideias racialistas e no auge das tensões nos Estados Unidos e no Ocidente, esses são indícios de que parte da intelectualidade russa não tinha no negro o centro de seu pensamento racialista. Albridge gozaria de amplo reconhecimento até sua morte, 1867, quando em turnê na Polônia. Deixou uma grande amizade com o poeta e pintor ucraniano Taras Shevchenko. Não por acaso, este último era ligado ao movimento Pan-Eslavista e mantinha estreito vínculo com os círculos liberais anticzaristas da Rússia.⁸⁹

Chernyshevsky, o tradutor de “A cabana do pai Tomás”, viria a influenciar Lênin provavelmente em mais de um sentido. Além de jornalista e crítico literário, Chernyshevsky se aventuraria, quando preso em São Petersburgo em 1862, pelos meandros da literatura; ele próprio escreveria seu romance. Intitulado “Que fazer?”, é tido como uma espécie de manual da revolução, uma vez que inspirou uma legião de revolucionários das décadas seguintes.

⁸⁷ Seria um dos inspiradores do “People’s Party”, partido que viveu nos Estados Unidos entre 1892 e 1896, cuja plataforma se caracterizava por um certo populismo agrário, já que suas hostes eram constituídas por pequenos proprietários de terra e, mais que isso, se opunham à abertura de estradas de ferro e à organização econômica em torno de bancos e indústrias.

⁸⁸ Para mais sobre a formação dessa intelectualidade russa, ver: BERLIN, Isaiah. **Russian Thinkers**. Londres: Penguin Books, 1994.

⁸⁹ MATUSEVICH, 2008, passim.

“Que fazer?” é um tipo de publicação de modelo moral para a atividade revolucionária, em que o ascetismo e a abnegação, aliados ao senso de justiça e perspicácia intelectual,⁹⁰ coadunam-se para a formação de um novo sujeito, pronto para as transformações sociais. Esse sujeito era tido como “o rigorista”.⁹¹ Outra característica desse sujeito era o medo que causava nos outros à sua volta.⁹² Esse foi o modelo psicológico que chegou aos bolcheviques. A personagem que materializou essas características foi o moralista e asceta Rakhmetoff, a figura que beiraria a obscuridade na trama, marcaria o modelo comportamental e, mais que isso, ético-moral dos radicais russos que viriam a seguir. Não fosse bastante a inspiração, Lênin e Tolstói escreveriam textos com o mesmo título.

Ainda durante a vigência da Segunda Internacional (1889-1916), Lênin teria acesso a estudos de sul-africanos sobre a questão racial naquele país, sendo esse o primeiro momento em que passou a refletir sobre o racismo que dividia negros e brancos. É possível inferir que a influência global exercida por Chernyshevsky em termos ético-morais incluísse também uma dada perspectiva acerca do negro, já que Chernyshevsky acompanhava uma certa tradição liberal anticzarista, antiescravista e, em algum termo, antirracista, ao menos em relação ao negro.

A elaboração de um pensamento específico, por parte de Lênin, acerca da questão racial e, quiçá, sobre a segregação racial nos Estados Unidos, na África do Sul e onde quer que ela existisse, não passou de uma possibilidade. Em 1917, a *International Socialist League* (ISL) da África do Sul publicaria, em um jornal ligado à Comintern, texto que concluía pela complexidade das relações no âmbito da classe trabalhadora por ser ela dividida em negros e brancos.⁹³ A tese da classe trabalhadora única e unida contra o capital decididamente

⁹⁰ CHERNYSHEVSKY, Nikolay. **What's to be done?** Boston: Benj. R. Tucker Publisher, 1886. p. 208.

⁹¹ Ibid., p. 180.

⁹² Ibid., p. 207.

⁹³ “Em 1915, um grupo de socialistas e sindicalistas revolucionários romperam com o Partido Trabalhista da África do Sul em razão de seu apoio à Primeira Guerra Mundial e formou a Liga Internacional Socialista (LIS). [...] A LIS criticou intermitentemente os apelos racistas do Partido Trabalhista da África do Sul assim como seu jingoísmo e, em seus primeiros manifestos de propaganda e eleitorais, a LIS transferiu uma ênfase sem precedentes na necessidade de solidariedade inter-racial face aos conflitos com empregadores. A liga era fortemente influenciada pelos primeiros grupos de imigrantes britânicos, um número os quais tinha absorvido ideias sobre a necessidade de um sindicalista de massa livre das divisões de cor do filósofo marxista americano, Daniel DeLeon, e a radical *Industrial Workers of the World* (IWW)”. “In 1915, a group of revolutionary socialists and trade unionists split from South Africa's Labour Party over its support for the First World War and formed the International Socialist League (ISL). [...] The ISL intermittently criticised the South African Labour Party's racist appeals as well as its jingoism and, in its early propaganda and electoral manifestos, the ISL carried an unprecedented emphasis on the need for interracial solidarity in the face of conflicts with employers. The League was strongly influenced by the early cohort of British immigrant syndicalists, a number of whom had in turn absorbed ideas about the necessity of colour-blind mass unionism from the American Marxist philosopher, Daniel DeLeon, and the radical *Industrial Workers of the World* (IWW).” JOHANNINGSMEIER, Edward. *Communists and Black Freedom Movements in South Africa and the US: 1919-1950*. **Journal of Southern**

encontrara um problema concreto. Nem Lênin nem outros bolcheviques tinham acesso a informações.⁹⁴ Mesmo que ele não tenha se aventurado em nenhuma análise sistemática sobre a questão racial, ele se colocaria como entusiasta do estudo da questão.

Uma elaboração mais específica sobre a questão negra no movimento comunista internacional só se tornaria pública a partir da pressão realizada por organizações como a ISL (ou LIS, em português) e por outras, vindas dos Estados Unidos. Se houve simpatia em relação à Revolução Bolchevique dentre os diversos grupos oprimidos no mundo, por outro lado houve um duplo movimento de “oportunismo”, por parte tanto da Internacional Comunista quanto dos diversos grupos subalternizados organizados. De todo modo,

O novo regime viu claramente seu triunfo como uma precondição necessária para uma eventual emancipação das massas exploradas não europeias. O sucesso da vitória bolchevique presumidamente criou um tipo de ponte histórica ligando os destinos do proletariado nas colônias com aqueles do novo proletariado na Rússia. Esse sentimento se encontrou numa das primeiras canções populares soviéticas *Moia Afrika* (“Minha África”). O poeta Boris Kornilov descreveu uma curiosa história na qual um oficial da cavalaria africana (provavelmente um *tirailleur Sénégalais*), que lutou contra os inimigos da revolução durante a guerra civil russa e foi tido como morto em 1918, liderou o ataque dos Vermelhos contra os Brancos perto de Voronezh “para golpear os capitalistas africanos e a burguesia”.⁹⁵

A Comintern debateu a questão racial desde seu início. Com relação aos negros, John Reed provavelmente foi o primeiro a fazê-lo no II Congresso, em julho de 1920. No III Congresso a delegação sul-africana propôs que o CEIC considerasse a questão negra, e a proposta foi aceita.⁹⁶ Em julho de 1924 foi constituída uma Comissão Negra com a participação “dos partidos da França, Bélgica e Inglaterra para realizar propaganda entre

African Studies, v. 30, n. 1, p. 157, mar. 2004. Special Issue: Race and Class in South Africa and the United States.

⁹⁴ Em novembro de 1920, Lênin faria um pedido via Londres do livro de Davidson Don Tengo Jabavu: “The Black problem. Papers and Addresses on various native problems”. Tratava-se, possivelmente, do primeiro livro publicado por um negro sul-africano. Cf. DAVIDSON, Apollon; FILATOVA, Irina; GORODNOV, Valetin; SHERIDAN, Johns (Orgs). **South African and the Communist International**: A documentary history. Londres, Portland: Frank Cass Publishers, 2003. v. 1 (Socialist pilgrims to Bolshevik footsoldiers). p. 3.

⁹⁵ MATUSEVICH, 2008, p. 59. “The new regime clearly saw its triumph in Russia as a necessary precondition for the eventual emancipation of the exploited non-European masses. The success of the Bolshevik takeover presumably created a kind of historical bridge linking together the destinies of the proletariat in the colonies with those of the new proletariat state in Russia. This sentiment found its way into a popular early Soviet ballad ‘*Moia Afrika*’ (‘My Africa’). The poet Boris Kornilov described an odd story in which an African cavalry officer (probably a *tirailleur Sénégalais*) who fought the enemies of the revolution during the Russian civil war and reportedly died in 1918, led the Reds’ attack against the Whites near Voronezh ‘in order to deal a blow to the African capitalists and the bourgeoisie’.” Paralelamente a isso, é preciso destacar que “O entusiasmo e admiração de comunistas sul-africanos pela Rússia Soviética e pela Comintern não significou, no entanto, que o CPSA [Partido Comunista da África do Sul] aceitasse todas as decisões da Comintern como sendo imediatamente aplicáveis na África do Sul.” “The enthusiasm and admiration of the South African communists for Soviet Russia and the Comintern did not mean, however, that the CPSA accepted all the decisions of the Comintern as immediately applicable in South Africa.” (JOHNS, 1975, p. 206).

⁹⁶ Cf. DEGRAS, 1955b, p. 398-401.

negros”.⁹⁷ Mas o VI Congresso da IC, em 1928, marcou uma posição das mais importantes no que diz respeito ao debate sobre os negros.

Nesse caso, e da hoje chamada diáspora africana, a África do Sul e os Estados Unidos tiveram uma proeminência nas preocupações cominternianas. Os primeiros interesses soviéticos na questão negra e no racismo são resultado de reflexões acerca da África do Sul. No que tange as organizações da Comintern e os protagonistas do movimento comunista internacional que refletiram sobre a questão, Apollon Davidson afirma:

O fundador da Comintern, Vladimir Ilich Lenin, mostrou interesse nos eventos da África do Sul. Em diferentes tempos e diferentes circunstâncias, conhecidos líderes da Comintern estiveram de uma maneira ou de outra conectados com a África do Sul ou tiveram que lidar com os problemas do movimento comunista da África do Sul. Entre eles estiveram Nikolai Ivanovich Bukharin, Grigori Yevseievich Zinoviev, Dmitri Zakharovich Manuilsky, André Marty, Georgi Dimitrov, Willi Münzenberg e Solomon Abramovich Lozovsky.

[...] Está claro, porém, que os departamentos que mais proximamente se envolveram na África do Sul em diferentes momentos foram o Secretariado do Oriente e o Secretariado Anglo-Americano. Ambos respondiam ao Secretariado Político e ao *Presidium* – os corpos mais altos do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC).

[...] Além desses corpos permanentes, existiram inúmeras comissões temporárias e *ad hoc* que lidaram com a África do Sul. As mais importantes entre elas foram a Comissão Sul-Africana (a então chamada “Comissão Marty”, nomeada em razão do seu chefe, o comunista francês André Marty) e a Comissão Negra. As afiliadas da Comintern, como a Internacional Sindical Vermelha (ISV), a Internacional Camponesa (Krestintern) e o Socorro Vermelho, também estiveram envolvidas com assuntos sul-africanos.⁹⁸

O interesse de Lênin na África do Sul, citado por Davidson, guardava relação com o recrudescimento das relações raciais naquele país e sua aparente semelhança com o caso estadunidense. Em 25 de janeiro de 1921 houve um encontro do CEIC para discutir um relatório encaminhado pela ISL à Comintern. O teor do relatório, escrito por J. Bakker e S. Barlin, era basicamente um detalhamento das condições dos trabalhadores sul-africanos e de sua disposição de luta junto à IC. Findada a leitura do relatório, houve uma breve discussão, segundo a ata:

⁹⁷ DEGRAS, 1959, p. 164.

⁹⁸ DAVIDSON; FILATOVA; GORODNOV; SHERIDAN, 2003, p. 3-4. “The founder of Comintern, Vladimir Ilich Lenin, showed much interest in events in South Africa. At different times and in different circumstances, many well-known Comintern leaders were in one way or another connected with South Africa or had to deal with problems of South Africa’s communist movement. Among them were Nikolai Ivanovich Bukharin, Grigori Yevseievich Zinoviev, Dmitri Zakharovich Manuilsky, André Marty, Georgi Dimitrov, Willi Münzenberg and Solomon Abramovich Lozovsky.

[...] It is clear, however, that the departments of the Comintern most closely involved in South Africa at different times were the Eastern Secretariat and the Anglo-American Secretariat. Both reported to the Political Secretariat and to the *Presidium* – the highest bodies of the Executive Committee of the Communist International (ECCI). [...] Besides these permanent bodies there were several temporary and *ad hoc* commissions that dealt with South Africa. The most important among these were the South African Commission (the so called ‘Marty Commission’, named after its head, the French communist André Marty) and the Negro Commission. The Comintern’s affiliates, such as the Red International of Labour Unions (RILU), the Peasant International (Krestintern) and the International Red Aid (IRA), were also involved in South African affairs.”

Zinoviev: Eu acho que é conveniente organizar uma comissão para estudar a questão sobre os negros. Essa questão foi discutida superficialmente duas vezes, mas por causa da ausência dos camaradas da África não se chegou a nenhuma conclusão. Eu peço que se planeje um documento sobre esse assunto e que se discuta a questão da África do Sul juntamente com os camaradas.

Um camarada finlandês de Estocolmo: Eu gostaria de propor unidade de todos os partidos da África, Austrália que estão subordinados a Inglaterra em um Comitê Central e colocá-lo sob o Comitê Executivo. Este deveria, no entanto, ser transferido para outra cidade europeia já que Moscou é muito longe desses camaradas.

Zinoviev: Eu proponho Quelch, Jansen, Varga para essa comissão.

Quelch: Eu proponho o quarto, camarada Roy.

Zinoviev: A proposta foi aceita. Ambos os camaradas africanos estão convidados a trabalhar nessa comissão. Então a questão foi resolvida para o momento.⁹⁹

Algum tempo antes, em 1920, a questão negra foi parte de um debate sobre a “questão nacional e colonial” no II Congresso da IC. As reflexões sobre os Estados Unidos preponderaram durante as discussões. Um ano depois, no III Congresso, David Ivon Jones, militante do PC da África do Sul, levantou a questão negra mais uma vez.¹⁰⁰ No decorrer da década de 1920, as interpretações redundariam em organizações como a *League Against Imperialism* fundada em 1927.¹⁰¹ Na IC, portanto, havia um debate sobre a questão racial relativa aos negros nas colônias, nas Américas e na Europa. Ainda que difusamente apresentadas, as formulações de comunistas se articulavam com ditames leninianos de combate ao imperialismo.

Como em outras áreas de atuação da Internacional, a efetividade da ação no que tange às questões negra e africana foi relativa. Um exemplo é o chamado Bureau Negro da Profintern, a Internacional Sindical Vermelha. O *bureau* foi organizado em novembro de 1928, após decisão do Secretariado Político do CEIC e também depois do VI Congresso da IC. Esse *bureau* teria sido fundado por uma iniciativa dos “camaradas negros” e o Secretariado Político aproveitaria a chance para reiterar uma crítica feita anos antes aos partidos comunistas da França, Inglaterra, Bélgica e de outros países colonialistas em razão da

⁹⁹ DAVIDSON; FILATOVA; GORODNOV; SHERIDAN, 2003, p. 62-63. “Zinoviev: I think that it is expedient to organise a commission to study the question about the Blacks. This question has been superficially discussed twice but because of the absence of comrades from Africa this has not led to any conclusions. I ask to devise a document on this issue and to discuss the South Africa question together with comrades.

A Finnish comrade from Stockholm: I would like to propose to unite all Parties in Africa, Australia which are subordinate to Britain in one Central Committee and to place it under the Executive Committee. It should, however, be transferred to another European city for Moscow is too far removed from these comrades.

Zinoviev: I propose Quelch, Jansen, Varga for this commission.

Quelch: I propose the fourth, Comrade Roy.

Zinoviev: The proposal is accepted. Both African comrades are invited to participate in the work of this commission. So the question is settled for the moment.”

¹⁰⁰ DREW, Allison. Bolshevizing Communist Parties: The Algerian and South African Experiences. *International Review of Social History*, Amsterdam, v. 48, p. 167-202, 2003.

¹⁰¹ PETERSSON, Fredrik. *In Control of Solidarity?* Willi Münzenberg, the Workers’ International Relief and League against Imperialism, 1921-1935. *CoWoPa* 8/2007. Disponível em: <<http://www.abo.fi/institution/media/7957/cowopa12petersson.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2012.

inabilidade desses partidos em conduzir um engajamento efetivo da luta anticolonialista. Assim como o Bureau Negro, existiram em tempos distintos, uma Subcomissão Negra, uma Comissão Negra (1922 e 1924) e o Bureau ou Setor Negro. Ou seja, de algum modo houve, com frequência, grupos discutindo a questão, associando-a ao combate ao imperialismo tanto assim que coube ao Secretariado do Oriente a responsabilidade de construir comissões e *bureaux* negros.¹⁰²

O produto das inflexões teóricas e práticas da Comintern resultou em diferentes formas organizativas de lidar com a questão negra. Em linhas gerais, as flutuações das teses sobre a questão negra variaram, na década de 1920, entre versões mais e menos radicais daquela que resolvia o problema da raça por meio da resolução da luta de classe.¹⁰³

De alguma forma, o mesmo se pode dizer sobre a questão indígena na América Latina. Partidos comunistas de países como Peru, Equador, Colômbia e Bolívia estiveram, ao menos até 1928, ligados organicamente às elaborações do Partido Comunista do México. Alguns casos de heterodoxia marxista são mais conhecidos em razão das discordâncias com as formulações gerais da Comintern. O caso de José Carlos Mariátegui é apenas o mais famoso. Outros menos famosos, embora igualmente significativos, são os casos de Ricardo Paredes,¹⁰⁴ no Equador, e Julio Antonio Mella,¹⁰⁵ em Cuba, que apresentaram expressivas discordâncias com as linhas gerais de seus partidos, no caso deste último, e, no caso daquele, com a própria Internacional Comunista.

Como já foi exposto no início do capítulo, a questão negra entraria na agenda cominterniana por meio da estratégia anti-imperialista e da tentativa de fazer ruir os impérios partindo das colônias. Por seu turno, o debate sobre a questão indígena chegaria ao movimento comunista internacional via questão camponesa. São as distinções entre o campesinato latino-americano e o asiático que fundamentaram a heterodoxia desse marxismo latino-americano de finais da década de 1920. Sua sedimentação é resultado sobretudo das reflexões sobre a concentração fundiária e participação do imperialismo nessa estruturação do campo comum aos países latino-americanos, com ênfase naqueles da região andina.

¹⁰² “Reference to Negro (sub-) Commission is to a special ad hoc group which was formed to investigate a certain topic or aspect which was discussed at the World Congresses.” WEISS, 2009, p. 10.

¹⁰³ Nessa breve apreciação da abordagem da questão negra pelos comunistas, deixei de lado proposadamente os Estados Unidos e o Caribe, já que eles constituirão um próximo capítulo.

¹⁰⁴ Cf. ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista: 1922-1929**. São Paulo: Vertice, 1988. p. 36.

¹⁰⁵ Cf. SENA, Caridad Massón. Comintern y comunismo en Cuba: Una reflexión crítica. **Revista Izquierdas**, Santiago, ano 3, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://www.izquierdas.cl/revista/wp-content/uploads/2011/07/Masson.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2012. Atualização em dez. 2014: <<http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2011/07/masson.pdf>>.

Uma outra chave teórica para a Comintern foi o conceito de raça, que, conquanto não tenha sido explorado, aparece nas diretivas da IC. “Raça” aparece relacionada a aspectos como idioma, fenótipo e posição no mundo do trabalho. No caso dos Estados Unidos, os comunistas da IC também avaliavam, a partir de 1928, que a condição específica do negro naquela sociedade de classes, especialmente no Sul dos Estados Unidos, não se apresentava propensa à formação de uma classe trabalhadora unificada, sem barreiras raciais. Assim, tendo em vista a segregação racial existente em sua própria classe, a existência de vasta população distribuída geograficamente numa região específica e a afinidade idiomática, os comunistas perceberam aspectos formativos de uma nação. No caso dos indígenas e da África – exceção feita à África do Sul – a avaliação fazia preponderar ora o aspecto linguístico ora o critério “geográfico”. Em alguns casos ambos os critérios coincidiam, como no caso do Secretariado Anglo-Americano, cuja jurisdição abrangia, além do óbvio, as colônias britânicas, inclusive o Caribe anglófono, Canadá,¹⁰⁶ África do Sul¹⁰⁷ e Austrália.¹⁰⁸ Algumas versões das muitas comissões negras eram subordinadas ao Secretariado do Oriente, este como um sinônimo de “Secretariado dos povos coloniais”. No caso dos indígenas na América do Sul e Central, as análises identificavam, por vezes, grupos raciais tipificados linguisticamente a partir da raça maior, a “indígena”. O caso da Bolívia em abril de 1929 é analisado da seguinte maneira:

Os indígenas compõem na Bolívia o que em outros lugares se denomina campesinato porque trabalham fundamentalmente com os labores do campo. Existem dois grupos raciais principais: o *aimará* e o *quechua*, diferenciados seu caráter, sistema de vida e costumes.¹⁰⁹

No caso do Equador, Ricardo Paredes, importante comunista equatoriano, avaliava que:

A maior parte dos trabalhadores são os representantes de uma raça *mitigada*; os índios puros não são os mais numerosos salvo em regiões de algumas províncias. A classe trabalhadora está, pois, submetida a duplo jugo: opressão de raça (prejuízo da “raça inferior”) e opressão econômica.¹¹⁰

¹⁰⁶ “Minutes of the Anglo-American Colonial Group of the Communist International. 1922.” RGASPI, F. 495, op. 72, d. 2.

¹⁰⁷ DAVIDSON, 2003, p. 166.

¹⁰⁸ LOVELL, David; WINDLE, Kevin. **Our Unswerving Loyalty**: A documentary survey of relations between the Communist Party of Australia and Moscow, 1920-1940. Canberra: The Australian National University Press, 2008. p. 281.

¹⁰⁹ LA CORRESPONDENCIA Sudamericana, Buenos Aires, n. 10, p. 6, 30 abr. 1929. “Los indígenas componen Bolivia lo que en otras partes se denomina el campesinato porque trabajan fundamentalmente en las labores del campo.

Existen dos grupos raciales principales: el *aimará* y el *quichua*, diferenciados en su carácter, sistema de vida y costumes.”

¹¹⁰ PAREDES, Ricardo. El movimiento obrero en el Ecuador. **La Internacional Sindical Roja**, n. 1, p. 77, ago. 1928. Disponível em: <<http://www.yachana.org/earchivo/comunismo/paredes-isr-agosto28.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012. “La mayor parte de los trabajadores son los representantes de una raza mitigada; los indios puros no

Pelo menos desde abril de 1929, quando o periódico do Secretariado Latino-Americano, “La Correspondencia Sudamericana”, passou a fazer chamadas para a I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, já constava na ordem do dia o ponto IV: “El problema de razas en América Latina”. Na chamada para a conferência constava que seria um brasileiro um dos responsáveis a discorrer sobre as raças. Ocorre que, aparentemente, não houve nenhum brasileiro a debater a questão.¹¹¹

Habitualmente as avaliações dos comunistas em torno da questão racial nas variadas partes da América Latina não guardavam em si quaisquer preocupações conceituais sobre a questão da raça. Como pode-se antever, o termo era utilizado aleatoriamente para definir grupos sociais, ora definidos por traços fenotípicos, fundamentalmente amparados pela cor da pele, ora por definições linguísticas. A mobilização do termo “raça” para referir-se às comunidades indígenas, prescindindo de maior reflexão acerca do assunto, redundou numa posição a respeito da questão ainda mais ortodoxa do que se poderia supor vinda de um comunista da década de 1920. Ao final dessa década, os latino-americanos, em geral, eram mais rigorosos na aplicação da tese do “problema de classe” que a Comintern. A discordância e heterodoxia de José Carlos Mariátegui ao divergir da orientação da Comintern não se constituiu como uma inovação em princípio; traduziu-se, de fato, na utilização do argumento utilizado por comunistas e socialistas desde a II Internacional a respeito das desigualdades sociais, inclusive aquelas de cunho racial. Ou seja, todas elas seriam solucionadas com uma revolução proletária. Mariátegui não corroborou com a possibilidade de criar uma República Indígena na América do Sul sob o argumento de que a ausência de um Estado-Nação não era o principal problema da população *quechua* e *aimará*. Essa mostra de discordância se deu na Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina em 1929 organizada como consequência do VI Congresso da IC no ano anterior. Nesse encontro mundial, os comunistas decidiram por reconhecer “o direito de todas as nações, independentemente de raça, a completar autodeterminação, isto é, indo até à secessão política”.¹¹² Conquanto a aplicação inicial dessa tese tivesse como objeto a África do Sul, o sul dos Estados Unidos da América e territórios coloniais, sua incorporação por outros povos foi automática por parte da Comintern e seus organismos mais centralizados, tal como o Secretariado Sul-Americano. Essa mudança de opinião da Comintern no VI Congresso em relação a congressos anteriores foi uma

son los más numerosos más que en las regiones de algunas provincias. La clase obrera está, pues, sometida a un doble yugo: opresión de raza (prejuicio de la ‘raza inferior’) y opresión económica.”

¹¹¹ LA CORRESPONDENCIA Sudamericana, Buenos Aires, n. 9, p. 15, 1º abr. 1929.

¹¹² DEGRAS, 1959, p. 497. “Recognition of the right of all nations, regardless of race, to complete self-determination, i.e. going as far as political secession.”

heterodoxia cominterniana e, portanto, uma flexibilização da tese a qual postulava a resolução do problema da raça via revolução proletária.

Desta maneira, o combate ao imperialismo adquiria uma proeminência ainda maior na estratégia global da Comintern em detrimento da própria revolução e tornava-se quase que um sintoma de que deter o imperialismo nos confins do mundo significava afastá-lo das fronteiras soviéticas, salvaguardando o país dos bolcheviques.

Durante a realização da Conferência em 1929, os comunistas latino-americanos sob a direção de Jules Humbert-Droz¹¹³ não conseguiram encaixar a resolução do VI Congresso à realidade sul-americana e indígena. A cristalização do modelo explicativo das desigualdades que afetavam as populações indígenas não seria dissolvida puramente em função do poder centralizador da Comintern, representado pelo franco-suíço, resultando num dos raros momentos de hesitação externados em escritos de dirigentes da IC:

Cremos que, neste momento, não se pode e não se deve explicar o problema da autodeterminação nacional das raças indígena e negra na parte continental da América Latina, mas podemos opinar que o direito de determinar seu próprio destino como nação só se conseguirá tão somente mediante aliança revolucionária com o proletariado branco e mestiço latino-americano e da metrópole.¹¹⁴

O chamado projeto de tese sobre a questão racial na América Latina, reproduzido em *La Correspondencia Sudamerica*, órgão do Secretariado Sul-Americano, possui inúmeros traços do pensamento de Mariátegui a respeito da questão racial, ao enfatizar sobremaneira a resolução dos conflitos econômicos. Desse modo, é preciso relativizar o tamanho do dissenso teórico-prático que teria dividido Mariátegui e a Comintern em 1929.¹¹⁵ A conclusão parcial apontada pelo dirigente da IC Humbert-Droz revela a ambiguidade e a natureza da hesitação cominterniana, ainda que o contorcionismo retórico evidente revele o esforço dos dirigentes para adequar-se à reviravolta do VI Congresso e às interpretações dos comunistas dos países andinos, para definir a prioridade entre o Estado-Nação indígena ou a luta por terra.

Pelo exposto se depreende que existe um problema racial intimamente ligado ao processo econômico da produção e de onde há uma potencialidade revolucionária extraordinária. O processo de luta contra o imperialismo, contra a burguesia nativa,

¹¹³ CERDAS CRUZ, Rodolfo. *La Hoz y el Machete: La Internacional Comunista, América Latina y la Revolución en Centro América*. Málaga: Eumed, 1986. p. 167.

¹¹⁴ PROBLEMA de las razas. *La Correspondencia Sudamericana*, Buenos Aires, n. 15, p. 28, ago. 1929. “Creemos que, en este momento, no se puede y no se debe plantear el problema de la auto-determinación nacional de las razas india y negra en la parte continental de la América Latina pero podemos opinar que su derecho de determinar su propio destino como nación lo conseguirán tan sólo mediante la alianza revolucionaria con el proletariado blanco y mestizo latino-americano y de la metrópolis.”

¹¹⁵ Caballero considera que o resultado do congresso foi uma espécie de derrota para Mariátegui. A discordância de Mariátegui com a criação de um Partido Comunista no Peru é contrastada com proposituras como o fomento à criação de federações étnicas, como feito por Ghioldi (CABALLERO, 1986, p. 58). A essa altura Stalin já se tinha convencido da estruturação do estado soviético em uma federação de estados “autodeterminados”, ainda que praticamente centralizados.

pelas reivindicações da revolução democrático-burguesa FORMA PARTE DA LUTA DOS ÍNDIOS PELA REIVINDICAÇÃO DE SUA NACIONALIDADE OPRIMIDA. Isso não significa que pretendemos obrigar os índios a buscar sua própria nacionalidade; senão por intermédio de todas nossas palavras de ordem devemos fazer-lhes chegar a absoluta convicção de seu direito a determinar seu próprio destino como nação e que isso eles conseguirão tão somente mediante a aliança revolucionária com o proletariado branco e mestiço latino-americano e da metrópole.¹¹⁶

Havia duas questões complexas que se encontravam e se separavam a partir do conceito de raça. Para além da resolução da “questão indígena” havia também a “questão negra” no “Brasil, Cuba, Santo Domingo, Venezuela, Panamá, etc.”,¹¹⁷ definidas *a priori* como problemas de raça, mas definidas em torno de contornos distintos. Reconhecia-se a diferente natureza dos povos negro e indígena, nos dizeres dos comunistas, principalmente suas características específicas nas Américas. O trecho esclarece a anexação do problema nacional ao racial, em que o primeiro é a resolução do segundo, no caso indígena, e esclarece também de que maneira vincular um ao outro poria no horizonte uma solução à questão negra. No entanto, a IC, a partir das palavras de Humbert-Droz, entendia que, sobre os indígenas, o problema resultaria em algo distinto, dada uma diversidade entre eles. Essa variedade não seria identificada entre negros. As questões foram levantadas não sem antes ter-se colocado ressalvas às resoluções da Conferência que penduraram entre uma admissão pública da incapacidade dos comunistas em propor uma solução definitiva e um convite aberto aos comunistas para pensar o problema. Dessa forma, Humbert-Droz afirmava que:

O projeto de tese não diferencia o problema racial do problema nacional. Ele pode ser exato para os negros que perderam seu idioma, seus costumes e suas nacionalidades primitivas, porque adquiriram uma nova nacionalidade que provoca no seio da raça negra rivalidades e lutas artificialmente criadas pelo imperialismo. Mas os índios vêm de tribos muito diferentes, cuja língua, costumes e tradições são diversas; constituem uma raça, mas muitas nacionalidades, ao mesmo tempo que o problema social é fundamental, porque a posse da terra une todos os índios contra os que a ocupam e a exploram.¹¹⁸

¹¹⁶ Ibid., p. 28. “Por lo expuesto se desprende que existe un problema racial íntimamente ligado al proceso económico de la producción y por donde de (sic) una potencialidad revolucionaria extraordinaria. El proceso de la lucha contra el imperialismo, contra la burguesía nativa, por las reivindicaciones de la revolución democrática burguesa FORMA PARTE LA LUCHA DE LOS INDIOS POR LA REIVINDICACION DE SU NACIONALIDAD OPRIMIDA. Esto no significa que pretendemos obligar a los indios a buscar su propia nacionalidad, sino por intermedio de todas nuestras palabras de orden debemos hacerles llegar la absoluta convicción de su derecho a determinar su propio destino como nación y que esto lo conseguirán tan sólo mediante la alianza revolucionaria con el proletariado blanco y mestizo latino americano y de la propia metrópoli.”

¹¹⁷ PROBLEMA..., 1929, p. 26. A questão negra será debatida posteriormente.

¹¹⁸ Ibid., p. 29. “El proyecto de tesis no diferencia el problema racial del nacional. Ello puede ser exacto para los negros que han perdido su idioma, sus costumbres, y sus nacionalidades primitivas, porque han adquirido una nueva nacionalidad que provoca en el seno de la raza negra rivalidades y luchas artificialmente creadas por el imperialismo. Pero los indios vienen de tribus muy diferentes, cuya lengua, costumbres y tradiciones son diversas; constituyen una raza pero muchas nacionalidades, al mismo tiempo que del problema social que es fundamental, porque la posesión de la tierra une a todos los indios contra los que la ocupan y exploran.”

Da criação da Internacional Comunista, em março de 1919, até 1928, a organização dos comunistas na América Latina se transformou profundamente. Os vínculos com Moscou e os inter-regionais foram estabelecidos. As hierarquias também se dimensionaram de modo que os temas e os métodos de abordagem continham receituários esquemáticos obedecendo às estratégias gerais dos bolcheviques. Os debates sobre autodeterminação, raça e imperialismo satisfizeram à lógica prevalente na IC. Espaços de autonomia relativa existiam fundamentalmente nos espaços de execução das teses. No tempo do cotidiano, como pode-se observar na maior parte dos países latino-americanos, as definições sobre raça e autodeterminação sucumbiram ao rigor das relações diárias; o embate anti-imperialista adquiriu tonalidades locais. Muitas vezes essas tonalidades foram generalizadas. É precisamente o caso de Estados Unidos e Caribe.

3 A questão negra entre o império e a nação: perspectivas em movimento

Este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso da agenda negra e antirracista nas organizações de esquerda nos Estados Unidos de maneira a subsidiar uma compreensão dos conflitos políticos que tiveram lugar nos anos de 1920 e 1930. Na esquerda, negros e brancos simpáticos à causa do antirracismo debateram e forjaram agendas, criando defecções e cindindo grupos políticos. O roteiro traçado prevê uma apreciação da relação que o Partido Socialista, embrião dos comunistas, manteve com a agenda negra e racial, um exame das relações que os comunistas estadunidenses mantiveram com os bolcheviques e, por fim, uma análise das teses do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) e de suas organizações afiliadas a respeito da temática.

3.1 Os socialistas e a questão racial

Quando, em junho de 1920, o CEIC enviou uma carta ao Partido Comunista da América e ao Partido Comunista Trabalhista da América demandando a unificação do movimento comunista nos Estados Unidos, o caminho para a bolchevização já estava construído. Em que pese a demora no cumprimento da ordem, que só seria executada em maio de 1921, para realizá-la os comunistas estadunidenses operaram uma significativa reviravolta nas tradições socialista-patrióticas do antigo Partido Socialista, ligado à Segunda Internacional. Elas chegariam ao fim da trilha apenas em meados de 1925.

Antes disso, porém, havia contas a acertar sob os escombros do Partido Socialista (PS) dos Estados Unidos, fundado em 1900-1, de modo a permitir que movimento comunista estadunidense desse seus primeiros passos.¹¹⁹ O PS foi composto por um amplo arco ideológico de militantes, não obstante a maior parte deles tenha, de fato, saído do meio sindical. Um dos mais significativos representantes do PS foi Eugene Debs, trabalhador de estradas de ferro. Ele liderou uma das facções do partido, constituindo seu setor à esquerda.

¹¹⁹ FOSTER, 1952, p. 91. “At its foundation in 1900-01 the Socialist Party, which was eventually to give birth to the Communist Party [...]” “Quando de sua fundação em 1900-01, o Partido Socialista, o qual na verdade viria a fazer nascer o Partido Comunista [...]”

Por sua vez, Morris Hillquit, antigo dirigente do Socialist Labor Party, assumiu a tarefa de conduzir a direita do partido.¹²⁰

Até 1915 a divisão entre esquerda e direita do partido foi testada em função de três questões, a saber, a escolha do modelo sindical a ser seguido pelos socialistas, a II Internacional e a posição do partido em relação à Primeira Guerra Mundial. A primeira se materializou em função do conflito entre a American Federation of Labor (AFL) e a Industrial Workers of the World (IWW). Em 1905, quando Bill Haywood e o próprio Eugene Debs fundaram a IWW, sob forte inspiração anarco-sindicalista, estava construída uma alternativa por fora do *status quo*, já que os “*wooblies*”, como eram chamados os membros da IWW, praticavam ações diretas e eram favoráveis às sabotagens e ao uso da violência para fins políticos, ao contrário da AFL. Esse foi um dos pontos de dissenso entre a esquerda e a direita socialistas no PS.¹²¹ A segunda questão está, obviamente, atada à última, qual seja, a posição do PS em relação à Primeira Guerra Mundial. As hesitações da II Internacional terminaram por levar o movimento socialista internacional à fratura. A predominância dos alemães do Partido Social Democrata levou parcela significativa da II Internacional ao esforço de guerra. Essa tensão a respeito da posição dos socialistas sobre a Primeira Guerra Mundial chegou ao PS nos Estados Unidos, ainda que a manifestação desse conflito tenha sido assentada por sobre questões endógenas do Partido.

Assim o padrão americano na guerra não foi o mesmo que o europeu. A fração em favor da guerra veio do movimento socialista americano, aquela contrária à guerra do europeu. O movimento americano inteiro era oficialmente contra a guerra, superficialmente se aproximando da Esquerda europeia. Mas, num exame mais cuidadoso, existiu a mesma clivagem fundamental no partido americano apesar da fratura no grupo pró-guerra. Ainda se manteve um grupo militante contra a guerra e um outro pró-guerra encoberto. Havia o mesmo processo de diferenciação na Europa, mas não era tão agudo e claro.

A posição extremista contra a guerra constituiu o primeiro capital político possuído pela Esquerda.¹²²

Um importante momento dessa tensão foi o “Manifesto de St. Louis”, um libelo contra a Primeira Guerra Mundial e crítico quanto à participação estadunidense no conflito. Foi defendido pela esquerda socialista e ratificado pela maioria do Partido em convenção nacional

¹²⁰ Cf. GIRARD, Frank; PERRY, Ben. **Socialist Labor Party, 1876-1991: A Short History**. Filadélfia: Livra Books, 1991.

¹²¹ Cf. FOSTER, 1952, p. 100-1; DRAPER, 1957, p. 41-8.

¹²² DRAPER, *ibid.*, p. 96. “Thus the American pattern in the war was not the same as the European. The prowar wing fled from the American Socialist movement, the antiwar wing from the European. The entire American movement was officially antiwar, superficially lining it up with the European Left Wing. But, on closer examination, there was the same fundamental cleavage in the American party despite the break away of the open prowar group. There still remained a militant antiwar and a covert prowar group. There was the same process of differentiation as in Europe, but it was not so sharp or clear.

The extremist antiwar position constituted the first political capital possessed by the Left Wing.”

em abril de 1917. Nesse mesmo período, um golpe desferido pela polícia e serviço de inteligência retirou da esquerda socialista a possibilidade de hegemonizar o Partido Socialista, uma vez que praticamente todos os militantes foram presos.

A resolução de St. Louis contra a guerra também deu ao governo sua principal arma legal para processar líderes socialistas e suprimir a imprensa socialista. Depois que a Lei de Espionagem foi aprovada em junho de 1917, autoridades locais e nacionais demonstraram pouca discriminação. [...] Este amplo leque de vítimas, do pró-guerra Berger ao anti-guerra Engdhal, teve um efeito que o governo não pretendia. Retirou da esquerda [do Partido] o monopólio dos mártires antiguerra. Entre as quase duas mil pessoas julgadas sob a Lei de Espionagem havia mártires suficientes para todos.¹²³

A partir desse momento, quando foram presas lideranças da IWW e, com isso, redefinidos os contornos da política sindical da organização, houve um distanciamento sensível entre o PS e as organizações do mundo do trabalho. O contato seria retomado a partir de 1919. Foi entre o final de 1918 e 1919 que a pedra angular de uma das teses centrais sobre o desenvolvimento do movimento comunista nos Estados Unidos encontraria guarida.¹²⁴ A questão internacional ascenderia em importância paulatinamente em função do avançar da Primeira Guerra Mundial.

No inverno de 1917, uma reunião da esquerda socialista acontecia no Brooklyn. Trotski, Bukharin e outros três russos em exílio tomaram parte, juntando-se a Rutgers, o holandês, Louis Fraina e Sen Katayama. Durante o encontro Bukharin defendera a tese de que a esquerda socialista do PS deveria romper e fundar uma organização em separado. Trotski sugerira que, conquanto a esquerda do PS permanecesse no partido, fosse criado um órgão específico para que a opinião da corrente fosse exprimida. A proposta de Trotski foi vencedora, e a fração de esquerda continuou no PS.¹²⁵ A influência da Revolução Russa começaria, a partir desses anos, a se fazer valer de maneira efetiva.

O caminho mais evidente e direto para subscrever à Revolução Russa nos Estados Unidos era, primeiro, aderir ao Partido Socialista, e, segundo, aderir à Esquerda do Partido Socialista. De 80.739 em 1917, os membros do partido passaram para 104.822 em 1919, o segundo ponto mais alto da sua história. Mas esse aumento acentuado foi acompanhado por uma curiosa e reveladora desproporção, a qual denuncia o fato de que alguma coisa fora do Partido Socialista e dos Estados Unidos era imensamente responsável pelo influxo.

¹²³ DRAPER, 1957, p. 94. “The St. Louis antiwar resolution also gave the government its chief legal weapon to prosecute Socialist leaders and suppress the Socialist press. After the Espionage Act was passed in June 1917, national and local authorities demonstrated little discrimination. [...] This assortment of victims, from the prowar Berger to the antiwar Engdahl, had one effect the government did not intend. It deprived the Left Wing of a monopoly of antiwar martyrs. Among the approximately two thousand persons tried under the Espionage Act were martyrs enough for all.”

¹²⁴ A referência feita é à tese da heteronomia da militância estadunidense.

¹²⁵ Ibid., p. 81.

O problema era mais claramente visível na proporção de crescimento das federações de línguas estrangeiras no total de membros socialistas. De 35% em 1917, as federações aumentaram para 53% em meados de 1919.¹²⁶

Alteraram-se, portanto, as características do partido. Sobre elas cabem alguns comentários. Uma taxonomia possível relativa à composição social do partido indica que havia dois grupos: socialistas nativos e socialistas estrangeiros. Uma outra taxonomia indica a capilaridade social do partido. Suas influências eram marcadamente anarco-sindicalistas e sindicalistas, uma vez que provieram também do Socialist Labor Party. A estreita relação com a IWW sugere que foi reiterado o esforço em construir uma ligação entre a esquerda política e os mundos do trabalho. De seus traços formativos, o mais significativo para o futuro movimento comunista nos Estados Unidos é a classificação quanto à naturalidade.

No Partido Socialista havia federações de línguas estrangeiras compostas essencialmente por imigrantes que pouco dominavam o inglês e/ou que esperavam manter seu idioma de origem enquanto veículo de socialização. A importância quantitativa desses grupos na composição do Partido Socialista é expressiva. As mais significativas foram as federações da Lituânia e Finlândia.

Em 1908, 71% do PS [Partido Socialista] era de membros estadunidenses nativos e um adicional 17,5% era da Europa Ocidental e Setentrional; em abril de 1919, 53% de 108.000 membros que pagavam filiação pertenciam a uma ou outra federação de língua.¹²⁷

A organização dessas federações culminou numa estrutura partidária que publicava suas opiniões em diferentes idiomas. Mais fragmentador era o fato de as posições das federações terem tido autonomia face ao partido em razão de seu caráter federal.

Há duas posições a respeito das lutas internas do Partido Socialista estadunidense. Uma primeira, mais antiga, de Theodore Draper, supõe que as federações tiveram pouco impacto na cisão do movimento em si. Elas teriam impactado na forma organizativa *a posteriori*. Em trabalho mais recente, Zumoff afirma que após a revolução bolchevique as

¹²⁶ Ibid., p. 137. “The clearest and most direct way to subscribe to the Russian Revolution in the United States, was, first, to join the Socialist Party, and, second, to join the Left Wing within the Socialist Party. From 80,739 in 1917, the membership of the party increased to 104,822 in 1919, the second highest point in its history. But this marked increase was accompanied by a curious and most revealing disproportion, which betrayed the fact that something outside the Socialist Part and the United States was largely responsible for the influx. The trouble was most clearly visible in the growing ratio of the foreign-language federations to the total Socialist membership. From about 35 per cent in 1917, the federations rose to 53 per cent in the middle of 1919.”

¹²⁷ ZUMOFF, Jacob Andrew. **The Communist Party of the United States and the Communist International, 1919-1929**. 2003. Tese (Doutorado em História)—University College, Londres, 2003. p. 168. “In 1908, 71 per cent of SP members were native-born Americans and an additional 17.5 per cent were from Northern or Western Europe; by April 1919, 53 per cent of the SP’s 108,000 dues-paying membership belonged to one or another language federation.”

federações passaram a apoiar entusiasticamente o modelo soviético, não obstante as federações nem sempre terem constituído os setores mais à esquerda do espectro partidário.¹²⁸

A influência russa entre trabalhadores e esquerda estadunidense não era significativa antes de 1917.¹²⁹ Até então, a maior relevância europeia nas formas de organização política da esquerda nos Estados Unidos tinha vínculo com as tradições sindicalistas e anarquistas.

Os americanos ainda acolhiam bem a Revolução Russa porque eles imaginavam que ela reivindicava as ideias mais naturais a eles. A influência russa ainda estava longe. Exceto por um punhado de viajantes que voltavam e uns poucos artigos e panfletos, principalmente de Lênin e Trotski, a comunicação entre Rússia e Estados Unidos permaneceu extremamente difícil e espasmódica. Os americanos ainda tinham que pensar quase que inteiramente por eles mesmos.¹³⁰

Na primeira metade de 1919, a direita do Partido Socialista manejou a expulsão ou suspensão de quase 70 mil militantes. Essa operação se deu de maneira preventiva tendo em vista o aumento de poder da esquerda e suas novas pretensões em “esmagar os centristas” e expurgar a direita por “traição” ao socialismo em razão de ter apoiado o esforço de guerra.¹³¹

O expurgo preventivo operado pela direita socialista acelerou a ida dos militantes da esquerda socialista ao comunismo. O crescimento da esquerda marcaria a necessidade de um encontro nacional para ratificar o controle sobre a provável e futura máquina partidária. Havia três grupos na esquerda socialista. Um primeiro, de origem anglo-americana, que terminaria por ser majoritário, pretendia focar os esforços na tomada do controle partidário. O segundo era denominado Michigan por ter lugar no estado homônimo, e o terceiro grupo ligado às federações de línguas. Os dois últimos grupos construíram uma aliança para assumir o controle e imediatamente transformar o partido em gestação em um Partido Comunista filiado à recém-criada Internacional Comunista.

Em junho de 1919, no primeiro encontro nacional da esquerda socialista, a aliança entre o grupo de Michigan e o das federações foi derrotada. Fracionada a esquerda socialista, na Convenção Nacional do Partido Socialista no final de agosto de 1919, a direita partidária, após uma série de medidas que incluiu ajuda policial para fazer valer as expulsões, conseguiu o afastamento de uma significativa ala da esquerda do Partido Socialista que insistiu em participar da convenção a despeito das suspensões e expulsões. Estes, sob liderança de John

¹²⁸ ZUMOFF, 2003, p. 168. “The federations had not always been on the left-wing of the SP, although they were often closer to orthodox Marxism due to their European origins.”

¹²⁹ DRAPER, 1957, p. 65.

¹³⁰ Ibid., p. 147. “The Americans still welcomed the Russian Revolution because they imagined that it vindicated the ideas most native to them. The Russian influence was still far away. Except for a handful of returning travelers, and a few articles and pamphlets, mainly by Lenin and Trotsky, communications between Russia and the United States remained extremely difficult and spasmodic. The Americans still had to think almost entirely for themselves.”

¹³¹ Ibid., p. 154.

Reed e Ben Gitlow, tendo sido rechaçados da Convenção partidária, se uniram aos outros delegados da esquerda socialista também expulsos dela e fundaram no dia 30 de agosto de 1919 o Communist Labor Party. A outra ala de esquerda, mais significativa quantitativamente, havia convocado uma reunião para 1º de setembro, sob a liderança da federação de línguas, de acordo com Draper, mais especificamente dos russos, a fim de organizar uma convenção de fundação do Communist Party of America.¹³² Assim, no final de agosto e início de setembro de 1919, dois partidos foram fundados: o Communist Labor Party of America (CLPA) e Communist Party of America (CPA). Draper sugere que os dois partidos foram fundados por uma discordância simples: “quem deveria controlar o novo partido, os ‘americanos’ ou os ‘estrangeiros’?”¹³³ Para Glenda Gilmore, o fato central residia no atrelamento do CLPA à organização sindical IWW e até mesmo à AFL.¹³⁴ Os comunistas do CPA argumentavam que era necessário fundar sindicatos comunistas.

Esquerdistas americanos como Ruthenberg, Reed e Cannon apenas participaram da mesma causa que as federações na ruptura de 1919 porque as federações estavam entre os mais ardentes apoiadores dos bolcheviques. Assim as sementes do bolchevismo americano foram plantadas por organizações que não eram nem americanas na composição de seus membros nem bolcheviques em seus métodos organizativos.¹³⁵

O movimento comunista estadunidense se iniciaria com a marca da fragmentação. Depois de alguns meses de fundação dos dois partidos, e tendo sido o ano de 1919 um dos mais intensos em termos de greves e organização sindical, a polícia entrou em cena. A primeira incursão em larga escala teve início no começo de novembro de 1919 em Nova York, quando investigavam “atividades sediciosas”.

Mais de 700 policiais e agentes especiais realizaram varredura nos quartéis-generais e reuniões, levaram toneladas de textos e literatura, e levaram conhecidos comunistas tais como Benjamin Gitlow e James J. Larkin (do Communist Labor Party) e Charles E. Ruthenberg, I. E. Ferguson e Harry M. Winitsky (do Communist Party). [...] O ponto alto da incursão antiestrangeiros foi a deportação de 249 russos a bordo do Buford, também conhecido como a “Arca Soviética”.¹³⁶

¹³² DRAPER, 1957, p. 159-176.

¹³³ DRAPER, *ibid.*, p. 179. “who was to control the new party, the ‘Americans’ or the ‘foreigners’?”

¹³⁴ GILMORE, Glenda. **Defying Dixie**: The radical roots of Civil Rights, 1919 – 1950. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 2008. p. 36.

¹³⁵ ZUMOFF, 2003, p. 169. “American leftists such as Ruthenberg, Reed and Cannon only made common cause with the federations in the 1919 split because the federations were amongst the most ardent supporters of the Bolsheviks. Thus the seeds of American Bolshevism were sown by organisations that were neither American in their membership composition nor Bolshevik in their organisational methods.”

¹³⁶ DRAPER, *ibid.*, p. 203. “Over 700 policemen and special agents swooped down on headquarters and meetings, carried away tons of papers and literature, and hauled off such well-known Communists as Benjamin Gitlow and James J. Larkin (of the Communist Labor Party) and Charles E. Ruthenberg, I. E. Ferguson, and Harry M. Winitsky (of the Communist Party). [...] The High point of the anti-alien drive was the deportation of 249 Russians aboard the Buford, otherwise known as the ‘Soviet Ark’.”

Um sinal de alerta que o movimento comunista ao redor de todo o país enfrentou o mesmo destino das organizações de Nova York veio de Chicago a 1º de janeiro de 1920. Das 4 da tarde a horas adiantadas da noite, esquadrões levaram prisioneiros, a maior parte comunistas e membros do IWW – reais ou suspeitos. [...] Na noite de 2 de janeiro, os esquadrões de [Mitchell, advogado geral, democrata] Palmer terminaram o trabalho de acordo com agenda em 33 cidades de costa a costa. Uma segunda leva foi iniciada a 5 de janeiro. Mais 5.000 prisões foram feitas. Nos dois anos seguintes, muitos comunistas foram indiciados como potenciais presos políticos ou fugitivos da Justiça.¹³⁷

A partir de meados de 1920, resultado das incursões policiais e do desmantelamento das estruturas já precárias do CPA e do CLPA e da pressão da IC, teriam início discussões acerca da unificação do movimento comunista estadunidense. Desde janeiro de 1920, quando Zinoviev, presidente do CEIC, já havia ordenado a unificação das tendências comunistas estadunidenses, a Comintern antecipava a tática daqueles anos: o trabalho deveria ocorrer na clandestinidade.¹³⁸ Operava-se então a formação de um aparato partidário que teria vida curta: o United Communist Party (UCP). Resultado de uma tentativa de unificar as duas unidades a partir da direção do Labor Party, o UCP terminou não sendo reconhecido pelo CPA.

A necessidade imediata de unificação é posteriormente ditada pelo fato de que em um certo sentido os dois partidos representam diferentes aspectos do movimento comunista da América e podem, portanto, complementar um ao outro. No Communist Party of America existem principalmente os elementos estrangeiros organizados nas assim chamadas federações nacionais. O Communist Labour Party representa principalmente os elementos americanos ou que falam inglês. Se o primeiro partido tem um treinamento teórico melhor e tem conexões mais próximas com as lutas revolucionárias da classe trabalhadora na Rússia, é ao mesmo tempo menos conectada com os movimentos e organizações de massa dos trabalhadores americanos, que estão gradualmente achando seu caminho na luta de classe. Se o segundo partido ainda não tem tal treinamento teórico, ele tem, por outro lado, essa vantagem colossal, por meio da qual o partido comunista pode mais facilmente exercer influência nas vastas massas de trabalhadores americanos nativos, que na vindoura e decisiva luta de classe terá o papel mais importante. Um partido é melhor em propaganda, o outro em agitação...

(4) Enquanto se promove por todos os meios a ruptura da American Federation of Labour (AFL) e outros sindicatos de ofício similares, o partido precisa trabalhar para estabelecer a mais próxima possível das relações com aquelas organizações industriais da classe trabalhadora que representa a tendência para o sindicalismo industrial (IWW, OBU¹³⁹ [One Big Union, federação canadense], IUW [International Union of Woodworkers¹⁴⁰] e sindicatos que se separaram da AFL)...

¹³⁷ DRAPER, 1957, p. 204. “A warning signal that the entire Communist movement throughout the country faced the same fate as the New York organizations came from Chicago on January 1, 1920. From four p.m. until far into the night, raiding parties brought in prisoners, mostly Communists and I.W.W.’s – real or suspected. [...] On the night of January 2, the [Mitchell, attorney General, Democrat] Palmer raids went off as scheduled in thirty-three cities from coast to coast. A second round-up was staged on January 5. Over 5000 arrests were made. For the next two years, so many Communists were indicted as a potential political prisoner or fugitive from the law.”

¹³⁸ RGASPI, F. 515, op. 1, d. 17, ll. list. 1-3.

¹³⁹ Cf. BERCUSON, David Jay. Syndicalism Sidetracked: Canada's One Big Union. In: VAN DER LINDEN, Marcel; THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalism: an International Perspective**. Aldershot: Scholar Press, 1990. p. 221-236.

¹⁴⁰ Cf. INTERNATIONAL UNION OF WOODWORKERS. **In commemoration of the twenty-fifth anniversary of the founding of the International Union of Woodworkers, 1904-1929**. Amsterdam: International Union of Woodworkers, 1929.

(7) O aumento da perseguição aos comunistas na América levanta a questão do trabalho ilegal. O congresso da Internacional Comunista em março de 1919 se expressou claramente sobre esse ponto. Trabalho ilegal é essencial porque em todo o mundo as democracias burguesas estão de fato colocando trabalhadores comunistas em estado de cerco. Dois ou três anos atrás a idéia de trabalhar ilegalmente num país livre como a Inglaterra parecia ridícula aos nossos camaradas ingleses. Agora os trabalhadores revolucionários ingleses aprenderam a fazer trabalho ilegal também... Toda menor possibilidade de ação legal deve ser explorada. Ao mesmo tempo nós precisamos aprender a soltar folhetos ilegais, a organizar grupos ilegais, se necessário criar comitês de fábrica ilegais, ter uma direção central ilegal, etc.¹⁴¹

A negociação para unificação sucumbiu aos conflitos internos. Em agosto de 1920, a IC estabeleceu o prazo de 10 de outubro para unificação de acordo com diretrizes do II Congresso da IC. Em setembro de 1920, o prazo foi estendido a 1º de janeiro de 1921. Em março de 1921, a IC ameaçou desligar da Comintern todos os comunistas, de ambos os partidos, caso a unificação não ocorresse até a realização do III Congresso da IC, em maio de 1921. Esse problema da relação da IC com os comunistas estadunidenses resultou num recrudescimento do controle da IC sobre as organizações comunistas nos Estados Unidos e antecipou aspectos da bolchevização que só teriam lugar, em outros países, em meados da década de 20.

Para o PC americano, a bolchevização teve três propósitos oficiais: educar os membros ao marxismo-leninismo básico; reorganizar o partido tendo como base núcleos de lojas; e encerrar a dependência do partido em relação às federações de línguas estrangeiras. Dado o atraso político da classe trabalhadora americana, a

¹⁴¹ “The necessity of immediate unification is further dictated by the fact that to a certain extent the two parties represent different aspects of the communist movement in America, and can, therefore, complement each other. In the Communist Party of America there are to be found chiefly the foreign elements organized in the so-called national federations. The Communist Labour Party of America represents primarily American or English-speaking elements. If the first party has a better theoretic training and closer connexions with the traditions of the revolutionary struggle of the Russian working class, it is at the same time less closely connected with the mass movement and the mass organizations of the American workers, who are gradually finding their way to the class struggle. If the second party has not yet had such a theoretic training it has, on the other hand, this colossal advantage, that through it the communist party can more easily exert an influence on the broad masses of the native American workers, who in the forthcoming decisive class struggle will have the most important part to play. One party is better at propaganda, the other at agitation... (4) While promoting in every way the splitting of the American Federation of Labour and other similar craft unions, the party must work to establish the closest possible relations with those industrial organizations of the working class which represent the tendency towards industrial unionism (IWW, OBU, IUW, and unions which split off from the AFL)... (7) The increasing persecution of communists in America raises the question of illegal work. The congress of the Communist International in March 1919 expressed itself quite clearly on this point. Illegal work is essential because throughout the world the bourgeois democracies are in fact placing communist workers in a state of siege. Two or three years ago the idea of working illegally in a free country like England seemed ridiculous to our English comrades. Now the revolutionary English workers have learnt to do illegal work also... Every smallest possibility of legal action must be exploited. At the same time we must learn to issue illegal leaflets, to organize illegal groups, if necessary create illegal factory committees, have an illegal central direction, etc.”

“Extracts from a letter from the ECCI to the Central Committee of the Communist Party of America and the Central Committee of the Communist Labour Party of America” In: DEGRAS, Jane (Ed.). **The Communist International, 1919-1922, Documents**. Londres: Royal Institute of International Affairs, 1955a. v. 1. p. 102-3. O termo “illegal” foi traduzido como “ilegal” apenas para apresentar uma uniformidade na tradução dos documentos. No entanto, considerado o contexto, o termo em português que melhor se aproxima da ideia externada nos documentos de comunistas é “clandestino”.

natureza federal do partido e o faccionalismo fratricida, a bolchevização pareceu atraente a muitos comunistas.¹⁴²

A inteligência estadunidense, a partir do então Bureau of Investigation, mantinha os comunistas sob estreita vigilância. O relato de um dos agentes infiltrados no Communist Labor Party (CLP) entre 30 de dezembro de 1919 e 3 de janeiro de 1921 é indicador da intensidade do estrago perpetrado pelas ações policiais no decorrer de 1919. Ademais, o documento também evidencia a existência de certo diálogo, àquela altura, entre comunistas do CLP e negros.¹⁴³

No final de 1921, entre 23 e 26 de dezembro, foi realizada uma convenção de criação de um novo partido em Nova York, o Workers Party. Desde a ruptura dos socialistas, pela primeira vez na esquerda havia uma organização centralizando as atividades de todos comunistas nos Estados Unidos. Braço legal das organizações que atuavam na clandestinidade, o Workers Party atendeu aos reclames da Comintern e às diretivas que estabeleciam a construção de Frente Única como fórmula tática para os comunistas de todo o mundo.

3.2 Os socialistas e os negros nos Estados Unidos

O período de existência do Partido Socialista foi marcado por elaborações que submeteram a reflexão sobre o racismo e segregação racial às estruturas de classe. Trata-se do domínio de uma posição que se transformou em ortodoxa nos vários espectros da esquerda marxista, principalmente em suas vertentes hegemônicas, como foi o caso da direita do PS. No caso do Partido Socialista estadunidense, a primeira

[...] revisão pública da abordagem do Partido ao racismo e organização entre afro-americanos veio de socialistas judeus. Escrevendo como I. M. Robbins, “Os aspectos econômicos do problema do negro”, uma série de artigos de I. M. Rubinow da *International Socialist Review*, compreendidos entre fevereiro de 1908 e junho de 1910. Vendo o racismo enraizado no capitalismo, ele ainda sentia que era mais que um problema meramente econômico. A relação entre racismo e opressão de classe “não era um simples problema mecânico, mas orgânico e extremamente complexo”. Portanto, ele advogava abordar o racismo nos seus próprios termos, os quais

¹⁴² “For the American CP, Bolshevisation had three official purposes: educate the membership in basic Marxism-Leninism; reorganise the Party on the basis of shop nuclei; and end the Party’s reliance on foreign-language federations. Given the political backwardness of the American working class, the federal nature of the Party, and internecine factionalism, Bolshevisation seemed attractive to many Communists.” ZUMOFF, 2003, p. 159.

¹⁴³ “Military Intelligence Department Undercover Surveillance Report of the Communist Labor Party [events of Dec. 30, 1919 to Jan. 3, 1920]”. Document in DoJ/BoI Investigative Files, NARA M-1085, reel 931, file 313846.

empurrariam os socialistas a ultrapassar sua abordagem reducionista da raça e sua atenção insuficiente aos aspectos social, político e educacional da opressão racial.¹⁴⁴

Rubinow entendia que era necessário lidar especificamente com os trabalhadores negros uma vez que o socialismo não seria possível sob vigência das leis Jim Crow. Embora Rubinow não tenha tido influências nas grandes decisões partidárias, a partir de suas elaborações o PS passou a empreender atividades na comunidade negra visando ao Harlem.¹⁴⁵

Um outro exemplo de reflexão acerca da questão negra associado ao PS é Hubert Henry Harrison, que escreveu, em 1912, uma série de artigos no *New York Call* e *International Socialist Review*, ambos veículos de comunicação do Partido Socialista. Harrison tinha sido apontado pela direção do partido para organizar uma seção partidária no Harlem.¹⁴⁶ Suas predileções o levaram à esquerda do partido, a apoiar a IWW e se posicionar contra a Grande Guerra, tornando-o um alvo da direita do PS.

Infelizmente, a impressão de Harrison no Partido Socialista foi menos que favorável, já que seus escritos não produziram nenhuma mudança notável no programa do partido. Mais importante, seu apoio contínuo e sua relação com a IWW criaram problemas para a liderança da direita do PS que estava ainda alinhada com a AFL. Depois essa liderança expulsou a IWW do Partido em 1913; eles puniram, sem consideração, Harrison por protestar contra expulsões e suspenderam-no por três meses em 1914. Harrison respondeu deixando o Partido, convencido, como outros tantos socialistas negros antes dele, que o Partido não faria acontecer nem o socialismo nem contribuiria pela liberação negra. Ainda, seus escritos e atividades organizacionais tiveram um efeito indelével em jovens radicais negros.¹⁴⁷

Esses jovens radicais negros acrescentariam versões internacionalistas na abordagem, cada um dirigindo variantes nem sempre coincidentes de pan-africanismo. Ligados à esquerda socialista, alguns exemplos desses são sujeitos como A. Philip Randolph, Richard Moore e

¹⁴⁴ MAKALANI, Minkah. **For the liberation of Black people everywhere: the African Blood Brotherhood, black radicalism and pan-African liberation in the New Negro movement, 1917-1936.** 2004. Tese (Doutorado em História)—Universidade Illinois, Urbana-Champaign, 2004. p. 32-3. “[...] public review of the Party’s approach to racism and organizing among African Americans came from (sic) a Jewish Socialists (sic). Writing as I. M. Robbins, I. M. Rubinow’s ‘The economic aspects of the Negro problem’, a series of *International Socialist Review* articles that spanned from February 1908 to June 1910. Seeing racism as rooted in capitalism, he still felt it was more than merely an economic problem. The relationship between racism and class oppression was ‘not a simple mechanical one, but organic and extremely complex’. Accordingly, he advocated approaching racism on its own terms, which would push Socialists past their reductionist approach to race and their insufficient attention to the social, political, and educational aspects of racial oppression.”

¹⁴⁵ MAKALANI, 2004, p. 33.

¹⁴⁶ Ibid., p. 33.

¹⁴⁷ Ibid., p. 38. “Unfortunately, Harrison’s impression on the Socialist Party was less than favorable, as his writings produced no noticeable changes in its program. More important, his continued support for and relationship with the IWW created problems with the SP’s right wing leadership that was still aligned with the AFL. After this leadership expelled the IWW from the Party in 1913, they charged Harrison with contempt for protesting the expulsions and suspended him for three months in 1914. Harrison responded by leaving the Party, convinced, like several black Socialists before him, that it would neither bring about socialism nor contribute to black liberation. Still, his writings and organizational activities had an indelible affect on young black radicals.”

Cyril Briggs;¹⁴⁸ os dois últimos posteriormente tomariam parte numa organização chamada Africa Blood Brotherhood.

As organizações negras que enfrentaram a segregação não se resumiram às de esquerda. Aquelas mais influentes e mais representativas quantitativamente não estavam dispostas, necessariamente, no campo político da esquerda. A National Association for Advancement of Coloured People (NAACP) e a Universal Negro Improvement Association (Unia) se caracterizaram por assumir posições no campo do debate étnico-racial oscilando entre esquerda e direita.¹⁴⁹

Ambas, por meios distintos, tinham inserção entre os grupos mais organizados dos negros norte-americanos. Em maio de 1921, Du Bois escreveu um editorial no jornal *The Crisis*, órgão do NAACP conduzido por ele mesmo. Ele demonstrava desconfiança com as organizações da classe operária branca norte-americana e, de algum modo, mostrava-se relutante quanto às possibilidades de uma união entre negros e brancos.¹⁵⁰ Claude McKay, por seu turno, então militante da African Blood Brotherhood (ABB)¹⁵¹ e em pleno vigor de sua atividade comunista, responderia a Du Bois nos termos que marcariam o debate entre movimentos antirracistas nos EUA. Se, de um lado, McKay defendia a necessidade de os negros se espelharem nas conquistas da Revolução Russa ao retratar a inserção social judaica na Rússia soviética, algo que não acontecia no período czarista; do outro, a resposta de Du Bois foi peremptória: “o trabalho imediato do negro americano se encontra na América e não na Rússia”.¹⁵² O debate orbitava em torno da Revolução Russa e como os negros, organizados, se colocariam face à classe operária. Ou seja, em que medida seria a pauta negra do antirracismo uma pauta dos trabalhadores em sua luta contra a exploração econômica?

Consolidando a centralidade da vinculação entre as lutas raciais e de classe, McKay reafirmaria as diversas maneiras a partir das quais o racismo se manifestava em mecanismos

¹⁴⁸ Todos eles conviveram com Harrison.

¹⁴⁹ A NAACP teve como um de seus fundadores William Edward Burghardt Du Bois em 1909. Ele foi um dos mais importantes intelectuais norte-americanos do século XX, com uma obra marcante e uma trajetória longa de luta antirracista. Descendente de africanos e holandeses, nasceu na Nova Inglaterra e estudou na Universidade de Fisk, no Tennessee, em Harvard e na Universidade de Berlim. Marcus Mosiah Garvey fundou a Unia na Jamaica em 1914. As duas organizações citadas aparecerão no presente texto apenas como peças narrativas coadjuvantes, embora o leitor não deva depreender disso qualquer intenção de negligenciá-las.

¹⁵⁰ DU BOIS, W. E. B. Opinion. *The Crisis*, Nova York, p. 5-9, maio 1921.

¹⁵¹ O único estudo específico sobre a African Blood Brotherhood (ABB) é de Minkah Makalani. O radicalismo negro teve na ABB sua primeira expressão antissistêmica. Os limites da ABB não se restringiram ao Harlem; seus ideólogos foram, sobretudo, afro-caribenhos. Assim, além de uma parcela significativa do comunismo norte-americano ter nascido em permanente diálogo com o radicalismo negro, este, por sua vez, é tributário de uma série de experiências diaspóricas entre o Caribe, antigo Sul escravista e os *ghettos* do Norte.

¹⁵² FONER, Philip S.; ALLEN, James S. (Org.). *American Communism and Black Americans*: a documentary history (1919-1929). Philadelphia: Temple University Press, 1987. p. 14.

institucionais. O poeta da ABB desafiaria Du Bois a partir do tensionamento do seguinte aspecto do racismo institucionalizado norte-americano:

E todas as instituições enraizadas da América Branca – cortes, igrejas, escolas, as forças de repressão e a imprensa – coadunam com essas iniquidades perpetradas contra os homens negros; iniquidades que foram ignoradas indiferentemente como um resultado inevitável do sistema social. Ainda, quando quer que interesse aos negócios controlar essas instituições para parar a perseguição contras os negros, eles fazem isso com impunidade. Quando brancos organizados pararam seus trabalhos, negros, que foram desencorajados por brancos a se organizar foram procurados para tomar seus lugares. E esses negros fura-greves trabalharam sob a proteção de militares e da polícia. Mas como cidadãos e trabalhadores comuns, os negros não são protegidos pelos militares e pela polícia da multidão.¹⁵³

Para essa questão específica, Du Bois destacou os processos discriminatórios no movimento sindical norte-americano, aspecto debatido inclusive contemporaneamente na ABB e no PC dos Estados Unidos. Assim, Du Bois reafirmaria que essas mesmas instituições estavam presentes naquela esquerda defendida por McKay.

Du Bois, ao contrário de uma parcela da NAACP, travaria constantes debates com os comunistas. A intelectualidade negra norte-americana havia construído, pelas mãos de Du Bois e dos radicais negros, longo e franco antagonismo exemplificado aqui pelas posições de McKay. Ao menos dois elementos gerais fizeram parte do repertório argumentativo: 1) ruptura inspirada nos moldes soviéticos, e 2) reforma profunda e cotidiana rumo à liberação do povo negro. Em ambos os casos o internacionalismo esteve presente. Ainda que se considere os diferentes pesos dados às clivagens de classe e à centralidade da questão negra, é o internacionalismo que se constitui como liame. Tanto num quanto noutro, os negros são protagonistas, aparecendo, em ambos, mesmo que de maneira distinta, como um elemento central da luta antirracista. Tanto Du Bois quanto a III Internacional colocavam-se como tarefa libertar negros, amarelos e brancos. Acontecia, porém, que, na opinião de Du Bois, “nós temos que [...] tornar nossa a causa dos trabalhadores brancos, apenas tendo o cuidado de que ao fazer isso não permitamos que comprometam nossa causa”.¹⁵⁴

A ABB teve no jornal *The Crusader* seu principal veículo de comunicação, editado por Cyril Briggs. Em setembro de 1918 foi fundado por Briggs, Richard Moore e Wilfred A. Domingo antes mesmo da criação da ABB, no inverno de 1918-1919. A história do periódico é um sintoma da aproximação de certa militância negra à III Internacional. A partir dele é possível discernir caminhos de aproximação entre a ABB e a Comintern. Ao estudar organizações transnacionais e laços de solidariedade entre elas, Margaret Stevens sugere que esforços de contrainteligência por parte dos Estados Unidos foram empreendidos para evitar

¹⁵³ FONER; ALLEN, 1987, p. 13.

¹⁵⁴ Ibid., p. 14.

aproximação entre a ABB e afro-caribenhos no Caribe.¹⁵⁵ Ela utiliza as matérias veiculadas e, mais especificamente, as cartas recebidas por *The Crusader* provenientes de afro-caribenhos residentes do próprio Caribe. Stevens posiciona dezembro de 1921 como o momento em que finalmente a ABB sinalizou explicitamente, por meio do *Crusader*, sua disposição em aderir ao bolchevismo justamente em razão da política anticolonial do governo soviético.¹⁵⁶

Vencida a hesitação cultivada ao longo da década de 1910 em relação ao Partido Socialista por causa do silêncio dominante das esquerdas a respeito da questão negra, os militantes da ABB entraram na Comintern a partir da orientação leniniana de apoiar todo e qualquer movimento revolucionário e nacional, como era o caso da Irlanda e dos negros americanos. Makalani argumenta que o fato de Lênin ter indicado esse rumo durante o II Congresso da Internacional Comunista, em 1920, foi decisivo.¹⁵⁷ *The Crusader* se afirmaria publicamente como órgão da ABB apenas em junho de 1921, quando já contava com suporte financeiro da Comintern.¹⁵⁸

Richard Benjamin Moore, Claude McKay e Cyril Briggs estavam entre os afro-caribenhos que no início dos anos de 1920 encontravam-se envolvidos em atividades comunistas. Anos antes estavam ajudando na construção da ABB. Moore, McKay e Briggs constituem evidência que o comunismo afro-americano foi construído sob as bases de um permanente diálogo das experiências afro-caribenhas e afro-americanas. A maior parte da historiografia estadunidense sustenta que o primeiro negro a fazer parte de qualquer partido comunista daquele país foi o caribenho Otto Huiswoud. Tanto este quanto Harry Haywood e Lovett Fort-Whiteman, os dois últimos estadunidenses e partícipes da ABB, rapidamente seriam importantes vozes na Internacional Comunista. Assim, uma certa experiência se forjava entre o Caribe e a costa leste dos Estados Unidos, do sul ao norte.

Claude McKay era jamaicano, filho de agricultores, prováveis descendentes de escravos, e chegou aos Estados Unidos em 1912, aos 23 anos. Poeta, trabalhou como garçom nos bares de Nova York em 1914. Possivelmente, teve contato com a literatura marxista apenas quando foi para Inglaterra, entre 1919 e 1921, então militante da ABB desde 1918. Antes de viajar, porém, havia marcado a comunidade negra com o famoso poema “If we must die”, publicado no jornal *Liberator*, em 1919, quando ocorreram diversos conflitos raciais em

¹⁵⁵ STEVENS, Margaret. **The Red International and the Black Caribbean**: Transnational Radical Organizations in New York City, Mexico and the West Indies, 1919-1939. 2004. Tese (Doutorado)–Departamento de *American Civilization*, Universidade Brown, Providence, 2004. p. 59.

¹⁵⁶ STEVENS, 2004, p. 64.

¹⁵⁷ MAKALANI, 2004, p. 132-3.

¹⁵⁸ Ibid., p. 145-6.

cidades importantes dos Estados Unidos, como Memphis, Chicago, Detroit, Nova York e Nashville.

Além de McKay, Cyril Briggs, o mais importante dirigente da ABB, era caribenho. Nascera na Ilha Nevis, parte das Antilhas Britânicas, em 1888. Acompanhando o fluxo migratório de caribenhos que rumavam a Nova York logo no início do século XX, chegaria à cidade em 1905. Em 1912 escreveria no *New York Amsterdam News* e “já naqueles anos assinalava o núcleo de suas emergentes ideias radicais: uma ligação inseparável entre ‘orgulho de raça’, ‘direitos de masculinidade’, solidariedade racial e partidarismo proletário”.¹⁵⁹

Desde os primeiros momentos em que a discussão sobre o negro teve lugar, ainda no antigo Partido Socialista, foi no bairro do Harlem, em Nova York, que as ações da esquerda mais se imbricaram com o radicalismo negro. Os habitantes do Harlem se viram, desde o início da década de 1920, diante dos comunistas, imersos em outro conjunto de questões: revolução/reforma, integração/nacionalismo e ações legais/protestos/clandestinidade. Por outro lado, os partidos comunistas também se viam forçados a uma nova noção de alteridade, já que se tornaram palco de uma abrangente formação multiétnica. A partir de então e ao longo dessa década, o Partido tornaria, vagarosamente, a agenda negra sua própria. Tinha como desafio inserir essa nova pauta numa perspectiva abrangente de luta contra o capital com base em amplas frentes, como a organização da cultura, ocupação de espaços em sindicatos e em disputas por ganhos setoriais diante do Estado e do capital. A própria transformação para o comunismo por parte de socialistas estadunidenses é tributária da atividade de afro-caribenhos e seu radicalismo político.

De todos os cinco primeiros comunistas do Harlem, todos com exceção de Huiswoud foram recrutados da African Blood Brotherhood, uma “ordem secreta revolucionária” fundada em 1919 que enfatizava a autodefesa, orgulho de raça e a autodeterminação dos negros em nações onde eles fossem maioria. Foi o anti-colonialismo da Revolução Bolchevique que atraiu sua atenção, e não os sucessos organizativos dos comunistas americanos.¹⁶⁰

Paralelamente ao radicalismo, cuja expressão principal foi a ABB, outras formas de filiação ao comunismo entre negros tinham lugar, principalmente no Sul. Por exemplo, a trajetória de Benjamin Jefferson Davis – o “Ben Davis” – teve outros impulsos. Nascido na Geórgia no início do século XX e migrado para o norte, mais especificamente Nova York, Davis, na opinião de Gerald Horne, não se tratava de uma exceção. Para este,

o contexto sugeria por que a evolução de Davis não era uma aberração. Paul Robeson, William Patterson, W. E. B. Du Bois, Shirley Graham – os mais

¹⁵⁹ SOLOMON, 1998, p. 5.

¹⁶⁰ NAISON, 2005, p. 5.

proeminentes intelectuais negros – estavam orientados para esquerda. Fazer revolucionários afro-americanos não era tão difícil nos Estados Unidos da era Jim Crow.¹⁶¹

Ben Davis graduou-se em Harvard em 1930. Partiu para as hostes comunistas depois de defender Angelo Herndon,¹⁶² que havia sido acusado de conspirar no sindicato dos trabalhadores rurais. O caso de Ben Davis, embora extemporâneo, ajuda a compor as possibilidades que a militância negra tinha face às leis de segregação. O caso de Davis é especialmente relevante porque denota a capilaridade social que o movimento comunista adquiriu entre negros estadunidenses ao fim da década de 1920 e inícios de 1930 uma vez que se tornara capaz de agregar até mesmo substratos de certa elite negra.

Se Horne está certo quanto à existência de um ambiente propício para a forja de militantes negros orientados para a esquerda, têm-se um quadro dos mais complexos no que diz respeito à formação de tradições políticas desse campo. Nesse caso, o já citado debate entre Claude McKay e W. E. B. Du Bois sobre os rumos da luta antirracista nos EUA é indicativo dos termos e dos contornos objetivos da orientação de esquerda desses intelectuais. O próprio Du Bois, em 1926, após dois meses em Moscou e ponderando sobre se o que vira era de fato realidade, escrevera: “se o que vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos na Rússia é bolchevismo, eu sou um bolchevique”.¹⁶³

Gerald Horne analisou as idas e vindas do processo de radicalização na trajetória de Du Bois. Primeiro, fez parte do Partido Socialista na década de 1910 saindo em pouco tempo para apoiar Woodrow Wilson. A NAACP, fundada em 1910, terminou por, ao combater a “infiltração” comunista nas comunidades negras, se alinhar às políticas do pós-1947, do período de Guerra Fria. A avaliação de Du Bois era que a NAACP havia quebrado as alianças entre brancos e negros no plano interno:

A pressão para apoiar o Plano Marshall, iniciada em 1947, foi importante para explicar a adesão da liderança da NAACP aos ditames da Guerra Fria. [...] Estava fortemente expresso que aqueles euro-americanos que mais se opunham ao regime Jim Crow e ao racismo eram comunistas e deveriam ser cuidadosamente vigiados no grupo.¹⁶⁴

O ambiente intelectual construído a partir dessas variadas experiências possibilitou o surgimento de uma nova frente de batalha antirracista pertencente à esfera da cultura. Assim,

¹⁶¹ HORNE, Gerald. **Black liberation/red scare**: Ben Davis and the Communist Party. Londres; Mississauga: Associated University Press, 1994. p. 27.

¹⁶² Herndon tinha 19 anos e era filiado ao CPUSA quando foi preso, em 1932, na cidade de Atlanta, sob a acusação de “tentar incitar uma insurreição”.

¹⁶³ DU BOIS apud GILMORE, 2008, p. 49.

¹⁶⁴ HORNE, Gerald. **Black and red**: W.E.B. Du Bois and the Afro-American response to the Cold War 1944-1963. Albany: State University of New York Press, 1986. p. 64.

os formadores de opinião, filósofos, artistas e literatos perseguiram novas formas, estéticas e temáticas de abordar a questão dando origem à Renascença do Harlem. Os signos próprios forjados pela experiência negra, no Harlem sobretudo, tornaram-se espaço propício à atividade comunista.

3.3 O Harlem e as formulações antirracistas

De 1919, quando uma onda de linchamentos acirrou a luta antirracista nos EUA, aos anos de 1930, muito havia mudado nas estratégias políticas dos negros norte-americanos. Em janeiro de 1934, seis mil pessoas se reuniram em torno do *Coliseum Hall*, em Chicago, para homenagear Lênin. Divididos em duas partes, eram imigrantes europeus de primeira e segunda geração e negros diaspóricos. Em Nova York, Howard “Stretch” Johnson, líder comunista no Harlem, disse sobre a participação negra no PC: “Minha memória e conhecimento dá conta de que 75% das figuras da cultura negra tinham filiação ou mantiveram contato significativo com o Partido”.¹⁶⁵

Os dados, ajustados para mais ou para menos – este último parece ser o caso – sugerem uma relação que transcende objetivos geopolíticos que a Internacional Comunista terminou por consolidar em sua cruzada pelo socialismo num só país. As agendas mais agressivas contra o racismo surgiram mais do pensamento radical de esquerda do que geralmente tem-se lhe atribuído.

Uma das principais consequências desse pensamento radical negro foi a Renascença do Harlem. O termo não é exatamente contemporâneo ao movimento. Alain Locke chegou próximo ao sentido do termo, em 1925, quando organizou a coletânea “The New Negro: an interpretation” onde constava um balanço crítico da produção cultural afro-americana desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Essa obra situa-se como basilar para qualquer tentativa de fundamentação da cronologia do movimento. Em 1925, Locke dizia que o movimento era a “nossa Declaração de Independência espiritual”.

O idealismo filosófico embutido na assertiva denuncia parte de sua formação como filósofo, cujo aprendizado em Oxford, no College de France, e na Universidade de Berlim lhe permitiu contato com a filosofia idealista alemã e europeia. Decorre desse envolvimento com

¹⁶⁵ NAISON, 2005, p. 193.

a filosofia a escolha de Locke e W. E. B. Du Bois, dois dos mais proeminentes intelectuais negros do Estados Unidos, em pautar as artes como esfera fundamental da luta contra o racismo. O procedimento de Locke baseava-se em dois momentos. Para ele, a “arte precisa descobrir e revelar a Beleza que o preconceito e a caricatura espalharam. E toda arte vital descobre beleza e abre nossos olhos para aquilo que antes não conseguíamos ver”.¹⁶⁶ “Depois da Beleza, deixe a verdade adentrar o cenário da Renascença.”¹⁶⁷

A retórica de Locke teria vasto solo fértil, haja vista uma segunda “Grande Migração” realizada pelos afro-americanos após o fim da Primeira Guerra Mundial. Cidades como Chicago e Detroit, em rápido processo de industrialização, se proletarizariam ao longo da década de 1920, o que implicou num reordenamento urbano sem precedentes. Os números da Grande Migração, que redefiniu o padrão demográfico e os parâmetros para as reformas urbanas nos Estados Unidos, são imprecisos. As estimativas dão conta de algo em torno de 2 milhões de migrantes fazendo a travessia rumo ao norte.¹⁶⁸ Essa mudança abrupta associada à vigência das leis Jim Crow é tida como parte explicativa dos diversos atos de protestos que, ao longo do ano de 1919, culminaram em batalhas campais, precedidas por linchamentos, em Chicago, Detroit, Memphis e Nova York. Mesmo que outra etapa da exploração do trabalho tenha se efetivado no período, com o crescimento do parque industrial norte-americano, a questão racial fazia florescer ambivalências na organização da classe operária.¹⁶⁹ O tema da Grande Migração e suas consequências inspiraram Locke, já que ele

[...] adicionou sua assinatura distintiva ao retrato do [Movimento] New Negro ao relacionar a geração mais jovem de escritores negros à Grande Migração de centenas de milhares de negros saindo do Sul e chegando ao Norte durante a Primeira Guerra Mundial. Para Locke, existiam dois Novos Negros – as massas negras pobres mudando a geografia da cidadania americana, e os jovens escritores negros refletindo aquela energia na literatura. O que forjou uma união entre os escritores letrados e os migrantes iletrados foi seu aprisionamento num caldeirão de segregação como o Harlem, onde a ideia de que todos eles estavam ali por um mesmo motivo – raça – diminuiu o inerente conflito de classe dentro da comunidade negra [...] Ao estabelecer relação entre os escritores negros de classe média e a classe trabalhadora negra, Locke definiu o New Negro como uma metáfora que estruturou uma série de oposições e permitiu uma mistura, senão uma síntese, de perspectivas divergentes assim como de personalidades. “Num sentido real são as pessoas comuns que estão liderando, e os líderes que estão seguindo. Uma psicologia transformada e transformadora permeia as massas.” O artista negro era

¹⁶⁶ LOCKE apud STEWART, Jeffrey. **The Critical Temper of Alain Locke**. Nova York: Garland Publishing, 1984. p. 258.

¹⁶⁷ LOCKE apud STEWART, 1954, p. 28.

¹⁶⁸ Apenas entre 1916 e 1919, 500 mil negros fizeram o percurso rumo ao Norte, e um milhão seguiu o mesmo rumo na década seguinte. TROTTER, Joe William (Org.) **The Great migration in historical perspective: new dimensions of race, class & gender**. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1991. p. 85; HARRISON, Alferdteen (Org.) **Black Exodus: The Great Migration from the American South**. Jackson: University Press of Mississippi, 1991; HIRSCH, Arnold R. **Making the Second Ghetto: Race and Housing in Chicago, 1940-1960**. Nova York: Cambridge University Press, 1983.

¹⁶⁹ HIRSCH, op. cit., 1983.

importante, portanto, não como um membro isolado da “Geração Perdida” de Gertrude Stein e F. Scott Fitzgerald, mas como um tradutor cultural, que absorveu a realidade social da vida negra na América segregada e transformou-a numa arte americana excepcional. Nos anos de inflexão da elite cultural-ideológica americana e da sociologia assimilacionista como locomotiva, Locke anunciava que a raça era o espaço criativo na cultura americana.¹⁷⁰

A perspectiva “psicológica” apontada por Magee viria a ser palpável no tempo das frentes populares nos anos de 1930. Até lá não se deve exagerar seu papel. A novidade estava na abertura de uma nova trincheira na luta contra o racismo e segregação racial. Locke e Du Bois aceitavam, tal qual Booker T. Washington, o mundo das ideias, a partir de parâmetros brancos, como espaço de disputa ideológica.

O exercício de uma arte reformada sob medida para os embates sociais não prescindia, para os comunistas, de uma organização efetiva. Por isso, é preciso compreender a organização que permitiu aos comunistas participar e influenciar esse conjunto de fenômenos antirracistas.

3.4 A “missão Martens”, a Internacional Comunista e o “cordão de isolamento”

O espírito anticolonialista externado pelos bolcheviques, associado às tentativas de aplacar todo o mundo com a influência do espírito revolucionário, chegaria a Nova York antes mesmo de a Internacional Comunista ser fundada. Afinal, era a União Soviética que se encontrava isolada do mundo. A chamada “missão Martens” teve como propósito abrir um canal comercial com os Estados Unidos. Ludwig Martens¹⁷¹ estabeleceu uma missão em Nova York no início de 1919. O propósito aparente era, de fato, abrir uma possibilidade de comércio com esse país da América. A “missão” era o ponto de chegada de um processo que começara com a criação da The Russia and Siberia Trade and Finance Corporation, em 1918, cujo papel central era revitalizar a agricultura e prover os próprios russos e outros membros da URSS com víveres básicos. A empresa também tinha como propósitos um complexo conglomerado de objetivos:

[...] “adquirir e trabalhar fontes de produtos brutos e transportar e entregar os ditos materiais onde eles podem ser empregados de maneira útil”, “desenvolver indústrias de carvão, ferro, aço, petróleo, química, algodão e outras indústrias”, “inagurar

¹⁷⁰ MAGEE, Jeffrey. **Cambridge History of American Music**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 15-16.

¹⁷¹ Ludwig Christian Alexander Karl Martens. Também aparece como Ludwig Karlovich Martens.

serviços avançados de comunicação e transporte incluindo linhas férreas, rios, portos, estradas, correios e telégrafos” e, por fim, “prover assistência técnica, financeira e material a vitais e urgentes empreendimentos municipal, comercial e industrial”. Os autores do rascunho da concessão e estabelecimento da empresa afirmavam que esta seria “incorporada sob leis russas”, e que tão logo o governo russo estivesse formado ele seria completamente reconhecido pelos vários governos, e a empresa se encaminharia para se tornar formalmente incorporada na Rússia e na Sibéria sob as provisões e requerimentos das leis do dito governo russo.¹⁷²

De acordo com o planejamento soviético, a empresa viria a funcionar basicamente como uma indutora de investimentos estrangeiros no país. Em função dela, os bolcheviques se comprometeriam a regulamentar o mercado de maneira a proteger os investimentos estrangeiros das flutuações que o processo revolucionário criara. No plano prático, a empresa parece ter fracassado em seus propósitos, e a miséria que assolara a Rússia durante a guerra civil continuou, sendo minorada pelas ajudas do Auxílio Internacional dos Trabalhadores¹⁷³ a partir de 1921.

Os planos iniciais da missão empreendida por Ludwig Martens faziam parte da estratégia soviética de romper o “cordão de isolamento” que sufocava o abastecimento de comida e dificultava o aumento da capacidade produtiva do país. Nesse sentido, até mesmo a própria investigação estadunidense corrobora com a tese:

Em anúncios públicos o Sr. Martens afirmou que o objetivo em abrir seu *bureau* era para restabelecer relações comerciais entre os Estados Unidos e União Soviética. Isso foi sem dúvida uma parte muito importante do programa que ele deveria empreender, sendo obviamente necessário para o regime da Rússia Soviética para obter muitas matérias-primas e produtos manufaturados disponíveis apenas neste país, com o objetivo de suprir as necessidades do povo russo, para restabelecer instalações de transporte naquele país e para reconstruir a indústria.

Essas coisas, sendo essenciais para a consolidação do regime soviético e para a perpetuação daquela forma de governo, era óbvio que a primeira obrigação do Sr. Martens era tentar restabelecer tais relações comerciais.¹⁷⁴

¹⁷² “to acquire and work sources of raw materials and to transport and deliver said materials where they can be most usefully employed,” to “develop the coal, iron, steel, oil, chemical, cotton, and other industries,” to “inaugurate improved services of communication and transport including railway, rivers, harbors, roads, posts and telegraphs,” and ultimately to “provide technical, financial and material assistance to vital and urgent municipal, commercial and industrial undertaking.” The authors of the draft of deed and settlement of the corporation stated that it was going to be “incorporated under Russian law,” and that as soon as a Russian government is formed it was going to be fully recognized by the several governments, and the corporation will take steps to become formally incorporated in Russia and Siberia under the provisions and requirements of the law of said Russian government. GINZBURG, Lyubov. **Confronting the Cold War legacy: the forgotten history of the American colony in St. Petersburg.** 2010. Tese (Doutorado em *American Studies*)—University of Kansas, Lawrence, 2010. p. 194.

¹⁷³ BRASKÉN, Kasper. **The revival of international solidarity: the Internationale Arbeiterhilfe, Willi Münzenberg and the Comintern in Weimar Germany, 1921-1933.** 2014. Tese (Doutorado em História)—Abo Akademi, Turku, 2014.

¹⁷⁴ “In public announcements Mr. Martens stated that the object of opening his Bureau was to re-establish trade relations between the United States and Soviet Russia. This was undoubtedly a very important part of the program he was to carry out, it being obviously necessary for the Russian Soviet regime to obtain many raw materials and manufactured products available only in this country, in order to supply the wants of the Russian people, to reestablish transportation facilities in that country, and to reconstruct industry. These things being essential to the consolidation of the Soviet regime and the perpetuation of that form of government, it was

Martens era alemão e representava o governo soviético nos Estados Unidos. O problema diplomático no qual ele e sua missão se colocaram era óbvio: não havia relações diplomáticas entre Estados Unidos e União Soviética. Havia um boicote comercial das potências ocidentais que vigeu formalmente até 1921, quando o Acordo Comercial Anglo-Soviético abriu possibilidades para o reconhecimento futuro da União Soviética pela principal potência europeia, a Inglaterra, e em 1922, quando o Tratado de Rapallo regulou as relações entre União Soviética e Alemanha.¹⁷⁵

Não se sabe exatamente os vínculos organizativos e práticos da “missão Martens” com as organizações sindicais e político-partidárias de esquerda. É possível cotejar cronologicamente e sugerir alguns roteiros verossímeis.

Os indicadores ligados às fontes diplomática e de inteligência sugerem que havia uma série de possibilidades entre o boicote econômico imposto pelo presidente Woodrow Wilson e a postura comercialmente agressiva de alguns grupos estadunidenses que viam na situação soviética uma oportunidade para bons negócios.¹⁷⁶ A mais significativa foi a iniciativa de Raymond Robins.¹⁷⁷ Ele foi à União Soviética devido a uma negociação iniciada ainda em novembro de 1917, que envolveu primeiramente possível cooperação militar entre Estados Unidos e União Soviética e, já em 1918, questões econômicas e humanitárias com a ida da Cruz Vermelha ao país.

Eles chegaram a um acordo em um número de assuntos, os quais foram aceitos por ambos os governos, americano e soviético. Robins concluiu os acordos de compra por parte do Departamento de Guerra dos Estados Unidos para os estratégicos suprimentos remanescentes de platina, assim negando os suprimentos para o esforço de guerra alemão. Lênin concordou, depois de numerosas importunações de Robins, com uma isenção dos decretos de nacionalização dos bolcheviques para um número de empresas dos Estados Unidos, incluindo Singer, International Harvester e Westinghouse. As operações críticas da Cruz Vermelha americana na Rússia foram estendidas e expandidas pelo acordo Robins-Lênin, incluindo a distribuição de leite e excedente de comida, a provisão de escassos utensílios e equipamentos agrícolas, e a contínua importação de suprimentos e dispositivos médicos.¹⁷⁸

obvious that Mr. Martens' first duty was to attempt to re-establish such trade relations.” ACTIVITIES of Russian Soviet Regime. In: STEVENSON, Archibald E. et al (Ed.). **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part I. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. v. 1. p. 643. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924052844218>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

¹⁷⁵ Cf. FINK, Carole. **The Genoa Conference**: European Diplomacy, 1921-1922. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

¹⁷⁶ MCFADDEN, David W. **Alternative Paths**: Soviets and Americans, 1917-1920. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 5.

¹⁷⁷ Robins era da Cruz Vermelha e, conquanto tenha se resguardado das influências bolcheviques, parece ter tentado, desde o início de sua missão na Rússia, restabelecer as relações diplomáticas. Cf. MCFADDEN, 1993, p. 79-124.

¹⁷⁸ “They reached agreements on a number of issues, which were accepted by both the American and Soviet governments. Robins concluded purchase agreements on behalf of the U.S. War Department for Russia's remaining supplies of strategic platinum, thus denying them to the German war effort. Lenin agreed, after

Foram as reuniões de Robins com lideranças bolcheviques que inspiraram a criação do Bureau Soviético nos Estados Unidos, culminando num sucesso instantâneo já que “substanciais contatos econômicos e técnicos foram estabelecidos com empresas americanas que depois resultaram, nos anos de 1920, no primeiro florescer das trocas científicas, técnicas e econômicas entre os Estados Unidos e a Rússia bolchevique”.¹⁷⁹

A missão Martens foi uma entre tantas empreendidas pelos bolcheviques ao redor do globo, embora os soviéticos tenham enfatizado certos lugares, como os Estados Unidos e os países escandinavos.¹⁸⁰ A centralidade estadunidense na estratégia bolchevique para romper o isolamento comercial era tal que Martens escrevera a Chicherin¹⁸¹ com a seguinte avaliação: “Nós entendemos as táticas as quais nós estivemos perseguindo a todo momento com relação aos Estados Unidos – ou seja, em todos os assuntos que os Estados Unidos continuam sendo o país capitalista onde há esperança para romper o bloqueio.”¹⁸²

Em 1920, a experiência da missão Martens com os homens de negócio americanos havia substituído o bloqueio como um ponto de conversa econômico para os pedidos bolcheviques. Em uma das maiores iniciativas de paz do período por parte dos bolcheviques, recebida e repassada pelo Ministro do Exterior do governo sueco em fevereiro de 1920, Chicherin enfatizou em detalhe os bem-sucedidos contatos com o “comércio e indústria americano” e falou do “gigantesco papel” que os Estados Unidos teriam na reconstrução. Ele então concluiu com um apelo por negociações.¹⁸³

A atividade de Martens nos Estados Unidos e, mais que isso, sua sincronização com outras missões ao redor do globo fizeram com que as atividades contrarrevolucionárias

numerous importunities by Robins, to an exemption from Bolshevik nationalization decrees for a number of United States corporations, including Singer, International Harvester, and Westinghouse. The critical operations of the American Red Cross in Russia were extended and expanded by the Robins-Lenin agreement, including the distribution of milk and surplus food, the provision of scarce farm implements and equipment, and the continued importation of medical supplies and devices.” Ibid., 1993, p. 4.

¹⁷⁹ “Substantial economic and technical contacts were established with American businesses that later resulted, in the 1920s, in the first blossoming of American scientific, technical, and economic interchange with Bolshevik Russia.” MCFADDEN, 1993, p. 5.

¹⁸⁰ Leonid Krasin, entre 1918 e 1920, foi a Estocolmo e Londres. Tentou vistos para entrar nos Estados Unidos, sem sucesso. Argumentou com o politburo que era fundamental abrir negociações comerciais com Berlim (Ibid., p. 270). A inteligência britânica, em julho de 1920, descreve parte do conteúdo de uma das negociações de Krasin: “Before Krassin originally left Copenhagen for England he was concerned in some discussion of a loan to be raised by the Frankfurt bankers in conjunction with Siemens-Schuckert. No positive agreement had been arrived at, but the proposal was to be deferred until after the more important business of getting a connection with England had been achieved.” CAB/24/111. **Revolutionary Movements in British Dominions Overseas and Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), n. 21, p. 32, jul. 1920.

¹⁸¹ Gyorgy Chicherin foi Comissário do Povo para Assuntos Externos da União Soviética entre 1918 e 1930.

¹⁸² “We well understand the tactics which we all the time have been pursuing with respect to the U.S.—namely, in all matters that the U.S. remains the capitalist country in which there is hope for breaking through the blockade.” MARTENS, 1919 apud MCFADDEN, 1993, p. 267.

¹⁸³ “By 1920, the Martens mission's experience with American businessmen had replaced the blockade as the economic talking point for Bolshevik appeals. In one of the major Bolshevik peace initiatives of this period, relayed through the Foreign Minister of the Swedish government in February 1920, Chicherin stressed in detail Martens' successful contacts with “American commerce and industry” and talked of the ‘gigantic role’ the United States could play in reconstruction. He then concluded with an appeal for negotiations.” Ibid., 1993, p. 268.

tivessem lugar rapidamente. As missões descritas no capítulo anterior desempenhadas por Borodin, Abramson e Katayama tiveram os objetivos de apoiar as missões comerciais e realizar avaliações políticas das áreas visitadas. Nas Américas, a missão Martens, tendo em vista seu mais alto grau de prioridade, deveria receber suporte das outras missões espalhadas pelo continente.

A natural centralidade da missão soviética em Nova York atraiu a atenção dos serviços de inteligência. Theodore Kornweibel adiciona um outro aspecto a este tempo: a construção de uma infraestrutura de inteligência para vigiar e interferir na militância negra tanto quanto na comunista.¹⁸⁴

O *Lusk Committee* foi uma resposta dura, tanto à missão quanto a toda esquerda nova-iorquina. Clayton Lusk, político e advogado de Nova York, foi o coordenador do Comitê Legislativo Misto de Investigação a Atividades Sediciosas que terminou suas atividades em abril de 1920. Tratou-se de uma investigação que, a partir de mandados de busca e apreensão, fechou o Russian Soviet Bureau,¹⁸⁵ a Rand School of Social Science,¹⁸⁶ a esquerda do Socialist Party, a Industrial Workers of the World e 73 seções do Partido Comunista. Rapidamente seriam desbaratadas organizações que durante anos haviam tentado se estruturar minimamente. O relatório do *Lusk Committee* culminou na elaboração de quatro volumes. Os dois primeiros constituem-se como uma exposição da engenharia ideológica dos grupos “sediciosos”. Os dois últimos se caracterizam como receituário de prognóstico às atividades sediciosas tendo como consequência a propositura de leis e medidas restritivas a estrangeiros.¹⁸⁷

No relatório, não é possível identificar comprovações da ingerência dos membros da missão Martens nos negócios internos dos comunistas e de organizações radicais negras. Há, contudo, um capítulo, o quinto do segundo volume, sobre a questão negra: “Propaganda

¹⁸⁴ “The conclusion is inescapable: The federal intelligence partners, led by the Justice Department’s Bureau of Investigation, knew that even strident racial advocacy and self-defense were lawful. But their distaste for black militancy was so profound that they persisted in harassing individuals engaged in legal, if unpopular, activities. The even-handed administration of justice was sacrificed. Federal injustice prevailed. And it established a pattern of hostility to racial and civil rights progress that persisted for the next fifty years, until after the death of J. Edgar Hoover in 1972.” KORNWEIBEL JR., Theodore. “**Seeing Red**”: Federal campaigns against black militancy, 1919-1925. Bloomington: Indiana University Press, 1998. p. 182.

¹⁸⁵ O nome oficial do organismo dirigido por Ludwig Martens.

¹⁸⁶ Criada em Nova York no ano de 1906 pelo Partido Socialista.

¹⁸⁷ STEVENSON, Archibald E. et al (Ed.). **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part I Revolutionary and subversive movements abroad and at home. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. 2 v.; STEVENSON, Archibald E. et al (Ed.). **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part II Constructive movements and measures in America. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. 2 v.

Among Negroes”. “Socialism Imperilled, or the Negro – A Potential Menace to American Radicalism”, documento achado numa busca e apreensão em 21 de junho de 1919 na Rand School of Social Sciences, escrito, de acordo com o relatório, por W. A. Domingo, um jamaicano de nascimento, socialista e morador do Harlem.¹⁸⁸ Domingo defendia uma aliança entre socialistas e negros. Argumentava que alguns membros da esquerda já percebiam a importância dessa necessidade apesar de a parcela dominante do PS não corroborar. Domingo sugeria a possibilidade de que:

[...] essa atitude da parte dos radicais americanos seja por causa do fato que eles são americanos e compartilham a típica psicologia dos brancos americanos em relação aos negros. Se isso é assim, então seu radicalismo não é genuíno e é merecidamente destinado ao fracasso. Para alguém pensar que o negro é indigno de consideração significa ir contra a história. [...] Talvez alguns fatos ameaçadores e surpreendentes da história possam desiludir as mentes daqueles em dúvida e tornar sóbrios os cegos entusiasmos dos teóricos fanáticos. Esses fatos contêm lições que até brancos radicais, que ainda estão sob a influência da psicologia americana que pensa em termos de raças e não de classe, podem muito bem atentar.¹⁸⁹

Quando se referia a “fatos ameaçadores e surpreendentes”, Domingo tinha em mente, sobretudo, a incorporação de negros nos exércitos, inclusive de países colonialistas. Na lógica do argumento de Domingo, era fundamental convencer os negros dos objetivos reais do socialismo e instruí-los, posto que apenas desse modo seria possível conquistar verdadeira autonomia.

Existem apenas poucos exemplos mostrando que os capitalistas, ou mais precisamente os governos, não discriminam as armas que eles empregam para conquistar seus fins; eles também mostram que se não forem instruídos, os negros, no presente estado de ignorância dos verdadeiros objetivos do Socialismo, estão sujeitos a ser ferramentas voluntárias da plutocracia.¹⁹⁰

A maneira como foi montado o relatório do *Lusk Committee* não deixa margem para interpretações quanto aos seus propósitos. Logo depois do documento de Domingo, uma carta de David P. Berenberg¹⁹¹ a Francis Pelegirino, de 16 maio de 1919,¹⁹² é exposta na íntegra. Parte do conteúdo segue:

¹⁸⁸ STEVENSON, 1920, v. 2, p. 1489.

¹⁸⁹ “[...] this attitude on the part of American radicals is because of the fact that they are Americans and share the typical white American psychology towards negroes. If this is so, then their radicalism is not genuine and is deservedly doomed to failure. For anyone to think the negro (sic) unworthy of consideration is for that one to fly in the face of history. [...] Perhaps a few ominous and startling facts from history may disabuse the minds of those in doubt and sober the blind enthusiasm of the fanatical theorists. These facts contain lessons that even white radicals who are still under the influence of the American psychology which thinks in terms of races, not class, may well heed.” Ibid., v. 2, p. 1509.

¹⁹⁰ “These are but a few examples showing that capitalists, or rather governments, do not discriminate as to the weapons they employ to achieve their ends; they also show that unless instructed, negroes, in their present state of ignorance of the real aims of Socialism, are liable to be willing tools of the plutocracy.” Ibid., v.2, p. 1510.

¹⁹¹ Membro do Partido Socialista e responsável por cursos a distância de Ciências Sociais da Rand School of Social Science.

Eu estou enviando os informes sobre os cursos. Claro, eu sei que eles não são tudo aquilo que você gostaria de ter, mas eu acho que seria mais inteligente se você me fizesse perguntas que eu possa então responder.

Há uma grande necessidade de trabalho missionário entre todas as pessoas e especialmente entre as pessoas de cor. Nós temos aqui um grupo muito ativo de camaradas – entre eles os camaradas Chandler Owen e Domingo – que têm nos advertido que a menos que aceleremos nosso caminho junto aos negros, os capitalistas podem usá-los no tempo da revolução social como os tchecoslovacos estão sendo usados na Rússia.¹⁹³

O relatório indica que a intenção de realizar trabalho especial na comunidade negra teria surgido a partir do documento de Domingo. Os cursos seriam oferecidos pela Rand School. Moldados a partir da ideia de “formação política”, objetivavam apresentar uma visão do socialismo e ensinar estratégias organizativas. Portanto, as escolhas pedagógicas e curriculares que eram pensadas para os cursos estavam obedecendo a fatores políticos que, na interpretação do *Lusk Committee*, ameaçavam o país.

O capítulo V, relativo à propaganda entre os negros, conclui da seguinte maneira:

Nós temos citado por um tempo considerável as várias publicações de negros radicais e revolucionários acima referidos, em função de claramente trazer à tona o tipo de propaganda que está sendo disseminada entre as pessoas dessa raça tanto como mostrar o calibre mental dos líderes do movimento radical entre negros. Esse movimento está sendo inteligentemente incentivado pelo Partido Socialista e pela Rand School of Social Science.

Nós acreditamos que muita dessa propaganda cai em solo fértil, por razão dos linchamentos, da legislação Jim Crow e da restrição do direito de voto dos negros em muitos estados. Ao invés de procurar remediar essas condições sob o prisma legal, como nós firmemente acreditamos que deveriam ser remediadas, elas são feitas de base para um apelo por consciência de classe. Essa propaganda procura fazer o negro acreditar que o único caminho para que seu grupo possa melhorar é pela abolição de nossa forma de governo e pela substituição, portanto, de um sistema de governo similar àquele da Rússia Soviética e pela instituição da cooperativa Comunidade Socialista.¹⁹⁴

¹⁹² Nascido em Birmingham, Reino Unido, em 1876, foi para a África do Sul em data desconhecida. Segundo relatos também incertos, proferiu em 1900 uma palestra intitulada “The Manners and Customs of the Natives of South Africa: their religion and superstitious beliefs” na Cidade do Cabo. Em 1920 já estaria nos Estados Unidos. SHERWOOD, Marika. **Origins of Pan-Africanism**: Henry Sylvester Williams, Africa, and the African Diaspora. Nova York: Routledge, 2012. p. 258.

¹⁹³ “I am sending you the bulletins covering the courses. Of course, I realize that they are not all that you would like to have, but I think it would be wiser for you to ask me questions which I could then answer.

There is great need for missionary work among all people and especially among colored people. We have here a very active group of comrades— among them Comrades Chandler Owen and Domingo— who warn us that unless we make headway with the negroes, the capitalists may use them in time of a social revolution much as the Czechoslovaks are being used in Russia.” STEVENSON, 1920, v. 2, p. 1511.

¹⁹⁴ “We have quoted at considerable length from the various radical revolutionary negro publications above referred to, in order to clearly bring out the type of propaganda that is being disseminated among the people of this race as well as to show the mental calibre of the leaders of the radical movement among negroes. This movement is being cleverly fostered by the Socialist Party and by the Rand School of Social Science.

We believe that much of this propaganda falls on fertile soil, by reason of lynchings, Jim Crow legislation and the abridgment of the right of franchise to negroes in many states. Instead of seeking to remedy these conditions in lawful manner, as we firmly believe they should be remedied, they are made the basis for an appeal to class consciousness. This propaganda seeks to make the negro believe that the only way in which his lot can be bettered is by the abolition of our form of government and the substitution therefor of a system of government similar to that of Soviet Russia and by the institution of the co-operative Socialist Commonwealth.” Ibid., v. 2, p. 1519-20.

O(s) autor(es) do relatório aponta(m) para o solo fértil encontrado pela propaganda radical em função da segregação racial, dos linchamentos e do conjunto de leis discriminatórias. A posição explícita no escrito é que se deveria apelar à justiça comum, aos direitos constitucionais e não à “consciência de classe” para solucionar possíveis problemas sociais.

A exposição feita da propaganda entre afro-americanos levou em consideração todas as organizações negras achadas pela investigação nos Estados Unidos e em Nova York. A African Blood Brotherhood (ABB) não foi citada em nenhum dos quatro volumes. A aparição de Cyril Briggs, Richard Moore e Claude McKay, quando ocorre, é puramente episódica. Por outro lado, a investigação periódica que os britânicos faziam constata a existência da ABB, mas eles não pareceram dar maiores atenções à organização. Ao relatar o crescimento da campanha de propaganda entre afro-americanos, o relatório informa:

“Nem todo o poder da Europa nem a Liga das *Damnations* será capaz de frear a investida por liberdade”, para citar as palavras do “The Crusader”, um jornal que também anuncia a formação de uma outra organização de cor, “a Irmandade do Sangue Africano para Liberação e Redenção Africana”, a filiação para a qual é limitada aqueles “que estão dispostos a ir ao limite”.¹⁹⁵

Lovett Fort-Whiteman, afro-americano, depois de participar da Revolução Mexicana de 1910 e conviver com os anarco-sindicalistas da Casa del Obrero Mundial, se filia ao Partido Socialista em 1917. Mais precisamente, faria parte da seção do Harlem do mesmo Partido, onde conheceria Philip Randolph e Chandler Owen, então socialistas e membros da revista *Messenger*, alternativa radical à *Crisis*, da NAACP.¹⁹⁶ Ainda em 1917, publicaria textos referindo-se a temas raciais e mencionaria o termo “New Negro” oito anos antes de ser cunhado definitivamente por Alain Locke. Fort-Whiteman fez cursos na Rand School nos anos 1917-8. Além dele, Otto Huiswoud também fez parte da escola dos socialistas e, tal qual Whiteman, viria a ser estudante de Domingo, Randolph e Owen. Joyce Moore Turner aponta para uma constelação de origens negras que compunham o bairro Harlem e, mais precisamente, o 21º distrito, a seção do PS.

Enquanto muitos homens e mulheres aderiram ao Partido Socialista ou frequentavam a Rand School, apenas quando o Harlem passou a ser sua comunidade e o ramo do 21º distrito formado que eles puderam participar coletivamente numa unidade de bairro. Assim o desenvolvimento do Harlem criou a oportunidade para afro-caribenhos juntarem-se a afro-americanos para ajudar a forjar um braço da

¹⁹⁵ “‘Not all the might of Europe or the League of Damnations will be able to stop the onslaught for freedom’ to quote the words of ‘The Crusader’ a newspaper which also announces the formation of yet another coloured organisation, ‘The African Blood Brotherhood for African Liberation and Redemption’, the membership of which is limited to those ‘who are willing to go the limit’”. CAB/24/95. **Revolutionary Movements in British Dominions Overseas and Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), p. 28, dez. 1919.

¹⁹⁶ GILMORE, 2008, p. 34.

organização coesa que estenderia em um modo mais estruturado o vetor da periferia ao centro.¹⁹⁷

O ano de 1919 marca uma clivagem narrativa. O quadro geral inclui os conflitos raciais sangrentos nesse ano, a fragmentação do Partido Socialista, os dois Partidos Comunistas – o Communist Party of America e o Communist Labor Party –, o radicalismo negro e suas organizações e, por fim, a vigilância repressiva do Estado. Por outro lado, inclui a internacionalização da chamada questão negra e a criação da Comintern.

O segundo e o terceiro congressos da IC, em 1920 e 1921 respectivamente, já constavam de apoios específicos pela emancipação de colônias. No II Congresso, John Reed realizou duas falas sobre a situação dos negros nos Estados Unidos.

Se nós consideramos os negros como povos escravizados e oprimidos, então eles nos põem duas tarefas: por um lado um forte movimento racial e por outro um forte movimento dos trabalhadores proletários, cuja consciência de classe está rapidamente crescendo. Os negros não demandam independência nacional. Um movimento que procura por uma existência nacional separada, como por exemplo o movimento “de volta a África” que poderia ser observado alguns anos atrás, nunca é bem-sucedido entre negros. Eles se consideram antes de tudo americanos, eles se sentem em casa nos Estados Unidos. Isso simplifica as tarefas dos comunistas consideravelmente.

A única política correta para os Comunistas americanos em relação aos negros é tratá-los acima de tudo como trabalhadores. Os trabalhadores agrícolas e pequenos proprietários do Sul impõem, a despeito do atraso dos negros, as mesmas tarefas que aquelas que temos em relação ao trabalhador branco do campo. A propaganda comunista pode ser conduzida entre negros que estavam empregados como trabalhadores industriais no Norte. Em ambas as partes do país nós precisamos nos esforçar para organizar os negros nos mesmos sindicatos que os brancos. Essa é a melhor e mais rápida maneira de acabar com o preconceito racial e acordar a solidariedade de classe.

Os comunistas não podem situar-se distantes do movimento negro que demanda sua igualdade política e social e no momento, num tempo de rápido crescimento da consciência racial, está se espalhando rapidamente entre negros. Os comunistas precisam usar esse movimento para expor a mentira da igualdade burguesa e enfatizar a necessidade da revolução social a qual irá não apenas liberar todos os trabalhadores da servidão mas é também a única maneira de libertar o povo negro.¹⁹⁸

¹⁹⁷ “While several men and women joined the Socialist Party or attended the Rand School, it was not until Harlem became their community and the Twenty-first district branch formed that they could participate collectively in a neighborhood unit. Thus the development of Harlem provided opportunity for African Caribbeans to join with African Americans to help forge a cohesive organizing arm that would extend in a more structured way from uptown to downtown.” TURNER, Joyce Moore. **Caribbean Crusaders and the Harlem Renaissance**. Champaign: University of Illinois Press, 2005. p. 53.

¹⁹⁸ “If we consider the Negroes as an enslaved and oppressed people, then they pose us with two tasks: on the one hand a strong racial movement and on the other a strong proletarian workers’ movement, whose class consciousness is quickly growing. The Negroes do not pose the demand of national independence. A movement that aims for a separate national existence, like for instance the ‘back to Africa’ movement that could be observed a few years ago, is never successful among the Negroes. They hold themselves above all to be Americans, they feel at home in the United States. That simplifies the tasks of the communists considerably. The only correct policy for the American Communists towards the Negroes is to regard them above all as workers. The agricultural workers and the small farmers of the South pose, despite the backwardness of the Negroes, the same tasks as those we have in respect to the white rural proletariat. Communist propaganda can be carried out among the Negroes who are employed as industrial workers in the North. In both parts of the country we must strive to organise Negroes in the same unions as the whites. This is the best and quickest way to root out racial prejudice and awaken class solidarity.

Até uma resolução específica sobre a questão negra, no entanto, seriam necessários mais dois anos. No IV Congresso da IC, Otto Huiswoud e Claude McKay participariam da elaboração de uma versão preliminar das “Teses sobre a Questão Negra”. Foi o primeiro trabalho da primeira Negro Commission, criada especificamente para elaborar políticas para a população negra. Pouco seria tratado acerca da África Colonial. A inspiração para elaboração das teses provinha da realidade estadunidense, em que pese a tentativa de formular uma política “atlântica” de combate ao racismo. Lidas por Huiswoud, as formulações parciais das Teses eram:

O IV Congresso considera essencial apoiar todas as formas de movimento negro as quais objetivem minar ou enfraquecer o capitalismo e imperialismo ou prevenir suas expansões. [A Comintern lutará pela igualdade racial entre brancos e negros, nos planos econômico, social e político.] A Comintern fará todo o possível para forçar sindicatos a aceitarem negros onde quer que a admissão seja legal. Em casos onde não for admitido por lei, iniciará uma campanha para tal fim. Caso a iniciativa se prove sem sucesso, a Comintern organizará os negros em seus próprios sindicatos com este fim. Feito isto, organizará “Frentes Únicas” para obter a aceitação dos sindicatos de trabalhadores. A Comintern se comprometerá a organizar um congresso negro internacional em Moscou.¹⁹⁹

Para chegar até essa conclusão, foram apresentadas as similitudes entre a situação dos negros nos Estados Unidos com as populações submetidas pelo colonialismo e imperialismo na América Central, Ásia e África. Foi definida após o congresso a criação de um Bureau Negro para organização de uma Conferência Mundial Negra (World Negro Conference). Huiswoud então permaneceria em Moscou para organizar a Conferência até dezembro de 1922, quando receberia uma carta do CEIC transferindo-o para o Secretariado do Oriente com

The Communists must not stand aloof from the Negro movement which demands their social and political equality and at the moment, at a time of the rapid growth of racial consciousness, is spreading rapidly among Negroes. The Communists must use this movement to expose the lie of bourgeois equality and emphasise the necessity of the social revolution which will not only liberate all workers from servitude but is also the only way to free the enslaved Negro people.” REED, John. Minutes of the Second Congress of the Communist International: Fourth Session, July 25 – Discussion, America and the Negro question. **Marxists Internet Archive**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/2nd-congress/ch04.htm#v1-p121>>. Acesso em: 19 out. 2012.

¹⁹⁹ “The Fourth Congress considers it essential to support all forms of the black movement which aim either to undermine or weaken capitalism and imperialism or to prevent their further expansion. The Communist International will fight for the racial equality of blacks and whites, for equal wages and equal social and political rights. The Communist International will do all it can to force the trade unions to admit black workers wherever admittance is legal, and will insist on a special campaign to achieve this end. If this proves unsuccessful, it will organise blacks into their own unions and then make special use of the united front tactic to force the general unions to admit them. The Communist International will immediately take steps to convene an international black conference or congress in Moscow.” FOURTH Congress of the Communist International: The Black Question, 30 nov. 1922. **Marxists Internet Archive**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/4th-congress/blacks.htm>>. Acesso em: 19 out. 2012.

ordens para trabalhar com Sen Katayama e utilizar-se do aparato daquele Secretariado para resolver todos os assuntos pertinentes à questão negra.²⁰⁰

A criação do Bureau Negro ficaria, portanto, em suspenso. A organização da Conferência, pensada inicialmente para ser sediada em Moscou, fracassaria no curto prazo. No decorrer do IV Congresso, o segundo ponto, entre colchetes, não constava na versão lida por Huiswoud, que terminou sendo reprovada pela plenária. O segundo ponto era, na versão original: “o trabalho entre negros deve ser feito principalmente por negros”.²⁰¹ Terminou sendo retirada da versão final depois de uma intervenção. O tema da integração estaria em definitivo na pauta da Comintern e obedeceria à mecânica revolucionária cominterniana que advogava a luta de trabalhadores negros e brancos contra o capitalismo e imperialismo.

9 de agosto de 1921. Comunistas estadunidenses reunidos em Nova York fundam uma importante e discreta organização: Friends of Soviet Russia (FSR). Sua criação sucedeu à tentativa de restabelecer laços diplomáticos com os Estados Unidos por meio de uma representação comercial sob a direção de Ludwig Martens chamada de Russian Soviet Government Bureau, sediada em Nova York. O aparato logístico e ideológico terminou automaticamente transferido para a FSR. A deportação de Martens coincidiu com uma série de transformações na União Soviética e evidenciou tensões na política externa estadunidense e dificuldades organizativas dos comunistas na Rússia para fortalecer a Comintern em todo o mundo.

Embora a FSR tenha sido criada sob escombros de uma organização diplomática, a partir de seu rebatismo, adquiriria funções humanitárias. Em 1927 o nome seria substituído por Friends of Soviet Union já enquanto parte da International Association of Friends of Soviet Union (IAFSU). Os propósitos da organização se alterariam silenciosamente com a modificação dos nomes. Como organização transnacional, a IAFSU não durou até a Segunda Guerra Mundial. Foi dissolvida também em silêncio em 1941 como tantas outras organizações de frente.²⁰²

²⁰⁰ VAN ENCKEVORT, Maria Gertrudis. **The Life and Word of Otto Huiswoud**: professional revolutionary and internationalist (1893-1961). 2000. Tese (Doutorado em História)–The University of West Indies, Kingston, 2000. p. 76.

²⁰¹ Protokoll des IV Kongresses, p. 697 apud VAN ENCKEVORT, 2000, p. 71.

²⁰² NEMZER, Louis. The Soviet Friendship Societies. **The Public Opinion Quarterly**, v. 13, n. 2, p. 271, primavera 1949.

A história dessa organização em cada país que presenciou sua existência é específica e difícil de ser generalizada, uma vez que ela não obedeceu às diretrizes cominternianas. Na maior parte dos casos, os “Amigos” dos soviéticos criaram diferentes nomes, mas estiveram atrelados inicialmente à Ajuda Internacional dos Trabalhadores e depois ao Socorro Internacional, este sim, vinculado à IC. A fórmula de ajuda internacional baseada na solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo, capitaneada pelas células comunistas nos respectivos países, é tida como obra do alemão Willi Münzenberg. Essas organizações eram necessariamente de Frente e continham, como condição *sine qua non* para o seu funcionamento, tendências não faccionais. Foi este o caso da FSR nos Estados Unidos. A melhor explicação para o surgimento dessas organizações ainda se encontra em Edward Carr, quando sugere que, em sendo a Sindical Vermelha e Internacional Comunista da Juventude organizações comunistas, elas fracassaram no propósito de

[...] criar um canal de aproximação de simpatizantes não comunistas. Tal abordagem foi, no entanto, necessária; e depois do fim do terceiro Congresso uma tentativa foi levada a cabo por meio de uma série de organizações livremente conectadas com o partido por objetivos comuns, mas livres dos mesmos compromissos com a ação revolucionária e livres dos mesmos requerimentos rigorosos da doutrina e disciplina. [...] O primeiro impulso parece ter vindo, quase acidentalmente, da emergência da fome russa. Sob a liderança do engenhoso e ambicioso Münzenberg, uma Sociedade Internacional de Socorro aos Trabalhadores (MPR) foi fundada em Berlim em 12 de setembro de 1921. Seu propósito inicial era prover a esquerda com um contrapeso para o generoso suprimento de ajuda enviado para a Rússia Soviética pela ARA (Administração da Ajuda Americana) e outras agências burguesas para mitigar os horrores da fome.²⁰³

A criação de fundos por meio da contribuição solidária de trabalhadores de todo o mundo obedeceu a critérios que podem ser generalizados da seguinte maneira: 1) intentava sobrepor diferenças ideológicas sob o argumento humanitarista das ajudas; 2) desconsiderava as fronteiras nacionais em razão também do argumento humanitário; 3) mantinha as sedes operacionais fora de Moscou.

Berlim era o principal centro operacional de Münzenberg, onde diversas atividades instigadas e administradas por suas mãos funcionaram como um *hub* geográfico para uma variedade de movimentos tanto oficial como extraoficialmente conectado à

²⁰³ CARR, Edward H. **A History of Soviet Russia**: The Bolshevik revolution, 1917-1923. New York: The MacMillan Company, 1953. v. 3. p. 404. “of providing a channel of approach to non-communist sympathisers. Some such approach was, however, necessary; and after the end of the third congress an attempt was made to effect it through a series of organizations loosely connected with the party by common aims, but free from the same commitments to revolutionary action and from the same stringent requirements of doctrine and discipline. [...] The first impulse seems to have come, almost accidentally, from the emergency of the Russian famine. Under the leadership of the ingenious and ambitious Münzeberg, an International Workers’ Aid Society (MPR) was founded in Berlin on September 12, 1921. Its initial function was to provide a Left-wing counter-weight to the generous relief supplies sent to Soviet Russia by ARA (American Relief Administration) and other bourgeois agencies to mitigate the horrors of the famine.”

Ajuda Internacional dos Trabalhadores (Liga contra o Imperialismo, os Amigos da União Soviética, publicações, distribuição de filmes etc.).²⁰⁴

O espírito de Frente era, portanto, a tônica de organizações como a Liga Anti-imperialista, Amigos da União Soviética/Rússia Soviética, Socorro Vermelho e as organizações baseadas em critérios raciais.²⁰⁵ Essa característica persistiria ao longo de toda a década de 1920, a despeito da política de *classe contra classe* do Terceiro Período, e a FSR continuaria a existir e a financiar importantes veículos de comunicação. Por ora, basta antecipar que uma das principais agências de informação da comunidade afro-americana, a *Crusader News*, era financiada pela FSU e tinha Cyril Briggs como seu editor e militante da FSU.

3.5 Integração e o mundo do trabalho

As questões relativas à integração de grupos de lugares distintos e de fenótipos sensivelmente diferentes foram enfrentadas de duas maneiras. Entre comunistas havia grupos que promulgavam uma racialização em que negros travariam discussões com negros e brancos com brancos. Esses eram os comunistas das Federações de línguas. Entre afro-americanos e afro-caribenhos, Cyril Briggs defendeu essa mesma posição até meados da década de 1920. A maioria de afro-caribenhos e afro-americanos defendia a integração. Entretanto, antes mesmo de integrar-se aos brancos havia uma diferenciação que deveria ser vencida. Afro-americanos e afro-caribenhos nem sempre travaram uma relação amistosa. A ABB, constituída por uma maioria afro-caribenha, e a United Negro Improvement

²⁰⁴ Berlin was Münzenberg's main operative centre, where several of the activities instigated and managed through his hands functioned as a geographical hub for a variety of movements either officially or unofficially connected to the WIR (League against Imperialism, the Friends of Soviet Union, publishing, movie distribution etc.). Fredrik Petersson "In Control of Solidarity? Willi Münzenberg, the Workers' International Relief and League against Imperialism, 1921-1935" PETERSSON, 2007, p. 9.

²⁰⁵ Kathleen Brown e Van Gosse defendem que a militância em organizações de Frente obedeceu a cotidianos diferentes daqueles praticados por militantes unicamente dedicados à organização do Partido. Chegam a afirmar que as mulheres comunistas militaram, sobretudo, nessas frentes partidárias e organizações auxiliares. A história de Ella Reeve Bloor é estudada por Brown numa biografia histórica que revela uma militante obediente às ordens do partido, que viajou de costa a costa tentando organizar mineiros e angariar membros para as organizações de frente (FSU, International Labor Defense, National Council for Protection of Foreign Born, etc.) e fundos para os jornais do partido, tais como o *Daily Worker*. O trabalho de Brown demonstra quão difícil era, para o militante, separar o trabalho de frente do trabalho partidário e como essa tensão era responsável tanto por aproximar quanto por distanciar simpatizantes. BROWN, Kathleen A. **Ella Reeve Bloor: The Politics of the Personal in the American Communist Party**. 1996. Tese (Doutorado)–Universidade de Washington, Seattle, 1996. p. 4, 69-70, 178, 227, 228.

Association (Unia), de Marcus Garvey, fundada por um caribenho, enfrentaram dificuldades para lidar com o programa da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), de origem estadunidense.

Tornando evidente o chamado por unificação, o *Messenger* dizia:

Devemos nos manter escravos, ou nos transformar em homens livres?
Negros das Índias Ocidentais e da América, uni-vos!
Negros das Índias Ocidentais, vocês são oprimidos. Negros americanos, vocês são igualmente oprimidos. Índios Ocidentais, vocês são negros. Americanos, vocês são igualmente negros. É sua cor sobre a qual o homem branco passa julgamento, não seus méritos, nem linha geográfica entre vocês.²⁰⁶

Tendo em vista essa dispersão que poderia resultar num conglomerado de questões nacionais a serem resolvidas, John Reed disse, a respeito dos afro-americanos, que eles se sentiam, antes de tudo, americanos.²⁰⁷ Dessa maneira, em início dos anos de 1920 toda tentativa visava dirimir os pontos de divergência para unificação das ações antirracistas sob a direção dos comunistas, preferencialmente.

Ao propor com tamanha ênfase uma unificação, o *Messenger* tornava pública a fragmentação organizativa dos “partidos” negros. Havia um conflito em um nível tal que impossibilitava uma integração. Alianças estáveis entre as três organizações que foram citadas até aqui, a saber, a Unia, a NAACP e a ABB, não eram possíveis. Um dos aspectos componentes dessa dificuldade em trabalhar a unificação de pautas talvez tenha obedecido à questão da nacionalidade – “eles se vêem antes de tudo como americanos”, segundo John Reed – que pareceu dotar a tradição socialista estadunidense com traços nacionalistas que nem sempre se encontrou entre congêneres europeus e latino-americanos.

Sabe-se que o movimento demográfico que afetou Nova York e a Renascença do Harlem, para Glenda Gilmore, poderia ter se chamado de Raleigh Renaissance, haja vista que “tantos negros da Carolina do Norte se mudaram para Nova York com apenas poucas quadras entre eles”.²⁰⁸ Os imigrantes do Caribe, ao chegar no Harlem e, genericamente, em Nova York, tenderam a enfrentar resistências à migração negra por parte de alguns grupos nativistas, tais como os representados por Marcus Garvey e Fred R. Moore, que advogavam a

²⁰⁶ “Shall We Remain Slaves, or Become free Men?

Negroes of the West Indies and America, Unite!

West Indian negroes, you are oppressed. American negroes, you are equally oppressed. West Indians, you are black. Americans, you are equally as black. It is your color upon which white men pass judgment, not your merits, nor the geographical line between you.” STEVENSON, Archibald E. et al, 1920, v. 2, p. 1.484.

²⁰⁷ “The Negroes do not pose the demand of national independence. A movement that aims for a separate national existence, like for instance the ‘back to Africa’ movement that could be observed a few years ago, is never successful among the Negroes. They hold themselves above all to be Americans, they feel at home in the United States. That simplifies the tasks of the communists considerably.” REED, [s.d]. Acesso em: 31 out. 2014.

²⁰⁸ GILMORE, 2008, p. 5. “so many black North Carolinians settled within a few blocks of one another in New York”.

volta dos negros à África e não a permanência e integração nos Estados Unidos.²⁰⁹ Por parte dos afro-americanos, havia desencontro de hábitos, costumes e, fundamentalmente, uma sensação de permanente desalojamento em razão da chegada de novos imigrantes. Certa ambivalência relativa aos processos migratórios que faziam chegar levadas de afro-caribenhos ao Harlem, por exemplo, tinha raízes nos medos da competição e na possibilidade de deslocamento.²¹⁰ Em finais da década de 1910, a fraqueza política do Harlem, comparada ao *south side* de Chicago, foi explicada também em razão de dissenso entre afro-americanos e afro-caribenhos.²¹¹

Um dos mais claros exemplos da complexidade da questão é a greve de metalúrgicos de 1919. Em resumo, os trabalhadores tentavam tornar permanentes os ganhos do período de guerra. Durante esse movimento paredista, afro-americanos furaram a greve e substituíram trabalhadores nas fábricas. Tratou-se de uma série de boicotes que metalúrgicos negros impuseram às greves da classe organizadas em 1919 e 1921.²¹² As motivações são complexas, mas o CPUSA, na figura de William Z. Foster,²¹³ assistiu ao fato de que “a maior parte deles parecia ter entusiasmada satisfação em roubar os trabalhos dos homens brancos e destruir sua greve”.²¹⁴ Para Mark Solomon, “Foster via o problema da união entre negros e o movimento de trabalhadores como uma batalha contra as políticas racistas dos trabalhadores organizados e contra o sentimento antissindical da comunidade negra.”²¹⁵

As definições provenientes da IC a partir do IV Congresso constituíram uma sinalização de que a questão negra, em países onde ela era parte não integrada de uma classe trabalhadora sedimentada, casos de Estados Unidos e África do Sul, impactaram a postura tradicionalmente comunista que definia a luta de classes a partir da posição dos sujeitos em relação aos meios de produção – Foster já dizia que “a expressão racial do negro é simplesmente a expressão de sua exploração econômica e opressão, uma intensificando a

²⁰⁹ WATKINS-OWENS, Irma. **Blood relations**: Caribbean immigrants and the Harlem community, 1900-1930. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 28.

²¹⁰ WATKINS-OWENS, 1996, p. 172.

²¹¹ Ibid., p. 87.

²¹² MORENO, Paul D. **Black Americans and organized labor**: a new history. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 132-3.

²¹³ Foster ainda não era o maior líder do movimento comunista estadunidense. Em 1924 ele seria o candidato a presidente do Workers Party, braço legal do CPUSA e expressão da política de Frente Única da Comintern. A “History of the Communist Party of the United States”, escrita por William Z. Foster e publicada em 1952, tratou a questão enquanto movimento da burguesia e de grupos pequeno-burgueses da comunidade negra que se opunham à unificação da classe. Em que pese essa tentativa, Foster reitera o sucesso da empreitada comunista na unificação da classe.

²¹⁴ “most of them seemed to take a keen delight in stealing the white men’s jobs and crushing their strike” FOSTER apud MORENO, 2006, p. 132.

²¹⁵ “Foster viewed the problem of unity between blacks and the labor movement as a battle against both organized labor’s racist policies and anti-union sentiment in the black community.” SOLOMON, 1998, p. 45.

outra. Isso complica o problema negro, mas não altera seu caráter proletário”.²¹⁶ Passava-se a admitir a desigualdade de condições mesmo dentro de um grupo social definido em termos de classe. O próprio Foster afirma que:

Nas eleições nacionais de 1924, William Z. Foster, candidato a presidente do Partido dos Trabalhadores, apresentou o programa comunista sobre a questão negra em muitas cidades do Sul Profundo. E daqueles anos até o presente tempo não houve convenção ou campanha de massa do Partido Comunista na qual a questão negra não estivesse na linha de frente das considerações.²¹⁷

O caso sul-africano, no longo prazo, não se distanciou das soluções encontradas, no mesmo período, pelos estadunidenses. O Partido Comunista da África do Sul foi fundado em 1921, quando lançou o “Manifesto of the Communist Party of South Africa”. Entretanto, já em 1917 um documento intitulado “International Socialism and the Native – No Labour Movement without the Black Proletariat” defendia a integração. Dirigindo-se aos trabalhadores brancos, o documento da International Socialist League²¹⁸ dizia:

O que torna o trabalho tão barato e explorável na África do Sul? Leis e regulações as quais, sob o pretexto de proteger a sociedade do barbarismo, degrada os trabalhadores nativos ao nível de servos e rebanhos para os usos urgentes do capital. Eles são:
O sistema de passaporte;
O sistema composto;
Servidão temporária do nativo;
Leis com penas especiais que tornam crime um nativo faltar ao trabalho;
A recusa das liberdades civis e políticas.
Todos esses mecanismos que põem os trabalhadores nativos um grau abaixo no plano social em relação aos trabalhadores brancos são armas dos empregadores utilizadas contra todos os trabalhadores, brancos e negros.
A causa do Trabalho demanda a abolição do passaporte, do composto, da servidão: e assim que os trabalhadores nativos ganhem em solidariedade industrial, reivindicam para eles igualdade política completa com seus companheiros trabalhadores brancos. Apenas assim pode toda a classe trabalhadora, branca e negra, marchar unificada à frente rumo à sua emancipação contra a escravidão do salário.²¹⁹

O lema da integração foi um mote hegemônico, mesmo que tangencialmente viesse a competir com a tese da autodeterminação nacional dos negros no sul dos Estados Unidos, propugnada a partir de 1928. Na África do Sul o movimento foi parecido, já que sobre 1920 Mantzaris informa:

²¹⁶ FOSTER, 1952, p. 173.

²¹⁷ “In the national elections of 1924, William Z. Foster, presidential candidate of the Workers Party, presented the Communist program on the Negro question in many cities of the Deep South. And from those years right down to the present time there has been no convention or mass campaign of the Communist Party in which the Negro question has not been in the front line of consideration.” FOSTER, 1952, p. 233.

²¹⁸ Organização sindical revolucionária influenciada pela Industrial Workers of the World (IWW) e formada em 1915 em oposição à Primeira Guerra Mundial e às políticas conservadoras e racistas do apenas branco Partido Trabalhista Sul-Africano e dos sindicatos que o apoiavam.

²¹⁹ SOUTH African Communist Party Documents, 1917: International Socialism and the Native – No Labour Movement without the Black Proletariat. **Marxists Internet Archive**. [s.d]a. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sections/sacp/1917/native.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

Desde seu primeiro momento de existência a ISL-CT (International Socialist League – Cape Town) tentou incorporar militantes de todos os grupos populacionais, com particular ênfase nos setores artesanais dos grupos “brancos” e “negros” e os altamente explorados trabalhadores africanos da estiva e das indústrias. Foi na verdade a persistência da organização na agitação entre trabalhadores negros que forçou o Superintendente de Polícia a comentar que “A igualdade dos trabalhadores ‘de cor’ e nativos é em todo lugar reivindicada, mas não é tão defendida em Transvaal como no Cabo”.

No mesmo tom, o referido Superintendente já havia avisado ao Departamento de Justiça que a agitação exitosa da organização bolchevique no país, especialmente entre os trabalhadores negros, sugeria que passos largos deveriam ser dados para lidar com o mal do bolchevismo “crescendo seriamente na União”.²²⁰

Para os comunistas sul-africanos, os passos dados rumo à integração do negro na sociedade de classes passavam pela sua aceitação de uma agenda compatível com sua posição de classe. Em 1928, “The South African Question” foi debatida no VI Congresso da Comintern, de modo que os propósitos do partido continuaram praticamente inalterados e orbitando em torno da superação do racismo nas fileiras sindicais e do imperialismo britânico.²²¹

Até 1924 “o Partido não tinha de modo algum adotado uma postura antirracista inegociável e consistente. Seus esforços para construir uma base na corrente negra dominante produziram pouco”.²²² A partir de então,

Ao afirmar que negros estavam lutando por sua “liberação”, o novo Partido rompeu uma análise de classe simplista; ao enfatizar a questão da discriminação, o WP (Partido dos Trabalhadores, braço legal dos comunistas) estava na direção da aceitação das dimensões especiais do assalto contra os negros; ao culpar o movimento sindical pela hostilidade dos negros, o Partido estava tentando distinguir vítimas e algozes numa maneira que nunca tinha sido feita antes por um grupo radical em relação aos sindicatos. Finalmente, ao estabelecer uma Comissão Negra dirigida por Huiswoud, o partido tornou visível uma substância organizacional associada às suas reivindicações ideológicas.²²³

Daí em diante, no movimento comunista internacional se travaria uma batalha interna sobre a questão racial relativa ao negro em várias frentes. A primeira delas era a centralidade

²²⁰ MANTZARIS, Evangelos. The promise of the impossible revolution: the Cape Town industrial socialist league, 1918-1921. In: _____. **Labor Struggle in South Africa: the forgotten pages 1903-1921**. Disponível em: <<http://www.sahistory.org.za/pages/library-resources/online%20books/labour-struggles/chapter-1.htm#14>>. Acesso em: 22 abr. 2011. Atualização em jan. 2015: <<http://www.sahistory.org.za/archive/chapter-1-promise-impossible-revolution-cape-town-industrial-socialist-league-1918-1921>>.

²²¹ SOUTH African Communist Party Documents, 1928: The South African Question. **Marxists Internet Archive**. [s.d]b. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sections/sacp/1928/comintern.htm>>. Acesso em: 20 set. 2011.

²²² “[...] the Party had by no means adopted an uncompromising, consistent antiracist posture. Its efforts to build a base in the black mainstream had yielded little.” SOLOMON, 1998, p. 36-7.

²²³ “By stating that blacks were fighting for their “liberation”, the new Party breached a simplistic class analysis; in stressing the issue of discrimination, the WP (Workers Party, a legal arm of Communists) was edging toward accepting the special dimensions of the assault on blacks; by blaming the labor movement for black hostility, the Party was attempting to distinguish victims and victimizers in a way that had never before been done by a radical group in relation to unions. Finally, by establishing a Negro Commission under Huiswoud, Party appeared to be giving organizational substance to its ideological claims.” Ibid., p. 21.

da questão negra na luta contra o imperialismo, impactando necessariamente na abrangência geográfica da questão. Até então basicamente dois países lideravam a discussão: Estados Unidos e África do Sul.²²⁴ Entre 1924 e 1928, a “questão negra” como política comunista se alastraria e no seu rastro as questões ligadas às minorias “nacionais”, tais quais os indígenas nas Américas. Uma segunda frente deveria se ater à questão negra e suas especificidades em países atrasados, semicoloniais, especialmente aquelas ligadas aos mundos do trabalho.²²⁵ Além dessas duas frentes, havia os setores autóctones de cada seção da Comintern que discordariam e/ou acrescentariam adendos às diretrizes cominternianas. A ortodoxia do combate à exploração de classe já estava por muito tempo entranhada na esquerda. Somente a partir de 1924, com uma organização da Comintern e seus organismos anexos, tais quais a Profintern e Krestintern, a retração do movimento na Europa e o “combate ao imperialismo” como pedra angular da geopolítica da Comintern, seria possível então construir espaços de reflexão e formulação de estratégias que pudessem golpear os impérios por dentro. Assim, a mais concreta iniciativa da Comintern de discussão sobre a questão negra se daria somente a partir de 1928, com a criação de uma Comissão Negra sob os auspícios da Profintern. A Internacional Sindical construiria a ponte para a integração do negro. Ou para a autodeterminação. Para entender as disputas entre militantes negros em torno da agenda comunista, é preciso compreender parcialmente alguns indivíduos e recuperar algumas trajetórias.

Lovett Fort-Whiteman, o primeiro comunista negro estadunidense, foi descrito por seus companheiros contemporâneos das mais variadas formas. Para alguns, era um “boêmio... aparentando estar afastado dos trabalhadores que tinha expectativa em organizar”. Harry Haywood se sentia ambigualmente “repelido e fascinado pela excessiva exuberância do homem”.²²⁶ Responsável por recrutar parte significativa da militância negra do Partido Comunista dos Estados Unidos e, mais especificamente, da Comintern, Whiteman veria, em 1928, sua reputação e sua histórica militância reduzida ao rótulo de trotskista enquanto acusações ainda mais sérias lhes seriam imputadas.²²⁷ Parece claro que as imputações, verdadeiras ou não, devem ser analisadas enquanto sintoma e não como causa ou efeito.

Às vésperas do VI Congresso da Internacional Comunista, em meados de 1928, mudanças dramáticas se operariam no cerne da organização do movimento comunista

²²⁴ Comunistas da Inglaterra e da França participaram timidamente das discussões preliminares.

²²⁵ A África do Sul, conquanto sob domínio colonial, possuía, na interpretação cominterniana, uma burguesia consolidada.

²²⁶ GILMORE, 2008, p. 58.

²²⁷ Ibid., p. 58.

internacional, e forças políticas distintas alterariam suas posições nos postos de tomadas de decisão da IC. O processo de descenso político de Whiteman, acompanhado pela ascensão daqueles que ele próprio trouxe ao partido no decorrer da primeira metade dos anos de 1920, é indicativo de inflexões programáticas da IC com alcance global. Na prática, é sobre essas transformações e suas implicações práticas na militância comunista negra que tratará esta tese.

Whiteman tinha se atribuído, entre os anos de 1924 e 1926, a tarefa de cooptar negros para cerrarem fileiras comunistas e, ao mesmo tempo, selecioná-los para a Universidade para os Povos Orientais.²²⁸ Assim, ele se comunica com o então diretor e descreve o procedimento que tem utilizado para escolher os estudantes que iriam para União Soviética estudar na KUTV.

Os estudantes negros estão sendo selecionados com o maior dos cuidados (sic) eles são sete homens e três mulheres todos ainda em seus vinte no que diz respeito à idade. Eu estou dando preferência aos membros do partido e àqueles que têm estado em contato comigo em meu trabalho. Eles são pessoas sinceras, enérgicas e inquestionavelmente devotadas à causa. Eu espero que eles estejam na Rússia até a última parte de agosto ou a primeira de setembro.²²⁹

Heywood Hall estaria dentre os escolhidos para ir à KUTV receber instruções e formação bolchevique um ano depois da primeira leva, quando seu irmão mais velho, Otto Hall, partira. Heywood, depois de frequentar e participar brevemente da African Blood Brotherhood, entraria, ainda em 1925, na Liga Comunista Jovem que, a essa altura, já era dirigida por Nasanov. A partir dessa aproximação dupla, com Whiteman e com o próprio Nasanov, ele esteve nesse grupo de estudantes, chegando a Moscou apenas no início de 1926.²³⁰

Em junho de 1925, tempo em que Whiteman enviou a referida carta a Moscou, no campo político da esquerda negra estadunidense, os recém-ingressos provenientes da African Blood Brotherhood e Whiteman detinham o privilégio do comando, nem tanto em função de suas posições internas no CPUSA mas, sobretudo, em razão de suas relações com dirigentes da Internacional Comunista e seus organismos mais importantes, tais como a Internacional

²²⁸ Curiosamente é assim que Fort-Whiteman se refere à KUTV, abreviatura da Universidade Comunista dos Trabalhadores do Leste.

²²⁹ “The Negro students are being selected with the uttermost care (sic) they will be of seven men and three women all yet in their twenties in respect to age. I am giving preference to party members and those who have been associated with me for some time in my work. They are persons, who are sincere, energetic and unquestionably devoted to the Cause. I hope to have them in Russia by the latter part of August or the first of September.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 33, list. 8.

²³⁰ Cf. HAYWOOD, Harry. **Black Bolshevik**: Autobiography of an Afro-American Communist. Chicago: Liberator Press, 1978. p. 5-148; DRAPER, 1960, p. 332-5.

Sindical Vermelha e a Internacional Camponesa.²³¹ Ainda era preciso convencer uma parcela hegemônica dos militantes do CPUSA acerca da importância da questão negra para a totalidade do partido. Não por acaso, o “chauvinismo branco” seria uma expressão onipresente na documentação referente aos negros do partido entre 1924 e 1928. Whiteman foi um dos principais articuladores desse mote e, desde o início de sua militância no Partido, assim como os mais proeminentes militantes do CPUSA, articulou-se de fora para dentro. Mais precisamente, tentou envolver o partido com sua causa a partir de apoio externo utilizando-se do centralismo democrático que se impunha de Moscou. Sempre que necessário, os militantes negros recorreriam às resoluções vindas da URSS para se impor às direções partidárias do CPUSA. Portanto, essa era a natureza da disputa em que se encontrava Whiteman.

Whiteman avaliava que os espaços de tomadas de decisão do partido não eram compostos por negros, tampouco as estratégias delineadas pelo partido sofriam o impacto das formulações de intelectuais negros esperado pela militância negra. Whiteman procurou recrutar negros ao Partido e, finalmente, formar uma intelectualidade negra capaz de disputar os rumos partidários a partir de Moscou.

Essa atitude de Whiteman encontrava respaldo, em mais de uma maneira, do Comitê Executivo da Internacional Comunista. O Secretário Político do CEIC enviou, em 1925, uma circular aos Partidos Comunistas da Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Bélgica e Holanda advertindo que:

Nas universidades das capitais e cidades da Europa e América existem dezenas de milhares de estudantes de países coloniais e semicoloniais do Oriente. Eles estão lá primeiramente para se preparar para as variadas profissões intelectuais (medicina, engenharia, direito etc.), mas parcialmente é o desejo de adquirir o conhecimento da ciência europeia e o movimento de libertação que os levam até lá. Aqueles estudantes dos países orientais (chineses, indianos, japoneses, coreanos, árabes, afegãos, turcos, persas, negros, marroquinos etc.) diferem imensamente dos estudantes ocidentais que agora são uma expressão da deterioração ideológica e política da burguesia ocidental. Os jovens intelectuais orientais estão experienciando a luta pela libertação de seus respectivos países contra o imperialismo. As inclinações de muitos desses estudantes orientais estão inteiramente com os grupos de revolucionários nacionais de seus países e por meio de um trabalho sistemático muitos deles podem ser trazidos para a influência do comunismo.²³²

²³¹ GILMORE, 2008, p. 45.

²³² “In the universities of the capitals and towns in Europe and America there are tens of thousands of students from the colonial and semi-colonial countries of the East. They are there primarily to prepare themselves for the various intellectual professions, (medicine, engineering, legal etc.) but partly it is the desire to acquire a knowledge of European science and the liberation movement which brings them there. Those students from the Eastern countries (Chinese, Indians, Japanese, Koreans, Arabians, Afghanistans, Turks, Persians, Negroes, Moroccans etc.) differ greatly from the West European students who are now an expression of the ideological and political deterioration of the Western bourgeoisie. The young Eastern intellectuals are experiencing the liberation struggle of their respective countries against imperialism. The inclinations of many of these Eastern

Em consonância com uma avaliação da IC de que era necessário atacar o calcanhar de aquiles das forças imperialistas, e com claras menções orientalistas, o CEIC via uma predisposição natural desses estudantes “orientais”. Essa condição só podia ser alterada em razão da posição de classe de seus professores e das elites de seus países de origem:

Por outro lado, é preciso levar em consideração que há notícias de uma desorganização social e política tardia perceptível nos movimentos de libertação nacional de muitos dos países orientais (China, Índia, Egito etc.). A direita desses movimentos, seções da burguesia nacional, está agora entrando em acordo com os opressores imperialistas. A presença na Europa de dezenas de milhares de estudantes, que estão sendo moldados por professores burgueses pode, sob as circunstâncias do presente, trazer desmoralização de suas consciências revolucionárias e fortalecer as posições dos elementos traidores dos movimentos de libertação no Oriente.²³³

Como solução, curiosamente, os comunistas deveriam

AJUDAR A MOLDAR A IDEOLOGIA REVOLUCIONÁRIA DELES [DOS ESTUDANTES], DAR-LHES INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA SOBRE AS LUTAS DO PROLETARIADO EUROPEU E DA COMINTERN E A RELAÇÃO DESSAS LUTAS COM O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS ORIENTAIS.²³⁴

Dentre as sugestões mais relevantes que o Secretariado Político da CEIC fez aos Comitês Centrais dos partidos dos países citados anteriormente, estão: 1) formação de um comitê dirigido pelo Agitprop com participação do Departamento de Organização a fim de elaborar um plano de trabalho para as organizações dos estudantes orientais; 2) organização de palestras e aulas para os estudantes, de acordo com seus grupos nacionais; e 3) organização da distribuição de livros para os estudantes, com especial ênfase para aqueles que lidam com movimentos de libertação colonial.

Se por um lado a direção política da IC não propunha transferir esses estudantes para as universidades soviéticas, por outro entendia que eles fariam o papel de realizar a disputa ideológica por dentro dos países imperialistas. Militantes comunistas de “países coloniais e semicoloniais” com amplo conhecimento da ciência europeia e imersos nos modos de vida

students are entirely with the national-revolutionary groupings of their countries and by systematic work many of them could be brought under the influence of Communism.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 32, list. 41 a 43.

²³³ “On the other hand, it must be taken into consideration that of late a social and political disorganisation is noticeable in the national liberation movements of many of the Eastern countries (China, India, Egypt etc.). The right wing of these movements, sections of the national bourgeoisie, are now definitely entering into agreements with the imperialist oppressors. The presence in Europe of tens of thousands of students, who are being moulded by bourgeois professors may, under the existing circumstances, bring about partial demoralisation of their revolutionary consciousness and strengthen the positions of the treacherous elements in the liberation movements in the East.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 32, list. 41 a 43.

²³⁴ “ASSIST IN MOULDING THEIR[STUDENTS] REVOLUTIONARY IDEOLOGY, GIVE THEM SYSTEMATIC INFORMATION ABOUT THE STRUGGLES OF THE EUROPEAN PROLETARIAT AND COMINTERN AND THE RELATION OF THESE STRUGGLES TO THE LIBERATION MOVEMENT OF THE EASTERN PEOPLES.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 32, list. 41 a 43.

ocidental imporiam, no médio prazo, um golpe aos países imperialistas na chamada “luta ideológica”.

Na comemoração do quarto aniversário da KUTV, Stalin, em discurso, disse:

Ao analisar a composição do corpo estudantil da Universidade dos Trabalhadores do Oriente, não se pode deixar de notar uma dualidade. Essa Universidade une representantes de não menos que cinquenta nações e grupos nacionais do Oriente. Todos os estudantes dessa Universidade são filhos do Oriente. Mas essa definição não dá uma clara ou completa noção. O fato é que existem dois grupos principais entre os estudantes da Universidade, representando dois tipos de condições totalmente diferentes de desenvolvimento. O primeiro grupo consiste de pessoas que chegaram aqui do Oriente *soviético*, de países onde o domínio burguês não mais existe, onde a opressão imperialista foi derrubada, e onde os trabalhadores estão no poder. O segundo grupo de estudantes consiste de pessoas que vieram para cá de *países coloniais e dependentes*, de países onde o capitalismo ainda reina, onde a opressão imperialista ainda está em pleno vigor, e onde a independência ainda precisa ser conquistada a partir da expulsão dos imperialistas.

Assim, nós temos dois Orientes, vivendo vidas diferentes, e se desenvolvendo sob diferentes condições.

Não é preciso dizer, essa dualidade na composição do corpo de estudantes não pode, senão, marcar o trabalho da Universidade dos Trabalhadores do Oriente. Isso explica o fato de que essa Universidade localiza-se com um pé em solo soviético e outro no solo das colônias e países dependentes.

Por essa razão as duas linhas de atividade da Universidade: uma linha tem como objetivo criar quadros capazes de servir às necessidades das repúblicas Soviéticas do Oriente, e a outra linha tem como objetivo criar quadros capazes de servir aos requerimentos revolucionários das massas trabalhadoras nos países coloniais e dependentes do Oriente.²³⁵

Esse cenário analítico deu a Whiteman a chance de construir uma prerrogativa anterior aos outros militantes para escolher quais estudantes enviar à União Soviética. Dentre eles estariam Harry Haywood (antigo Heywood Hall), James Ford, William Patterson, Otto Huiswoud e Cyril Briggs, para ficar apenas entre aqueles que ocuparam cargos de direção. Ao contrário de Whiteman, a formação política dos homens citados obedeceria aos cânones comunistas, com a notável exceção de Cyril Briggs.

²³⁵ “Analysing the composition of the student body of the University of the Toilers of the East, one cannot help noting a certain duality in it. This University unites representatives of not less than fifty nations and national groups of the East. All the students at this University are sons of the East. But that definition does not give any clear or complete picture. The fact is that there are two main groups among the students at the University, representing two sets of totally different conditions of development. The first group consists of people who have come here from the *Soviet East*, from countries where the rule of the bourgeoisie no longer exists, where imperialist oppression has been overthrown, and where the workers are in power. The second group of students consists of people who have come here from *colonial and dependent countries*, from countries where capitalism still reigns, where imperialist oppression is still in full force, and where independence has still to be won by driving out the imperialists. Thus, we have two Easts, living different lives, and developing under different conditions.

Needless to say, this duality in the composition of the student body cannot but leave its impress upon the work of the University of the Toilers of the East. That explains the fact that this University stands with one foot on Soviet soil and the other on the soil of the colonies and dependent countries.

Hence the two lines of the University's activity: one line having the aim of creating cadres capable of serving the needs of the Soviet republics of the East, and the other line having the aim of creating cadres capable of serving the revolutionary requirements of the toiling masses in the colonial and dependent countries of the East.”

STALIN, Josef V. The Political Tasks of the University of the Peoples of the East. **Marxists Internet Archive**. 2005. <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1925/05/18.htm> Acesso em: 13/08/2013.

3.6 A construção do separatismo estadunidense

A tese da autodeterminação do chamado Cinturão Negro do Sul dos Estados Unidos teve seu ápice, paradoxalmente, em meados de 1928. Sua ascensão coincide tanto com uma alteração no *front* negro das fileiras comunistas quanto com a reorganização dos conflitos neste setor específico do movimento comunista internacional. Ao mesmo tempo em que ascendeu sob violenta crítica, assim mesmo, a tese da autodeterminação terminou garantida pelos altos dirigentes da IC.

As maneiras de explicar a ascensão da tese da autodeterminação e a preponderância de sua acepção associada à *secessão* são variadas. Tanto Mark Solomon quanto Glenda Gilmore e Cedric Robinson apostam no imaginário nacionalista que pairou entre os militantes negros desde Marcus Garvey.²³⁶ Dessa maneira, os comunistas negros teriam sido compelidos a elaborar uma tese nacionalista como forma de anteposição política.

Uma outra possibilidade explicativa, não necessariamente conflitante, seria imergir na divisão das disciplinas de ciências humanas na União Soviética associada à presença de militantes e estudiosos negros na Rússia, principalmente, a partir de 1926. A questão das nacionalidades acompanhou os momentos mais marcantes da história da União Soviética e, nesse sentido, as elaborações “científicas” ajudaram, sobremaneira, a definir as estratégias do Comissariado do Povo para os Assuntos das Nacionalidades e da própria Internacional Comunista no que diz respeito a sua própria expansão. Uma primeira distinção em relação aos países ocidentais é a divisão estanque, a partir da consolidação do regime, entre antropologia e etnografia na União Soviética, uma alteração em relação ao Império Russo Czarista.

Etnografia e antropologia eram disciplinas distintas na Rússia. Enquanto etnógrafos soviéticos estudaram nacionalidades e culturas nacionais, antropólogos soviéticos e alemães filiados a um novo Instituto Racial Germano-Russo iniciaram estudos médico-antropológicos de “raças” e “tipos raciais” por toda a União Soviética.²³⁷

Os interesses políticos de tal divisão eram evidentes. A recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas precisava fracionar os métodos científicos utilizados para entender hábitos e costumes daqueles usados para estudar feições físicas. O objetivo principal

²³⁶ SOLOMON, 1998.

²³⁷ “Ethnography and anthropology were distinct disciplines in Russia. While Soviet ethnographers studied nationalities and national cultures, Soviet and German anthropologists affiliated with a new German-Russian Racial Institute began to conduct medical-anthropological studies of ‘races’ and ‘racial types’ throughout Soviet Union. HIRSCH, Francine. Race without the Practice of Racial Politics. *Slavic Review*, Urbana, v. 61, n. 1, p. 31, primavera, 2002.

era compreender melhor a ampla plêiade de povos que responderiam, obedecendo aos critérios do direito de autodeterminar-se, dali por diante, pela alcunha de *soviético*.

Nacionalidades foram construídas entre 1917 e 1939, e não simplesmente de maneira metafórica. Instituições e indivíduos de diferentes regiões trabalharam conjuntamente (e às vezes uns contra os outros) para pesquisar os entendimentos locais de identidade; esboçar listas de tribos, nacionalidades e idiomas de localidades específicas; e concluir com um abrangente quadro conceitual.²³⁸

Esses debates a respeito da elaboração do censo de 1926 possivelmente foram observados com atenção por estudantes dos países semicoloniais e coloniais que estudavam na Escola Leninista Internacional e na Universidade para os Trabalhadores Orientais. Ainda que uma parte dessa discussão tenha se operado em Leningrado (atual São Petersburgo) e não em Moscou, é possível inferir algum nível de compartilhamento de informações entre militantes da IC, do Partido Comunista da União Soviética e do círculo de intelectuais que ocupavam cargos na Academia de Ciências e na Universidade de Moscou. Não se pode informar o nível de envolvimento dos militantes da IC na elaboração de formulários para o censo, e mesmo na sua interpretação. Sabe-se apenas que as escolhas realizadas pelos etnógrafos soviéticos passavam pelo crivo de analistas políticos.

Em 1926, os etnógrafos começaram a discutir autodeterminação nacional e o direito de cidadãos de escolher suas próprias identidades nacionais como ideias relacionadas. Numa sessão conjunta de etnógrafos, estatísticos e representantes do Soviète das Nacionalidades na Quarta Conferência de Estatística de Toda União em fevereiro de 1926, etnógrafos defenderam fortemente que a nacionalidade não era “biologicamente” determinada e não poderia ser definida por “traços objetivos”.²³⁹

A partir dessa efervescência dos estudos das questões nacionais, têm-se uma outra chave para o entendimento da propositura da autodeterminação do cinturão negro no sul dos Estados Unidos: Nikolai “Charlie” Nasanov, um siberiano que passara dois anos (1925-1927) naquele país organizando a Juventude Comunista Internacional. O documento que segue trata de uma tentativa datada de 1929, por parte de Nasanov, de abordar a questão a partir de uma crítica interna à atividade comunista entre os negros nos Estados Unidos. As questões colonial e nacional se confundiam com a questão racial. Aparentemente a IC consentia essa imprecisão a fim de permitir uma maior maleabilidade na aplicação das táticas definidas nos plenos. O

²³⁸ “Nationalities were constructed between 1917 and 1939, and not simply in the metaphorical sense. Institutions and individuals from different regions worked together (and sometimes against each other) to research local understandings of identity; draft lists of tribes, nationalities and languages for specified localities; and come up with a comprehensive conceptual framework”. HIRSCH, Francine. The Soviet Union as a Work-in-Progress: Ethnographers and the Category Nationality in the 1926, 1937, and 1939 Censuses. *Slavic Review*, Urbana, v. 56, n. 2, p. 275, verão 1997.

²³⁹ “By 1926, the ethnographers began to discuss national self-determination and the right of individual citizens to choose their own national identities as related ideas. At a joint session of ethnographers, statisticians and representatives of the Soviet of Nationalities at the Fourth All-Union Statistical Conference in February 1926, ethnographers made a strong case that nationality was not ‘biologically’ determined and could not be defined by ‘objective traits’.” Ibid., p. 260.

referido documento tem as características de um artigo. Não se sabe quando foi publicado ou se, de fato, o foi. Trata-se, visivelmente, de um rascunho. Levando em consideração essas observações, Nasanov realiza duras críticas ao PC estadunidense por suas deliberações de abril de 1928 e sua inabilidade em desenvolver trabalho entre os negros. Um ano antes, em relação à questão negra, o partido havia decidido que:

No espírito de todas as decisões da Comintern, A PRINCIPAL POLÍTICA DO PARTIDO É:

- a) A questão negra é UMA QUESTÃO RACIAL e é incumbência do Partido Comunista lutar pelos negros como uma raça oprimida;
- b) O principal dever do partido é defender a causa e organizar ALGUNS ELEMENTOS ENTRE TRABALHADORES NEGROS como líderes do movimento racial negro e como parte do proletariado americano na luta contra o capitalismo.²⁴⁰

Na medida em que havia reduzido o problema negro à raça, como nunca tinha sido feito por socialistas e/ou comunistas, o partido, para Nasanov, se eximia de abordar o movimento revolucionário negro, por exemplo. Nasanov avaliava que o Comitê Central do CPUSA reafirmava posições chauvinistas de brancos ao não ampliar o trabalho dos comunistas entre negros, já que restringia o partido àqueles.

O significado d[a] questão racial é difícil de entender, já que reduz a questão Negra a um problema etnográfico[lógico] (e a ideia de raça é principalmente uma ideia etnográfica[lógica]). Reduzir essa questão a uma definição etnográfica[lógica] significa subestimar a questão negra como uma questão nacional e nossa relação com os negros enquanto povo oprimido. Em toda a resolução, nenhuma palavra é dita sobre a atitude do partido em relação ao movimento revolucionário negro, ao passo que essa é a chave para a questão negra.²⁴¹

Ao garantir esse tipo de posição, para Nasanov, o CPUSA não conquistava a confiança da comunidade negra uma vez que não havia um enfrentamento do chauvinismo.

E ainda essa questão é primeira premissa para o trabalho entre Negros, para ganhar sua confiança e treinar novos quadros de trabalhadores negros. A esse respeito as coisas não estão como deveriam no Partido Americano. [...] Muitos dos camaradas negros nas fileiras do Partido estão insatisfeitos com a atual atitude do Partido em relação a eles como negros.²⁴²

²⁴⁰ “In the spirit of all Comintern decisions THE MAIN POLICY OF THE PARTY IS:

a) The Negro question is A RACIAL QUESTION and it is incumbent on the Communist Party to struggle for the Negroes as an oppressed race.

b) The foremost duty of the Party is to champion and organise SOME ELEMENTS AMONG NEGRO WORKERS as leaders of the radical Negro movement and as part of the American proletariat in the struggle against capitalism.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 59, list. 86.

²⁴¹ “The meaning of [the] racial question is difficult to understand, for it reduces the Negro question to an ethnographical[logical] problem, (and the idea of race is mainly an ethnographical[logical] idea). To reduce this question to an ethnographical[logical] definition means under-estimating the Negro question as a national question and our relation to Negroes as an oppressed people. Throughout the whole resolution not a word is said about the attitude of the Party to the revolutionary Negro movement, whereas this is the key to the Negro question.” Ibid.

²⁴² “And yet this question is the main premise for work among Negroes, for gaining their confidence and training new cadres of Negro workers. In this respect things are not as they should in the American Party. [...] Most of the Negro comrades in the ranks of the Party are dissatisfied with Party’s present attitude to them as Negroes.” Ibid.

Trechos das reflexões de Nasanov seriam reproduzidos *ipsis litteris* na resolução de 1930 do Secretariado Político da Comintern sobre a “Questão negra nos Estados Unidos”. Sua proposta, em conjunto com Harry Haywood, a respeito do caráter nacional dos negros no Sul dos Estados Unidos, centralizava a ação dos comunistas no Sul do país no combate ao chauvinismo. Eis como fora composta a Comissão Negra responsável pela preparação das teses sobre o assunto no VI Congresso, dois anos antes.

Como eu lembro, o subcomitê foi formado por Nasanov e cinco estudantes: quatro negros (incluindo meu irmão Otto e eu) e um estudante branco, Clarence Hathaway, da Escola Leninista. Além disso, havia outros membros *ex-officio*: representante da Profintern Bill Dunne e representante da Comintern Bob Minor. Eles raramente frequentaram nossas sessões. James Ford, que foi então convocado para a Profintern, também frequentou algumas sessões.²⁴³

Nasanov teria sido o responsável por introduzir a Haywood estudiosos sobre as questões das nacionalidades na URSS, na Escola Leninista Internacional e na Universidade dos Trabalhadores do Oriente.²⁴⁴ Os últimos anos da década de 1920 constituem-se como ponto de chegada dessa relação iniciada em meados do mesmo decênio. Eles haviam se conhecido, de acordo com Haywood, pouco antes da ida deste a Moscou.

A tese da autodeterminação do Sul e da centralidade dos negros sulistas no processo revolucionário estadunidense era, em parte, uma resposta à “Thesis for a New Negro Policy”, documento que deveria ter chegado ao VI Congresso da IC, o qual tinha como fundamentos as seguintes diretivas: 1) liquidar organizações específicas de raça e viabilizar a forja de solidariedade de classe; 2) desenvolver um programa orientado pelas questões [econômicas] do Norte de modo a desviar a consciência racial dos negros sulistas para uma consciência de classe; e, por fim, 3) recrutar negros diretamente ao Partido, sem mediação de organizações paralelas.²⁴⁵ Em que pesem os novos argumentos para a defesa dos itens, as questões postas remontavam à tradição do antigo Partido Socialista, para o qual a divisão entre raça e classe, aos olhos dos comunistas, se tratava de um constructo liberal. Ainda que Whiteman, Jay Lovestone e William Patterson tivessem em mente que a construção de organizações paralelas para os negros continuaria privando-os de participar dos processos decisórios do partido,

²⁴³ Refere-se à *Negro Commission* que se preparou para o VI Congresso. HAYWOOD, Harry. “Self-determination: the fight for a correct line”. In: HALL, Gwendolyn M. (Ed.). **A black communist in the freedom struggle: the life of Harry Haywood**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. (Versão Kindle, posição 2293). “As I recall, the subcommittee consisted of Nasanov and five students: four Blacks (including my brother Otto and myself) and one white student, Clarence Hathaway, from the Lenin School. In addition, there were some ex-officio members: Profintern rep Bill Dunne and Comintern rep Bob Minor. They seldom attended our sessions. James Ford, who was then assigned to the Profintern, also attended some sessions.”

²⁴⁴ TURNER, 2005. p. 156.

²⁴⁵ SOLOMON, 1998, p. 64-5.

Haywood e Nasanov os escolheram como alvo preferencial para a aplicação da tese da autodeterminação.²⁴⁶

Pouco depois, a 30 de abril de 1928, o Comitê Político do braço legal dos comunistas, o Workers' Party, elaborou a já citada Resolução de 1928. “O Comitê Executivo Central (CEC) afirma seu desacordo com todos aqueles camaradas negros ou brancos que propõem a diminuir ênfase na fase da raça ou da classe trabalho de nosso trabalho com os negros.”²⁴⁷

As resistências à proposta de Haywood foram inúmeras. A começar por seu próprio irmão, Otto Hall, que chamou a tese de “criminalmente estúpida” ao argumentar que seu único resultado seria o “de afastar as massas negras [do partido]”.²⁴⁸ Outros camaradas impuseram críticas com diferentes focos. James W. Ford apontou que as elaborações de Haywood direcionavam para um certo nível de intelectualismo e não atingiria resultados práticos. Ainda foi além e disse que “nós não temos praticamente nenhum membro negro no Partido (no Sul).”²⁴⁹

Entre críticas e acusações, a tese da autodeterminação prevaleceu e condicionou todas as elaborações futuras da Comintern e do CPUSA até o início da década de 1940. Foi responsável por derrotar o “Pan-Africanismo” comunista de James Ford, William Patterson, George Padmore e Otto Huiswoud. Dessa maneira, a partir do VI Congresso, os organismos auxiliares da IC teriam cada vez menos contato para debater e promover ações ligadas à questão negra. Os esforços intelectuais dos operadores afro-americanos da Comintern estavam paulatinamente mais envolvidos em torno das lutas faccionais e em levar o debate da questão negra para os Estados Unidos. Confiná-los a uma determinada região ou país significaria isolar a possibilidade de influências políticas de outros organismos cominternianos no domínio partidário estadunidense.

A maior parte das ações e avaliações acerca da situação de negros nos países coloniais deu-se a partir da Comissão Negra da Profintern (Internacional Sindical Vermelha). O crescimento da atividade da Comissão Negra da Profintern coincidiu com a aplicação da tese da autodeterminação e com o alijamento de intelectuais dos partidos comunistas a partir da execução da tática de “classe contra classe” determinada a partir do VI Congresso. No linguajar de época, intelectuais pequeno-burgueses foram retirados das direções partidárias e

²⁴⁶ Têm sido ignoradas, intencionalmente, nesse texto as lutas faccionais do CPUSA. Neste caso, trata-se também de uma disputa pelo controle partidário. Jay Lovestone e William Z. Foster protagonizaram uma longa batalha pelo domínio do partido. O primeiro, apoiado por Nikolai Bukharin, e o segundo, por Stalin, levaram o confronto ao VI Congresso, em 1928.

²⁴⁷ “The CEC states its disagreement with all those Negro and white comrade who propose to under-emphasis with (sic) the race or the working class phase of our Negro work.” RGASPI, F. 455, op. 155, d. 64, list. 8.

²⁴⁸ HALL apud GILMORE, 2008, p. 63.

²⁴⁹ “We have practically no Negro Party members (in the South)”. FORD apud GILMORE, 2008, p. 64.

terminaram substituídos por trabalhadores. Uma parte significativa deles terminou ocupando cargos de direção e/ou de produção de inteligência em Moscou. Foi o caso dos quatro homens citados anteriormente.

3.7 Fracionamento da luta negra e a pulverização organizativa

A Internacional Comunista criou organismos auxiliares cujas atuações eram minimamente circunscritas aos diferentes aspectos da luta de classes. Subordinados à Comintern, esses suborganismos foram definidos em termos espaciais (Internacional Camponesa, Sindical Vermelha), em função de gênero e de circunstância etária (Internacional da Mulher, Juventude Comunista Internacional) e em relação ao lazer e cuidado com o corpo (Internacional do Esporte) por parte da classe trabalhadora. Houve também uma internacional de amplo espectro que se ocupava de questões extremas, o Socorro Internacional (atuava em questões jurídicas e de socorro humanitário). Além desses, outros suborganismos tiveram lugar na Internacional Comunista de maneira a disputar a atenção dos comunistas. De todos aqueles, porém, a Internacional Sindical Vermelha, a Internacional Camponesa e o Socorro Vermelho ocuparam os espaços de maior importância nas linhas estratégicas da Comintern. Ao longo da década de 1920, o crescimento dessas três organizações auxiliares permitiu que elas passassem a ter algum nível de autonomia em relação à IC.

Em muitos casos, diferentes dirigentes de uma das “internacionais” poderiam também compor o corpo decisório da IC e de outras organizações. Para o caso em questão, um dos complicadores é seguir a lógica organizativa das Comissões, Subcomissões e Bureaux Negros que tiveram lugar ao longo da década de 1920 até meados de 1930. Portanto, antes de adentrar propriamente no tema do deslocamento de parte da militância negra estadunidense, é necessário apresentar um mapa organizativo da IC.

Concomitantemente ao debate acerca da autodeterminação, ocorria a implantação do “Bureau Internacional dos Trabalhadores Negros” pelo Comitê Executivo da Sindical Vermelha, capitaneada por James Ford. O *bureau* deveria ser composto por trabalhadores negros dos Estados Unidos, África do Sul, Guadalupe e Cuba. Em segundo lugar, além de criar sindicatos novos e independentes, o *bureau* seria responsabilizado por construir conexões com os trabalhadores negros de todo o mundo e unificar as pautas de lutas dos

negros em torno da luta de classe. Por fim, o *bureau* deveria, no final de 1929, publicar um boletim especial e preparar um congresso internacional dos trabalhadores negros.²⁵⁰

Em 1929 havia duas comissões negras: uma ligada ao Secretariado Anglo-Americano e outra ao Secretariado Oriental da CEIC. Numa clara disputa de espaços, uma carta-proposta enviada por um militante do Secretariado Anglo-Americano diz:

As deficiências, como eu as vejo, são – a Comissão Negra do Departamento Oriental tem despendido muito de seu tempo na América, fazendo o trabalho no Congo, África e América Latina sofrer. Também isso não tem deixado nada para a nossa subcomissão [Negra] Anglo-Americana fazer e ela não tem de fato funcionado.

Eu faço as seguintes propostas para remediar isso:

1. Todas as questões e materiais americanos devem primeiro ser considerados pela Subcomissão Anglo-Americana antes de serem abordadas pelas comissões em conjunto. [...]
3. Eu proponho que as forças do trabalho [do Secretariado] Oriental sejam fortalecidas, trazendo representantes de países que estamos negligenciando – representantes do Partido Francês e da América Latina, também da Bélgica.
4. As duas comissões devem trabalhar juntas e ser vistas como uma grande comissão para ação final em todas as questões americanas.²⁵¹

Como dito no documento, as atividades do Bureau Negro ligado ao Secretariado Oriental e à Comissão Negra do Secretariado Anglo-Americano deveriam estar integradas e estimular atividades de um e do outro. No entanto, muito rapidamente se detectou que nenhum dos dois estava realizando trabalhos efetivos. De acordo com a proposta, a comissão negra do Secretariado Anglo-Americano deveria ser fortalecida com mais membros, tais como Robing Page Arnot, Wolfe Phillips e Elsa Bloch. A princípio, não se sabe se as propostas foram aprovadas. De acordo com Holger Weiss, o ano de 1929 foi repleto de reorganizações por parte das diversas comissões negras. Os motivos foram variados, como a superposição de atividades aos parâmetros geográficos para definição do Secretariado responsável. Por exemplo, havia possibilidade de a questão negra ter sido enquadrada pelo Secretariado Romano, englobando assim as colônias francesa e belga. Não vingando, o Bureau Negro terminou alocado no Secretariado Oriental cujo papel seria coordenar e vigiar o trabalho das subcomissões, inclusive das seções nacionais. O *bureau*, porém, não tinha

²⁵⁰ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 53, list.1.

²⁵¹ “The shortcomings as I see them are – the Eastern Department Negro Commission has spent too much of its time on America, making the work in the Congo, Africa and Latin America suffer. Also this has left nothing for our Anglo-American subcommission to do and it has hardly functioned at all.

I make the following proposals to remedy this:

1. All American questions and materials shall first be considered by the Anglo-American Subcommission before being taken up by the combined commissions. [...]
3. I propose that the forces for Eastern work be strengthened by bringing in representatives of the countries we are neglecting – representatives of the French Party and Latin America, also Belgium.
4. The two commissions should join together and be regarded as one big commission for final action on all American questions.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 70, list. 101.

autonomia para desenhar sua política em consonância com as diretrizes cominternianas. Era necessário o crivo do Secretariado Anglo-Americano e do Secretariado Político.

De acordo com Weiss, o resultado de todas as idas e vindas foi:

A divisão do trabalho foi feita efetivamente em função dessa reorganização: a seção negra do Secretariado Oriental deveria focar na África Sub-Saariana (excluindo a África do Sul) e o Caribe, a Sub-Comissão Negra do Secretariado Anglo-Americano nos Estados Unidos e África do Sul. A separação das duas unidades sublinhou a divisão geográfica do foco da questão negra e colonial.²⁵²

A despeito de todas as reorganizações, a composição das comissões, subcomissões e *bureaux* negros era preenchida por uma diversidade de militantes provenientes de variadas organizações, tais como a Escola Leninista Internacional, a Profintern, a Krestintern, a Juventude Comunista e outras.

Por fim, Weiss destaca um outro papel do Bureau Negro: produzir informações com o fito de potencializar a radicalização do proletariado no Atlântico.

Não obstante os membros afro-americanos terem sido capazes de prover Moscou com reflexões valorosas a respeito das difíceis condições da classe trabalhadora afro-americana, muito menos era conhecido sobre a situação no Caribe ou na África. Portanto, uma das primeiras decisões de janeiro de 1929 foi a compra de uma significativa quantidade de jornais, revistas de grande circulação e revistas especializadas. A lista incluiu periódicos estadunidenses, europeus e africanos tais como *African World*, *West Africa*, *L'Afrique Française*, *The South African Worker*, *The Workers' Herald* (África do Sul), *Uganda News*, *Gold Coast Nation*, *Lagos Records*, *A.P.O.* (Órgão Oficial da Organização dos Povos Africanos, África do Sul), *Negro Champion*, *Opportunity C.*, *Journal of Negro Life*, *Journal of Negro History*, *Crisis*, *Chicago Defender*, *Pittsburgh Courier*, *Afro-American*, *Associated Negro Press Agency* e o *Negro Year Book*. Um mês depois, Harry Haywood enviou uma carta a Cyril Briggs em Nova York, pedindo-lhe para enviar ao Bureau Negro recortes do *The New York Times*, *The New York World* and *The New York American* a respeito da questão negra nos Estados Unidos. Os recortes deveriam ser enviados regularmente para Moscou; os gastos seriam pagos pelo Bureau Negro.²⁵³

²⁵² “As a consequence, the division of labour was made effective by this reorganization: the Negro Section of the Eastern Secretariat was to focus on Sub-Saharan Africa (excluding South Africa) and the Caribbean, the Negro Sub-Commission of the Anglo-American Secretariat on the USA and South Africa. Put in other words: the separation of the two units underlined the geographical division of the focus of the Negro and the colonial question.” WEISS, 2013, p. 127.

²⁵³ “Although the African American members were able to provide valuable insights in the plight of the oppressed African American working class, much less, if anything, was known about the situation in the Caribbean or in Africa. Therefore, one of the first decisions in January 1929 was to order an impressive amount of newspapers, magazines and journals. The list included US American, African and European periodicals, among others the *African World*, *West Africa*, *L'Afrique Française*, *The South African Worker*, *The Workers' Herald* (SA), *Uganda News*, *Gold Coast Nation*, *Lagos Records*, *A.P.O.* (Official Organ of African People's Organisation, SA).²¹⁵ In addition, the Bureau ordered an impressive amount of African American journals, including the *Negro Champion*, *Opportunity C.*, *Journal of Negro Life*, *Journal of Negro History*, *Crisis*, *Chicago Defender*, *Pittsburgh Courier*, *Afro-American*, *Associated Negro Press Agency*, and the *Negro Year Book*. One month later, Harry Haywood sent a letter to Cyril Briggs in New York, asking him to supply the Negro Bureau with news clippings from *The New York Times*, *The New York World* and *The New York American* appertaining to the Negro Question in the USA. The clippings were to be sent regularly to Moscow; his expenses were to be paid by the Negro Bureau, Haywood promised Briggs.” WEISS, 2013, p. 128-9.

Em resumo, as dificuldades organizativas eram sintomas de que se iniciava uma nova disputa: em Moscou os intelectuais, alijados de participar da vida cotidiana de seus partidos nacionais, se digladiariam em torno das políticas a serem delineadas de Moscou para as seções nacionais.

4 Tensões e aproximações às avessas: o PCB, a questão negra e a Internacional Comunista

Era setembro de 1920. Octávio Brandão, pela primeira vez, ia a São Paulo. Foi avaliar o movimento operário paulista. Não menos importante, queria também conhecer Monteiro Lobato. Fora a Santos, ao interior paulista e esteve em assembleias com trabalhadores. Identificou os problemas com “camponeses espanhóis e italianos [...] enganados pela propaganda do serviço de imigração do Brasil”. Àquela altura, “cheio de lirismo dionisíaco”, ainda via-se filiado ao anarquismo e, talvez por isso, sua avaliação quando da escrita de “Combates e Batalhas”, era que sua estada em São Paulo “saiu às avessas”: “São Paulo vivia preocupado com o preço e a Bolsa do café” e “Lobato e Octávio Brandão não aproximaram”.²⁵⁴

Durante a visita, cuja duração é desconhecida, escapou-lhe o processo de periferização da cidade de São Paulo, que já se encontrava em momento derradeiro de seu primeiro ciclo, o qual enviou contingentes populacionais negros aos bairros da Zona Norte.²⁵⁵ Deixou-se esquivar da existência de reações negras às diferentes formas que a segregação e a discriminação racial assumiram naquela cidade e localidades vizinhas. Ignorou, portanto, os expressivos setores das comunidades negras que organizaram empreendimentos jornalísticos diversos. Desconheceu que de modo não necessariamente coordenado diferentes periódicos pautaram a questão racial e ficaram conhecidos como “a imprensa negra paulista”.

No mês seguinte à visita de Brandão a São Paulo, mais precisamente a 2 de outubro de 1920, em Salvador, o semanário de inspiração anarquista *A Voz do Trabalhador*,²⁵⁶ vinculado ao Sindicato dos Pedreiros, Carpinteiros e Demais Classes, dedicou, ao seu modo, parte de seu espaço à questão racial. Numa charge que enfatizava os lábios grossos, o desenho do nariz e os cabelos crespos, o semanário identificou as características fenotípicas da classe trabalhadora baiana. O curto trecho escrito abaixo da charge descreve os esforços materiais e físicos empreendidos pelos trabalhadores – negros – para aparecerem bem-vestidos e elegantes tal qual os burgueses.

²⁵⁴ BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v. 1. p. 186.

²⁵⁵ ROLNIK, Raquel. *A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp, 1997. p. 90.

²⁵⁶ O semanário pode ter circulado pelo menos até 1922. CASTELLUCI, Aldrin. Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 84, 2012.

No anarquismo havia, portanto, distintas possibilidades de atacar a questão negra. Inclusive a opção de não enfrentá-la. O mesmo aconteceria com outros setores da esquerda. Especialmente com o Partido Comunista do Brasil.

Três anos depois e devidamente convertido ao comunismo, no Rio de Janeiro, Octávio Brandão, ainda fiel à sua maneira de pensar a questão negra desde os tempos de anarquismo, foi interpelado pela Internacional Comunista acerca da questão. Respondeu à carta com o seguinte teor:

Camarada Secretário,

Nós recebemos sua circular sobre a Conferência dos Negros, mas nós não recebemos a primeira circular sobre a qual se referiram:

Nós lhes enviaremos um relatório sobre os negros no Brasil e a Comissão Central Executiva do nosso partido irá pensar sobre a possibilidade de enviar um delegado à Conferência. Existem negros no Brasil. Mas não há no Brasil uma questão negra.

Fraternalmente,
Octávio Brandão,
Secretário do Exterior.²⁵⁷

Enquanto Brandão negava a existência de uma questão negra no Brasil, em São Paulo, três meses depois, Jaime de Aguiar e José Correia Leite fundariam *O Clarim da Alvorada*. Continuidor da tradição iniciada por *O Menelique*,²⁵⁸ de 1915, o então recém-fundado jornal aprofundaria os pleitos de setores negros paulistanos.

A afirmação sublinhada por Brandão é sintoma de certa posição interpretativa e prescritiva acerca da sociedade brasileira. Sua posição foi uma das quais se deixaram ofuscar pelo surgimento das “primeiras publicações da imprensa negra com uma abordagem predominantemente combativa”²⁵⁹ a partir da década de 1920. Brandão plasmou uma posição específica de certos círculos economicistas do socialismo assim como de algumas influências intelectuais caras aos primeiros comunistas brasileiros.²⁶⁰

Os eventos anteriormente descritos exemplificam algumas das possibilidades mais comuns de atuação política acerca da questão do negro no Brasil em diferentes espectros políticos associados à esquerda e às comunidades negras. Tendo em vista essas possibilidades de enfrentamento (ou não) da questão negra no Brasil, o propósito deste capítulo é analisar a relação entre os comunistas brasileiros e a questão negra *vis-à-vis* o movimento comunista internacional, neste caso circunscrito à Comintern. Será foco também uma análise do *modus*

²⁵⁷ “Nous avons reçu votre circulaire sur la Conférence des Nègres, mais nous n'avons pas reçu la première circulaire dont vous parlez dans celle-ci:

Nous vous enverrons (sic) un rapport sur les nègres aux Brésil et la Commission Central Exécutive de notre Parti va penser sur la possibilité d'envoyer un délégué à la Conférence. Il y a au Brésil des nègres. Mais il n'y a pas au Brésil une question nègre.

Freternellement,

Octavio Brandão

Secrétaire pour l'extérieur”

RGASPI, F. 495, op. 029, d. 011 [ic-0124.pdf]. Os grifos são do próprio documento. A Conferência em questão refere-se à resolução do IV Congresso da Comintern a qual determinou, dentre outras coisas, a realização de um Congresso Mundial do Negro organizado pela própria IC. Tal Congresso viria a ser realizado apenas no início da década de 1930, resultado de outro encadeamento de fatos. DEGRAS, 1955b, p. 401.

²⁵⁸ Cf. FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. 1982. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais)–Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986; FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. **Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal *O Clarim da Alvorada* (1924-1932)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

²⁵⁹ FRANCISCO, Ibid., p. 23.

²⁶⁰ Dentre eles é possível incluir Euclides da Cunha, Raimundo Nina Rodrigues e Tavares Bastos.

operandi das relações empreendidas entre os membros do Partido Comunista do Brasil e organizações negras.

A omissão de Brandão ocorreu em paralelo ao desgarramento dos jornais negros da vida social da comunidade a partir de quando bailes, festas e o *football* dividiriam espaço com questões acerca do papel do negro na sociedade brasileira e no mundo. Reflexões sistemáticas sobre a temática racial passaram a ser publicadas em *O Clarim da Alvorada* em sua seção “Mundo Negro”, já que notícias do *Chicago Defender* eram ali replicadas.²⁶¹ Entre 1923 e 1926, Robert Abbot, editor do *Chicago Defender*, dedicou-se a aprofundar seu entendimento sobre a questão negra no Brasil. Difundiram os principais temas da questão negra sob a ótica em diálogo com o movimento garveyista.

Alguns componentes do *Clarim* tais como José Correia Leite e Jayme de Aguiar propuseram, em 1925, “a realização do Congresso da Mocidade dos Homens de Cor, com o objetivo de criar ‘um grande partido composto exclusivamente por homens de cor’”.²⁶² A ideia não vingou. No entanto, colocou em pauta a possibilidade de ocupar, enquanto negro, espaço de representação política no Estado.

Ainda em São Paulo, adveio o Centro Cívico Palmares, dedicado, primordialmente, ao processo educativo dos negros. Daí sucedeu a criação de uma biblioteca comunitária e de uma escola. Segundo Florestan Fernandes, o Centro Cívico viria a adquirir uma função política a partir de 1928 enquanto reação à decisão do Governo do Estado de São Paulo de proibir negros de fazerem parte da Guarda Civil do estado. Teria sido, então, como resposta à iniciativa do governo que o Centro Cívico encampou, em março de 1929, a realização do Congresso da Mocidade Negra, o qual culminou na fundação da Frente Negra Brasileira, em 1931.²⁶³ A transformação da Frente Negra Brasileira em partido político foi noticiada pelo *The New York Times* de 12 de setembro de 1935 numa pequena nota.²⁶⁴

²⁶¹ FRANCISCO, 2010, p. 79-81.

²⁶² GOMES, Flávio. **Negro e política (1888-1937)**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005. p. 46.

²⁶³ A Frente Negra Brasileira foi heterogênea politicamente, demonstrou certa capilaridade entre meios negros em cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (notadamente na cidade de Pelotas) no início da década de 1930, tendo sido fechada em 1937 quando da implantação do Estado Novo. ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 265-271.

²⁶⁴ A transformação da Frente Negra em partido político foi noticiada pelo “The New York Times”.

“Brazilian Negroes Form Party

Special Cable to The New York Times.

Rio de Janerio, Sept. 11. - A civic society formed by Negroes was transformed today into a militant political party when the Superior Electoral Tribunal accepted its charter under the name, Brazilian Black Front. There is no color line in Brazil, but Negro leaders contend there has been discrimination against them.” 12 set. 1935. 122.jpg. MURPHY Collection Records on International Communism, compiled 1958-1958, documenting the period 1917-1958 – Brazil. National Archives at College Park. Record Group 263: Records of the Central Intelligence Agency, 1894-2002. Entry number: A1 18, caixa 201, ARC Identifier: 7403114.

A entrada em cena dos comunistas no campo de reflexão sobre questões relativas ao negro e seu papel na formação social brasileira não se deu de maneira sistemática e efetiva até meados de 1930. Provavelmente já sob influência pan-africanista, José Correia Leite²⁶⁵ diria o seguinte acerca das relações entre os espectros de esquerda e a questão negra:

A partir da Guerra de 14-18, começou a efervescência dos ismos (socialismo, comunismo). Frequentei reuniões da U.T.G.,²⁶⁶ onde se embaralhava a revolta do negro com reivindicações do proletariado. Nas nossas rodas de conversa apareciam negros e brancos envolvidos nas teorias marxistas. Estes diziam que a posição verdadeira do homem negro era lutar contra a ordem social, pois a culpada da situação era a exploração do regime capitalista. Falavam de um famoso pintor mexicano que tinha feito um mural onde aparecia Lenine no meio de dois trabalhadores: um branco e um negro, com as mãos entrelaçadas, tendo Lenine as mãos sobre eles.

No mesmo trecho, identifica e rememora a campanha internacional dos comunistas no caso *Scottsboro*.

Teve também intensa repercussão no meio negro o caso de Scotbar (sic), pois nessa ocasião os comunistas trabalharam intensamente entre os negros no sentido de demonstrar que haviam tomado a defesa, através de seu Socorro Vermelho, daqueles sete negros acusados, por mulheres brancas, de as haverem violentado.²⁶⁷

Ao remontar o *embaralhamento* da “revolta do negro com reivindicações do proletariado”, Leite posiciona a esquerda marxista no debate acerca da questão racial. Em sua memória, o marcador fundamental dos comunistas, no entanto, só aparece quando lembra da campanha internacional dirigida pelo Socorro Vermelho Internacional em relação ao caso *Scottsboro*. O depoimento de Leite, possivelmente de modo involuntário, estabelece uma certa cronologia da relação entre os comunistas brasileiros e a questão negra no país. Num primeiro momento, os comunistas engajaram a questão negra por meio da resolução da *luta de classes*, num outro identificaram um aspecto estritamente racial e o teriam atacado como tal. Esta narrativa corrobora com o encadeamento das políticas “raciais” da Comintern.

²⁶⁵ José Correia Leite foi um importante militante do movimento negro brasileiro. Fundou e foi redator de “O Clarim da Alvorada”. ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 261. “José Correia Leite foi um dos fundadores da FNB, mas devido a divergências ideológicas entre ele e Arlindo Veiga dos Santos, deixou a entidade para fundar a Frente Negra Socialista, com estatutos publicados no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 21/06/1933.” GOMES, Arilson. **A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do negro em Porto Alegre - RS (1931-1958)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p. 48.

Cf. RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira: depoimentos**. São Paulo: Quilombhoje, 1999. BASTIDE, Roger. *A Imprensa Negra no Estado de São Paulo*. In: _____. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Coleção Estudos, 18). FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Ática, 1978. FERRARA, 1986. GUIMARÃES, Sérgio Antônio. *Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950*. **Revista Afro-Ásia**, n. 29/30, p. 247-269, 2003.

²⁶⁶ União dos Trabalhadores Gráficos. Não é possível precisar a data da reunião. É possível apenas especular que ela provavelmente aconteceu entre 1934 e 1935, já que foi um período em que a questão negra se manteve em debate no movimento comunista internacional e coincide com o período de feitura do quadro em questão, o qual, por sua vez, foi pintado por Diego Rivera, em 1934, e se chama “O homem controlador do universo”.

²⁶⁷ MOREIRA, Renato Jardim; LEITE, José Correia apud FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. v. 2. p. 23-4.

A avaliação da Internacional Comunista sobre a atuação do PCB durante a década de 1920 colocava os comunistas brasileiros numa situação de pleno desconforto. Utilizando críticas relacionadas tanto à herança anarquista de parte significativa dos fundadores do PC quanto aos erros teóricos na aplicação das ferramentas analíticas para interpretação da realidade, a IC desferiu reiteradamente golpes no PCB até a depuração dos dirigentes fundadores de 1928. A partir de então, a “herança anarquista” deixaria, paulatinamente, o repertório crítico da Comintern em relação ao PCB. O aspecto racial, repetidamente omitido pelos dirigentes pecebistas, viria a constituir um dos elementos de dissonância entre a IC e sua seção brasileira.

Para isso contribuiu o fato de que o PCB desde 1923 recebia pedidos de informações e convites para participar de debates sobre a questão negra, como exemplifica a já citada correspondência recebida por Octávio Brandão. Em 1925, a Krestintern, Internacional Camponesa, por meio de seu dirigente máximo, o polonês Dombal, se ocupou da tentativa de formar uma Seção Camponesa “para levantar a questão de conectá-la com as colônias africanas, e particularmente com a África do Sul, Libéria, Angola, Quênia, Índias Ocidentais, Filipinas e Brasil”.²⁶⁸

Diante da aceitação do PCB na Internacional Comunista, no V Mundial Congresso da Comintern, em julho de 1924, um programa de ação foi elaborado e enviado ao Comitê Executivo da IC (CEIC) pelos delegados brasileiros. A versão do texto que foi analisada neste trabalho é uma espécie de errata, na qual os brasileiros retificam o documento com a supressão e inclusão de pontos. De acordo com os questionamentos elencados a seguir, pode-se inferir que se tratava, de fato, de um plano de estudo cujas perguntas direcionavam, precisamente, para as resoluções elaboradas no IV Congresso. O ano de 1924 foi decisivo para a entrada da questão negra como pauta dos comunistas, e as reverberações desse processo podem ter influenciado os brasileiros.

3. A escravidão da raça negra. Causa da importação dos africanos. Seu nível intelectual e moral. Regime político-social em que viveu na África. Em quais trabalhos eles estiveram empregados, em qual carreira, em campos de criação de gado ou de exploração agrícola? Em qual escala se fizeram as importações? A proporção entre a população negra e as populações indígena e europeia. Regime de trabalho ao qual estiveram sujeitos os escravos. Meios disciplinares empregados. Transformação experimentada com a mudança do meio. Intervenção dos padres como fator de repressão dos escravos. O trabalho escravo na agricultura e nas indústrias. Em qual medida colaboraram o elemento escravo e o elemento técnico.
5. A abolição da escravidão. Quais são as causas que atribuímos à libertação dos escravos. Se consideramos as [sublevações] das massas reduzidas à escravidão. Como se efetua a transformação do trabalho escravo para o trabalho assalariado? As

²⁶⁸ “to raise the question of connecting it with the African colonies, and particularly with South Africa, Liberia, Angola, Kennia, West Indies, Phillipines and Brazil.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 32, list. 30.

consequências na vida das indústrias e da agricultura. Se existiu deslocamento na composição demográfica. Sobrevivência da ordem econômica, moral e política do período da escravidão. Como se coloca a questão das raças no Brasil e de que maneira é possível fazer coincidir as reivindicações de classe com as de raça?²⁶⁹

Após a morte de Lênin e o inesperado lapso temporal entre o IV e o V Congresso da IC, os comunistas brasileiros estiveram relativamente livres das pressões externas a respeito da questão racial, porque os planos provindos de Moscou e dos comunistas dos países imperialistas estacionaram e também pela já sabida posição dos brasileiros sobre a matéria. Assim, somente em 1928 uma iniciativa da IC e de suas organizações auxiliares tentaria fazer chegar ao Brasil uma discussão sobre a questão racial.²⁷⁰

Em 1928, houve decisão da Comissão Negra da Krestintern que “camaradas do Brasil, América do Sul, Inglaterra, França e Estados Unidos deveriam fazer relatórios para essa comissão”.²⁷¹ Em agosto de 1928, o delegado latino-americano enviou, possivelmente para essa comissão, um relatório de pouco mais de uma página. Nele, o delegado Cardenas afirmava, entre outras, que, exceção feita ao México, Argentina, Uruguai, Chile e Bolívia, os negros constituíam parte fundamental da população da América Latina. No Caribe e em países como Venezuela e Colômbia apresentavam uma participação demográfica substantiva. Segundo ele, no Brasil, havia seis milhões de negros e mulatos. De acordo com Cardenas, não havia ódio racial na América Latina e a legislação garantia direitos iguais para negros e brancos. Dentre os problemas detectados no relatório, dois se destacavam: 1) apesar de sindicatos e partidos comunistas aceitarem livremente negros, eles eram poucos, o que poderia ser colocado na conta de uma propaganda política inadequada; e 2) os trabalhadores

²⁶⁹ RGASPI, F. 495, op. 029, d. 014, fol 4. Cedem/Unesp, ic-0136.pdf. “AU COMITE EXECUTIF DE L'IC - NOTE SUR LA ELABORACION DUN PROGRAMME D'ACTION DU P.C. BRESILIEN - PAR LES DELEGUES DU PARTI BRESILIEN A MOSCOU 1924”. “3. L'esclavage de la race noire. Cause de l'importation des africains. Leur niveau intellectuel et moral. Régime politico-social (sic) sous lequel ils vivaient en Afrique. Dans quels travaux ils étaient employés, dans le carrière, dans les champs d'élevage du bétail ou dans les exploitations agricoles? Dans quelle échelle se faisaient les importations? La proportion entre la population noire e les populations indigène et européenne. Régime de travail au quel étaient soumis les esclaves. Moyens disciplinaire employés. Transformation éprouvée avec le changement du milieu. Intervention des prêt[r]es comme facteur de répression des esclaves. Le travail esclave dans l'agriculture et dans les industries. Dans quelle mesure collaboraient l'élément esclave et l'élément technique. 5. L'abolition de l'esclavage. Quelles sont les causes qui on porté à la libération des esclaves. Si on compte des subluations [sublevation] des masses réduites à l'esclavage. Comment s'effectua [sic] la transformation du travail esclave en travail salarié? Les conséquences dans la vie des industries et de l'agriculture. S'il y a eu des dislocations dans la composition démographique. Survivence d'ordre économique, moral et politique de la période l'esclavage [sic]. Comment se pose la question des races au Brésil et de quelle manière est-il possible faire coincider les revendications de classe avec celles de race?”

²⁷⁰ A bibliografia a respeito das relações entre o PCB e a IC nos estudos mais amplos sobre o vínculo entre a América Latina e a Comintern não hesitam em pontuar que até 1928 os interesses da Internacional Comunista no continente eram rarefeitos e descontínuos. Até o presente momento não há evidência para afirmar o contrário. Isso explicaria parte do pouco interesse dos comunistas brasileiros em adentrar no programa.

²⁷¹ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 56, list. 45 (August 2nd, 1928) “comrades from Brazil, South America, England, France and the U.S. should make reports to this commission”.

negros eram mais explorados que a maior parte dos trabalhadores brancos. Por esse segundo motivo, os negros constituíam uma força revolucionária de primeira classe e deveriam ser alvo de propaganda intensiva.²⁷²

O PCB apresentou um relatório ao VI Congresso da IC praticamente em concomitância à diretiva da Comissão Negra da Internacional Camponesa, já que ambos os documentos foram escritos, despachados e analisados nos meses de julho e agosto de 1928. No relatório, o PCB não faz menção a qualquer questão racial no país salvo por dois momentos em que tangencia a questão ao se debruçar sobre a constituição populacional brasileira e ao discorrer sobre a história do Brasil. O relatório responde a inúmeras das perguntas levantadas em 1924.

RELATÓRIO SOBRE A SITUAÇÃO NO BRASIL NO VI CONGRESSO DA IC
População

A população do Brasil se elevou em 1926 a 36.870.900 habitantes. As raças que habitam o país são: a raça branca na proporção de cerca de 35% da população total, a negra na proporção de 7% a 8%, a raça indígena, na proporção de 3% a 4%. O restante da população é formado por uma mistura de raças branca, negra e indígena. Na parte norte, a população se acha formada em grande parte por uma mistura de brancos, de negros e de indígenas; nas partes leste e central, de Pernambuco ao Rio de Janeiro se acha uma grande quantidade de negros. Do Rio ao sul, a população é quase toda branca.

[...]

Economicamente e politicamente, a raça branca é predominante. A burguesia se compõe de brancos e de mestiços. Os negros e os índios são muito raros entre a burguesia.

[...]

História do Brasil

[...]

Em 1888, um decreto aboliu a escravidão. Esse decreto governamental foi feito diante da ameaça de uma revolta. Depois da abolição da escravidão, os grandes proprietários de terra perderam sua hegemonia política. Os negros abandonaram as fazendas e partiram para as villas, mas pouco depois foram obrigados a retornar aos campos e ganhar baixos salários.²⁷³

²⁷² RGASPI, F. 495, op. 155, d. 56, list. 108.

²⁷³ RGASPI, F. 495, op. 029, d. 027, fols. 57-59. Cedem/Unesp, Ic-0015.pdf. “RAPPORT SUR LA SITUATION EU (SIC) BRESIL AU VI CONGRES DE L’I.C.”

“Population

La population du Brésil se élevait en 1926 à 36.870.900 habitant. Les races qui habitent le pays sont: la race blanche dans la proportion d’environ 35% de la population totale, la noire dans la proportion de 7 à 8%, la race indienne, dans la proportion de 3 à 4%. Le restant de la population est formée d’un mélange de races blanche, noire et indienne. Dans la partie nord, la population se trouve formée en grande partie par un mélange de blancs, de noirs et d’Indiens; dans les parties est et centre, depuis Pernambuco jusqu’à Rio de Janeiro se trouvent une plus grande quantité de noirs. De Rio vers le sud, la population est presque toute blanche.

[...]

Economiquement et politiquement la race blanche a la prédominance. La bourgeoisie se compose de blancs ou de métis. Les noirs et les Indiens sont très rares parmi la bourgeoisie.

[...]

Histoire du Brésil

[...]

En 1888, un décret abolit l’esclavage. Ce décret gouvernemental fut rendu devant la menace d’une révolte. Après l’abolition de l’esclavage les grand propriétaires fonciers perdirent leur hégémonie politique. Les noirs

Quatro anos depois, o PCB passaria a estabelecer vínculo direto entre a exploração econômica e o predomínio branco na composição racial dos extratos dominantes da sociedade brasileira. Até lá os brasileiros demonstraram pouca profundidade no ataque às questões indígenas e repetiram os chavões da época ao definir “tribos selvagens” como “pouco importantes” porque raras.

Ao remontar à história do Brasil e do processo da abolição, os comunistas indicaram alguns movimentos sobre os quais não conseguiram avançar. O primeiro deles diz respeito à questão da mudança do trabalho escravo ao assalariado. Uma das problemáticas levantadas foi a do trabalhador negro, agente do êxodo das fazendas quando liberto, que voltou ao mundo rural como assalariado: um questionamento de 1924 que não apresenta avanços. Em segundo lugar, a indagação do plano de estudos de 1924, o qual permitiria aos comunistas entenderem as imbricações entre os conflitos raciais e de classe, que não foi tratada no relatório apresentado ao VI Congresso quatro anos depois. Dessa forma, o PCB perdia, aos olhos dos cada vez mais influentes membros negros da IC e de seus dirigentes, oportunidade de avançar e apegar-se ao ascendente *leitmotif* cominterniano. A opção de aderir a ele, conforme os dados e história sobre o Brasil iam se desnudando aos dirigentes da IC, viraria até 1930 obrigação moral para os comunistas brasileiros.

O Bureau Negro, ligado ao Comitê Central da Internacional Comunista (CEIC) e ao Departamento Oriental, fizera menções ao Brasil em meados de 1928, fosse indiretamente²⁷⁴ fosse incluindo o país no grande conglomerado diaspórico. Em julho de 1928 uma resolução baixada pela Profintern, assinada por James Ford, indicava a necessidade de criação de espaços específicos para vincular o trabalho sindical à questão negra numa clara alusão ao enfrentamento das questões do mundo do trabalho (da classe) com a raça:

abandonnèrent les fermes et partirent vers les villes, mais peu après ils furent obligés de retourner aux champs et de gagner de bas salaires.”

²⁷⁴ Em transcrição de notícia veiculada no jornal “Manchester Guardian” sobre o III Congresso Pan-Africano realizado em Lisboa, em 1923, aparece, dentre outras, a seguinte chamada: “Nós insistimos no Brasil e na América Central que povos de descendência africana não estejam mais satisfeitos com uma solução do problema negro o qual envolve sua absorção em outra raça, sem permitir aos negros, enquanto tais, pleno reconhecimento de sua humanidade e de seu direito de ser”. Tradução livre de: “We urge in Brazil and Central America that peoples of African descent be no longer satisfied with a solution of the negro problem which involves their absorption into another race, without allowing negroes as such, full recognition of their manhood and right to be” (RGAPSI apud Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, F. 496, op. 155, d. 18, list 2). Os informes sobre o III Congresso foram retomados cinco anos depois, em agosto de 1928, em documento intitulado “Negro organisations in the United States”. O texto situou o Congresso Pan-Africano como uma organização oposta à Universal Negro Improvement Association, liderada por Marcus Garvey. Para os comunistas da Comintern, o Congresso era uma organização composta por negros burgueses e intelectuais e não tinha características de massa. Na avaliação da agenda política do Congresso, os comunistas entendiam que havia continuidade entre o III Congresso e o então mais recente encontro, a V Seção Bianual de 1927. RGAPSI/Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, F. 495, op. 155, d. 59, list. 153.

A resolução do 4º Congresso da Sindical Vermelha, seguindo as decisões do 9º Pleno da CEIC, deve transformar em trabalho e tarefa especiais em referência ao trabalho sindical entre trabalhadores industriais negros e trabalhadores do campo do mundo (incluindo negros no Brasil, Colômbia, Venezuela e *West Indies*) de todos os partidos concernentes.²⁷⁵

Portanto, não é possível considerar que havia desconhecimento da temática racial no Brasil por parte da Comintern. É adequado aferir como pouco intrusivas as iniciativas cominternianas no país. Essas diretivas não foram suficientes para fazer o PCB agir no sentido de analisar os fenômenos raciais no Brasil, na América Latina, e associá-los aos conflitos nos quais o partido estava imerso, posto que era parte da sociedade brasileira.

Menos por convicção das direções da IC que por aspectos logísticos e, mais importante, ideológicos da seção brasileira, Moscou não conseguiu se impor, neste ponto especificamente, ao PCB. Uma última evidência dessa resistência dos comunistas brasileiros em reconhecer a existência de uma questão negra situa-se em 1929, num escrito de Astrojildo Pereira.

Naquele ano, Pereira escreveu uma resenha do livro “Populações meridionais do Brasil”, de Oliveira Vianna. Sob o sugestivo título, “Sociologia ou apologética?”,²⁷⁶ ele argumentou que o intuito de Vianna era provar, a partir da ciência burguesa, que o Brasil não era palco das lutas de classes. Para o comunista, Vianna defendera que, salvo por “conflitos raríssimos”, não houve lutas de classes no Brasil. Ainda a partir da lente de Pereira, Vianna entenderia que, ao contrário da Europa, onde tal processo teria resultado em algo fecundo, no maior país tropical os conflitos desse tipo adquiriram outra natureza. Não resultaram e não resultariam em algo produtivo.

Inescapáveis, o negro e o indígena terminaram cotejados, tanto por Vianna quanto pelo comunista, este em resposta àquele. Nos pontos em que Vianna sustentou obstáculos ao avanço da civilização, seja sob a forma de “flechas ervadas dos índios”, “os mosquetes dos mamelucos” seja ao modo dos quilombolas, Astrojildo Pereira afirmou a existência das lutas de classes. Por vezes utilizando indistintamente “escravo” como sinônimo de negro, como em “Índios e escravos contra os Prados e Buenos...”, Pereira não se estendeu na temática racial. Terminou cravando Zumbi como “o nosso Spartacus”. Viu uma questão de classe em que negros e índios localizavam-se, juntos, em plano oposto aos proprietários, fossem estes a

²⁷⁵ “The resolution of the 4th Congress of the RILU following the decisions of the 9th Plenum of the ECCI must become the special work and task in reference to trade union work among Negro industrial and agricultural workers of the world (including Negroes in Brazil, Columbia (sic), Venezuela and the West Indies) of all the parties concerned.” RGASPI, F. 495, op. 155, d. 53, list. 2, 21 ago. 1928.

²⁷⁶ PEREIRA, Astrojildo. Sociologia ou apologética? In: _____. **Ensaios históricos e políticos**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979. p. 163-174.

aristocracia rural fosse Sua Majestade Cristianíssima. Astrojildo Pereira evitara clivagens raciais para definir o que chamou de aristocracia rural e burguesia nascente. Estava forjado um retrato sociológico do país no qual as classes definiam-se em função de sua posição diante dos meios produção – proprietários vs. despossuídos.

Embora mais sofisticada que a simples negativa de Octávio Brandão à Comintern a respeito da existência de uma questão negra no Brasil, a crítica de Astrojildo Pereira ao livro de Oliveira Vianna demonstra as flutuações dos pecebistas em relação ao tema. O caráter errante exercido pelo PCB em relação à questão das raças foi objeto de investida da Comintern. Esta se deu, ainda no clima das resoluções do VI Congresso da IC, sob a tutela do Secretariado Latino-Americano. Realizou-se a I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina em junho de 1929, em Buenos Aires, e lá foram pontilhados os contornos da política racial e nacional dos comunistas.²⁷⁷

A partir de 1928 uma carga de pressão efetiva começou a ser praticada pela IC e suas organizações auxiliares junto ao PCB para que este realizasse uma imersão na questão negra, e isso não cessou até meados da década de 1930. O VI Congresso da Internacional Comunista, em 1928 (concomitantemente aos esforços de 1928 da IC em debater a questão negra), definiu os contornos da nova política da Comintern para praticamente todos os assuntos que lhe eram concernentes, inclusive o enfrentamento das questões racial e nacional. O PCB e a IC não poderiam, àquela altura, se comunicar em idiomas mais distintos.

O ponto alto, porém, da dissensão entre o PCB e a IC se deu quando do debate acerca da “questão brasileira”, em Moscou, em 1929, entre 22 de outubro e 5 de novembro.²⁷⁸ O debate sobre a questão racial e, especificamente, o tema do negro serão sintetizados a seguir.

4.1 A questão negra e a stalinização do PCB

A situação dos comunistas brasileiros em Moscou em 1929 já era tensa desde o início da discussão da chamada “Questão Brasileira” durante os intervalos do VI Congresso da IC.

²⁷⁷ Pelo menos desde abril de 1929, quando o periódico do Secretariado Latino-Americano, “La Correspondencia Sudamericana”, passou a fazer chamadas para a I Conferência, já constava na ordem do dia o ponto IV: “El problema de razas en América Latina”. O PCB realizou seu III Congresso no início de 1929. No item relativo à questão camponesa, o PCB decidiu combater os restos da escravidão, defender a devolução de terras confiscadas aos indígenas e interromper as concessões feitas à Ford. Entretanto, não houve qualquer referência às questões raciais de qualquer ordem. F. 495, op. 029, d. 035, fols. 1 e 2, ic-0206.pdf.

²⁷⁸ Sobre esta reunião, ver KAREPOVS, 2001, p. 609-25.

Havia muito o que debater: o III Congresso do PCB *vis-à-vis* o VI Congresso da Comintern, a I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina e suas resoluções, a organização sindical, o Bloco Operário Camponês e o encerramento da tática de frente única cedendo lugar à “classe contra classe”. Havia um leque interminável de temas na pauta. A temática racial se imiscuiu entre uma ou outra questão com um relevo, até então, inédito. Um dos protagonistas da pressão exercida pela IC em relação ao PCB foi Stoïan Minev,²⁷⁹ sob o pseudônimo de Stepanov. Ele foi responsável por algumas das críticas mais agudas à atuação do PCB. As interpelações de Minev durante a discussão sobre a “questão negra” colocaram toda a direção do PCB em xeque, não só porque o argumento explicitado pelo búlgaro era logicamente quase irrefutável mas também porque o PCB acariciava uma tese defendida que era então refutada pela IC.

A discussão sobre a questão negra (incluída num debate mais amplo sobre a racial, na qual estavam também inseridos os indígenas) se deu num momento em que se examinava a questão brasileira a partir de uma análise das características essenciais que a revolução brasileira deveria assumir naquelas circunstâncias. As críticas gerais mais contundentes dos representantes da direção da IC ao PCB acusavam o partido de se abster, por desorganização e falta de trabalho, de dirigir o proletariado e o campesinato. Uma das consequências dessa avaliação geral era, precisamente, o abandono das populações negras do país à sua própria sorte. Nesse sentido, as objeções da IC em relação à omissão dos pecebistas concernentes à questão negra obedeceram ao padrão sob o qual Stepanov centrou sua argumentação.²⁸⁰

Minev exigia flexibilidade e sensibilidade por parte dos comunistas brasileiros em perceber a diferença de tratamento destinado às populações negras tanto por parte do Estado quanto por parte do partido, mesmo quando, sob o aspecto material, brancos fossem tão miseráveis quanto negros. Minev também sugeria que os comunistas brasileiros estudavam pouco sua própria realidade ao recomendar que a leitura de viajantes burgueses evidenciava uma questão específica dos negros que deveria ser abordada pelos comunistas.

²⁷⁹ “Quando em 1926 o sexto pleno ampliado do CEIC criou seções geográficas no Secretariado, ele se tornou chefe-assistente e depois chefe da seção latina, que incluía França, Itália, Bélgica, Espanha, Portugal e Luxemburgo. Entre 1926 e 1933 (sob o nome de Chavaroché) ele publicou artigo na imprensa da Comintern sobre o movimento comunista nos países. Ele depois dirigiu missões sigilosas para a Comintern na América Latina e provavelmente na China.” “When in 1926 the sixth enlarged plenum of the ECCI created geographical sections within the Secretariat, he became assistant chief and then chief of the Latin section, which included France, Italy, Belgium, Spain, Portugal, and Luxemburg. Between 1926 and 1933 (under the name Chavaroché) he published article in the Comintern press on the communist movement in the countries. He later handled underground missions for the Comintern in Latin America and probably in China.” LAZIC; DRACHKOVITCH, 1986, p. 317.

²⁸⁰ Não se está afirmando que Stepanov foi o responsável pela elaboração da tese. As críticas da Comintern foram feitas no mesmo sentido que Stepanov as formulou.

De acordo com as atas disponíveis, quem iniciou a crítica ao PCB sobre a temática negra foi o próprio Minev, a julgar pela ordem em que estão dispostas as falas. Aparentemente, também foi ele quem pôs a questão negra na pauta da revolução brasileira. No terceiro dia da reunião, ele perguntou e respondeu: “Quais são as perspectivas dessa revolução democrática pequeno-burguesa que deve se produzir? Em primeiro lugar, é uma revolução camponesa agrária [...]; revolução na qual se colocará a questão dos negros e das raças”.²⁸¹ Àquela mesma altura, Minev apontou a situação em que se encontrava o debate sobre raças no Brasil. De maneira irônica, reproduziu a forma por meio da qual a burguesia analisava os conflitos no Brasil e associou as resoluções do III Congresso do PCB à forma burguesa de refletir sobre a realidade brasileira:

É preciso dizer que a questão das raças e dos negros não existe. Os literatos e viajantes burgueses, os adversários mais ferozes do movimento revolucionário, insistem ainda sobre esse fato que no Norte, por exemplo, “a questão da luta de classe é mascarada pela luta de raças”; em uma parte do centro e do sul, a luta de classe é mascarada de novo pelas lutas nacionais, porque a classe trabalhadora, aquela que trabalha sobretudo nas plantações é a classe da imigração.²⁸²

Feito o lançamento da questão e considerando prováveis lacunas na documentação cominterniana, a questão negra só viria a ser objeto de registro novamente após três dias, a 27 de outubro de 1929. Depois de tecer comparações entre os brasileiros Astrojildo Pereira (Ledo) e Heitor Ferreira Lima (Sylva), já que ambos lhe negaram a existência de uma questão negra no Brasil, Minev criticou a ambos e os questionou:

Eu creio que entre os camaradas brasileiros existe uma falsa apreciação da realidade e que eles se satisfazem sobre o terreno da democracia formal. O camarada Ledo nos disse que os negros podem vir a ser presidentes da república, que eles podem ocupar não importa qual posto e ao mesmo tempo nós vemos que 7/8 da população do Brasil são de iletrados e que a maior partes desses iletrados, senão todos, é de negros e formalmente os iletrados não têm direitos políticos. Isso é justo?²⁸³

O estopim primordial da dissonância entre dirigentes pecebistas e cominternianos acerca da questão negra nascera de um evento até hoje obscuro: o conflito entre trabalhadores

²⁸¹ “Quelles sont les perspectives de cette révolution démocratique petite-bourgeoisie qui doit se produire? D'abord, c'est une révolution paysanne agraire [...]; révolution dans laquelle se posera la question des nègres et des races.”

²⁸² F. 495, op. 079, d. 056, fols. 50 – ic-0053.pdf, 24 out. 1929. “Il est faut de dire que la question des races et des nègres n'existe pas. Les littérateurs et les voyageurs bourgeois, les adversaires les plus acharnés du mouvement révolutionnaire, insistent pourtant sur ce fait que dans le Nord, par exemple, 'la question de la lutte de classe est masquée par la lutte des races'; dans une partie du centre et du sud, la lutte de classe est masquée de nouveau par les luttes nationales, parce que la classe ouvrière, celle qui travaille surtout dans les plantations est la classe d'immigration.”

²⁸³ F. 495, op. 079, d. 057 – ic-0055.pdf, 27 out. 1929, p. 10. “Je crois que ces les camarades brésiliens il existe cette fausse appréciation de la réalité et qu'ils restent sur le terrain de la démocratie formelle. Le camarade Ledo nous a dit que les nègres peuvent même devenir présidents de la république, qu'ils peuvent occuper n'importe quel poste et cependant nous voyons que les 7/8 de la population au Brésil sont des illettrés et que la plupart des ces illettrés, si non tous, sont des nègres et formellement les illettrés n'ont pas droit politiques. Est-ce que ce fait est juste?”

brasileiros e jamaicanos na chamada “Fordlândia”,²⁸⁴ no Pará. Os comunistas brasileiros defendiam não se tratar de uma questão racial entre negros e brancos e sim de um desencontro em razão das diferentes nacionalidades. Os membros dirigentes da Comintern, conquanto não se permitissem a uma avaliação rigorosa sobre a matéria, avalizavam a tese de que havia algum componente racial que o PCB negligenciara, como fazia com relação a todo o país.

Minev continuaria esmiuçando sua crítica para evidenciar as lacunas analíticas do PCB quanto aos componentes étnicos e raciais que atuavam na composição da classe trabalhadora, os quais passavam ao largo de qualquer avaliação da Seção Brasileira da IC.

Eu não quero lutar contra a ideia de que nos quarteirões de Berlim existe uma população trabalhadora que tem uma vida material muito miserável, que remonta àquela dos negros, mas isto não significa que a questão negra não existe. Não existem negros que são insultados constantemente, que são, sem descanso, mal-tratados, desmoralizados? É um fato, e se eu soubesse que em nossas reuniões nós levantaríamos esta questão, eu poderia fornecer descrições de viajantes, escravos e não negros. Eu creio que essa questão dos negros não pode ser liquidada ao declarar que os negros têm os mesmos direitos que o restante da população; direitos formais? Todo o mundo tem direitos formais. [...]

A essa questão dos negros está relacionada uma outra que não se acha exatamente sob o mesmo plano, mas que tem importância para que o PCB examine a fundo e concretamente, porque ele determinará igualmente as palavras de ordem do trabalho do partido nas diferentes camadas da população trabalhadora: a heterogeneidade étnica da população. No Brasil, isso difere de outros países, foi depois de 1860, creio eu, existiu uma política de imigração e que na base dessa “política” de imigração localizaram-se crises ministeriais que ocorreram e continuam até hoje. Por várias vezes, casos de guerra civil ocorreram na questão da política de imigração, na questão do transporte de imigrantes de Santos e outros portos, em diferentes tipos de contrato de parceria, de diferentes origens étnicas, diferentes maneiras de afixar os cidadãos de Odessa, das colônias alemãs, polonesas, etc. Assim, se se põe essa questão como um todo, e se se examina na prática concreta, toda uma série de tarefas se coloca para o trabalho prático do partido e se se está contente com esta aparente liberdade, negros e imigrantes em igualdade com o resto da população, ele [o partido] não fará nada.²⁸⁵

²⁸⁴ Sobre a Fordlândia, os próprios comunistas diziam: “Henry Ford occupies a special position in Brazil. He is the only American automobile manufacturer who kept an assembly plant operating in Brazil throughout the years of crisis and depression. But furthermore, he is the largest concessionaire in the State of Pará, [p. 11] where he went in search of rubber.

[...] At first, comparatively high wages were offered, as wages go in Pará; but after some 3,000 workers had been attracted, the local managers apparently got word to cut down expenses. Wages began to drop, and are still dropping.

As early as December, 1930, rumblings of discontent came out of the closely guarded private empire of Mr. Ford. Troops were rushed in to put down an incipient strike. What happened then never been fully investigated, but an official document of the British government has stated that the 3,000 workers were reduced, after a series of disturbances, to 1,500. This same document attributes the 'difficulties' squarely to the Ford management - a highly significant admission, coming from such a source. In spite of Ford, whose spy system in his Detroit factories is world-famous, the workers have established on the Boa Vista plantation the Fordlandia Toilers Union, and its demands are vigorously supported by the council of trade unions of Pará. So strong has the union grown that it was able to force a visit by the government inspector, and on June 18, 1936, [and other victories]” [p. 12]. GREEN, Bryan. **Brazil**. Nova York: International Publishers [Prepared by Labor Research Association], 1937.

²⁸⁵ “Je ne veux pas lutter contre l'idée que dans les quartiers de Berlin il existe une population ouvrière qui a une vie matérielle très misérable, qui ressemble à celles des nègres, mais cela ne signifie pas que la question nègre n'existe pas.

Minev reconstruiu parte da discussão já feita na União Soviética e, naquele período, em curso nos Estados Unidos, a saber, a questão das nacionalidades e das etnias, advindas dos processos migratórios. Para ele, o PCB subestimava os aspectos ligados à construção de comunidades, federações de idiomas, baseadas em traços comuns de origem nacional e étnica. Refletir sobre essa sociedade plural, com múltiplas nacionalidades, era uma necessidade, principalmente em cidades portuárias como Santos, que requeria sensibilidade por parte do partido. Minev se mostrou especialmente contrariado com relação ao rigor pecebista na defesa dos direitos formais como suposta prova de que não havia uma questão negra no país.

Um outro importante protagonista crítico das formulações (ou da ausência delas) do PCB foi Guralsky. Ao contrário das reflexões na Conferência dos Partidos Latino-Americanos quando se definiu que havia uma questão étnica que separava índios e negros (os índios faziam parte de múltiplas nacionalidades ao passo que o mesmo não acontecia com os negros), Guralsky defendeu uma separação entre problemas nacionais e raciais. Questões diferentes mas, para ele, a raça era tão importante na América Latina quanto a questão nacional fora na União Soviética. O ponto de intersecção entre os dois aspectos era, precisamente, o campesinato, o qual se achava, a seu ver, fora do debate em razão das debilidades organizativas e, principalmente, teóricas do PCB.

GURALSKY [...] Eu não digo nada sobre a questão sindical. Eu quero falar sobre a questão das raças. A questão das raças tem um papel tão grande na América Latina quanto a questão nacional teve conosco sob o czarismo. É uma falha também formidável tão grande de não existir ligação com o campesinato. Eu estou surpreso que Ledo e Sylva falem assim da questão das raças. Eu devo dizer francamente que conforme as estatísticas da grande Enciclopédia soviética, que é um trabalho sério, está dito que há 9% de negros. Você não escreveu esse artigo, mas se você tivesse escrito seria um erro três vezes maior, porque está escrito que há 9% de negros.²⁸⁶

Est-ce qu'il n'existe pas des nègres qu'on insulte constamment, qui sont sans arrêt maltraités, qu'on démoralise? C'est un fait, et si j'avais su dans nos réunions on soulèverait cette question, j'aurais pu apporter des descriptions de voyageurs qui sont aussi des négriers e pas de nègres. Je crois que cette question des nègres ne peut être liquidée en déclarant que les nègres ont les mêmes droits que le reste de la population; droit formels? Tout le monde a de droits formels. [...] A cette question des nègres est rattachée une autre question qui ne se trouve pas exactement sur le même plan mais qui mérite que le parti communiste brésilien l'examine à fond et concrètement parce qu'elle déterminera également les mots d'ordre du travail du parti dans les différentes couches de la population travailleuse: c'est l'hétérogénéité ethnique de la population. Au Brésil, ce qui diffère des autres pays, c'est que depuis 1860 je crois, il y a eu toute une politique d'immigration et que sur la base de cette "politique" d'immigration, des crises ministérielles se sont produites et que cela continue encore aujourd'hui. A plusieurs reprises des cas de guerre civile se sont produits sur la question de la politique d'immigration, sur la question du transport des immigrés de Santos et des autres ports, au sujet de différentes sorte de métayage, de contrat, des différentes origines ethniques, des différentes façons de placer les ressortissants d'Odessa, des colonies allemandes, polonaises, etc... Alors, si vous posez cette question dans son ensemble, et si vous l'examinez en suite concrètement, toute une série de tâches se posent pour le travail pratique du parti et si l'on se contente de cette apparente liberté, égalité des nègres des immigrés avec le reste de la population, on ne fera rien." RGASPI, F. 495, op. 079, d. 057 – ic-0055.pdf, 27 out. 1929, p. 11-12.

²⁸⁶ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 057, fols. 34-35. – ic-0055.pdf. "GURALSKY (...) [34] Je ne dis rien sur la question syndicale. Je veux parler sur la questions des races. La question des races joue un rôle aussi grand en Amérique Latine que la question nationale a joué chez nous sous le tsarisme. C'est une faute formidable [35] aussi grand que de ne pas être lié avec la paysannerie. Je suis étonné que Lédo et Sylva parlent ainsi de la

A discussão levaria, novamente, à questão das concessões a Henry Ford, no Pará, e Guralsky permaneceria na mesma posição de Minev a respeito da questão negra. Diferenciou-se, neste momento, pelo linguajar, ancorando-se ao termo “tribo”, algo incomum na documentação da IC. Em resumo, para Guralsky o PCB negligenciou o trabalho entre os negros no país, o que foi objetado por Astrojildo Pereira, já que para este não havia uma questão racial no país. A dissonância deslizava por sobre dois níveis superpostos: 1) as características raciais da sociedade brasileira; 2) a natureza do conflito na Fordlândia.

Então não esqueça que a política de Ford é de aumentar a quantidade de negros, que ele transporta todo o tempo por suas concessões.

Evidentemente que vocês têm um problema formidável e eu não quero dizer aqui que é apenas ao Partido Comunista Brasileiro a quem cabe a responsabilidade. Nós discutimos contra vocês, porque são vocês que têm mostrado essa tendência.

LEDO: Ford importou negros nessas concessões para se livrar dos trabalhadores que trabalhavam diante dele. Mas eu estou certo que entre esses trabalhadores brasileiros a maioria era de negros e desse modo houve luta de negros brasileiros contra os negros da Jamaica e isso não é uma questão de negros contra brancos.

GURALSKY: Eu penso que o partido comunista é de fato responsável. Eu não entendo o seguinte: mesmo a questão que você coloca da luta entre diferentes tribos negras é o problema de raças que deve ser examinado pelo partido.

LEDO: É por isso que eu digo que precisamos falar sobre uma questão de raça.²⁸⁷

Guralsky terminou sua crítica prescrevendo uma política efetiva para os comunistas: era fundamental a eles forjar palavras de ordem que visassem unificar as questões do cotidiano do trabalho entre os diferentes grupos linguísticos (brasileiros e jamaicanos no Pará, por exemplo). Curiosamente, Guralsky utilizava-se de um dos elementos constitutivos da nação – de acordo com o manual produzido por Stalin a respeito da temática – visivelmente acoplando a discussão racial à questão nacional que ele próprio separara anteriormente. No plano prático, era imprescindível, por parte do partido, elevar a importância do tratamento da

question des races. Je dois dire franchement que selon les statistique de la grande Encyclopédie soviétique, qui est un ouvrage sérieux, il est dit qu'il y a 9% de nègres. Tu n'as pas écrit cet article, mais si tu l'avais écrit ce serait une faute encore trois fois plus grande, parce qu'il est écrit qu'il y a 9% de nègres.” LAZIĆ; DRACHKOVITCH, 1986, p. 159-160. Guralsky substituiu o bukharinista Humbert-Droz na direção do Secretariado Latino-Americano e depois dirigiu o *Bureau* Sul-Americano.

²⁸⁷ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 057, fol. 35. – ic-0055.pdf. “Ensuite n'oublie pas encore que la politique de Ford, c'est d'augmenter la quantité des nègres, qu'il transporte tout le temps pour ses concessions.

Evidemment que vous avez un problème formidable et je ne veux pas dire ici que c'est seulement le parti communiste brésilien qui emporte la responsabilité. Nous discutons contre vous, parce que c'est vous qui avez montré cette tendance.

LEDO: Ford a importé des nègres dans ses concessions pour se débarrasser des ouvriers brésiliens qui y travaillaient au paravant(sic). Mais, je suis certain que parmi ces ouvriers brésiliens la majorité était des nègres et alors il y a eu la lutte des nègres brésiliens contre les nègres de la Jamaïque et ce n'est pas une question de noirs contre blancs.

GOURALSKY: Je pense que le parti communiste brésilien est bien responsable. Je ne comprends pas cela: même la question que tu poses de la lutte entre les différentes tribus des nègres est le problème des races qui doit être examiné par le parti.

LEDO: C'est pour cela que je dis qu'il faut parler d'une question de race.”

questão por parte dos negros componentes do comitê central e de todo o partido em geral. Para Guralsky, essa era uma das questões mais relevantes da luta revolucionária.

GURALSKY: Quando Ledo diz que os negros lutam entre si, está evidente que o partido deve fazer seu possível por um trabalho por palavras de ordem, pelos grupos de idiomas, pelos camaradas negros nos comitês centrais, nas regiões do partido, pelo envio de camaradas para ajudar nessas lutas. Está claro que a questão não está resolvida, que nós devemos examinar a questão das raças em geral e é preciso examinar a questão das raças em geral e é preciso trazer as palavras de ordem da Comintern no sentido das massas oprimidas, está claro que seremos forçados a lutar numa certa medida contra nossos camaradas brancos que não compreenderão durante um certo tempo nossas palavras de ordem, que não terão compreendido imediatamente os problemas nacionais e de raça. Eu acho que esses problemas devem ser sublinhados quando se fala do partido brasileiro e de todos os partidos comunistas da América Latina, como uma questão das mais importantes na luta revolucionária.²⁸⁸

Ainda no dia 27 de outubro (e, mais uma vez, não está clara a ordem das falas), Heitor Ferreira Lima (Sylva) responderia às interpelações dos dirigentes da IC laconicamente. No plano argumentativo, agarrara-se ao exemplo dado pelo conflito na Fordlândia para reafirmar que aquela circunstância não explicaria o Brasil, por ser extemporânea. Tratava-se, no seu dizer, de uma circunstância específica e não constituía exemplo do que ocorria no cotidiano do mundo do trabalho no restante do país. Ao mesmo tempo que concedeu uma autocritica ao confirmar a debilidade teórica do partido, ele responsabilizou a Comintern por não apoiar efetivamente a criação de uma revista teórica do partido.

SYLVA (HEITOR FERREIRA LIMA): Eu toquei agora numa questão que alguns camaradas colocaram, mas que eu ainda não toquei. Eu tenho uma opinião que muitos dos camaradas julgam falsa. Eu, evidentemente eu não a julgo falsa. Esta é a questão do negro. Certos camaradas, entre os quais Humbert-Droz, veem no Brasil uma questão de raça entre os brancos e os negros e o argumento que eles apresentam é a luta armada que é produzida entre os trabalhadores brancos e negros nas empresas de Ford no Pará. Eu não acho que esse argumento é o bastante e é por isso que terei dúvidas sobre a questão negra até que me deem argumentos mais convincentes. Até o presente os argumentos apresentados são muito falhos e não é por acaso que os camaradas brasileiros têm dúvidas sobre a questão. Eu gostaria que os camaradas aqui conhecessem os exemplos mais marcantes aqui apresentados a fim de se fazer uma ideia mais clara e mais precisa dessa questão.

Para concluir, eu direi algumas palavras sobre a necessidade de elevação do nível ideológico do partido. Na última vez eu falei sobre a criação de uma revista teórica do partido. Yacobson disse que isso não é suficiente. Que isso não nos ajudará muito, porque não é suficiente traduzir Marx e Lênin. Eu acredito que o principal é discutir os problemas, isso será o meio de fazer a autocritica e é por isso que eu

²⁸⁸ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 057. Cedem/Unesp, ic-0055.pdf, 27 out. 1929, p. 35-36. GOURALSKY: “Quand Ledo dit que les nègres se combattent, il est évident que le parti doit faire son possible par un travail par des mots d'ordre, par des groupements de langues, par les camarades nègres dans le comités central, dans les régions du parti, par l'envoi de camarades pour aider ces luttes. Il est très clair que la question n'est pas résolue, que nous devons examiner la question des races en général et il faut apporter [36] examiner la question des races en général et il faut apporter les mots d'ordre du Comintern envers les masses opprimées est clair qu'on sera forcé de lutter dans une certaine mesure contre nos camarades blancs qui ne comprendront pas pendant un certain temps nos mots d'ordre, qui n'auront pas compris immédiatement les problèmes nationaux et de race. Je pense que ces problèmes devraient être soulignés en parlant du parti brésilien et de tous les partis communiste de l'Amérique Latine, comme une des question les plus importantes dans la lutte révolutionnaire.”

gostaria que fosse criada uma revista não somente para traduzir Lênin e Marx mas para discutir os problemas brasileiros, não somente entre os camaradas brasileiros, mas com os outros países.

STEPANOV: E na revista sul-americana?

SYLVA: É impossível. Eu creio que a Comintern deve ajudar o partido brasileiro na criação dessa revista que servirá para elevação do nosso nível ideológico.²⁸⁹

Acompanhando a argumentação do companheiro de partido, Astrojildo Pereira reiterou, tal qual já havia feito em réplicas a Guralsky, que o exemplo da Fordlândia não podia ser utilizado para provar a existência de uma questão racial no Brasil. Para Pereira, o conflito se deu em função de acordos salariais não cumpridos pelo patronato. O resultado foi um enfrentamento entre trabalhadores já instalados e outros que acabavam de chegar no lugar. Pereira chegaria a ponto de reiterar a tese de Octávio Brandão de 1923 ao afirmar que não conhecia antagonismos entre trabalhadores brancos e negros no Brasil.

LEDO: Negros e brancos e a greve de Ford? Essa greve não prova que existe até o presente uma questão específica de raça entre os trabalhadores. Qual foi essa greve de trabalhadores brancos contra os trabalhadores negros como foi o caso na concessão Ford? Já no ano passado houve uma revolta de trabalhadores e por causa dessa revolta Ford trouxe da Jamaica trabalhadores negros para trabalhar na concessão e então houve uma luta entre os trabalhadores vindos da Jamaica e os trabalhadores que já trabalhavam na concessão. Mas em geral, eu não conheço no Brasil que existem antagonismos entre trabalhadores brancos e negros.

STEPANOV: Você acha que isso é uma bobagem?

LEDO: Não, mas eu digo que até o presente não houve essa questão. Ela esteve colocada na concessão Ford e lá naturalmente pode ter havido consequências sérias. Eu contei as coisas tais quais elas se passaram. [...] Mas as promessas eram uma coisa, e os salários outra. Então houve uma luta, mesmo uma luta armada entre a empresa e os trabalhadores. Foi em consequência disso que Ford em vez de continuar a trazer trabalhadores nacionais buscou trabalhadores negros da Jamaica. Além disso, esses trabalhadores nacionais não eram todos brancos, havia muitos negros. Aqui não existiu portanto mais uma luta entre “branco” e “negro”.²⁹⁰

²⁸⁹ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 057. Cedem/Unesp, ic-0057.pdf, 27 out. 1929, p. 64-65. SYLVA (HEITOR FERREIRA LIMA): [64] “Je toucherais maintenant à une question que certains camarades ont posé, mais qui n’as encore été touchée. J’ai une opinion que beaucoup de camarades jugent fausse. Moi, évidemment je ne la juge pas fausse. Il s’agit de la question nègre. Certains camarades, parmi lesquels Humbert-Droz voient au Brésil une question de race entre les blancs e les nègres et l’argument qu’ils présentent c’est la lutte armée qu’est produite entre les ouvriers blancs et nègres dans les entreprises Ford à Pará. Je ne pense pas que cet argument soit suffisant et c’est pour cela que j’aurais des doutes sur la question nègre tant qu’on ne m’aura pas donné d’argument plus convaincants. Jusqu’à présent les arguments présentés sont trop faibles et ce n’est pas par hasard que les camarades brésiliens ont des doutes sur cette question. Je voudrais que les camarades ici présent connaissent des exemples plus frappants que ceux présentés afin de se faire une idée plus claire et plus précise de cette question.

Por conclure, je dirais quelques mots sur la nécessité de l’élévation du niveau idéologique du parti. La dernière fois j’ai parlé de la création d’une revue théorique pour le parti. Yacobson a dit que cela ne suffit pas. Que cela ne [65] nous aidera pas beaucoup, parce qu’il ne suffit pas de traduire Marx et Lénine. Je crois que le principal est de discuter les problèmes, ce sera le moyen de réaliser l’autocritique et c’est pour cela que je voudrais que soit créée une revue non seulement pour traduire Lénine et Marx mais pour y discuter les problèmes brésiliens, non seulement entre les camarades brésiliens, mais avec les autres pays.

STEPANOV: Et dans la revue sud-américaine?

SYLVA: C’im (sic) impossible. Je crois que Comintern doit aider le parti brésilien à la création de cette revue qui servira à l’élévation de notre niveau idéologique.”

²⁹⁰ Pereira também reiterou a dificuldade de os militantes irem até a Amazônia, uma região distante de onde o partido possuía seus melhores quadros. RGASPI, F. 495, op. 079, d. 55. Cedem/Unesp, ic-0052.pdf, p. 36-37, 31 out. 1929. “LEDO: Nègres et blancs et la grève de Ford? Cette grève ne prouve pas qu’il exist jusqu’à présent

Um outro protagonista da maior relevância para o debate foi Jules Humbert-Droz,²⁹¹ dirigente do Secretariado Latino-Americano. Ele estivera na Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina e dirigiu o debate sobre raças. No dia 5 de novembro de 1929, argumentou que o grande avanço do PCB era compreender que a questão negra não se passava no Brasil como nos Estados Unidos. Humbert-Droz lembrou aos companheiros brasileiros que havia uma separação entre a discussão sobre raça e a questão da cor. Para ele existia um problema social no que tange ao índio na América Latina e não uma questão de cor. No Brasil, até 1888 os negros eram “os escravos e os brancos eram os proprietários de escravos. Isso prova que havia uma luta entre negros e brancos, luta social certa, mas complicada por uma questão de raça”.²⁹² Tomando como base os dados do próprio Astrojildo Pereira, Humbert-Droz salientou as diferentes proporções de negros e brancos que formavam o oficialato das Forças Armadas Brasileiras: enquanto os negros compunham a maioria esmagadora das baixas patentes, os brancos eram maioria dentre oficiais.

Um outro camarada brasileiro nos disse ter trabalhado nas fábricas com mais contramestres negros em geral, os patrões eram brancos, que isso significa? Isso significa que o problema das raças não coloca como problema de cor, mas que existe como uma questão de classe.²⁹³

Humbert-Droz também apresentou a razão pela qual o Secretariado se apresentara cético quanto à tese de que não havia uma questão negra no Brasil, salientando que negativas a respeito de questões raciais já haviam sido objeto de crítica pela Comintern, a exemplo de Cuba.

une question spécifique de race parmi les ouvriers. Quelle a été cette grève des ouvriers blancs contre les ouvriers nègres comme ce fut le cas dans la concession Ford? Déjà l'an dernier il y avait eu un soulèvement des ouvriers et c'est à cause de ce soulèvement que Ford a fait venir de la Jamaïque des ouvriers nègres pour travailler dans la concession et alors il y a eu une lutte entre les ouvriers venus de la Jamaïque et les ouvriers qui travaillaient déjà dans la concession. Mais en général, je ne connais pas au Brésil qu'il existe des antagonismes entre ouvriers blancs et nègres.

STEPANOV: Tu penses que cela c'est une bagatelle?

LEDO: Non, mais je dis que jusqu'à présent il n'y avait pas cette question. Elle a été posée dans la concession Ford et cela naturellement peut avoir des conséquences sérieuses. J'ai raconté les choses telles qu'elles se sont passées. [...] Mais les promesses étaient une chose et les salaires donnés autre chose. Alors il y a une lutte, même lutte armée entre l'entreprise et les ouvriers. C'est en conséquence de cela que Ford au lieu de continuer à faire venir des ouvriers nationaux chez lui a fait venir des ouvriers nègres de la Jamaïque. D'ailleurs, ces ouvriers nationaux ne sont pas tous des blancs, il y en a même beaucoup de nègres. Ça n'a été donc plus une lutte entre 'blanc' et 'nègre'.”

²⁹¹ Em seus diários, ele não rememora a discussão a respeito da “questão brasileira”. A essa altura sua única preocupação era o futuro de Bukharin. HUMBERT-DROZ, Jules. **De Lenine a Staline**: dix ans au service d'Internationale Communiste (1921-1931). Neuchatel: Baconniere, 1971. p. 391.

²⁹² RGASPI, F. 495, op. 079, d. 58. Cedem/Unesp, ic-0059.pdf, p. 12. “les esclaves et les blancs ont été, les propriétaires d'esclaves. Ceci prouve qu'il y a une lutte entre nègres e blancs, lutte sociale certes, mais compliquée d'une question de race.”

²⁹³ Ibidem, p. 13. 5 nov. 1929. “Un autre camarade brésilien nous a dit avoir travaillé dans des usines avec des contremaîtres noirs mais en général, les patrons étaient des blancs, qu'est-ce cela signifie? Cela signifie que le problème des races ne se pose pas comme problème de couleur, mais qu'il existe comme une question de classe.”

Por que ficamos desconfiados quando os camaradas do Brasil nos dizem que em geral não há um problema de raça? Porque nós temos o exemplo de Cuba. Os camaradas de Cuba nos disseram que não havia problema de raça e então soubemos que os negros não podiam entrar em certos parques nem em certos restaurantes da cidade, nem ter certas funções, por exemplo, controlador dos bondes; em seguida o camarada de Cuba nos coloca o grave problema da Juventude Comunista, os brancos não queriam dançar com as negras e eles nos demandavam sobre o que fazer; é já uma questão de cor que se coloca e isso mostra que os camaradas de Cuba que não tinham visto a Constituição cubana que coloca os negros e brancos no mesmo pé possui a questão de raça.²⁹⁴

Quanto à Fordlândia, Humbert-Droz assumiu a falta de informações que a Comintern tinha sobre o assunto. Remontou que sua única fonte dizia que “nos disseram num telegrama que os brancos fizeram greve contra os negros”.²⁹⁵ Concordou com Guralsky ao dizer que, tendo acontecido conflito entre negros e brancos ou entre negros e negros, o problema racial estava posto. Segundo ele, havia ocorrido o mesmo em Cuba e nas Antilhas quando índios foram desalojados de seus postos cedendo lugar a trabalhadores negros. O comunista suíço pintou um quadro em que a questão racial se descortinava “sob uma forma nova, ligada à política das grandes companhias yankees para dividir o proletariado”.²⁹⁶ E acrescentou que “não é porque os trabalhadores são uma raça diferente, mas porque os imperialistas [contramestre] empregam os trabalhadores de uma raça para remover o trabalho ou diminuir o salário daqueles de uma outra raça”.²⁹⁷ Por fim, sugeriu os caminhos que os comunistas brasileiros deveriam adotar para enfrentar a questão:

Tudo isso representa para o partido uma série de questões que devem ser consideradas. Nós não demandamos que o partido comunista do Brasil considere a questão dos negros como o partido dos Estados Unidos; isso seria estúpido, este não é um problema como em Cuba; devemos tomar esta questão como um problema brasileiro, ver qual é sua profundidade, suas características e procurar a política que o Partido deve aplicar a esse respeito.²⁹⁸

²⁹⁴ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 58. Cedem/Unesp, ic-0059.pdf, fols. 13. 5 nov. 1929. “Pourquoi sommes-nous méfiant quand les camarades du Brésil nous disent qu’en général il n’y a pas de problème de race? Parce que nous avons l’exemple de Cuba. Les camarades de Cuba nous ont dit qu’il n’y a pas de problème de race et ensuite nous avons su que les nègres ne peuvent pas entrer dans certains parcs ni dans certains restaurants de la ville, ni avoir certaines fonctions, par exemple, contrôleurs dans les tramways; ensuite de camarade de Cuba nous pose un grave problème des Jeunesses communistes, les blancs ne veulent pas danser avec les noires et ils nous demandent ce qu’il faut faire; c’est déjà une question de couleur qui se pose et cela montre que les camarades de Cuba qui n’avaient vu que la Constitution cubaine qui met les noirs et les blancs sur le même pied aient la question des races.”

²⁹⁵ Ibidem, fols. 13. “on nous dit dans un télégramme que les blancs ont fait grève contre les nègres.”

²⁹⁶ Ibidem, fols. 13. “sous une forme nouvelle, liée à la politique des grandes compagnies yankees pour diviser le prolétariat.”

²⁹⁷ Ibidem, fols. 13. “ce n’est pas parce que les travailleurs sont d’une race différente, mais parce que les impérialistes [contre maître] emploient les travailleurs d’une race pour enlever le travail ou diminuer le salaire de ceux d’une autre race.”

²⁹⁸ Ibidem, fols. 14. “Tout cela pose devant le parti une série de questions qu’il doit envisager. Nous ne demandons pas que le parti communiste du Brésil envisage la question de nègres comme le parti des Etats Unis; ce serait stupide, ce n’est pas non plus une question comme à Cuba; il faut prendre cette question comme une question brésilienne, voir quelle est sa profondeur, ses caractères et chercher la politique que doit appliquer le Parti à ce sujet.”

No mesmo dia 5, e não se sabe se antes ou depois da exposição de Jules Humbert-Droz, Guralsky voltou à carga com a discussão sobre raças. Para ele, estava claro que a importância da questão das raças na América Latina era de tamanha monta que se tornava incontornável para “fazer uma revolução e guiar essa revolução”.²⁹⁹ Guralsky via a questão das raças análoga à das nacionalidades na União Soviética. Como consequência da importância da temática, ele entendia que os comunistas deveriam construir pontes de confiança entre trabalhadores urbanos e camponeses das diferentes raças, tal qual se fizera entre as diferentes nacionalidades na URSS. Para Guralsky, a fragmentação racial obedecia aos desígnios do imperialismo e da burguesia. Tal pulverização consolidaria uma imagem em que todos os brancos partilhavam da verve exploradora, desse modo, obscurecendo o papel do proletariado branco na luta contra os opressores. Para ele, era também necessário compreender as diferenças entre o Brasil e os demais países da América, fosse quanto à questão indígena nos casos de Peru e Bolívia, fosse no que dissesse respeito à questão negra, em relação aos Estados Unidos e Cuba.

A questão das raças. Os camaradas do Brasil não compreendem a questão das raças, e a questão ainda é séria; 1) na América Latina a questão das raças tem um papel tal que nós não podemos fazer uma revolução e guiar a revolução sem dar uma resposta clara e evidente a essa questão. Há uma série de países onde os índios por exemplo são a maioria da população. Qual é a questão das raças na América Latina? A questão das raças como a questão das nacionalidades é entre nós a princípio a questão da confiança revolucionária para com o proletariado branco, o proletariado da raça dirigente e das largas massas de trabalhadores agrícolas e o campesinato de uma outra raça oprimida; a questão da confiança entre o proletariado branco que deve guiar a luta e as largas massas camponesas negras, amarelas, etc... É o problema de uma aliança revolucionária entre o proletariado e o campesinato na luta. Nós devemos demonstrar que todos os brancos não opressores, que o proletariado na luta contra a burguesia e os opressores de todas as raças pretendem resolver ao fim o problema das raças. Até agora nós ainda não demos uma resposta nítida e clara. Eu já disse que é preciso dar na América Latina nossa palavra de ordem de livre disposição dos índios.

Sob a base do problema agrário, seria talvez necessário tornar palavra de ordem uma nova distribuição de terra aos trabalhadores pelos soviéticos; mas, em todo caso, é necessário dar as palavras de ordem. É uma questão para o Brasil, como para toda América Latina. É necessária uma resposta sobre essas questões. Evidentemente que no Brasil a questão não é tão aguda como no Peru ou na Bolívia, mas a mesma questão tem e terá ainda um papel muito grande. A burguesia começou e vai conduzir a organização de batalhas entre os diferentes grupos, raças, nacionalidades, entre as tribos de diferentes raças e entre os brancos e diferentes raças, é inevitável; é o seu meio político de decompor o proletariado, de ter o campesinato sob influência do imperialismo, de pôr o campesinato contra o proletariado é seu meio de combater a revolução, de apoiar o fascismo, porque a luta do fascismo será sustentada especialmente por essas lutas de raças, e é muito estranho que os camaradas busquem subestimar essa questão. Se essas lutas existem, é preciso dizer

²⁹⁹ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 58, fols. 27. Cedem/Unesp, ic-0062.pdf, 5 nov. 1929. “faire une révolution et guider la révolution”

que houve divergências, utilizadas pelo imperialismo e não contra ele um trabalho suficiente da parte de nosso partido para resolver a questão.³⁰⁰

Por fim, sobre a questão da Fordlândia Guralisky reiterou como a omissão do PCB em relação ao caso gerara mais desconfiança entre os diferentes grupos raciais do proletariado. Mais especificamente, defendeu que essa omissão fez com que o PCB tivesse perdido uma oportunidade de exibir, aos trabalhadores negros, companheiros brancos lutando em prol de causas negras.

Para a questão da concessão Ford, fomos informados que o partido não tinha dinheiro, esta não é uma resposta que possa satisfazer os negros. Os negros de lá jamais viram em suas vidas que “os brancos” tinham vindo defender seus interesses. É uma revolução verdadeira quando os negros veem os proletários brancos serem seus amigos. Vocês não podem subestimar um problema tão sério e vocês não compreendem o papel que o partido deve ter de vanguarda, que deve mostrar que ele sabe resolver esses problemas. Essas são coisas elementares.³⁰¹

Sob a alcunha de Martinez,³⁰² um militante da IC também interpelou a direção do PCB. A linha argumentativa enveredou para o mesmo sentido. A novidade agora restava na origem latino-americana da crítica. Partindo das respostas dos dirigentes brasileiros, as quais tentavam demonstrar que o Brasil não se parecia com outras formações sociais como, por

³⁰⁰ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 58, fols. 27. Cedem/Unesp, ic-0062.pdf, 5 nov. 1929. “La question des races. Les camarades du Brésil ne comprennent pas la question des races, et pourtant la question est sérieuse; 1) en Amérique Latine la question des races joue un tel rôle que nous ne pouvons pas faire une révolution et guider la révolution sans donner une réponse claire et nette à cette question. Il y a une série de pays où les Indiens par exemple sont la majorité de la population. Qu'est-ce que la question des races en Amérique latine? La question des races comme la question des nationalités est pour nous d'abord la question de la confiance révolutionnaire envers le prolétariat blanc, le prolétariat de la race dirigeante et les larges masses des travailleurs agricoles et de la paysannerie d'une autre race opprimée; la question de la confiance entre le prolétariat blanc qui doit guider la lutte et les larges masses paysannes noire, jaunes, etc... C'est le problème d'une alliance révolutionnaire entre le prolétariat et la paysannerie dans la lutte. Nous devons démontrer que tous les blancs ne sont pas des oppresseurs, que le prolétariat dans la lutte contre la bourgeoisie et les oppresseurs de toutes les races veut résoudre jusqu'au bout le problème des races. Jusqu'ici nous n'avons pas encore donné une réponse nette et claire. J'ai déjà dit qu'il faut en Amérique latine donner notre mot d'ordre de Libre disposition des Indiens. Sur la base du problème agraire, il fallait peut-être donner le mot d'ordre de Nouvelle distribution des terres aux travailleurs par les soviets; mais en tout cas, il faut donner des mots d'ordre. C'est une question pour le Brésil, comme pour toute l'Amérique Latine. Il faut avoir une réponse à ces questions. Evidemment qu'au Brésil la question [28] n'est pas si aigue qu'au Pérou ou en Bolivie, mais quand même la question joue et jouera encore un très grand rôle. La bourgeoisie a commencé et va mener l'organisation de batailles entre les différents groupes, races, nationalités, entre les tribus des différentes races et entre les blancs et les différentes races, c'est inévitable; c'est leur moyen politique de décomposer le prolétariat, de tenir la paysannerie sous l'influence de l'impérialisme, de pousser la paysannerie contre le prolétariat c'est leur moyen de combattre de révolution, de soutenir le fascisme, car la lutte du fascisme sera soutenue (sic) spécialement par ces luttes de races, et il est tout à fait étrange que les camarades cherchent à sous-estimer la question. S'il y a eu des luttes, cela veut dire qu'il y a eu des divergences, utilisées par l'impérialisme et il n'y avait pas eu contre cela un travail suffisant de la part de notre parti pour régler la question.”

³⁰¹ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 58, fols. 28. Cedem/Unesp, ic-0062.pdf, 5 nov. 1929. “Pour la question de la concession Ford, on a dit que le parti n'avait pas d'argent, ce n'est pas une réponse que peut satisfaire les nègres. Les nègres là bas, n'ont jamais vu de leur vie que 'les blancs' soient venus défendre leurs intérêts. C'est une vraie révolution quand les nègres voient les prolétaires blancs être leurs amis. Vous ne pouvez pas sous-estimer un problème aussi sérieux et vous ne comprenez pas que le rôle du parti doit être le rôle de l'avant-garde qui doit montrer qu'il sait résoudre ces problèmes. Ce sont des choses élémentaires.”

³⁰² De acordo com Manuel Caballero, Ricardo Martinez era venezuelano. CABALLERO, 1986, p. 30, 132.

exemplo, os Estados Unidos, Martinez sugeriu que, não obstante as diferenças prováveis, isto não seria o bastante para negar à sociedade brasileira a existência de uma questão negra.

Uma outra questão sobre a qual irei comentar é a questão DOS NEGROS. Algo que não compreendo é a resistência dos camaradas Silva e Ledo sobre esta questão, em cada uma das intervenções dos camaradas. Quando Humbert-Droz e Stépanov citaram fatos concretos como os conflitos surgidos na concessão Ford, disseram que “isto não prova que existe no Brasil um problema negro”. Eu creio que já assinalamos muitos equívocos do partido brasileiro, por exemplo com relação à questão agrária e que a atitude dos camaradas no Brasil deve ser totalmente diferente, ou seja pelo menos reconhecer a necessidade dessa questão. Está claro que as características da questão negra no Brasil ou em qualquer outro país da América Latina não são as mesmas dos Estados Unidos, mas como já vimos em Cuba muitas características são transplantadas em razão da influência preponderante que os Estados Unidos adquirem cada dia; assim, em Cuba, o fato é que eles estão vergonhosamente à margem da sociedade.³⁰³

Os dirigentes brasileiros tiveram o reforço do militante Hermann Berezin (codinome Grichin), que também se pronunciou acerca da questão racial no Brasil posicionando-se de acordo com o partido. Para ele, ao contrário de Guralsky e dos outros membros da IC, o patronato das fábricas não tinha interesse em criar antagonismos de raça no ambiente de trabalho. Alegando ter sido chefiado por negros nos lugares onde trabalhou, Grichin informou que os sindicatos eram compostos por brancos e negros indistintamente. As organizações de trabalhadores racialmente divididas, de acordo com ele, eram mal-vistas pelos próprios negros. Em suas palavras:

Discutimos bastante a questão das raças; recentemente no Congresso da América Latina e aqui na Comintern, mas eu considero que é equivocado colocar a mesma questão aos países onde a situação não é a mesma, ou o desenvolvimento histórico não se acha na mesma época. Eu creio que devemos assegurar ver a questão das raças através das fábricas e a política do país em geral. Nós veremos que nas usinas e nas fábricas não há qualquer diferença entre os trabalhadores brancos e os trabalhadores negros. Assim, eu trabalhei durante muitos anos numa usina metalúrgica onde havia não somente trabalhadores negros, mas chefes de seções negros e isto não existe somente nas usinas que podemos qualificar de “liberais” mas mesmo onde os proprietários são reacionários.

Nós vemos muito bem que o patronato não se ocupa da questão das raças, mas que buscam os melhores trabalhadores que podem melhor lhes servir. Eu ainda trabalho numa usina metalúrgica onde o patrão era um holandês, nessa usina havia também chefes de seções negros. O patrão não tinha interesse de desenvolver o antagonismo de raça. Nesses sindicatos nós tivemos negros e brancos e não somente nas seções, mas em toda vida cotidiana do sindicato nós não vimos qualquer diferença qualquer

³⁰³ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 058 – ic-0063.pdf, p. 34, 5 nov. 1929. “Une autre question au sujet de laquelle je ferai quelques commentaires est la question DES NEGRES. Quelque chose que je ne comprends pas c'est la résistance des camarades Silva e Ledo sur cette question, dans chacune des interventions de ces camarades. Quand Humbert-Droz et Stépanov ont cité des fait concret comme celui des conflits surgis dans les concession Ford, ont dit que "celle na prouve pas qu'il existe au Brésil un problème nègre". Je crois que l'on a signalé beaucoup de défauts du parti brésilien, par exemple dans la question agraire et que l'attitude des camarades au Brésil devrait être toute différente, c'est à dire pour le moins reconnaître la nécessité de cette question. Il est clair que les caractéristiques de la question nègre au Brésil ou dans quelque autre pays de l'Amérique Latine ne sont pas les mêmes qu'aux Etats-Unis, mais comme nous l'avons déjà vu à Cuba beaucoup de ces caractéristiques sont transplantées en raison de l'influence prépondérante que les Etats-Unis acquièrent chaque jour; ainsi, à Cuba, le fait qu'ils sont mis honteusement en marge de la société.”

antagonismo entre brancos e negros. Mesmo na política burguesa, não constatamos isto. Foram criadas associações que se chamam “Associação I de Maio” mas é para explorar os trabalhadores negros durante as eleições. Mas os trabalhadores rejeitaram essa associação, que agora é morta. Os próprios negros rejeitaram essa associação pela única razão que era uma associação unicamente composta de negros.³⁰⁴

Sobre a questão da Fordlândia, defendera a mesma tese de Astrojildo Pereira, o qual sugeriu um problema salarial e não propriamente racial.

Certos camaradas queriam provar que existe a questão negra no Brasil e trouxeram como argumento a questão Ford. Eu quero lhes citar um caso que se deu no Brasil em 1923 entre os estivadores que são negros em sua maioria e a companhia que procurou trabalhadores portugueses que não se organizaram para trabalhar por um salário mais baixo nas docas. Houve um conflito muito agudo, ocorreram mortes e nós vimos que não se trata de uma questão de raça, mas de uma questão entre trabalhadores organizados e trabalhadores não organizados, esses últimos aceitam trabalhar por um salário inferior e eu estou convencido que a mesma coisa se passou em Ford e que não é uma questão de raça mas uma questão de salários.³⁰⁵

Para Grichin, a julgar pelos dados estenográficos, Astrojildo Pereira teria defendido que a questão negra não passava por uma questão nacional. O militante russo do PCB sugeriu ter havido um antagonismo entre Guralsky e Pereira, onde este teria visto um problema nacional enquanto aquele reiterara a existência de questões raciais. Grichin, todavia, não pensava haver uma questão negra no Brasil, tampouco lhe fazia sentido pensar numa questão nacional para o país. Grichin sugeriu o lançamento de palavras de ordem para a questão da

³⁰⁴ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 058, fols. 42-43. Cedem/Unesp, ic-0064.pdf, 5 nov. 1929. “On discute beaucoup la question des races; dernièrement au Congrès de l'Amérique latine et ici à Comintern, mais je considère qu'il est faux de poser la même question pour les pays où la situation n'est pas la même, où le développement historique ne se trouve pas dans la même époque. Je crois qu'on doit tâcher de voir la question des races à travers les usines et la politique du pays en général. Nous voyons que dans les usines et les fabriques, il n'y a aucune différence entre les ouvriers blancs et les ouvriers noirs. Ainsi, j'ai travaillé pendant plusieurs années dans une usine métallurgique où il y avait non seulement des ouvriers nègres, mais des chefs de sections nègres et cela existe non seulement dans des usines qu'on peut qualifier de 'libérales' mais même où les propriétaires sont réactionnaires.

On voit très bien que le patronat ne s'occupe pas de la question des races, mais qu'il recherche les ouvriers qui peuvent le mieux servir. J'ai encore travaillé dans une usine métallurgique où le patron était un Hollandais, dans cette usine il y avait aussi des chefs de sections nègres. Le patron n'a pas d'intérêt à développer l'antagonisme des races. Dans les syndicats nous avons des nègres et des blancs et non seulement dans les sections, mais dans toute la vie quotidienne du syndicat on ne voit aucune différence aucun antagonisme entre blancs et noirs. Même dans la politique bourgeoise, on ne la constate pas. On a créé des associations qui s'appellent "Associação I de Maio 2(sic) mais c'est pour exploiter les ouvriers nègres pendant les élections. Mais les ouvriers ont repoussé cette association qui est morte maintenant. Les nègres eux-mêmes ont repoussé cette association pour l'unique raison que c'était une association(sic) uniquement composée de nègres.”

³⁰⁵ Ibidem, fols. 43. “Certains camarades veulent prouver qu'il existe la question nègre au Brésil et ils ont pris comme argument la question Ford. Je peux vous citer un cas qui s'est produit au Brésil en 1923 entre les dockers qui sont des nègres dans la majorité et la compagnie qui a recherché des ouvriers portugais qui ne sont pas organisés pour travailler à un salaire plus bas dans les docks. Il y a eu un conflit très aigu, il y a eu des tués et nous voyons que ce n'est pas une question de race, mais une question entre ouvriers organisés et ouvriers inorganisés, ces derniers acceptent(sic) de travailler pour un salaire inférieur et je suis convaincu que la même chose s'est passée chez Ford et que ce n'est pas une question de race mais une question de salaires.”

independência nacional na África em solidariedade aos trabalhadores negros de lá. Ao seus olhos, porém, isto não seria aplicável ao Brasil.

Gouralsky não achou um argumento suficiente sobre a questão dos negros no Brasil. Ele propôs dar palavras de ordem de solidariedade dos negros do Brasil aos negros de outros países em lutas. O camarada Ledo viu nesta uma questão nacional; eu acho que nós podemos aplicar no Brasil, nós podemos lançar palavras de ordem para apoiar a luta dos trabalhadores negros na África como uma questão da independência nacional mas nós não podemos aplicá-la ao Brasil.

Vejamos o que se pode dizer sobre a questão dos negros no Brasil. Agora, sobre o projeto de resolução apresentado por Gouralsky, ele falou em lançar a palavra de ordem da Federação das Repúblicas Soviéticas anti-imperialistas. Eu não compreendo, porque já é uma república soviética, já é por si mesma um estado anti-imperialista; eu creio que devemos dizer que é uma república dos operários e camponeses.³⁰⁶

Grichin parecia estreitamente vinculado às diretrizes fundadoras da Liga Anti-Imperialista, cuja organização no Brasil se encontrava dentre as resoluções do III Congresso do PCB.

Por fim, Astrojildo Pereira, nos estertores do debate, se defendeu argumentando ter havido uma apreciação equivocada da questão negra no Brasil. Para ele, a discussão se deu a partir dos parâmetros provenientes dos Estados Unidos.³⁰⁷ Esse olhar enviesado não teria privilegiado o fato de que no Brasil havia negros no partido e que, quando o PCB decidia por este ou aquele dirigente, a cor da pele não influenciava na avaliação.

Sobre a questão dos negros, me foi perguntado primeiro se há negros no partido. Dessa maneira de formular, eu acho que nós já achamos o sentido de toda essa questão tal foi posta aqui sobre os negros no Brasil. A questão dos negros no Brasil foi vista através dos Estados Unidos. Como nos Estados Unidos houve e há lutas ferozes entre os negros e os brancos enquanto tais; como essas lutas se refletem mais ou menos nos sindicatos e mesmo no Partido, se crê que no Brasil a mesma coisa se produz, se crê que no movimento trabalhista do Brasil existe também uma luta entre os trabalhadores negros e os trabalhadores brancos. Tudo isto é falso. Eu já respondi que no partido não somente há muitos negros mas há no C.C., e se no C.C. do partido há negros, não é porque nós procuramos colocar negros como negros, mas enquanto militantes comunistas ativos. A cor da pele dos comunistas é uma questão que o Congresso do Partido não examinou quando escolheu nosso C.C. Se nos dizem que os negros no Brasil formam como nos Estados Unidos uma categoria social à parte, porque negros, eu reafirmo é falso.

Nas Usinas, nas fábricas, por todo lugar há indiferentemente trabalhadores negros e trabalhadores brancos que fazem o mesmo trabalho, recebem os mesmos salários,

³⁰⁶ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 058 – ic-0064.pdf, p. 43-44, 5 nov. 1929. “Gouralsky n'a pas trouvé un argument suffisant sur la question des nègres au Brésil. Il a proposé de donner des mots d'ordre de solidarité des nègres au Brésil aux nègres des autres pays en luttés. Le camarade Ledo vu dans cela une question nationale; je pense que nous pouvons l'appliquer au Brésil, nous pouvons lancer de mots d'ordre pour soutenir la lutte des ouvriers nègres en Afrique comme une question d'indépendance nationale mais qu'on ne peut pas l'appliquer pour le Brésil.

Voilà ce qu'on pouvait dire sur la question des nègres au Brésil. Maintenant, sur le projet de résolution présenté par Gouralsky il est dit de lancer le mot d'ordre de la Fédération des Républiques Soviétiques anti-impérialistes. Je ne comprends pas parce que si c'est déjà une république soviétique, c'est déjà par soi même un état anti-impérialiste; je crois qu'on doit dire que c'est une république des ouvriers et des paysans.”

³⁰⁷ Mesmo argumento utilizado por Heitor Ferreira Lima em suas memórias. LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos Percorridos**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 106.

têm as mesmas condições de trabalho. Também nas plantações, brancos e negros se acham sob as mesmas condições econômicas e sociais. É certo, sem dúvida, que no exército e na marinha, por exemplo, há muitos negros e mestiços, os negros são muito raros entre os oficiais, que são quase todos brancos ou mestiços suficientemente... claros.

Que há tradições de luta de escravos negros no Brasil, é também certo. Essa tradição histórica depois de muitos séculos após o início da importação de negros de Aspiaue[da África?] para o Brasil. Existe uma república de Palmares, no Norte do país [...] Evidentemente, se há essa tradição de luta, é porque há antagonismo entre negros e brancos. Mas ao mesmo tempo, eu digo que hoje, no Brasil, não existe uma questão específica dos negros, que ela não existe como luta de classe dos trabalhadores brancos e negros irmanados contra as condições de exploração e opressão que pesam igualmente [sobre ambos]. Uma prova disso é que não há tal luta entre brancos e negros no movimento trabalhista. Quando eu peço provas do contrário, me falam da concessão Ford, e esta é a única prova concreta que me deram da suposta luta “entre negros e brancos” no Brasil. Eu já disse que essas provas não provam nada: primeiramente, porque esta foi uma coisa nova, desse ano; em segundo lugar, esta é mais importante, é que os trabalhadores que estiveram antes em Ford e contra aqueles que Ford importou, os negros da Jamaica, não eram brancos. Entre eles, havia uma maioria de negros. Foi portanto uma luta entre negros e negros e não uma luta entre negros e brancos.³⁰⁸

As longas citações tiveram como propósito apresentar os elementos que fundamentaram as posições tomadas no debate, já que tais fontes jamais tinham sido apresentadas ao público brasileiro tendo como foco o debate racial. Este evento, a discussão sobre a questão brasileira, não teve um fim em si próprio. Conquanto a resolução dessa

³⁰⁸ RGASPI, F. 495, op. 079, d. 058. Cedem/Unesp, ic-0064b.pdf, p. 44-46, 5 nov. 1929. “Sur la question des nègres on m'a d'abord demandé s'il y avait des nègres dans le parti. Dans cette façon de la formuler, je pense qu'on trouve déjà le sens de toute la question telle qu'elle a été posée ici sur les nègres au Brésil. On voit ici la question des nègres au Brésil au travers des Etats-Unis. Comme aux Etats-Unis (sic) il y a eu et il y a encore des luttes féroces entre les nègres et les blancs comme tels; comme ces luttes se reflètent plus ou moins dans les syndicats et même dans le Parti, on croit qu'au Brésil la même chose se produit, on croit que dans le mouvement ouvrier du Brésil il existe aussi une lutte entre les ouvriers nègres et les ouvriers blancs. C'est tout à fait faux. J'ai déjà répondu que dans le parti, non seulement il y a beaucoup de nègres, mais qu'il y en a dans le C.C. et si dans le C.C. du parti, il y a des nègres, ce n'est pas parce qu'on cherche à y mettre les nègres en tant que nègres, mais en tant [a] que militants communistes actifs. La couleur de la peau des communistes est une question que le Congrès du Parti n'a pas examiné quand il a choisi notre C.C. Si l'on veut dire que les nègres au Brésil comme aux Etats Unis forment une catégorie sociale à part, parce que nègres, je réaffirme que c'est faux.

Dans les Usines, dans les fabriques, partout il y a indifféremment (sic) des ouvriers nègres et des ouvriers blancs qui font le même travail, reçoivent les mêmes salaires, ont les mêmes conditions de travail. Aussi dans les plantations, blancs et nègre se trouvent sous les mêmes conditions économiques et sociales. Il est exact, sans doute, que dans l'armée et dans la marine, par exemple, il y a beaucoup de nègres et de métis et aue(sic) nègres sont très rares parmi les officiers qui sont presque tous des blancs ou des métis assez...clarifiés.

[47]Qu'il y ait des traditions de lutte d'esclaves nègres au Brésil, c'est aussi exact. C'est la tradition historique depuis plusieurs siècles depuis le début de l'importation de nègres d'Aspiaue pour le Brésil. Il y a même eu une république de Palmares, dans le Nord du pays [...] Evidemment, s'il y a cette tradition de lutte, c'est qu'il y a un antagonisme entre nègres et blancs. Mais tout de même, je dis qu'aujourd'hui, au Brésil, il n'existe pas une question spécifique des nègres, qu'elle n'existe comme lutte de classe des ouvriers blancs et nègres fraternises contre les conditions d'exploration et d'oppression qui pèsent sur également. Une preuve de cela, c'est que dans le mouvement ouvrier une telle lutte entre blancs et nègres n'existe pas. Quand je demande des preuves au contraire on me parle de la concession Ford, et c'est la seule preuve concrète qu'on m'a donnée des soi-disant luttes 'entre nègres et blancs' au Brésil. J'ai déjà dit que ces préuves ne prouvent rien: premièrement, parce que cela était une chose nouvelle, de cette année; deuxièmement, ce qui est plus important, c'est que les travailleurs qui étaient auparavant chez Ford et contre lesquels Ford a importé des nègres de, la Jamaïque, n'étaient pas (sic) non plus des blancs. Parmi eux, il y avait une majorité des nègres. Cela fut donc une lutte entre nègres et nègres et pas une lutte entre nègres et blancs.”

discussão tenha atingido o PCB e seus militantes, seus antecedentes e desdobramentos caminharam *pari passu* aos eventos que remodelaram a estrutura da Comintern, de suas seções e organizações auxiliares e da União Soviética.

Na prática, o debate sobre raças entre os comunistas em todo o mundo foi influenciado também por disputas internas em torno do controle da máquina política daquele que era o único estado socialista do planeta. Em razão disso, a análise da questão racial não pode obscurecer um aspecto essencial que esteve onipresente na contenda apresentada: o recrudescimento da burocracia stalinista e a supressão de seus opositores, neste caso, a paulatina liquidação da influência bukharinista nas formulações e direção da IC.

Entre 1928-9,

Stalin, então, estava subjugando os bolcheviques de direita. Nenhum conceito político ou *slogan* cunhado por Bukharin, Tolski ou Rikov ficaram livres de condenação. Todas as questões em jogo eram russas: a NEP, a industrialização, a coletivização etc. Mas a enérgica “virada para a esquerda” no partido russo se transmitiu automaticamente para a Komintern, até então dirigido por Bukharin. Alguns comunistas estrangeiros tenderam a tomar o partido de Bukharin e, assim, Stalin não pôde deixar de levar a luta contra ele até a Internacional.³⁰⁹

O Brasil e a América Latina, partes periféricas da Comintern e do arranjo do movimento comunista internacional, não apresentavam, em suas hostes, a definição que as lutas fratricidas adquiriram em países centrais para os comunistas, tais como os Estados Unidos, a Alemanha e a própria União Soviética. Não havia, no PCB, frações zinovievistas e bukharinistas contrapostas ao poder ascendente do grupo stalinista. Direita e esquerda comunistas, tal qual aplicadas ao cenário soviético e europeu, não ajudam a explicar a natureza dos conflitos internos do PCB. Essas disputas russo-europeias não foram transplantadas automaticamente para o Brasil e para a América Latina. Estava em jogo a capacidade de interferência que esses diferentes círculos tinham nos partidos ao redor do globo.

Em princípio, as investidas de Guralsky também obedeciam ao objetivo da desestabilização da direção de Jules Humbert-Droz do Secretariado Latino-Americano, o que significava, na prática, a diluição das influências do grupo remanescente ligado a Nikolai Bukharin, então recém-expulso do PCUS. Uma das formas de minar a influência foi, inicialmente, prefigurar uma ascendência de poder, por parte de Guralsky face a Jules

³⁰⁹ DEUTSCHER, 2006, p. 426.

Humbert-Droz, e, em seguida, liquidar o Secretariado, transformando-o no Bureau Sul-Americano.³¹⁰

Heitor Ferreira Lima lembrou, em suas memórias, da intervenção de Guralsky como virulenta e áspera. Ferreira Lima cita a filiação de zinovievista de Guralsky,³¹¹ o que lhe rendera um ostracismo por ter se contraposto a Stalin na disputa interna do PC Soviético. Jules Humbert-Droz, por seu turno, era bukharinista.³¹²

Em abril de 1929, a queda de Bukharin precipitou o domínio da burocracia stalinista. Sob o comando efetivo do grupo apoiador de Stalin, a intervenção da IC no debate sobre a questão racial no Brasil suprimiu parte substantiva do trabalho realizado durante a Conferência três meses antes do encontro sobre a questão brasileira em Moscou. Na I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, os comunistas latino-americanos haviam, na prática, objetado a discussão em termos raciais e nacionais. Humbert-Droz havia levado o debate a uma resolução anódina. Os contornos do debate três meses depois se alteraram, e a discussão da questão brasileira foi um aperitivo do nível de centralização almejada pela nova estrutura dirigente da Comintern.

Um complicador, que aumenta a possibilidade de explicações com vieses conspiratórios, é o fato de que Guralsky era um eminente aliado de Grigori Zinoviev. Sua atuação e lealdade ao antigo dirigente máximo da Comintern seria provada posteriormente em 1934, quando ele viria a liderar uma manifestação pró-Zinoviev em Moscou. O vigor de Guralsky no exercício de desalojar Humbert-Droz e os bukharinistas de posições de influência obedecia a um duplo propósito: salvaguardar sua própria integridade física e, ao fazê-lo, corroborar com a submissão de Zinoviev a Stalin, a partir 1928.

³¹⁰ A vigência do Secretariado Latino-Americano passou a estar em xeque. Tradicionalmente os “Secretariados” gozavam de relativa autonomia interpretativa e de elaboração ao contrário dos *bureaux*, que eram formalmente vinculados a um organismo superior hierarquicamente.

³¹¹ Como tantos outros militantes da Comintern, Auguste Kleine (também conhecido por Samuel Haifiz e Guralsky) manteve fomas divergentes entre si. Houve quem o caracterizasse como “lúcido, amável, sempre animado e alegre” (HORNSTEIN, David P. **Arthur Ewert: A life for the Comintern**. Lanham: University Press of America, 1993. p. 28). De acordo com Wolfgang Brezinka e David P. Hornstein, “admiradores e detratores de Guralsky concordam em dois pontos: sua coragem pessoal e sua devotada lealdade a Zinoviev. Começando em 1926, quando Zinoviev foi removido do cargo de secretário-geral da Comintern como resultado de sua oposição a Stalin e começou a descida que levaria a sua execução dez anos depois, Guralsky nunca hesitou em seus esforços para defender seu amigo e desenvolver apoio para ele na Rússia e entre comunistas estrangeiros, até mesmo uma vez tentando organizar uma demonstração de rua em favor de Zinoviev em Moscou. Inevitavelmente preso em 1934, a resistência extraordinária de Guralsky o levou a sobreviver no gulag até 1960”. (p. 28) Inúmeros pesquisadores ressaltam a filiação zinovievista de Guralsky. FOWKES, Ben. (Trad.). **The German Left and the Weimar Republic: A Selection of Documents**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2014. p. 74. BROUÉ, Pierre. **The German Revolution, 1917-1923**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2004. p. 972. HALLAS, Duncan. **The Comintern: 3. The Ebb**. **Marxists Internet Archive**. 4 nov. 2004. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/hallas/works/1985/comintern/ch3.htm>>. Acesso em: 23 set. 2014.

³¹² LIMA, 1982, p. 104.

Resolvidas as disputas internas na URSS, a direção da Comintern continuou a gerir a questão colonial, racial e anti-imperialista de maneira imbricada com a paulatina transformação da autodeterminação/secessão de povos oprimidos em cláusula pétrea. Entendida como virtual sinônimo de secessão territorial, a propugnação defendida pelos partidos comunistas, a despeito (ou talvez por causa) do radicalismo da tese, logrou mínimo apoio entre simpatizantes e pouco empenho entre militantes. A letra morta da resolução no campo prático, porém, foi precedida pela sua imposição nos documentos oficiais do PCB e na construção de suas linhas. Os mecanismos de centralização vieram, sobretudo, das organizações auxiliares da IC com seus tentáculos no Brasil.

4.2 As inserções internacionais dos comunistas brasileiros

A Profintern foi uma das máquinas auxiliares mais proeminentes da Internacional Comunista. Com hastes em todos os cantos do mundo por meio de sindicatos a ela ligados e impulsionadora das diretrizes soviéticas, a Internacional Sindical Vermelha foi também palco de um número relativo de contradições.

Foi, possivelmente no âmbito da Profintern que, ainda em 1930, um raro documento, intitulado “Rapport sur la situation des travailleurs négres au Brésil”,³¹³ fez um balanço da condição dos trabalhadores negros no Brasil. O relatório é breve e conciso. Ainda assim constitui-se como um dos mais complexos já feitos sobre a questão negra por comunistas a respeito do país. Sobre sua feitura, o que se sabe é que foi redigido entre junho e dezembro de 1930. Compõe parte da documentação da questão negra relativa ao CEIC. Portanto, não seria impreciso arriscar que esse documento fez parte da pauta de apreciação do Comitê Executivo da Internacional Comunista à altura de sua escrita ainda que não esteja claro qual setor da Comintern elaborou a minuta. Também sabe-se que circulou uma versão em inglês, traduzida do francês, datada de 4 de setembro de 1930, sob o título “Report on the situation of the

³¹³ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 87, fols. 322-324.

Negro workers in Brazil”³¹⁴ que foi dirigido ao “Bureau Negro”, possivelmente ligado ao Secretariado Oriental. A autoria do documento é, portanto, imprecisa – nesta tese, chamaremos de “os autores”. O exame do documento pode dirigir a algumas hipóteses acerca de quem o escreveu.

O relatório conduz à seguinte avaliação acerca da condição do negro na sociedade brasileira: desde a libertação dos escravos “nós não tivemos sucesso em aumentar o nível cultural da raça negra ou suprimir todos os traços do chauvinismo”.³¹⁵ Esse é o diagnóstico do qual parte o escrito. A despeito do histórico de luta dos negros, seja durante a colônia com o exemplo de Palmares, no império com a revolta dos malês na Bahia e em Cubatão na década da abolição, os brancos haviam vencido a batalha ideológica por meio de uma educação apologética da democracia burguesa que

instila o sentimento de superioridade dos brancos sobre os negros. A maioria dos negros, na verdade, são imbuídos do sentimento de que eles são inferiores aos brancos. Eles não se juntam à luta, e em geral suas atitudes são raivosas: os negros não são admitidos em muitas profissões. Nem eles são admitidos em certas celebrações. Quando trabalham ganham menos, mesmo quando terminam suas tarefas com a mesma destreza [que os brancos].³¹⁶

Para tanto, os grandes proprietários

Utilizam a literatura nas escolas e questões históricas constantemente como justificativa para a “democracia”. Essa atividade dos proprietários é levada a cabo de uma maneira tal que até mesmo certos revolucionários se permitem ser tragados pela ilusão burguesa em relação a igualdade entre negros e brancos, o que em realidade não é nada senão demagogia burguesa.³¹⁷

No que parece ser uma alusão aos comunistas brasileiros que negavam a existência de uma questão negra no país, os referidos “certain revolutionaries” acreditavam na igualdade formal entre negros e brancos amparada pela legislação brasileira.

O relatório estabeleceu uma tipologia dos extratos negros mais suscetíveis à militância comunista. A conclusão: são especialmente vulneráveis aqueles trabalhadores benquistos pelos patrões por sua alta qualidade e, ao mesmo tempo, desprestigiados por ganharem menos

³¹⁴ Esta será a versão utilizada aqui. As versões em francês e em inglês foram cotejadas e apresentam fidedignidade entre si.

³¹⁵ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 87, fols. 322. “[...] we have not succeeded in raising the cultural level of the black race or wiping out all traces of chauvinism.” Ainda que não seja possível ter certeza, presume-se que o “nós” refere-se a “nós comunistas” e não necessariamente aos comunistas brasileiros.

³¹⁶ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 87., fols. 322-324. “instill the sentiment of superiority of the whites over the Negroes. The majority of the Negroes, in fact, are imbued with the feeling that they are inferior to the whites. They do not join in the struggle, and in general their attitude is bitter: the Negroes are not admitted to many occupations. Nor they are admitted to certain celebrations. When they work they earn less, even when they accomplish their task with the same skill.”

³¹⁷ Ibidem, fols. 323. “utilise literature in the schools and historical questions constantly for justification of the ‘democracy’. This activity of the owners is carried on in such a way that even certain revolutionaries allow themselves to be drawn in by this bourgeois illusion regarding equality between the blacks and whites, which in reality is nothing but bourgeois demagoguery.”

que seus colegas brancos. De acordo com o documento, “nessa situação existem certos negros que nada demandam, e eles são considerados brancos-negros”. Ainda conforme relato,

eles não estão satisfeitos. Eles estão prontos para enfrentar a desigualdade, mas na maior parte dos casos não encontram apoio; eles não estão ainda bem treinados por meio da luta, faltando a liderança revolucionária que poderia desenvolver neles o sentimento de igualdade com os brancos.³¹⁸

Enquanto avaliação estrutural do problema e autocrítica com relação à atividade do partido, a conclusão é a de que

Em geral nós até agora lidamos apenas com a luta de classe, mas os negros sentem acima de tudo o desdém que existe com relação a sua raça, um desdém que mantém sua sujeição moral e lhe coloca em todas as más condições que tiveram que enfrentar até agora. Eles veem nos brancos um amigo infiel e incômodo.³¹⁹

A descrição do mundo do trabalho no Brasil obedeceu, no relatório, a um recorte racial inédito, até então, entre formulações comunistas acerca do país. Ainda abraçada à tese do feudalismo, inaugurada decerto por Octávio Brandão, os autores do relatório cindiram a questão racial à superexploração econômica.

No Brasil existem de 8 a 10 milhões de negros e essa grande massa compreende 95% dos trabalhadores e os mais explorados dentre a população trabalhadora. Essa grande maioria vive nos campos, sob um regime de feudalismo; quase nenhum deles sabe ler e trabalham como escravos sem pagamento; eles apenas recebem *coupons* dos donos de terra com os quais eles são forçados a comprar sua comida ruim mesmo quando elas ficam podres, de maneira a não morrer de fome; eles estão em débito sem nenhuma possibilidade de deixar as plantações, o que constitui uma nova forma de escravidão.³²⁰

As resoluções do relatório seguiram a tônica de todo o texto no sentido de enfatizar a luta ideológica e promover um melhor posicionamento dos negros na disputa por “corações e mentes”:

- 1) Organizar um comitê de negros para dirigir o trabalho de educação, agitação e organização nacional dos negros;

³¹⁸ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 87, fols. 323. “they are ready to struggle against inequality, but in most cases they find no support; they are not yet well enough trained through the struggle, lacking the revolutionary leadership which could develop in them in the sentiment of equality with the whites.”

³¹⁹ Ibidem, fols. 322-324. “In general we have so far dealt only with the class struggle, but the blacks feel above all the scorn which exists with regard to their race, a scorn which keeps them in moral subjection and in all the bad conditions which they have had to endure up till now. They see in the whites an unfaithful and obtrusive friend.”

³²⁰ Importante destacar que os dados não são precisos e que a cisão entre questão racial e econômica foi posta durante a Conferência dos Partidos da América Latina e quando da discussão brasileira. No caso do relatório, houve maior esmero no tratamento das questões raciais, observando aspectos superficiais da psicologia do racismo e estabelecendo uma clivagem na própria classe trabalhadora em termos de raça. “In Brazil there are from 8 – 10 million Negroes and this great mass makes up 95% of the workers and the most exploited of the working population. This great majority lives in the fields, under a regime of feudalism; almost none of them know how to read and they work like slaves without pay; they only get coupons from the landowners with which they are forced to purchase their bad food even when it has become rotten, in order not to die of hunger; they are heavily in debt without any possibility of leaving the plantations, which constitutes a new form of slavery.” Ibidem, fols. 322-324.

- 2) Organizar congressos e conferências para os negros de modo que seja possível construir pautas e agendas reivindicatórias;
- 3) Construir vigorosa campanha contra o chauvinismo branco e pela frente única das massas trabalhadoras contra o imperialismo e a burguesia nacional;
- 4) Estabelecer Comitês negros em todos os estados onde os negros encontram-se concentrados, como Bahia, Pernambuco, estado do Rio, Minas Gerais e Rio Grande do Sul;
- 5) Estreitar contato com o movimento negro internacional;
- 6) Distribuir literatura especial sobre a situação nacional e internacional dos negros e criar um jornal específico devotado à educação e agitação dos negros;
- 7) Estabelecer contato com a Confederação Geral do Trabalho do Brasil (General Federation of Labour of Brazil).³²¹

Mais que isso, todavia, as resoluções tornavam evidente a posição dos autores a respeito da constituição da classe trabalhadora no Brasil. Admitia-se uma cisão racial e reconhecia-se a necessidade de enfrentar o racismo nas relações entre trabalhadores brancos e negros. As resoluções destacaram o distanciamento dos comunistas brasileiros com o movimento negro internacional e seus respectivos debates, além de desnudar a incapacidade organizativa dos comunistas brasileiros em construir pontes, vinculadas ao partido, com as camadas negras da população.

Essa leitura sobre a realidade racial no Brasil contrapôs a defesa da tese clássica do PCB segundo a qual a resolução da questão de classe redundaria na solvência do problema do negro, para ficar apenas no exemplo afro. Os contornos da nova política desenhada com ênfase no ataque à questão negra se desdobrava numa necessidade de enfrentar a matéria num campo até então inexplorado: o plano das ideias. A produção de visões de mundo acerca do negro *vis-à-vis* a incapacidade de reação do PCB foi identificada como a equação a ser solucionada pelos comunistas, o que reverberou nas resoluções do relatório. Assim, abriu-se, em finais da década de 1920, mais de um flanco para que a IC atacasse o PCB, e este relatório contribuiria para os rumos que tomaria o PCB sob os auspícios do Bureau Sul-Americano (BSA) no que tange à questão negra e racial.

Não se pode descartar a possibilidade de um comunista brasileiro ter escrito o referido relatório. Ainda que não haja evidência, talvez um exame futuro do estilo utilizado na escrita possa ser comparado ao de comunistas brasileiros a fim de recuperar padrões, algo que não foi realizado e escapa às capacidades desta tese.

No entanto, mesmo sem desconsiderar a possibilidade de um brasileiro ser o autor, parece mais provável que o contexto do documento tenha sido outro. Em maio de 1930, em plena atividade, o International Trade Union of Communist Negro Workers (ITUCNW), ligado à Profintern (Internacional Sindical Vermelha), realizara um esforço para consolidação

³²¹ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 87, fols. 324.

de quadros negros no movimento comunista sucedendo outros esforços ao longo da década de 1920 por parte da militância comunista negra. Essa foi uma diligência e, ao mesmo tempo, ponto fulcral de unidade entre os comunistas negros ao longo dessa década: a formação de quadros negros. Seguindo esse rastro, em documento do Departamento Negro do Secretariado Oriental enviado à comissão política do CEIC, foi indicado o envio de instrutores para colônias europeias na África e o estabelecimento de curso para formação desses instrutores em Moscou.³²² Como se poderá notar a seguir, esse procedimento duplo não se limitaria à África e ocuparia as duas instituições soviéticas de educação dedicadas à formação da militância: a Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente e a Escola Internacional Leninista.

Uma das organizações que assumiria a responsabilidade por dirigir o debate e atuação sobre a questão negra (entendida como parte fundamental da luta anticolonial, anti-imperialista e antirracista) foi o ITUCNW, vinculado à Profintern. Holger Weiss aponta que dentre as intenções do ITUCNW estava o Brasil. Um dos organizadores do Congresso do ITUCNW que deveria ocorrer em julho de 1930, em Londres, foi George Padmore. O objetivo do Congresso era construir pontes entre entidades negras em todo Atlântico. Em carta dirigida à House of Commons (Inglaterra), a fim de obter autorização para realização do evento, afirmou que a conferência reuniria delegados dos “EUA, Brasil, Jamaica, Haiti, Cuba, Colômbia e das colônias africanas britânicas, francesas e belgas. Eles ficariam uma semana em Londres; a conferência de fato estava prevista para começar no dia 1º de julho e durar dois dias”.³²³ Não há nenhuma indicação na documentação pesquisada sobre qual seria a identidade do delegado brasileiro no Congresso. A documentação indica que não houve um delegado brasileiro, mas havia o interesse na participação brasileira.

O Consulado Americano em Pernambuco, por sua vez, interceptou documentos de comunistas enviados de Paris, um dos *hubs* do ITUCNW. O material constituía-se de boletins

³²² RGASPI, F. 495, op. 155, d. 86, list. 4 e 5, 20-5-30. Foi requerido que os seguintes números de estudantes comunistas negros fossem recebidos pela Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente: 10 da Grã-Bretanha, 15 da França, 5 da Bélgica, 30 dos Estados Unidos, 5 do Brasil, 2 do Panamá e 3 de Cuba, num total de 70 estudantes. O documento também requeria que sempre que os partidos enviassem militantes para a Escola Internacional Leninista, estudantes negros também fossem enviados dentre os contingentes e cotas de cada partido.

³²³ “USA, Brazil, Jamaica, Haiti, Cuba, Columbia, and from the British, French and Belgian African colonies. They were to stay for one week in London; the actual conference was to start on the 1st of July and last for two days.” WEISS, 2013, p. 234.

WEISS, Holger. **The Road to Hamburg and Beyond: African American Agency and the Making of a Radical African Atlantic, 1922-1930. Part Three.** Turku: Abo Akademi, 2011. p. 39. Disponível em: <<https://www.abo.fi/student/en/media/7957/cowopa18weissupdated2011.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015. O Congresso terminou sendo realizado em Hamburgo no mesmo mês previsto. Os comunistas tentaram, mas não conseguiram esconder das autoridades britânicas que dirigiam o Congresso.

enviados aos comunistas brasileiros com resumos dos discursos e temas debatidos no V Congresso da Internacional Sindical Vermelha, em Moscou, em agosto de 1930. Sobre a leitura do material, o Cônsul destacou os informes que variavam desde a guerra civil na China à realização da “*first international conference of negro laborers*”. Em tom de advertência, relatou que

Eles não fizeram qualquer referência ao Brasil, exceto indiretamente onde menção casual é feita ao trabalho entre negros sul-americanos “que constituem a maioria do proletariado daquele continente”. Os documentos contêm algumas exposições interessantes, senão surpreendentemente novas, dos objetivos e métodos gerais da Internacional. Até onde este distrito consular está informado, eles são interessantes principalmente como evidência de que comunistas locais estão em contato com a organização central.³²⁴

Os eventos elencados concorreram para que a pauta racial do PCB fosse alterada de fora. Talvez a escrita do relatório em questão tenha se dado no ambiente ligado ao ITUCNW e/ou ao Departamento Negro do Secretariado Oriental.

As definições anódinas da Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina alteradas pela discussão da questão brasileira em Moscou foram mais uma vez transmutadas pelas novas diretrizes. A coalescência da questão racial à definição das linhas táticas do partido passou a ser dirigida pelo então recém-criado Bureau Sul-Americano.³²⁵

De acordo com avaliação do Bureau Sul-americano da Comintern, em data incerta de 1931, os comunistas brasileiros não entendiam que

As organizações chauvinistas dos negros se estendem cada vez mais por todo o país, e o partido assinala seu perigo às massas de trabalhadores negros. Em toda sua existência o PCB não tem tomado nenhuma medida para penetrar nos clubes e organizações culturais negras a fim de conquistar a massa trabalhadora que aflui a elas. O partido não compreende que o enfoque de nossas tarefas entre as massas negras e índias é um dos aspectos do problema da conquista da maioria da população trabalhadora do Brasil. Sem que se arrastem as massas negras e índias à luta, nenhuma revolução de massas é possível no Brasil.³²⁶

³²⁴ American Consulate, Pernambuco, Brazil – Political Report, Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 230.jpg, p. 1-2. “They made no reference to Brazil, except indirectly (no. 160, page 8) where casual mention is made of work among South American negroes ‘who constitute the majority of the proletariat of that continent’. The documents contain some interesting, if not startlingly new, expositions of the International’s general aims and methods. So far as this consular district is concerned, they are interesting principally as evidence that local communists are in touch with the central organization.”

³²⁵ DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB, 1928-1935**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. p. 121-123. O Secretariado Sul-Americano da IC (SSAIC) surgiu de um desmembramento, em 1925, do Secretariado Latino-Americano. Em 1929, o SSAIC foi transformado em Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista (BSAIC). Cf. Ibidem, p. 99.

³²⁶ RGASPI, F. 503, op. 001, d. 052, p. xx. Cedem/Unesp, ic-0096.pdf. “Las organizaciones chauvinistas de los negros se extienden cada vez más por todo el país y el partido no señala su peligro a las masas de obreros negros. En toda su existencia el PCB no ha tomado ninguna medida para penetrar en los clubs y organizaciones culturales de los negros a fin de conquistar la masa obrera que afluye a ellas. El partido no comprende que el planteamiento de nuestras tareas entre las masas negras e indias, es uno de los aspectos del problema de la conquista de la mayoría de la población trabajadora del Brasil. Sin el arraste de las masas negras e indias a la lucha, ninguna revolución de masas es posible en Brasil.”

O partido não entendia, de acordo com os especialistas de Moscou, que

No Brasil, onde em sua maioria a população está constituída por mestiços e negros, o trabalho entre esses grupos explorados mais perversamente que as massas trabalhadoras “brancas” – é uma tarefa indiscutível de cada comunista. No entanto, o partido ainda desconhece este trabalho, ainda que a sorte da revolução no Brasil dependa em grande parte da atividade dessas massas oprimidas. As lutas revolucionárias da massa negra e indígena (Amazonas) tem se desenvolvido sem a participação e à margem do Partido.³²⁷

Os dirigentes da IC que passaram a intervir diretamente na organização dos partidos latino-americanos depois da dissolução do Secretariado Sul-Americano e subsequente transformação em Bureau Sul-Americano avaliavam que, “nas regiões onde a maioria da população é negra, esta quase não participa da vida do Partido. Não há, por outro lado, nenhum índio no partido”.³²⁸ Especialmente importante para eles era o fato de que “na direção os negros estão muito insuficientemente representados”.³²⁹ Isso traduzia vividamente o fato de que “o partido todo menospreza o recrutamento de trabalhadores negros e índios para o partido. Não se elaboram métodos especiais de trabalho entre esses grupos oprimidos, nem tampouco as reivindicações específicas dos trabalhadores negros e índios”.³³⁰ Tais equívocos organizativos e táticos seriam o resultado de uma incompreensão por parte dos comunistas brasileiros a respeito do papel de índios e negros para o movimento revolucionário. Em resumo, sobre os comunistas brasileiros, o *bureau* destacava que “eles não compreendem nem reconhecem a existência do problema racial no Brasil. Eles interpretam a igualdade formal das raças como se fosse efetiva, real”.³³¹ Os *experts* de Moscou traçaram o caminho no sentido das resoluções e orientações dispostas no VI Congresso da IC, em 1928, acerca de enclaves cujas populações fossem identificadas como raças e/ou nações oprimidas. Para eles,

O Partido deve tratar de conquistar a confiança da massa de negros e índios por meio da demonstração, nos atos, de que o Partido Comunista é o único partido capaz de organizar as lutas pela autodeterminação, pela liquidação dos privilégios dos “brancos” e pela devolução das terras roubadas pelos colonizadores.³³²

³²⁷ RGASPI, F. 503, op. 001, d. 052, p. xx. Cedem/Unesp, ic-0096.pdf. “En Brasil donde en su mayoría la población está constituída por mestizos y negros, el trabajo entre estas capas explotadas más inicualemente que las masas trabajadoras ‘blancas’- es una tarea indiscutible de cada comunista. Sin embargo, el Partido desconoce todavía esta labor, apesar de que la suerte de revolución en Brasil, depende en gran parte de la actividad de estas masas oprimidas. Las luchas revolucionarias de la masa negra e indígena (Amazonas) se han desarrollado sin la participación y al margen del Partido.”

³²⁸ “En las regiones, donde la mayoría de la población es negra, estas no participan casi de la vida del Partido. No hay, por otra parte, ningún indio en el partido.” Ibidem, p. xx.

³²⁹ “En la dirección los negros están muy insuficientemente representados.” Ibidem, p. xx.

³³⁰ “El partido todo, menosprecia el reclutamiento de obreros negros e indios para el partido. No se elaboran métodos especiales de trabajo entre esas capas oprimidas, ni tampoco las reivindicaciones específicas de los obreros negros e indios”. Ibidem, p. xx.

³³¹ “Ellos no comprenden ni reconocen la existencia del problema racial en Brasil. La igualdad formal de las razas la interpretan como si fuera efectiva, real”. Ibidem, p. xx.

³³² “El Partido debe tratar de conquistar la confianza de la masa de negros e indios a través de la demostración, en los hechos, de que el Partido Comunista es el único partido capaz de organizar las luchas por la

Como resolução prática, o *bureau* propunha a formação de comissões especiais para o trabalho com negros e índios. Seus objetivos incluíam tanto “elaborar um plano especial de recrutamento de trabalhadores negros e índios para o Partido”³³³ como escolher “os melhores lutadores negros, que são membros do Partido”,³³⁴ para compor a direção. Por fim, e aparentemente mais importante, “deve-se fazer um plano concreto de formação de quadros de trabalhadores negros e índios capazes de realizar esse trabalho entre as mais amplas massas dessas raças oprimidas”.³³⁵

Os ataques sofridos pela direção do PCB e o relatório sobre a situação dos trabalhadores negros de 1930 surtiriam efeito, ao menos em partes. Em 1931, oito anos depois de afirmar categoricamente que não havia uma questão racial no Brasil e no Partido, Octávio Brandão enviou uma circular, de Moscou, aos companheiros no Brasil pedindo 20 informes e terminando com a seguinte exortação: “Precisamos dedicar a maior atenção aos trabalhadores negros”.

1º O número de negros existentes no Brasil.

2º Em que regiões estão concentrados.

3º Em que proporção, relativamente à população.

4º Os operários agrícolas negros: o número deles, os pontos de concentração, a situação econômica, política e social, as condições de trabalho (salário, horários, etc.), a alimentação, suas relações econômicas, política e sociais com os grandes proprietários de terras, suas relações com os índios ou com os descendentes destes, suas relações com os outros trabalhadores nas plantações.

5º Os camponeses negros: *idem*, *idem*.

6º Os operários industriais negros: o número deles, as cidades e as indústrias em que estão concentrados, a situação econômica, política e social, as condições de trabalho, a alimentação, suas relações econômicas, políticas e sociais com os grandes industriais, suas relações com os outros operários.

7º As massas laboriosas negras em geral (como os pequenos funcionários e os empregados domésticos): *idem*, *idem*.

8º O trabalho dos menores negros, nos campos e nas cidades.

9º O trabalho das mulheres negras, nos campos e nas cidades.

10º Os negros da Jamaica na Fordlândia.

11º No exército: o número de negros e sua situação econômica e política.

12º Na política: *idem*.

13º Na marinha: *idem*.

14º As manifestações escravistas das classes dominantes contra os negros. O patriotismo branco.

15º As formas de exploração dos trabalhadores negros pelos trabalhadores brancos.

16º As organizações dos negros, o número de aderentes e as tendências políticas.

17º As lutas dos negros – no passado e no presente.

18º O papel dos negros no movimento proletário e no PC.

19º O papel dos negros no desenvolvimento cultural brasileiro.

autodeterminación, por la liquidación de los privilegios de los “blancos” y la devolución de las tierras robadas por los colonizadores.” *Ibidem*, p. xx.

³³³ “elaborar un plan especial de reclutamiento de obreros negros e indios para el Partido” RGASPI, F. 503, op. 001, d. 052 – ic-0096.pdf, p. xx, 1931.

³³⁴ “los mejores lutadores negros, que son miembros del Partido” *Ibidem*, p. xx.

³³⁵ “[...] debe hacerse un plan concreto de formación de cuadros de obreros negros e indios capaces de realizar este trabajo entre las más amplias masas de esas razas oprimidas.” *Ibidem*, p. xx.

20º A burguesia negra.³³⁶

Não foi possível encontrar a resposta do PCB ao pedido de Brandão. Parte dela, entretanto, talvez se encontre na I Conferência do Partido Comunista do Brasil, em 1934. Ali, os comunistas dirigiram-se aos “negros e índios escravizados”:

O proletariado, os camponeses de todas as nacionalidades e o Partido Comunista vos ajudarão nas lutas por vossa libertação, desde as lutas pela devolução das terras roubadas e pela igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais, até à luta pelo direito de constituídes vossos próprios governos separados do governo federal e estaduais, caminho pelo qual vós podereis desenvolver como nacionalidades com território, governo, costumes, religião, língua e cultura próprios.³³⁷

Ainda que na forma de diretiva e resolução partidária – o que não significa efetivação prática da política definida – os comunistas brasileiros foram convencidos a tratar da questão racial no Brasil. Parte disso se deveu às reuniões e discussões estabelecidas nos encontros elencados anteriormente. Outra parte pode ser creditada à atuação dos organismos internacionais auxiliares da IC.

A incorporação do PCB no cenário do movimento comunista internacional se deu tardiamente, como aconteceu com a maior parte dos países latino-americanos. De fato, ainda que a IC, a União Soviética e os próprios bolcheviques tivessem declarado afinidades com os povos ditos semicoloniais, a Comintern não tornou efetivamente presentes na América Latina seus tentáculos até finais da década de 1920, seja por dificuldades logísticas seja por interesse geopolítico.³³⁸

As tentativas anteriores ao VI Congresso da Comintern em 1928 se deram a partir de iniciativas rarefeitas e com pouca instrumentação prática. Ainda que crescente, desde 1919, o interesse pela América Latina sofreu solavancos e obedeceu às constantes discontinuidades do período de estabilização da revolução bolchevique.

Um dos meios utilizados pela Comintern no intuito de ampliar seus espaços de atuação e fomentar a atividade revolucionária foi a fragmentação de seus esforços. Desse modo a IC manteve diversos organismos auxiliares. Dentre eles, serão destacados aqui a Juventude Comunista Internacional (JCI) ou KIM, a Internacional Sindical (Profintern) e o Socorro Vermelho (SVI), precisamente porque participaram da discussão e profusão das teses dos comunistas sobre as questões raciais.

³³⁶ RGASPI, F. 495, op. 029, d. 055 [ic-0266.pdf], 23 out. 1931.

³³⁷ MANIFESTO da 1ª Conferência do PCB. In: **Fundação Dinarco Reis**. [s.d.]. Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=130:manifesto-da-1o-conferencia-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb>. Acesso em: 31 out. 2014.

³³⁸ Ambos os homens inicialmente destacados pela Comintern para realizar prospecções na América Latina, Abramson e Borodin, depois serviram no Kuomitang.

O PCB não construiu linhas nítidas de distinção entre as diferentes organizações auxiliares.³³⁹ A falta desses contornos prejudicou a atuação do partido e embaçou as ênfases para as quais cada uma das organizações havia sido criada. Dessa maneira, as atividades do Socorro Vermelho, da Profintern e da JCI encontram-se dispersas em documentos do PCB. As diretrizes produzidas em Moscou, por conseguinte, não eram necessariamente seguidas. A organicidade desses agrupamentos auxiliares eram minados pela centralização do aparato partidário e pela superposição de funções, em que o sujeito era dirigente da JCI e parte do Comitê Executivo do PCB e essas funções não eram executadas de maneira a otimizar os objetivos da JCI.³⁴⁰

Felix Cole, em Riga, capital da Letônia, escreveu um relatório ao Secretário de Estado dos Estados Unidos no qual apresentou a tradução de um artigo no jornal da Juventude Comunista Internacional cujo título era “The Young Communists’ Union in Brazil”. O texto escrito por “Rosha”, foi publicado em maio de 1932 pelo referido jornal, em Moscou, e traduzido em 1º/07/1932 pela “Legation of the United States em Riga, Latvia”.

O artigo fazia um balanço da situação política e econômica brasileira além de caracterizar o perfil e a natureza da exploração aos quais estavam submetidos os trabalhadores no Brasil. Dentre as questões levantadas estava a racial, posta nos seguintes termos:

O recentemente criado Ministério do Trabalho tenta por meio de medidas restritivas para incitar seus trabalhadores contra imigrantes enquanto a burguesia se esforça para aumentar a chama da inimizade nacional entre brancos e negros. Existem 7.000.000 de negros no Brasil. Negros não são admitidos nos teatros de São Paulo. A burguesia, com cooperação de demagogos fascistas Miguel Costa, Tabora, Alberto e outros, com quem também tiveram contato Trotskistas Brasileiros (Melo), tentam separar as massas mais uma vez e para dificultá-los de seguir o caminho correto sob a liderança do Partido Comunista.³⁴¹

O autor do texto finaliza afirmando ser

absolutamente imperativo tomar medidas com o objetivo de organizar o trabalho no campo, entre jovens trabalhadores agrícolas nas grandes plantações, e primeiramente entre o campesinato jovem. É necessário organizar o trabalho entre negros e índios.³⁴²

³³⁹ Guralksy: “Qu'est ce que toutes les organisations auxiliaires si nos camarade n'y sont pas organisés en fraction communistes, ou chacun des camarades est responsable pour chaque discours et action faite dans le Bloc ouvrier et paysan ou dans les organisations auxiliaires?” [29 ic-055.pdf]

³⁴⁰ O PCB e a KIM. (KAREPOVS, Dainis. *A Nação* e a Juventude Comunista do Brasil. **Cad. AEL**, Campinas, v. 17, n. 29, 2010.)

³⁴¹ “Legation of the United States em Riga, Latvia”, Murphy Collection, caixa 201, p. 6. National Archives, Estados Unidos. “The recently created Ministry for Labor attempts by means of restrictive measures to incite its workmen against the immigrants while bourgeoisie strives to fan the flame of national enmity between the whites and Negroes. There are 7,000,000 Negroes in Brazil. Negroes are not admitted to the theaters of São Paulo. The bourgeoisie, with the cooperation of the fascist demagogues Miguel Costa, Tabora, Alberto, and others, with whom also keep pace Brazilian Trotskists (Melo), attempts to disrupt the masses once again and to hinder them from following the correct path under the leadership of the Communist Party.”

³⁴² “Legation of the United States em Riga, Latvia”, Murphy Collection, caixa 201, p. 13. National Archives, Estados Unidos. “absolutely imperative to take measures in order to organize the work in the countryside, among

É razoável que o texto tenha sido escrito por um brasileiro em Moscou.³⁴³ Em todo caso, uma parte significativa da militância comunista brasileira dedicada ao debate sobre questões raciais restava na Juventude Comunista. No Brasil é, por exemplo, possível identificar atuação por parte da juventude no tocante ao enfrentamento da questão racial a partir da entrada no partido da chamada “Academia dos Rebeldes” em Salvador, Bahia. A partir de 1931, esse grupo passaria a pautar a questão negra e a Bahia se tornaria um palco importante nas formulações e experimentos dos comunistas em relação às questões raciais, fosse ela sobre os índios,³⁴⁴ fosse sobre os negros.

Antes, porém, de adentrar nos pormenores de como a Juventude Comunista engajou a questão negra, é preciso um desvio momentâneo para que o leitor se aproprie das condições sob as quais esta organização auxiliar atuou no Brasil.³⁴⁵

A história da organização ligada ao trabalho com a juventude tem como marco inicial o ano de 1919. Precisamente quando foi criada a Comintern, a União Internacional da Juventude Socialista, remanescente do movimento zimmerwaldiano, redundaria na Juventude Comunista Internacional, sob a liderança daquele que seria um importante intelectual da Comintern, Willi Münzenberg. A chegada ao Brasil da Juventude Comunista não obedeceu ao processo de entrada em órbita da IC, por parte do PCB. Esse processo demonstra que alguns organismos internos e anexos da própria Comintern não foram mimeses da Internacional Comunista.

Do ponto de vista documental, é possível identificar alguma participação dos comunistas entre jovens e estudantes a partir de 1929 e, com maior vigor, nos anos de 1930. A capilaridade do partido e a política de Frente Popular, paradoxalmente já desenhada em início dos anos 30, justificam a massiva publicidade que o PCB desenvolveu entre os jovens durante o período pós-1929.³⁴⁶ Esse balanço é corroborado pelas memórias de Astrojildo Pereira, que identifica 120 inscritos na Juventude Comunista afirmando haver, à altura do III Congresso do PCB, intensa ligação entre os comunistas de diferentes Estados.³⁴⁷ Ao aceitar que até 1928 a organização da Juventude Comunista sofria com as debilidades de uma empresa incipiente e

farmhand youth at large plantations, and first of all among the toiling peasant youth. It is necessary to organize the work among the Negroes and Indians.”

³⁴³ O pseudônimo “Rosh” pode ser uma outra escrita para “Rocha”, comum sobrenome brasileiro.

³⁴⁴ LINS, Marcelo. **Os vermelhos nas terras do cacau**: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936). 2007. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

³⁴⁵ A apreciação do papel desempenhado pela juventude comunista no enfrentamento da questão negra se encontra no capítulo 6.

³⁴⁶ Uma das melhores alegorias da questão é a personagem Mariana da trilogia de Jorge Amado, “Subterrâneos da Liberdade”. Uma jovem em sua jornada rumo à consciência de classe e da importância do partido enquanto *condottieri* da emancipação humana.

³⁴⁷ PEREIRA, 1979, p. 150.

que a partir de 1929 a organização e a integração das ações já haviam atingido um nível satisfatório, é forçoso concluir que o leque de questões atingíveis pela organização também aumentara.

Em 1929, durante a realização do III Congresso do PCB, a avaliação feita sobre a atividade entre jovens era a seguinte:

Os primeiros membros da Juventude Comunista do Brasil entraram em 1925, 14; 1926, 13. Destes 27, em 1927 só restavam 8. Em Maio de 1927, foi obrigado a ausentar-se o encarregado da Juventude do C. Central, passando seu cargo às mãos de membros da Juventude. Aproveitando o período de legalidade, fez-se ampla agitação pelo jornal "A Nação", sendo comemorada em Junho a "Semana da Juventude Operaria". Por esse tempo, a ligação com os Estados era quasi nenhuma. Apenas correspondência com camaradas isolados de algumas regiões.³⁴⁸

Havia ao todo uns 30 membros, mais ou menos cativos, distribuídos por 5 cellular. As ligações com o Partido e com o S.S.A, quasi nenhuma.

[...] Admittido um representante na C.C.E., recommencaram o trabalho com a publicação de um jornalzinho mimeographado, "O Joven Proletario", que sahi regularmente até abril de 1928, quando fechou para auxiliar com esse dinheiro "A Classe Operaria".³⁴⁹

Sobre o periódico "O Joven Proletario", a tiragem era de 1.000 exemplares e não está claro se o financiamento provinha somente do PCB ou se havia outros recursos envolvidos. O mesmo informe aponta para aquele que era, então, o presente da organização:

No começo da organização, o trabalho era dificultado, por ser na sua maioria dirigido por estudantes. Hoje, a maioria absoluta é de operários, havendo cerca de 25 cellular sendo 15 no Rio, das quaes 5 de empresa [sic]. Um total de 120 membros, mais ou menos cativos em 120 inscritos.

A ligação com os Estados é bem intensa, e existem organizações alem de Rio de Janeiro, em Porto Alegre, Santos, São Paulo, Sertãozinho, Ribeirão Preto, Victoria, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Em Maio houve uma troca de representações, com voz deliberativa, entre o C.C. da J. e o P. Em Junho, um delegado foi enviado ao 5o Congresso da I.J.C., fazendo da nossa organização uma seção Brasileira da I.C.J.³⁵⁰

Um outro documento, desta vez dirigido à IC, o "Rapport sur la situation du Bresil au VI Congres de l'I.C." aborda o tema da juventude no Brasil e a atuação do PCB relativa a ela.

A situação dos jovens trabalhadores das cidades está também mal. A maior parte desses jovens é de analfabetos. Aqueles que frequentam escolas são intoxicados pelo ensino patriótico dado nas organizações de escoteiros. Por outro lado, o clero criou também muitas escolas dominicais a fim de penetrar entre os jovens. Os padres também organizaram com as crianças das escolas uma Liga de "escoteiros" que trabalha em colaboração com a Liga governamental, e suas organizações têm uma característica nitidamente fascista.

O imperialismo americano também tem no Brasil seus meios de penetração entre os jovens: Associação cristã de jovens: esta ainda não possui raízes na classe trabalhadora, mas somente entre os empregados do comércio, os filhos da pequena burguesia. Nosso partido trabalha no sentido de desviar jovens trabalhadores de todas essas organizações reacionárias. Para essa finalidade, ele organizou a Juventude Comunista; esta tem atualmente 70 membros em todo o país. Apesar da

³⁴⁸ ic-0211.pdf. p. 72.

³⁴⁹ ic-0211.pdf.

³⁵⁰ ic-0211.pdf – O delegado em questão foi Leôncio Basbaum.

fraqueza numérica da nossa juventude comunista, ela trabalha com muita atividade; ela já possui algumas células organizadas. Durante o tempo que o jornal do Partido foi suprimido, a juventude editou um Boletim de propaganda. Na cidade de Niterói (região do Rio de Janeiro) a juventude possui uma escola de jovens trabalhadores que funciona no local dos sindicatos, e no Recife há igualmente uma. Atualmente, a juventude está em processo de organização dos esportes dos trabalhadores, porque isto exerce muita atração entre trabalhadores; a Juventude comunista está então engajada num caminho e ela é a esperança do desenvolvimento futuro do Partido.³⁵¹

Além de objetivar a agregação de mais militantes às hostes comunistas, dentre eles jovens militares, a Juventude deveria “ampliar as organizações de massas, principalmente sportivas e culturaes, como por exemplo o Centro de Jovens Proletarios”.³⁵² A Juventude deveria criar seções específicas nos sindicatos, nas ligas de combate ao imperialismo (mais especificamente na Liga Anti-Imperialista dirigida pelos comunistas) e participar da direção do Bloco Operário Camponês.

Dadas as fragilidades organizativas, o PCB operou uma vinculação entre a Internacional da Juventude e a Internacional do Esporte, a *Sportintern*³⁵³: organização subsidiária da Comintern, a Internacional do Esporte não teria grande impulso no Brasil e, de acordo com a documentação, atuaria como parte da Juventude Comunista. No item do mesmo documento, chamado “Sobre a questão sportiva”, havia duas preocupações: 1) a juventude proletária; 2) a supressão do elemento “luta de classes” que o esporte supostamente propicia. A discussão foi levada a cabo no sentido de desmistificar a prática esportiva como o momento em que as desigualdades de classes seriam suprimidas.

No decorrer da década de 1930 a Juventude Comunista passaria a ter maior peso no processo político do Partido mesmo que, na prática, os militantes da Juventude terminassem

³⁵¹ RGASPI, F. 495, op. 029, d. 027, 1928. Cedem/Unesp. “La situation des jeunes travailleurs des villes est aussi mauvaise. La plupart de ces jeunes [gens] sont des analphabètes. Ceux qui fréquentent l'école sont intoxiqués par l'enseignement patriotique donné dans les organisations de boy-scouts. D'autre part, le clergé a créé (sic) aussi beaucoup d'écoles dominicales afin de pénétrer parmi les jeunes. Les prêtres ont organisé aussi avec les enfants de ces écoles une Ligue de 'boy-cout' qui travaille en collaboration avec la Ligue gouvernementale et ces organisations ont un caractère nettement fasciste. L'impérialisme américain a aussi au Brésil ses moyens de pénétration parmi les jeunes: Association chrétienne des jeunes: celle-ci n'a pas encore de racines dans la classe ouvrière, mais seulement parmi les employés de commerce, les fils de la petite bourgeoisie. Notre parti travaille dans le sens de détourner les jeunes ouvriers de toutes ces organisations réactionnaires. A cet effet, il a organisé la Jeunesse communiste; celle-ci a actuellement 70 membres dans tout le pays. Malgré la faiblesse numérique de notre Jeunesse communiste, elle travaille avec beaucoup d'activité; elle a déjà quelques cellules organisées. Pendant le temps que le journal du Parti avait été supprimé, la jeunesse a édité un Bulletin de propagande. Dans la ville de Nitheroy (région de Rio de Janeiro) la jeunesse a une école de jeunes ouvriers qui fonctionne dans un local des syndicats et à Recife, il y en a une également. Actuellement, la jeunesse est en train d'organiser les sports ouvriers, parce que celui-ci a beaucoup d'attrait parmi les ouvriers; la Jeunesse communiste est donc engagée dans une bonne voie et elle est l'espoir du développement futur du Parti.”

³⁵² ic-0211.pdf.

³⁵³ Cf. KEYS, Barbara. **Globalizing sport: national rivalry and international community in the 1930s**. Cambridge: Harvard University Press, 2013; GOUNOT, André. Sport or Political Organization? Structures and Characteristics of the Red Sport International, 1921-1937. **Journal of Sport History**, Fullerton, v. 28, n. 1, p. 23-39, spring 2001.

participando da “seção adulta” do PCB e vice-versa. Portanto, os militantes acabavam ocupando mais de um espaço, o que foi o caso de Lêncio Basbaum. Segundo ele, sua aproximação com a Juventude Comunista Internacional se deu em meados de 1928, quando o PCB recebeu um convite para participar do VI Congresso da IC e do V Congresso da JCI ao ser convidado a representar o partido. Ele conseguiria que a Juventude Comunista do Brasil fosse aceita na JCI e relatou o estado dos jovens no Brasil, conforme já mencionado anteriormente.

Ainda que tenha realizado seu primeiro trabalho de estabelecimento de uma célula da Juventude Comunista justamente na cidade do Recife, no início de 1927 e, segundo suas memórias, ter trabalhado no bairro dos Afogados, com alta densidade de população negra,³⁵⁴ em nenhum momento de suas memórias ou mesmo em seus escritos contemporâneos Basbaum menciona qualquer aspecto relevante sobre a questão racial no Brasil e no movimento comunista internacional.³⁵⁵

A despeito do grande poderio experienciado pela KIM na Europa, sobretudo Alemanha, no Brasil a Juventude esteve pouco atrelada aos ditames de Moscou e geralmente seus esforços eram envidados no sentido a causar uma boa impressão aos bolcheviques ao passo que instrumentalizavam a organização no Brasil.³⁵⁶

Outra organização de frente que pautou a questão negra foi o Socorro Vermelho Internacional (SVI). As citações episódicas que aparecem na bibliografia sobre a história da Internacional Comunista no Brasil e sua organização auxiliar, o Socorro Vermelho, escondem uma parte substancial da história da IC na América Latina. Talvez o SVI tenha sido o principal mecanismo de integração entre os comunistas de todo o mundo. O silêncio da historiografia sobre o PCB no Brasil acerca do Socorro Vermelho deve-se em parte a uma organização que pouco definia os seus limites, ou seja, o PCB; dados os poucos recursos humanos, guardava possibilidades pequenas de delimitar seus trabalhos de acordo com os ditames da IC.

³⁵⁴ Em geral, segundo os padrões estéticos da modernidade, os integrantes das agremiações carnavalescas classificam-se como pessoas pobres residentes em locais considerados insalubres, geralmente em mocambos ou cortiços (como alguns moradores do centro da cidade, Coelho e Casa Amarela) ou em áreas conhecidas como zonas operárias, a exemplo de Afogados e Campo Grande. SANTOS, Mário R. **Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. p. 83.

³⁵⁵ Menciona a existência de Brasilino, negro e membro Juventude Comunista. BASBAUM, Lêncio. **Uma vida em seis tempos (memórias)**: uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. 80.

³⁵⁶ “RELATORIO GERAL DA FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE COMMUNISTA DO BRASIL”, RGASPI, F. 533, op. 10, d. 602, fols. 38, list. 4. Cedem/Unesp, ic-1016.pdf.

Em setembro de 1921³⁵⁷ existia atividade de comunistas, anarquistas e sindicalistas no sentido de organizar a ajuda aos russos sob a alcunha de “Comitê de Socorro aos Flagelados Russos”. O embrião de toda a organização calcada na solidariedade proletária foi lançada durante essas campanhas. A partir delas criou-se o Auxílio Internacional dos Trabalhadores (AIT). Willi Münzenberg foi o fundador dessa organização e responsável pela mobilização internacional de ajuda aos proletários de todo o mundo. Ao mesmo tempo, é costumeiramente apontado como idealizador desse método de angariar fundos como meio de financiamento das atividades comunistas tendo como motivo a solidariedade³⁵⁸ entre os trabalhadores.³⁵⁹

O Socorro Vermelho, fundado em 1922, usaria como vantagem para sua própria história essa estrutura de solidariedade já montada ao longo de finais do século XIX e início do XX.³⁶⁰ Tanto quanto o AIT, era um organismo auxiliar de frente e, enquanto o Socorro Vermelho deveria ocupar-se de assistir presos políticos ao redor do globo, ele cuidaria de angariar fundos e criar campanhas baseadas na solidariedade operária.

Em janeiro de 1924, segundo Octávio Brandão, “o PCB tentou organizar o Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional.”³⁶¹ Conforme suas informações, foram lançados 30 mil exemplares de um manifesto de apoio ao proletariado alemão e “sua luta revolucionária”.³⁶²

No decorrer do entreguerras, com as mudanças estruturais na URSS e na própria IC, o Socorro Vermelho mudaria sobremaneira suas características ao longo de suas quase duas décadas de existência. Entre 1922 e 1925 funcionaria como centralizador de recursos advindos de campanhas de solidariedade internacional e a partir de 1926-7 teria a função de facilitar o acesso de comunistas a Moscou uma vez que sua sede era na Alemanha, em Hamburgo. É recorrente a citação em memórias dos comunistas brasileiros a intermediação do Socorro Vermelho para a chegada a Moscou. Além dessas funções, o SVI viraria um observador do cumprimento de certos requisitos mínimos para execução de prisões e observador do tratamento conferido aos comunistas em determinadas cadeias a partir seções nacionais como a ILD, International Labor Defense, sediada nos Estados Unidos.

³⁵⁷ PEREIRA, 1979, p. 73.

³⁵⁸ BRASKÉN, 2014.

³⁵⁹ VAN HOLTHOON, Frits; VAN DER LINDEN, Marcel. Introduction. In: _____. (Ed.). **Internationalism in the labour movement 1830–1940**. Leiden: Brill, 1988. (Contributions to the History of Labour and Society, 1.)

³⁶⁰ Na documentação da IC já presente no Brasil, no Arquivo Edgar Leurenroth e no Cedem/Unesp, é provável que a catalogação tenha sido feita de maneira equivocada, confundindo o Socorro Internacional com o Auxílio Internacional dos Trabalhadores.

³⁶¹ BRANDÃO, 1978, p. 246.

³⁶² BRANDÃO, 1978, p. 246. A direção do AIT no Brasil era de Paulo de Lacerda. PETERSSON, 2007, p. 86.

A partir de 1929-30, a atuação nesta função seria recrudescida à já intensa agenda do Socorro Vermelho: a participação em organizações internacionais de frente ampla contra prisões políticas, pelo tratamento adequado de presos e, por fim, pela anistia, tendo sido o caso mais notável o de Luís Carlos Prestes.

A pesquisa realizada na documentação referente à IC no Brasil não identificou indícios de que o Socorro Vermelho tenha se envolvido sistematicamente na definição de política sobre a questão negra; diferentemente dos Estados Unidos, onde uma campanha foi dirigida com relação ao caso de *Scottsboro*.³⁶³ O SVI no Brasil denunciou o racismo institucionalizado no caso do julgamento do caso *Scottsboro* nos Estados Unidos e a respeito da invasão italiana na Etiópia, e este seria o principal papel do Socorro Vermelho: utilizar suas amplas redes de comunicação para veicular mensagens anti-imperialistas.

Um rastro que poderia esclarecer as formas de contato entre comunistas brasileiros e estadunidenses é o exame da atividade das forças policiais brasileiras alimentando a inteligência dos Estados Unidos. Nesse material há evidências de um *modus operandi* constituído. O chefe da Divisão para Assuntos da Europa Oriental, Robert F. Kelley, enviou a seguinte comunicação para o então Diretor do Bureau de Investigação do Departamento de Justiça, John Edgar Hoover:

Pode ser do seu interesse saber que a Embaixada americana no Rio de Janeiro, Brasil, tem informado recentemente o Departamento que, de acordo com o Quarto Delegado Assistente do Rio de Janeiro, RJAR LAISVE, 46 Teneyck Street, Brooklyn, Nova York, é o endereço de muita correspondência de natureza comunista passando através do Correio do Rio de Janeiro. Eu também fui informado por uma fonte confidencial que RJAR LAISVE parece estar em contato com várias organizações radicais nos Estados Unidos e no Canadá.

Como você sem dúvida deve saber, RJAR LAISVE, no endereço citado, é o órgão lituano do Partido Comunista dos Estados Unidos.

[...] O prédio onde o jornal é publicado é também quartel-general da associação, e seu auditório é frequentemente usado para comícios de radicais. O endereço é frequentemente dado no DAILY WORKER de Nova York como quartel-general para vários grupos de comunistas lituanos quando ele solicita e publica saudações relativas a celebrações de aniversários e manifestações de comunistas.³⁶⁴

³⁶³ MILLER, James A.; PENNYBACKER, Susan D.; ROSENHAFT, Eve. Mother Ada Wright and the International Campaign to Free the Scottsboro Boys, 1931-1934. **The American Historical Review**, v. 106, n. 2, p. 387-430, abr. 2001.

³⁶⁴ Murphy Collection, caixa 201, 14 nov. 1931. National Archives, Estados Unidos, 199-200.jpg. "It may interest you to know that the American Embassy at Rio de Janeiro, Brazil, has recently informed the Department that, according to the Fourth Assistant Delegate of Police of Rio de Janeiro, RJAR LAISVE, 46 Teneyck Street, Brooklyn, New York, is the addressee of much mail of a communist nature passing through the Rio de Janeiro Post Office. I have also been informed by a confidential source that RJAR LAISVE appears to be in touch with various radical organizations in the United States and Canada.

As you doubtless know, RJAR LAISVE, at the address given, is the Lithuanian organ of the Communist party of the United States.

[...] The building where the newspaper is published is also the headquarters of the association, and its hall is frequently used for radical meetings. That address is often given in the New York DAILY WORKER as the head-quarters for various Lithuanian communist groups when it solicits and publishes greetings in connection with communist anniversary celebrations or demonstrations."

Se a informação da inteligência está correta, o Rio de Janeiro era um *hub* diversionista para que correspondências chegassem do Velho Mundo e fossem disseminadas nas Américas. A construção dessa logística tornava possível campanhas de solidariedade internacionais como aquelas que reivindicavam soltura de presos políticos ou cessação de conflitos imperialistas.

Gestos de solidariedade patrocinados pelo Socorro Vermelho podem ser encontrados nas páginas do jornal do Partido Comunista dos Estados Unidos, o “Daily Worker”, entre 1934 e 1935, e o SVI provou-se um dos principais vetores de integração entre os Partidos Comunistas do mundo. Um manifesto de 1934 dos presos políticos da Casa de Detenção do Rio de Janeiro a favor dos “Scottsboro Boys” foi estampado em página do periódico nova-iorquino sob o seguinte título: “Brazilian toilers express solidarity with American Workers”. A nota atribuída aos presos políticos brasileiros rememorou o julgamento dos anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti em 1921, acusados de assassinato.³⁶⁵ A tentativa discursiva era apresentar um fato em comum entre os dois eventos: a perseguição da justiça burguesa aos trabalhadores. Por isso, a carta dirigida à Suprema Corte do estado do Alabama inquiria: “Vocês já não têm o bastante de sangue inocente de proletários pingando de suas mãos?”³⁶⁶

No mesmo jornal, também em novembro de 1935, pautou-se a relação entre a ANL e a defesa dos direitos dos negros. O jornal publicou uma longa fala de Fernando Lacerda no VII Congresso da Comintern a respeito do Brasil, pela primeira vez em inglês, segundo o periódico. Dentre as observações elogiosas feitas sobre o trabalho da ANL, Fernando de Lacerda descreveu as atividades da Aliança e, dentre elas, disse que

No Rio e no Recife [a ANL] conduz manifestações por direitos iguais para negros. Ela luta pela defesa dos interesses do povo contra impostos e preços altos e finalmente, quando um rumor foi espalhado sobre a preparação de um golpe de estado ditatorial por parte do governo, a Aliança Nacional Libertadora chamou as massas por uma greve geral.³⁶⁷

³⁶⁵ AVRICH, Paul. **Sacco and Vanzetti**: The Anarchist Background. Princeton: Princeton University Press, 1996. Em agosto de 1933, Hugh Gibson, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, relatou que “Unidentified persons last night flung tar on the facade of the Embassy and left leaflets signed ‘International Red Relief’ protesting against Sacco-Vanzetti and Scottsboro cases and imperialism”. Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 095.jpg.

³⁶⁶ Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 095.jpg, 2 dez. 1935. A nota referia-se ao fato de que a International Labor Defense não era legal no Brasil e que a ANL estava sendo perseguida pelo governo “fantoche” dos Estados Unidos. Referiu-se também a um apelo feito pelo PCB em sua primeira conferência para que continuassem a luta contra a pequena-burguesia, o trotskismo e as agressões contra a URSS. “Haven’t you enough innocent proletarian blood already on your dripping hands?”

³⁶⁷ Murphy Collection, caixa 201. Daily Worker, 30 nov. 1935. National Archives, Estados Unidos, 106-108.jpg. “In Rio and in Recife it[National Liberation Alliance] carries on demonstrations for equal rights for Negroes. It fights for the defense of the interests of the people against taxes and higher prices and finally when a rumor was spread about the preparation of a dictatorial coup d’etat on the part of the government the National Liberation Alliance called the masses out to a general strike.”

Como esta, outras referências cruzadas foram realizadas. O caso mais curioso e controvertido, sem dúvida, diz respeito a Isaltino Veiga dos Santos.³⁶⁸ Irmão de Arlindo Veiga dos Santos, fundador da Frente Negra Brasileira (FNB), Isaltino experimentou a militância de maneira distinta de seus companheiros e, mais precisamente, de seu irmão. Há relativa incerteza quanto à filiação política de Isaltino. Segundo Correia Leite,

o Isaltino, depois de um tempo fora da Frente Negra, entrou num movimento político de esquerda muito sério. Foi quando começou a Aliança Libertadora. E, como o Isaltino na Frente Negra teve uma atuação meio revolucionária (ele publicava circulares agressivas contra o regime capitalista), pensaram mesmo que ele fosse de esquerda.³⁶⁹

Expulso da FNB, participou da ANL e terminou preso na final de 1935, vítima das prisões indiscriminadas levadas a cabo depois da sublevação comunista de 1935. Sua prisão foi tornada pública pelas campanhas por anistia dirigidas pelo Socorro Vermelho Internacional.

Ford clama pela soltura de Santos
Líder brasileiro negro preso pelos assassinos de Victor Barron

A prisão, talvez tortura e assassinato de líderes negros no Brasil, de notadamente Isaltino Viegas [sic] dos Santos, clama por um vigoroso protesto pelos negros do Harlem”, disse James W. Ford, Organizador de Divisão do Partido Comunista no Harlem, ontem.

[...]

Nós negros americanos precisamos ir à ajuda deles. Nós precisamos demandar a soltura de Prestes e anistia geral para todos os presos políticos, incluindo Dos Santos e outros líderes negros.

Ford conclamou todos os negros do Harlem a comparecer ao comício que está sendo organizado pelo Comitê Conjunto para Assistência do Brasil e demandas verbais diante do governo brasileiro para a soltura de Prestes, Dos Santos e todos os 17.000 presos políticos no Brasil.³⁷⁰

Tanto Olga Benário como o próprio Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes, foram objetos de vigorosa campanha internacional para que fossem soltos.

Ford falará em comício para protestar contra o terror no Brasil

³⁶⁸ Cf. DOMINGUES, Petrônio. “Constantemente derrubo lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do governo Vargas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 146-171, jan.-jun. 2007.

³⁶⁹ LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. ... **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 117.

³⁷⁰ “Ford calls for release of Santos

Brazilian Negro Leader Imprisoned by Killers of Victor Barron

‘The imprisonment, perhaps the torture and murder of the Negro leaders of Brazil, most notably of Isaltino Viegas dos Santos, calls for a strong protest by the Negroes Harlem’, said James W. Ford, Division Organizer of the Communist Party in Harlem, yesterday.

[...]

‘We American Negroes must come to their assistance. We must demand the release of Prestes and general amnesty for all political prisoners, including Dos Santos and other Negro leaders.’ Um comício aconteceria a 5 de abril de 1936.”

“Ford appealed to all Negroes of Harlem to attend the meeting which is being arranged by the Joint Committee for the Aid of the Brazil and voice demands upon Brazilian government for the release of Prestes, Dos Santos and all the 17,000 political prisoners in Brazil.” Harrison George, pai de Victor Barron também estaria presente no encontro. Murphy Collection, caixa 201. Daily Worker, 31 mar. 1936. National Archives, Estados Unidos, 301.jpg.

O comício para o povo do Harlem, particularmente enfatizado por James W. Ford, organizador do Harlem do Partido Comunista, como um para protestar contra a prisão do líder negro, Isaltino Viegas (sic) dos Santos, e exigir sua liberdade e a de Luis Carlos Prestes, chefe da Aliança Nacional Libertadora brasileira, terá lugar no Park Palace, na rua 110 com a quinta avenida, domingo à noite, às 8 horas. Muitos líderes negros no Brasil, que compreendem até quarenta por cento da população de 43.000.000, foram jogados na prisão pela ditadura fascista de Getúlio Vargas.³⁷¹

As notícias citadas do “Daily Worker” até aqui não tiveram somente o propósito de demonstrar a tangencial aproximação entre os comunistas brasileiros e estadunidenses.³⁷² O periódico foi consultado por amostragem e os dados foram cruzados com a documentação do acervo da Coleção Murphy no National Archives, em Washington, D.C. O nome é uma referência a Raymond E. Murphy, estudioso do comunismo vinculado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, quem compilou recortes de jornal e uma série de documentos relacionados às atividades comunistas. Assim, foi montado um banco de referências cruzadas dos arquivos de atividades comunistas e anticomunistas.³⁷³ A ênfase verificada nos recortes de jornal atinentes simultaneamente à temática negra e aos comunistas indica uma linha de atenção por parte da inteligência estadunidense, sobretudo se considerados os antecedentes históricos da participação da comunidade afro-caribenha nas organizações negras em Nova York. Os rastros da atividade de Murphy e seu setor permitem que seja possível traçar (ou pelo menos supor) os caminhos que a atividade comunista nas Américas trilhou para o ataque

³⁷¹ “Ford will address meeting to protest terror in Brazil

The meeting for Harlem people, particularly emphasized by James W. Ford, Harlem Organizer of the Communist Party, as one to protest the arrest of the Brazilian Negro leader, Isaltino Viegas dos Santos, and to demand his freedom and the of Luis Carlos Prestes, head of the Brazilian National Liberation Alliance, will be held at Park Palace, 110th Street and Fifth Avenue, Sunday evening at 8 o'clock.

Many Negro leaders of Brazil, who make up forty per cent of the 43,000,000 population, have been thrown into jail by the fascist dictatorship of Getulio Vargas.” Murphy Collection, caixa 201. Daily Worker, 1º abr. 1936. National Archives, Estados Unidos, 299.jpg.

³⁷² Em 1937, Bryan Green, provavelmente um pseudônimo, publicou um livreto chamado “Brazil”. Foi editado pela Labor Research Association e pela International Publishers, ambas ligadas ao Partido Comunista dos Estados Unidos. Green reproduziu, no livro, o lançamento do programa da ANL, o qual segue sintetizado:

“Its [ANL] program was announced by Prestes, in an appeal “To the whole Brazilian people” on July 5, 1935, as follows:

[...]

7. Return of the land taken from the Indians by force.

8. Complete freedom of the people, liquidation of all legal differences between races and nationalities, complete religious liberty, separation of church from state. [p. 21]

9. Against all imperialist war. Promotion of close collaboration with such organizations as the National Liberation Alliance in other Latin American countries and with all oppressed classes and peoples. [p. 22]”

GREEN, Bryan. **Brazil**. Nova York: International Publishers [Prepared by Labor Research Association], 1937. p. 21-22.

³⁷³ SELVERSTONE, Marc J. **Constructing the Monolith: The United States, Great Britain, and International Communism, 1945–1950**. Cambridge: Harvard University Press, 2009. p. 26. Murphy foi assistente especial do Director of European Affairs H. Freeman Matthews. Era visto como “a hardline anti-communist, Murphy was a specialist on communist affairs and an expert in wedding out internal ‘subversion’, in which capacity he had already worked with the FBI”. WALL, Irwin M. **The United States and the Making of Postwar France, 1945–1954**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 96.

das questões raciais. Um desses caminhos foi o das organizações auxiliares e de frente da Comintern, que tiveram como papel primordial, no limite, estabelecer contato entre as diferentes seções da IC cotejando diferentes aspectos da luta pela revolução, já que os Partidos encontravam-se sitiados e essas organizações auxiliares nem sempre deixavam rastros explícitos de ligação direta com os comunistas.

Desde outubro de 1934, as inteligências estadunidense e brasileira tinham conhecimento dos agrupamentos de frente responsáveis pela disseminação das “palavras de ordem” dos comunistas. Carol Foster, côsul-geral dos Estados Unidos em São Paulo, enviara um relatório político para o embaixador, Hugh Gibson. Nele, realizou uma longa descrição sobre as atividades subversivas na capital paulista. Relatou os conflitos ocorridos com forças policiais, com integralistas e com grupos de esquerda. Conquanto não tenha dado ênfase, em nenhum momento, às discussões raciais em curso no partido, Foster listou uma série de organizações signatárias de uma demonstração pública, de cunho antifascista, em resposta aos integralistas:

Student Committee for fighting Imperialist Wars, Reaction, and Fascism (Comité Estudantil de Lucta Contra as Guerras Imperialistas, a Reacção e o Fascismo)
League against Race and Religious Prejudice (Liga contra os Preconceitos de Raças e Religiões)
International Red Aid
(Socorro Vermelho Internacional)
Federation of Communist Youth
(Federação da Juventude Comunista).³⁷⁴

Foster caracterizou uma das organizações comunistas como obra, sobretudo, dos judeus, já que teriam sido responsáveis por “muitas contribuições para propaganda subversiva, clandestina, sendo um elemento de liderança na organização comunista chamada ‘Red Aid’ (Socorro Vermelho)”.³⁷⁵ Por fim, Foster dividiu dois grupos de comunistas: stalinistas e trotskistas. No relatório, consta pouca definição das atividades e do *modus operandi* dos trotskistas ao passo que os stalinistas, identificados como membros do PCB, mantinham uma estrutura organizativa mais bem-desenhada. No entanto, Foster contava 1.500 membros da fração stalinista e 2.000 da congênere trotskista. Relatou que, apesar do menor número e do paulatino enfraquecimento resultado da pressão policial, os comunistas brasileiros mantinham contato internacional com Bureau Político do Partido Comunista do Uruguai, em Montevideu, por meio do Comitê Central do PCB. Enquanto entre anarquistas e

³⁷⁴ Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 155.jpg.

³⁷⁵ Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 158.jpg. “Many contributions for subversive, clandestine, propaganda, being a leading element in a communist organization named ‘Red Aid’ (O Socorro Vermelho).”

trotskistas não havia menção quanto à organização interna, Foster listou as diversas comissões, organismos internos e a forma de organização do PCB:

A assim chamada propaganda comunista de Stalin está sob a direção da Confederação Geral do Trabalho do Brasil que adere à III Internacional e tem a seguinte organização: um comitê central – comitês regionais – comitês de zona e “células”. Lá correspondem com o Secretariado Geral do Comitê Central, as seguintes comissões: “Sindical”, “Técnica”, “Juvenil”, “Negros e Índios”, “Agitação e Propaganda”, “Imprensa”, “Mulher”, “Finanças”, “Organização”, “Socorro Vermelho”, “Idiomas” (pegar frases e slogans).³⁷⁶

Em data incerta, provavelmente em 1935, o Comitê Regional do Rio de Janeiro do Socorro Vermelho publicou a seguinte nota pública, em virtude do 13 de Maio, data de aniversário da promulgação da Lei Áurea. No documento, além da denúncia da comemoração da data como mais um falseamento da realidade histórica por parte da burguesia, os comunistas convidam os trabalhadores negros “às fileiras do Socorro Vermelho e, sob nossa bandeira fraterbal (sic), lutae pela liberdade de vossos irmãos de classe, os presos-políticos proletários!”.³⁷⁷

O ponto de chegada da pressão cominterniana e do resignado convencimento pecebista foi a I Conferência do PCB. A manchete do principal veículo do partido estampava no primeiro dia de agosto de 1934: “Manifesto da Primeira Conferencia Nacional do Partido Comunista do Brasil ao proletariado, à massa camponesa, aos soldados e marinheiros, as nacionalidades e minorias nacionaes escravizadas, a todo o povo oprimido e explorado do Brasil!”.³⁷⁸ A referência a negros, índios e nordestinos como nacionalidades e minorias nacionais impalpáveis tinha sido apenas a porta de entrada da questão negra entre os comunistas. Rapidamente o debate ganharia novos contornos.

³⁷⁶ Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 159.jpg. “The so-called Stalin communist propaganda is under the direction of the General Confederation of Labor of Brazil (Confederação Geral do Trabalho do Brasil) which adheres to the III International and has the following organization: a central committee – regional committees – zone committees and ‘cells’. There correspond with the General Secretariat of the Central Committee, the following commissions: ‘Syndicate’, ‘Technical’, ‘Juvenile’, ‘Negroes & Indians’, ‘Agitation and Propaganda’, ‘Press’, ‘Women’, ‘Finance’, ‘Organization’, ‘Red Aid’(Socorro Vermelho), ‘Idioms’ (catch phrases or slogans).”

³⁷⁷ RGASPI, F. 539, op. 003, d. 390 – ic-1263.pdf.

³⁷⁸ 1934-08-01 N-164.pdf – Classe Operária.

5 Rearranjos atlânticos: organizações negras no tempo das Frentes Populares

O enfrentamento da questão racial por meio da redefinição dos contornos da autodeterminação não foi aceito sem oposições entre os membros do Partido Comunista dos Estados Unidos e da Comintern. O desenho da linha central da Internacional Comunista articulou o combate ao racismo ao anti-imperialismo, vislumbrando o fracionamento das unidades territoriais das nações imperialistas. Assim, os separatismos irlandês,³⁷⁹ basco³⁸⁰ e na região da Alsácia e Lorena³⁸¹ viraram agenda. As colônias perfaziam, na prática, um outro aspecto do mesmo problema já que não se constituíam como território contingente das nações imperialistas.

O lado prático do enfrentamento da questão racial se materializava no cotidiano da militância e nos espaços de autonomia das seções nacionais da Comintern. A crise econômica de 1929 e a sucessão de eventos ligados ao recrudescimento da questão racial nos Estados Unidos impediram a resistência por parte da direção do CPUSA em relação às deliberações da IC. A centralidade da questão racial como agenda do Partido Comunista dos Estados Unidos da América, demarcada a partir de 1928 e consolidada pós-1930, enfrentou resistências internas. Tais oposições adquiriram, sobretudo, a forma da ortodoxia materialista que persistia, majoritariamente, na tese da resolução final dos conflitos de classe como solução adequada para o racismo.³⁸²

Este capítulo é, portanto, um exame da aplicação efetiva da política definida pela Comintern em relação à questão racial nos Estados Unidos durante a década de 1930. Tanto quanto no PCB, nos Estados Unidos o peso das diretrizes de Moscou pressionou os comunistas locais, tornando tensa a aplicação das novas diretrizes.

Dentre os militantes comunistas que encamparam a questão negra e influenciaram o CPUSA, é possível discernir duas posições em função de suas respectivas abrangências geográficas: 1) internacionalista, 2) regional. Um dos representantes dessa primeira corrente foi James Ford. Em correspondência de setembro de 1929, Ford comunicava ao então secretário-geral do CPUSA, William Z. Foster, que estava empenhado na construção do movimento internacional de negros. Enfatizava o caráter amplo do trabalho que

³⁷⁹ DEGRAS, Jane. **The Communist International, 1919-1943**. Londres/Nova York: Oxford University Press, 1964. v. 3. p. 228.

³⁸⁰ Ibidem, p. 387.

³⁸¹ Ibidem, p. 218.

³⁸² O caso do finlandês August Yokinén foi um dos mais relevantes casos de racismo entre membros do CPUSA.

desempenhava, àquela altura, frente ao Comitê Sindical Internacional de Trabalhadores Negros (International Trade Union Committee of Negro Workers – ITUCNW), vinculado à Internacional Sindical Vermelha. Seu plano era realizar uma Conferência Internacional de Trabalhadores Negros, que acabou ocorrendo em julho de 1930, em Hamburgo.³⁸³ O segundo grupo é mais bem-exemplificado pela atuação de Harry Haywood.³⁸⁴ Para este, a ênfase primordial no ataque ao racismo deveria se dar no Sul dos Estados Unidos, que se constituía como principal bastião do racismo e “chauvinismo branco”.³⁸⁵ Este grupo foi amparado pela burocracia cominterniana até meados da década de 1930. Apesar de todos os esforços empreendidos pelos dirigentes, a tese da autodeterminação defendida por Haywood não conseguiu seduzir a militância.³⁸⁶ Ao longo dessa década, a diretriz teria ainda mais dificuldades em razão da proposta integracionista da League of Struggle for Negro Rights (LSNR).³⁸⁷

5.1 A resposta antirracista global

O ITUCNW já tinha sido objeto de planejamento do próprio James Ford e surgiria dos amplos reordenamentos orquestrados pela Comintern em torno das organizações negras. O pan-africanismo evidente na proposta não deixa dúvidas quanto às influências externas da iniciativa. Os sujeitos identificados com o ITUCNW foram, precisamente, aqueles vinculados ao internacionalismo negro que abarcava afro-caribenhos, afro-americanos e africanos. O termo “cosmopolita” era enfrentado pelos comunistas de maneira vigorosa já que a autoimagem que faziam era de “internacionalistas”.³⁸⁸ Aos rigorosos olhos dos comunistas, a distinção era necessária para se distanciar da noção pequeno-burguesa que via a diluição

³⁸³ Carta de James Ford a Foster, “Profintern, sept. 24, 1929”. Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, James W. Ford Papers and Photographs, TAM. 588, caixa 1, pasta Biographical Clippings. Tamiment Library 2 557.jpg.

³⁸⁴ WEISS, 2013, p. 41.

³⁸⁵ Cf. HAYWOOD, 2012 (Kindle Edition), p. 2.233-2.542.

³⁸⁶ FONER; ALLEN, 1987, p. 203.

³⁸⁷ GILMORE, 2008, p. 101.

³⁸⁸ The First International Conference of Negro Workers, George Padmore, 23 set. 1930. Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, James W. Ford Papers and Photographs, TAM. 588, caixa 1, pasta Biographical Clippings. IMG_0103.jpg.

Dentre os objetivos do ITUCNW, George Padmore dizia ser “to develop the spirit of internationalism amongst the Negro toilers”.

relativa de fronteiras nacionais entre povos como condição suficiente para superação do imperialismo e das diversas formas de racismo vigentes no mundo capitalista.

A criação de organismos de frente baseados em temas que estraçalhavam fronteiras nacionais tornou os comunistas guardiões do “internacionalismo”, mesmo no período de vigência da tese do “socialismo num só país”. A fundação do ITUCNW se deu na esteira da Liga Anti-Imperialista,³⁸⁹ por isso obedeceu ao parâmetro fundamental das organizações fundadas sob a batuta de Willi Münzenberg: a política de frente. Mesmo a partir de 1928, quando se definiu a diretriz de classe contra classe, relegando a social-democracia à esfera de inimigo de classe, a Comintern definiu também a política de “frente única por baixo” quando, na prática, vetava alianças parlamentares com a social-democracia mas não prescindia de disputar sindicatos socialistas e participar de centrais sindicais mistas.

As diretrizes cominternianas do chamado período obreirista encontraram resistência numa cultura organizativa pautada no cotidiano dos militantes. Tamanho foi o efeito da resistência, que é possível identificar em seções da IC importantes espaços compartilhados entre socialistas e comunistas muito antes do VII Congresso da Comintern que estabeleceu uma estratégia de combate ao nazifascismo baseada num amplo arco de alianças.³⁹⁰

O exemplo estadunidense de enfrentamento ao racismo por parte dos comunistas é parte fundamental do argumento desenhado neste trabalho. O combate ao racismo, em suas variadas expressões, ocorreu ancorado numa política de frente, a despeito das diretivas gerais de Moscou para o Movimento Comunista. Emergiu do centro irradiador da “revolução mundial” uma contradição que permeou o combate ao racismo em todo o globo, em especial nos Estados Unidos e África do Sul. Se a revolução mundial, a partir de 1928, deveria ser levada a cabo sem aliança com socialistas/social-democratas e submetendo comunistas pequeno-burgueses a posições subalternizadas na hierarquia dos partidos, o combate ao racismo, por sua vez, já não se deu de maneira análoga. Para tornar a contradição ainda mais eloquente: para os comunistas de Moscou, o combate ao racismo era uma condição fundamental para consecução de qualquer empreendimento revolucionário nos Estados Unidos. Portanto, na teoria ambos os objetivos andavam de mãos dadas.

³⁸⁹ A Liga Anti-Imperialista (LAI) foi capaz de construir canais de comunicação com militantes comunistas na África, Europa e Américas. A LAI terminou se estruturando como uma alternativa pan-africanista à esquerda daquelas estruturas já baseadas nas fórmulas de W. E. B. Du Bois e Marcus Garvey.

³⁹⁰ MANLEY, John. Moscow Rules? ‘Red’ Unionism and ‘Class Against Class’ in Britain, Canada, and the United States, 1928-1935. *Labour/Le Travail*, Toronto, v. 56, p. 41, outono 2005; JOHNS, Sheridan. **Raising the Red Flag: The International Socialist League and the Communist Party of South Africa, 1914-1932**. Bellville: University of the Western Cape, 1995. (History and Literature Series). p. 137-143; DEGRAS, 1959, p. 461.

A explicação para a característica frentista do ataque à questão do racismo se encontra no mesmo traço que notabilizou o enfrentamento ao imperialismo, cujo principal artífice foi Willi Münzenberg. A estratégia geral de enfrentamento ao imperialismo jamais poderia prescindir da participação de setores progressistas, e isso se evidenciou na prática de organizações que funcionaram a despeito do CPUSA, como, por exemplo, a League of Struggle for Negro Rights (LSNR).

O VI Congresso da IC, tido como o mais sectário, avalizou, dentre todas as diretrizes sectárias que impôs às seções da Comintern, a composição de “Frentes Únicas por baixo”,³⁹¹ como já explicitado. Em oposição às frentes de cunho eleitoral forjadas com setores progressistas, firmadas a partir direções partidárias de 1928 em diante, as composições frentistas obedeceriam o critério de composição nas bases. Em razão disso, a Profintern ganharia um destaque ainda maior já que passaria a mobilizar seus recursos para disputar trabalhadores de outras internacionais sindicais. Ao mesmo tempo, cerrariam fileiras em torno de pautas unificadas, como, por exemplo, a integração racial como tática para a forja de uma classe trabalhadora unificada. Por isso, uma dessas pautas era a consolidação de sindicatos integracionistas, de negros e brancos.

A ideia de integração e de vitória do anti-imperialismo está exposta em sua máxima expressão numa fórmula de Lamine Senghor. Durante o Congresso da Liga Anti-Imperialista de 1927, em Bruxelas, ele propunha “uma aliança fraterna de países livres”, que corroborava com a planejamento leniniano de formação de uma nova comunidade internacional baseada em governos da classe trabalhadora.³⁹²

A Liga Contra o Imperialismo (doravante Liga Anti-Imperialista – LAI) foi responsável por centralizar parte significativa do debate acerca do enfrentamento do imperialismo entre comunistas. A LAI foi um dos braços do Auxílio Internacional dos Trabalhadores (AIT), este idealizado para a ajuda aos soviéticos decorrente da grande fome no entorno do rio Volga em 1921. Desde então,

Belim foi o centro operacional de Münzenberg, onde muitas das atividades instigadas e dirigidas por ele funcionaram como um *hub* para uma variedade de movimentos oficial ou não oficialmente conectados ao Auxílio Internacional dos

³⁹¹ D’AMATO, Paul. **Understanding the united front**. 13 ago. 2013. Disponível em: <<http://socialistworker.org/2013/08/13/understanding-the-united-front>>. Acesso em: 29 out. 2014; KUHN, Rick. Revolutionary strategy and the united front. **Marxist Left Review**, n. 3, primavera 2011. Disponível em: <<http://marxistleftreview.org/index.php/autumn-2011/67-revolutionary-strategy-and-the-united-front>>. Acesso em: 29 out. 2014.

³⁹² SENGHOR apud GENOVA, James Eskridge. **Colonial Ambivalence, Cultural Authenticity, and the Limitations of Mimicry in French-ruled west Africa**. Nova York: Peter Lang, 2004. p. 75. “a fraternal alliance of free countries”.

Trabalhadores (Liga Anti-Imperialista, os Amigos da União Soviética, publicações, distribuição de filme etc).³⁹³

A despeito da centralização inicial, a LAI adquiriria alguma independência a partir do Congresso de Bruxelas. Münzenberg foi, ele próprio, um dos entusiastas do desacoplamento da LAI do Auxílio Internacional dos Trabalhadores. O que teria obrigado a LAI a reordenar seu financiamento por fora da AIT não se consumou em razão de interferência do Comitê Executivo da Internacional Comunista, que passou a apoiar a abertura de seções nacionais nos países além de vincular a rede de “Amigos da Nova Rússia” (na prática a Amigos da União Soviética).³⁹⁴

Foi nesse âmbito que comunistas negros se engajaram na organização de ferramentas transnacionais de enfrentamento ao racismo. Um exemplo da maneira como funcionava a inter-relação entre as diversas organizações ligadas aos comunistas está na atuação de James Ford. Um dos protagonistas do ITUCNW,

Ford recebeu um novo chamado do Secretariado Internacional no final de julho de 1931. Dessa vez a LAI queria que ele se preparasse para ir a Viena como representante da Liga para falar sobre a questão colonial na conferência organizada pelo braço austríaco dos Amigos da União Soviética (AUS). Ford não quis ir – ele tinha sido criticado por Padmore que sua viagem anterior a Genebra o havia levado longe demais de Hamburgo e de seu trabalho entre marinheiros africanos – mas a LAI anulou seu pedido. A viagem de Ford para a Áustria terminou num fiasco total. Em sua primeira parada em Leoben, ele participou de um encontro da AUS em julho de 1931, entregando um relatório da parte do Secretariado Internacional dos Amigos da União Soviética e da Liga Anti-Imperialista a respeito do tópico dos preparativos para guerra contra a URSS, as condições das colônias e o papel da Social Democracia. No dia seguinte ele foi a uma manifestação contra a guerra em Graz. Ele mal tinha começado sua fala quando a polícia o prendeu. Depois de ter sido posto sob custódia por dois dias, as autoridades austríacas o soltaram. Ford retornou via Berlim para Hamburgo.³⁹⁵

³⁹³ PETERSSON, 2007, p. 9. “Berlin was Münzenberg’s main operative centre, where several of the activities instigated and managed through his hands functioned as a geographical hub for a variety of movements either officially or unofficially connected to the WIR (League against Imperialism, the Friends of Soviet Union, publishing, movie distribution etc.).”

³⁹⁴ PETERSSON, Fredrik. **“We Are Neither Visionaries Nor Utopian Dreamers”**: Willi Münzenberg, the League against Imperialism, and the Comintern, 1925 – 1933. 2013. Tese (Doutorado em História Geral)–Abo Akademi, Turku, 2013. p. 215-216.

³⁹⁵ “Ford received a new call by the International Secretariat at the end of July 1931. This time the LAI headquarters wanted him to prepare to go to Vienna as its representative to speak on the Colonial Question at a conference arranged by the Austrian branch of the Friends of the Soviet Union (FSU). Ford did not want to go – he had been criticized by Padmore that already his previous trip to Geneva had taken him too long away from Hamburg and his work among the African seamen – but the LAI overruled his request. Ford’s trip to Austria ended in a total fiasco. At his first stop at Leoben he participated at a meeting of the FSU on July 31, delivering a report in the name of the International Secretariat of the Friends of the Soviet Union and the League Against Imperialism on the topic of the war preparations against the USSR, the conditions in the colonies and the role of the Social Democracy. On the next day he attended an anti-war demonstration at Graz. He had barely started his speech when the police arrested him. After being held in custody for two days, the Austrian authorities expelled him. Ford returned via Berlin to Hamburg.” WEISS, Holger. **The Hamburg Committee, Moscow and the Making of a Radical African Atlantic, 1930-1933, Part Three**: The LAI and the ITUCNW. Comintern Working Papers – CoWoPa 21, 2010. p. 9-10.

A LAI acabou assumindo responsabilidades nem sempre concernentes diretamente ao enfrentamento do imperialismo. Aproveitando-se da imagem de independência, no início da década de 1930, a LAI começava a facilitar a entrada do Socorro Vermelho em lugares como Indonésia, África do Sul, Índia e América Latina. Em outubro de 1931, em Berlim, Luís Carlos Prestes participaria de um encontro da LAI, juntamente com George Padmore para discutir a montagem de uma “conferência internacional das nações oprimidas e minorias nacionais”.³⁹⁶ A conferência, no entanto, jamais aconteceu.

Na esteira das organizações de frente, o ITUCNW foi criado a partir do modelo do Pan-Pacific Trade Union Secretariat (PPTUS). Fundado em 1927 por militantes de Estados Unidos, China, Japão, França e Inglaterra, dentre os objetivos do PPTUS estavam: 1) construir pontes entre os trabalhadores do Oriente e do Ocidente; 2) defender a União Soviética; 3) apoiar a revolução chinesa e outros movimentos de libertação nacional na região; e 4) superar preconceitos raciais e de caráter nacionais.³⁹⁷

A formação de quadros negros, atrelada às diretrizes da autodeterminação, foi central para o prolongamento da inserção dos comunistas nas pautas negras e anticoloniais. Em finais abril de 1928, o CPUSA, em documento intitulado “Policies on work among the [Negros]”, avaliava que:

1. [...] não tinha compreendido o significado do trabalho entre negros. O Comitê Executivo Central (CEC) o considera necessário para educar toda a militância do Partido sobre assuntos do trabalho negro. O trabalho entre negros deveria ser considerado não como um trabalho especial dos camarada negros, mas como uma das ATIVIDADES REVOLUCIONÁRIAS BÁSICAS DE TODO COMUNISTA, DE TODO O PARTIDO.
 2. No espírito de todas as decisões da Comintern, a PRINCIPAL LINHA DO PARTIDO é:
 - a. A questão é uma QUESTÃO RACIAL e é uma atividade do Partido Comunista lutar pelos negros como uma raça oprimida.
 - b. É um dever especial do Partido Comunista ser o defensor e organizador dos ELEMENTOS DA CLASSE OPERÁRIA NEGRA como líder do movimento da raça negra como parte do proletariado americano na luta de classe contra o capitalismo.

O CEC expressa seu desacordo com todos aqueles camaradas negros e brancos que propõem minimizar seja a etapa racial seja a etapa classista do nosso trabalho com os negros.

[...]
 5. [...] ao mesmo tempo o CEC coloca a principal ênfase no trabalho de formação de QUADROS PARTIDÁRIOS.
- Texto majoritário: A principal necessidade do nosso trabalho atual entre negros é desenvolver quadros suficientes do Partido Comunista e a utilização total dos camaradas negros.³⁹⁸

³⁹⁶ PETERSSON, 2013, p. 447. A presença de Prestes em tal evento foi confirmada pela inteligência americana. Murphy Collection, caixa 201. National Archives, Estados Unidos, 148.jpg.

³⁹⁷ BOZINOVSKI, 2008, p. 50-56.

³⁹⁸ “1. The CEC [Central Executive Committee] states that the Party as whole has not sufficiently realised the significance of work among the Negroes. The CEC considers it necessary to educate the whole Party membership on the issues of the Negro work. The work among the Negroes should be considered not as a special

A avaliação da direção partidária reproduzia as leituras cominternianas acerca da participação de negros nas esferas decisórias do partido. Em 1930, mais uma vez, o tema retornaria à pauta quando se discutiu o treinamento de instrutores cujos trabalhos estariam circunscritos às chamadas colônias negras, o que os incumbiria de realizar cursos na África e nas Américas, sobretudo Central, do Sul e no Caribe. O Bureau Negro da CEIC, cujos participantes estavam também associados aos diversos organismos negros, encaminhou um documento com propostas para seu comitê político no qual acusava a necessidade imediata de “enviar instrutores para as colônias negras, concentrando inicialmente naquelas colônias onde exista movimentos independentes de trabalhadores, organizações revolucionárias nacionalistas, ou naquelas onde ocorreram grandes revoltas recentemente”. Propunham, igualmente, um curso permanente para o treinamento desses instrutores.

1. Um curso permanente deveria ser organizado em Moscou na Escola Leninista para o treinamento de instrutores para as colônias negras.
2. Os estudantes para esse curso deveriam incluir ambos os camaradas brancos e negros a serem selecionados entre os contingentes para a KUTV e a Escola Leninista.

Nessa conexão nós propomos que os Partidos Comunistas de países metropolitanos tendo populações negras, Grã-Bretanha, França, Bélgica e países americanos com grandes populações negras, Estados Unidos, Brasil, Panamá, Cuba, etc., deveriam

task of the Negro comrades, but as one of the BASIC REVOLUTIONARY TASKS OF EVERY COMMUNIST, OF THE WHOLE PARTY.

Negro comrade should participate not in Negro work but much more than before in general party work, and the most advanced and capable of these should be drawn into leading and responsible Party work.

2. In the spirit of all Comintern decisions the MAIN LINE OF THE PARTY is:

a. The Negro question is a RACE QUESTION and it is the task of the Communist Party to fight for the Negroes as an oppressed race.

b. It is a special duty of the Communist Party to be the champion and organiser of the NEGRO WORKING CLASS ELEMENTS both as leader of the Negro race movement and as part of the American proletariat in the class struggle against capitalism.

The CEC states its disagreement with all those Negro and white comrades who propose to under emphasise wither [sic] the race or the working class phase of our Negro work.

5. [...] at the same time the CEC lays the main emphasis upon the formation of PARTY CADRES.

Majority text: The greatest need of our present work among the Negroes is the development of sufficient Communist Party cadres and full utilisation of the Negro comrades.” [Formação de quadros, organização de trabalhadores negros nos sindicatos, organização de Congresso Negro na forma de “United Front”, estabelecimento de uma série de organizações, American Negro Labour Congress, The Negro Miners’ Relief Committee, Harlem Tenants League, Negro Youth etc., mais espaço para negros na Workers’ School e National Party School, bem como na Far Eastern University]. Grifos nossos. “Policies on wor among the [ilegível]”, documento da direção do Communist Party of the United States com diretrizes para o trabalho entre negros, 26 maio 1928. Tamiment Library 3 117-120.jpg. Communist Party of the United States of America Records, Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, TAM. 132, caixa 259, pasta 27, Negro Issues: Reports, Statement.

Nota sobre a tradução: A palavra “wither” – localizada uma linha antes do item 5 – foi sublinhada na citação, porque se supõe fruto de um erro de digitação, comuns aos documentos da Comintern e dos Partidos Comunistas em geral. Entende-se que a ideia subjacente ao texto e ao fragmento em questão estaria contemplada pela palavra “whether” e, por isso, a tradução no corpo do texto acompanha esta perspectiva. O trecho problematiza críticas provenientes tanto de comunistas que viam na ênfase analítica da questão racial um abandono de premissas essenciais do marxismo-leninismo, como de comunistas que ancoravam suas respectivas análises da realidade às ênfases sobre raça. Numa tentativa de neutralizar supostos exageros críticos de ambos os lados, o CEC formulou essa passagem.

ser instruídos de uma vez a mandar estudantes negros tanto para a KUTV quanto para a Escola Leninista. a) A Escola Leninista: que os camaradas negros sejam incluídos em todos os contingentes desses respectivos países. b) KUTV, que os números seguintes sejam enviados pelos respectivos partidos: Grã-Bretanha – 10; França – 15; Bélgica – 5; Estados Unidos – 30; Brasil – 5; Panamá – 2; Cuba – 3; total – 70.³⁹⁹

Tendo caráter provisório e um apoio relativamente tímido dos dirigentes do movimento comunista internacional, os militantes do ITUCNW planejaram uma Conferência Mundial de trabalhadores negros no rastro do que já se havia pensado em meados da década de 1920 por outros organismos vinculados à Comintern. A I Conferência Internacional dos Trabalhadores Negros ocorreu em Hamburgo em julho de 1930, sobretudo por causa das redes de contato com os trabalhadores de portos e marinheiros provenientes das Américas e da África.⁴⁰⁰ Hamburgo terminou sediando o evento tanto porque não foi possível ser realizado na Inglaterra quanto porque era intensa, no porto da cidade alemã, a atividade da International Union of Seamen and Harbor (ISH), ligada à Profintern. Capitaneado pelo ITUCNW, a avaliação dos organizadores era de que o evento teria sido um sucesso, ainda que o ITUCNW, àquela altura, ainda não tivesse *status* de organização permanente.

George Padmore foi um dos líderes da organização. Entre outubro e novembro de 1931, ele publicou um panfleto chamado “What is the International Trade Union of Negro Workers?”. Nesse texto Padmore descreveu como a Conferência de fundação do ITUCNW teve que ser removida de Londres e encampada em Hamburgo. Padmore contou a história da organização do evento, lembrando a importância dos comunistas alemães e dos trabalhadores das docas para seu sucesso, atribuindo-lhes a responsabilidade e o êxito na proteção dos delegados que foram a Hamburgo. O evento estava na esteira de resoluções da Profintern desde 1928 em consonância com a Comintern, que tornava obrigação das seções partidárias

³⁹⁹ RGASPI, f. 495, op. 155, d. 86, list. 4-5, 20 mai 1930. “Sending instructors to the Negro colonies, concentrating first of all upon those colonies where there exist independent labour movements, revolutionary nationalist organisations, or in which big revolts have taken place recently [...]

A PERMANENT COURSE FOR THE TRAINING OF INSTRUCTORS

1. A permanent course should be organised in Moscow under the Lenin School for the training of instructors for the Negro colonies.

2. The students for this course should include both white and Negro comrades to be selected from among the contingents for both KUTV and the Lenin School.

In this connection we propose that Communist Parties of the metropolitan countries having Negro populations, Great Britain, France, Belgium and American countries with large Negro population, United States, Brazil, Panama, Cuba, etc., should be instructed at once to send Negro students both to KUTV and the Lenin School. a) The Lenin School: the Negro comrades be included in all contingents from these respective countries. b) KUTV, that the following numbers be sent by the respective Parties; Great Britain – 10; France – 15; Belgium – 5; United States – 30, Brazil – 5, Panama – 2, Cuba – 3, total – 70.”

⁴⁰⁰ CAMPBELL, Susan. An Introduction. In: *The Negro Worker: A Comintern Publication of 1928-37*. Marxists Internet Archive. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/negro-worker/>>. Acesso em: 1º nov. 2014.

nacionais o esforço sindical entre trabalhadores negros do campo e da cidade em todos os países com populações negras tais como Brasil, Colômbia, Venezuela e Índias Ocidentais.⁴⁰¹

Ainda de acordo com Padmore, dentre esses delegados, incluíam-se camponeses e trabalhadores urbanos representantes dos “Estados Unidos, das Índias Ocidentais [britânicas], Serra Leoa, Gâmbia, Costa do Ouro [atual Gana], Nigéria, Congo Francês, Quênia, Haiti, África do Sul, Brasil, Cuba, Panamá e outros países”.⁴⁰² A informação acerca dos delegados conflita com a ata do próprio evento já que nela não consta a presença de delegado brasileiro, tampouco de delegados panamenhos, cubanos ou, ainda, do Congo Francês.⁴⁰³ A ausência indica a preponderância anglófona na organização e, principalmente, a prevalência estadunidense na direção do ITUCNW.

Esse balanço nas relações de poder da organização, estudadas sob o aspecto linguístico, pode ser cotejado com análises das reuniões do tempo em que o ITUCNW era uma organização provisória (antes de julho de 1930). Em reunião datada de 19 de setembro de 1929, os presentes eram: “Ford, Rubinstein, Wilson, Eidus, Mais, Slavin, Bennet, Levin, Haywood, Idelson, Ballam, Achkanov, Minkina”. Àquela época a organização se chamava Negro Workers’ Trade Union Committee. O camarada Slavin, a certa altura, reportou um encontro com marinheiros em Vladivostok.

A Conferência que nós organizamos com os quinze marinheiros negros que achamos em Vladivostok foi de caráter puramente informativo. Originários principalmente das colônias britânicas, esses marinheiros negros compunham um grupo muito retrógrado. Muitos deles olhavam Harvey [Garvey] como um Lênin negro.

Eles estavam interessados na vida na URSS. O camarada Browder explicou o significado do Harveísmo [Garveísmo] e lhes falou sobre o Negro Workers’ Trade Union Committee, seus alvos e objetivos. Durante a discussão os camaradas enfatizaram que as atividades até agora têm sido desorganizadas, que os marinheiros

⁴⁰¹ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 53, list. 2. Ford 21 ago. 1928, “The resolution of the 4th Congress of the RILU following the decisions of the 9th Plenum of the ECCI must become the special work and task in reference to trade union work among Negro industrial and agricultural workers of the world (including Negroes in Brazil, Columbia, Venezuela and West Indies) of all the parties concerned.” A razão do comunicado é a organização do Congresso Negro, previsto para 1929 e que só viria a acontecer em Hamburgo em julho de 1930 (CAMPBELL, [s.d.], acesso em 3 set. 2014). O Bureau Negro ligado à Profintern estava à frente da organização e insistia que “finalmente deverá ocorrer a maior cooperação de todos os partidos com o Comitê Sindical Internacional de Trabalhadores Negros recentemente organizado pelo Bureau Executivo da SVI” (“finally there must be the greatest cooperation of all the Parties with the International Trade Union Committee of Negro Workers recently organized by the Executive Bureau of the RILU”).

⁴⁰² Biblioteca de Nova York 2 011-012.jpg. Schomburg Center, Nova York, Research Call Number: Sc Micro F-946. PADMORE, George. **What Is the International Trade Union Committee of Negro Workers?** Hamburgo: International Trade Union Committee of Negro Workers, [193-?]. p. 4-5. “Because of the terror of the Labour Government, the conference had to be transferred to Hamburg. Thanks to the active assistance and protection which the delegates representing millions of Negro workers and peasants in the United States, the West Indies, Sierra Leone, Gambia Gold Coast, Nigeria, French Congo, Kenya, Haiti, South Africa, Brazil, Cuba, Panama, and other countries received from the German communists and revolutionary seamen and dockers who defended the Negroes from the police, the conference was a great success.”

⁴⁰³ A REPORT of Proceedings and Decisions of the First International Conference of Negro Workers. In: PADMORE, George. **What Is the International Trade Union Committee of Negro Workers?** Hamburgo: International Trade Union Committee of Negro Workers, [193-?].

negros precisam se organizar e que um contato mais próximo deve ser estabelecido entre o Negro Workers' Trade Union Committee e o Comitê de Propaganda Internacional (IPC) dos Trabalhadores de Transporte.⁴⁰⁴

O informe foi seguido das deliberações:

- a) Organizar atividades entre marinheiros negros em portos europeus, mantendo contato com o Comitê de Propaganda Internacional (IPC) dos Trabalhadores de Transporte.
- b) Organizar atividades especiais entre marinheiros negros e clubes internacionais.
- c) Levantar a questão no Bureau Executivo de ter a Unity League (TUEL) aumentando suas atividades entre os marinheiros negros nas Américas do Norte e do Sul.⁴⁰⁵

Ainda que visasse a um arco global, o ITUCNW acabava voltando aos Estados Unidos expandindo-se, quando muito, ao mundo anglófono.

Seu programa continha 18 pontos e foi publicado em janeiro de 1930 no periódico "The Communist", do CPUSA. Os nove primeiros pontos guardavam estreita relação com o trabalhador urbano. Requeria salário igual para trabalho igual, em referência aos trabalhadores brancos. Para tanto, esboçava uma comparação entre os trabalhadores negros de diferentes países (Cuba, Antilhas, África do Sul e Estados Unidos) e seus respectivos compatriotas brancos para demonstrar a disparidade na remuneração. O segundo ponto era pela regulamentação de oito horas por dia de jornada de trabalho, reduzindo das 12 e 16 horas empenhadas em média pelos trabalhadores negros, de acordo com os estudos do próprio ITUCNW. Este segundo ponto dialogava com três outros que atacavam o trabalho forçado, a legislação do trabalho (seguro em relação a acidentes de trabalho) e a proteção a mulheres (licença-maternidade com salários e direitos garantidos) e jovens. Um outro conjunto de pontos se destacou no âmbito da organização sindical: liberdade sindical, contra colaboração de classe, quebra de barreiras raciais nos sindicatos e, por fim, organização de sindicatos negros quando não fosse possível a integração com brancos. Outros pontos centrais flutuavam no leque programático pendendo para a inclusão de direitos civis para os negros requerendo o fim do terrorismo branco, moradia e condições sociais adequadas de vida, educação universal

⁴⁰⁴ "MINUTES No. 3 of the meeting of the INTUC (sic) of the RILU", 22 dez. 1928. Tamiment Library 3 149-150.jpg. Communist Party of the United States of America Records[nome do acervo], Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, TAM. 132, caixa 259, pasta 27, Negro Issues: Reports, Statement.

"The Conference we arranged with the fifteen Negro seamen we found in Vladivostok was of a purely informational character. Coming mostly from the British colonies these Negro Seamen comprised a very backward group. Many of them look on Harvey [provavelmente Garvey] as a Negro Lenin. They were interested in life in the USSR. Comrade Browder explained the meaning of Harvey-ism and told them also about the Negro workers' Trade Union Committee and its aims and objects. During the discussion the comrades stressed that activities so far had been unsystematic, that Negro seamen must be organised and that close contact be set up between the Negro Workers TU Committee and the Transport Workers' IPC."

⁴⁰⁵ "a) To organise activities among Negro Seamen in European ports, having got in touch with the transport workers' IPC.

b) To organise special activities among Negro Seamen in the International clubs.

c) To bring up the question in the Executive bureau of having the Unity League (TUEL) increase its activities among the Negro Seamen in North and South America."

e, finalmente, o fim de barreiras raciais e sistemas de castas baseados em parâmetros raciais onde quer que existissem. Os pontos 12 e 13 enfatizavam o campesinato negro e eram os únicos a fazê-lo explicitamente. Por fim, o tema da autodeterminação, a luta contra influência burguesa e pequeno-burguesa nas organizações negras e o perigo da guerra também se constituíam como centrais no programa do ITUCNW.⁴⁰⁶

Como praxe entre os comunistas, a consolidação do ITUCNW se materializou com um veículo de comunicação. Primeiro chamado de “The Negro Worker”, circulou entre 1928 e 1931. De janeiro a fevereiro de 1931, foi publicado sob o nome de “The International Negro Workers’ Review”, para depois, em março do mesmo ano, ser rebatizado de “The Negro Worker”. O periódico durou até 1937;⁴⁰⁷ na prática, durou mais que a própria organização que o fundou. Minado pelas disputas internas do próprio movimento negro e anti-imperialista, o ITUCNW sucumbiu às defecções que seguiram o rumo do pan-africanismo, como foi o caso de George Padmore. A mudança de nome do período obedeceu ao critério da facilidade de penetração entre os trabalhadores já que, quanto mais curto o nome, melhor. Ou ao menos assim pensavam os editores. Notadamente, os alvos principais do ITUCNW eram os marinheiros e trabalhadores portuários.

Até 1930, o material produzido pelo periódico provinha de Moscou. Na prática, isso significava que os textos eram editados em Moscou e as temáticas escolhidas vinham de lá também. Por algum tempo, os membros do Bureau Negro da Profintern avalizavam e materializavam as diretivas cominternianas.⁴⁰⁸ A ascensão de George Padmore, entre 1929 e 1933, na hierarquia da Internacional Comunista, e seu cargo de editor do “The Negro Worker”⁴⁰⁹ espelhavam isso, contribuindo para que aspectos comuns do racismo, enfrentados por negros em todo o globo, fossem abordados no periódico. Ao menos, a este propósito se propunha Padmore e seus companheiros. O objetivo subjacente e onipresente da publicação era exportar uma visão da União Soviética como uma sociedade não racial.⁴¹⁰ Enquanto Padmore foi editor do jornal, seu objetivo foi muito claro no editorial.

É nosso objetivo discutir e analisar os problemas cotidianos dos trabalhadores negros e conectá-los às lutas internacionais e aos problemas dos trabalhadores. É portanto necessário que recebamos a total cooperação dos trabalhadores negros. Isso significa que artigos, cartas, pontos de vista e fotos de suas vidas cotidianas devem

⁴⁰⁶ A TRADE Union Program Of Action For Negro Workers. **The Communist**, [Nova York], p. 42-7, jan. 1930. Tamiment Library 5 256-261.jpg. Mark Solomon and Robert Kaufman Research Files on African Americans and Communism, Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, TAM. 218, caixa 2.

⁴⁰⁷ CAMPBELL, [s.d.], acesso em: 2 nov. 2014.

⁴⁰⁸ WEISS, 2013, p. 556.

⁴⁰⁹ Editor de 1931 a 1933. VAN ENCKEVORT, 2000, p. 105.

⁴¹⁰ ROMAN, Meredith L. **Opposing Jim Crow: African Americans and the Soviet indictment of U.S. racism, 1928-1937**. Lincoln: University of Nebraska, 2012. p. 130.

ser enviados para nós. É apenas dessa maneira que poderemos construir um jornal popular tão necessário, abordando os amplos problemas internacionais dos trabalhadores negros. É necessário que recebamos notícias prontamente – ao momento que qualquer coisa aconteça a notícia nos deve ser enviada – porque os opressores e exploradores fazem qualquer coisa em suas forças para suprimir cada pouca notícia que tenda a aumentar a consciência de classe e a iniciativa de classe dos trabalhadores negros.⁴¹¹

Do ponto de vista programático, o “The Negro Worker”, ainda sob o nome de “The International Negro Workers’ Review”, pretendia:

- a) ajudar a construir contatos sólidos com sindicatos e organizações da classe operária entre trabalhadores negros, a fortalecer esses contatos e a apoiar o estabelecimento de organizações sindicais revolucionárias de trabalhadores industriais e da agricultura;
- b) ajudar a estimular a consciência de classe dos trabalhadores negros auxiliando na educação internacional sobre questões sindicais e de trabalho;
- c) aumentar a perspectiva internacional dos trabalhadores negros ao, por um lado, trazer-lhes informação sobre as lutas e problemas do movimento revolucionário internacional dos trabalhadores – do movimento colonial, do movimento em países capitalistas e da exitosa construção do socialismo na União Soviética; e por outro lado, ao iluminá-los contra os princípios reacionários da burguesia negra nacionalista tal qual o garveísmo e o sindicalismo reformista, a exemplo de Kadalie da África do Sul e Randolph dos Estados Unidos, assim como a Internacional de Amsterdã e o Escritório Internacional do Trabalho;
- d) expor os preparativos para uma nova guerra imperialista especialmente desenhada contra a União Soviética.⁴¹²

Em 1931, o ITUCNW alegava ter crescido num ritmo notável e obtido simpatizantes e apoiadores na “África inglesa, francesa, belga, portuguesa, Libéria, Haiti, as Índias Ocidentais britânicas, Guiana Britânica, América do Sul e Central e os Estados Unidos”.⁴¹³

⁴¹¹ “It is our aim to discuss and analyze the day to day problems of the Negro toilers and connect these up with the international struggles and problems of the workers. It is therefore necessary that we receive the fullest cooperation of Negro workers. This means that articles, letters, points of view and pictures of your daily life must be sent in to us. It is only in this way that we can build a much needed popular journal, taking up the broad international problems of Negro workers. It is necessary that we receive news promptly – the moment anything happens it must be sent in to us – because the oppressors and exploiters do everything in their power to suppress every bit of news that tends to raise the class consciousness and the class initiative of Negro workers.” THE INTERNATIONAL Negro Workers’ Review, v. 1, n. 1, jan. 1931.

⁴¹² “a) to help build up strong contacts with the trade union and working class organizations of Negro workers, to strengthen these contacts and to support the establishment of revolutionary trade union organizations of industrial and agricultural workers;

b) to help stimulate the class consciousness of Negro workers by helping in International education on trade union and labour questions;

c) to raise the international outlook of the Negro workers by on the one hand bringing to them information of the struggles and problems of the international revolutionary labour movement – of the colonial movement, of the movement in the capitalist countries and of the successful building of socialism in the Soviet Union; and on the other hand by enlightening them against the reactionary principles of Negro bourgeois nationalism such as Garveyism, and trade union reformism like that of Kadalie of South Africa and Randolph of the USA, as well as that of the Amsterdam International and the International Labour Office;

d) to expose the preparations for a new imperialist war especially designed against the Soviet Union.” THE INTERNATIONAL..., 1931.

⁴¹³ WHAT is the International Trade Union Committee of Negro Workers. **The International Negro Workers’ Review**, Hamburgo, v. 1, n. 1, p. 45, jan. 1931. Tamiment Library 5 247.jpg. Mark Solomon and Robert Kaufman Research Files on African Americans and Communism, Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, TAM. 218, caixa 2.

A correspondência de Padmore indica que o “Negro Worker” também teve ampla circulação em todos os Estados Unidos. Nos primeiros seis meses de 1932, Padmore esteve em contato com distribuidores em Nova York, Chicago, São Francisco, Seattle, Buffalo, Pittsburgh, Cleveland, Chattanooga, New Orleans, Kansas City, Milwaukee, e Michigan. Padmore se surpreendera pela demanda americana pelo “Negro Worker”, escrevendo ao escritório dos Amigos da União Soviética em Nova York: “É surpreendente saber o número de trabalhadores que já nos escreveu dos Estados Unidos. O que os atrai são as notícias que trazemos sobre a África e outras colônias. Eles têm um tremendo interesse na África. Talvez porque Garvey prometeu levá-los até lá.”⁴¹⁴

George Padmore continuaria na edição do órgão oficial do ITUCNW até 1933, quando pediu demissão da editoria do “The Negro Worker”.⁴¹⁵ Em junho de 1934, sua expulsão da IC seria comunicada nesse mesmo periódico. Inicialmente, sua saída da edição se dera em razão de problemas financeiros para manutenção do periódico, associados ao elevado custo que lhe foi imposto desde a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha daquele mesmo ano.⁴¹⁶ A base do ITUCNW teve que ser, supostamente, redirecionada para Copenhague,⁴¹⁷ na Dinamarca. Ademais, em 1934, quando se desenhava de maneira nítida a experiência das frentes populares, aproximando geopoliticamente Inglaterra e França da União Soviética, George Padmore passou a acusar a Comintern de traição contra os povos coloniais.⁴¹⁸

Sabe-se que George Padmore foi uma das vozes mais ressonantes na construção do pan-africanismo a partir de meados da década de 1930. De um atento militante da esquerda comunista soviética, Padmore rompeu em 1934 e partiu para a organização do movimento pan-africanista. Sua perspectiva motriz estava no solapamento do imperialismo e da hegemonia europeia na África. Em sua opinião, ali restava o pecado original que teria submetido os negros à condição subalternizada. Solucionar o problema estava no centro da sua militância e foi tangencialmente acompanhado, de mais de uma maneira, pelos soviéticos.

⁴¹⁴ “Padmore’s correspondence indicates that Negro Worker also had a wide circulation throughout the United States. In the first six months of 1932, Padmore was in touch with distributors in New York, Chicago, San Francisco, Seattle, Buffalo, Pittsburgh, Cleveland, Chattanooga, New Orleans, Kansas City, Milwaukee, and Michigan. Padmore himself was startled by the American demand for Negro Worker, writing to the Friends of the Soviet Union (FSU) office in New York: “It is surprising to know the number of workers who have already written us from America. What attracts them is the news we carry about Africa and the other colonies. They have a tremendous interest in Africa. Perhaps because Garvey had promised to take them there.” Padmore to FSU, 26 February 1932, RGASPI 534/3/754. MUKHERJI, Ani. **The Anticolonial Imagination: The Exilic Productions of American Radicalism in Interwar Moscow**. 2011. Tese. (PhD)–Brown University, Providence, 2011. p. 133.

⁴¹⁵ VAN ENCKEVORT, 2000, p. 111-113; CAMPBELL, [s.d.].

⁴¹⁶ Cf. CAMPBELL, Susan. “Black Bolsheviks” and recognition of African-America’s right to self-determination by the Communist Party USA Science & Society. **Science and Society**, New York, v. 58, n. 4, p. 7, inverno 1994.

⁴¹⁷ Van Enckevort sugere que, na verdade, o periódico fora editado em Paris e que Copenhague teria surgido apenas como forma de despistar a polícia. VAN ENCKEVORT, 2000, p. 111.

⁴¹⁸ CAMPBELL, [s.d.].

Suas divergências com os comunistas não o impediram de eleger a sociedade soviética como modelo racial em seus empreendimentos pan-africanistas.

A preponderância historiográfica nos exemplos organizativos de origem afro-anglo-saxã não podem permitir uma compreensão isolada do enfrentamento ao racismo. O melhor exemplo de um organismo análogo ao ITUCNW foi organizado por Tiemoko Garan Kouyaté. A Ligue pour la Défense de la Race Nègre (LDRN), sucedânea do Comité de Défense de la Race Nègre, foi fundada por Lamine Senghor e Garan Kouyaté em março de 1927.⁴¹⁹ Para os membros da LDRN, além da objeção natural ao imperialismo, havia diferenças culturais substanciais entre a França e as colônias africanas, o que justificava, de imediato, a independência. Desde sua fundação, a LDRN procuraria constituir “estados negros na África negra”⁴²⁰ com o apoio do Partido Comunista Francês, o qual, por sua vez, entendia a sublevação colonial como condição fundamental para realização da revolução socialista. Seções da LDRN se espalharam rapidamente na colônia e na metrópole. Lamine e Kouyaté, auxiliados pelos sindicatos comunistas, viajaram frequentemente entre a França e a África Ocidental; a informação era disseminada e ações planejadas de maneira a expandir a rede de apoiadores.⁴²¹

A partir da Conferência em Hamburgo em julho de 1931, a LDRN, o ITUCNW e o Bureau Negro, sob liderança de George Padmore, passaram a atuar em conjunto. Conquanto seguissem as orientações cominternianas, há evidências de que nem sempre os Partidos das metrópoles auxiliaram o quanto deviam no esforço anti-imperialista.⁴²² Por outro lado, há a sugestão de Brent H. Edwards de que concorreram, paralelamente, pelo menos dois tipos de internacionalismo negro. Um primeiro operava em função da Comintern com ênfase na questão sindical do trabalho negro e um segundo que, em virtude dos caminhos erráticos e desordenados do PCF, empurraram esses militantes para um internacionalismo “que enfatiza uma organização baseada na raça e alianças anti-coloniais entre revolucionários

⁴¹⁹ MILLER, Christopher. **Nationalists and Nomads: Essays on Francophone African Literature and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1999. p. 43. Cf. CONKLIN, Alice L. **A Mission to Civilize** MThe Republican Idea of Empire in France and West Africa, 1895-1930. Stanford: Stanford University Press, 1997. p. 302. A Ligue pour la Défense de la Race Nègre durou entre 1925 e 1936.

⁴²⁰ GENOVA, 2004, p. 75.

⁴²¹ GENOVA, 2004, p. 75.

⁴²² FEATHERSTONE, David. Black internationalism, international communism and anti-fascist political trajectories: African American volunteers in the Spanish Civil War. **Twentieth Century Communism**, n. 7, p. 15, set. 2014.

diferentemente posicionados de descendência africana”.⁴²³ O centro do argumento está na ruptura operada pelas duas acepções de internacionalismo no decorrer dos anos de 1930.

Tanto um quanto outro seguiriam os rumos das independências nacionais como forma principal de combate ao imperialismo europeu na África: Padmore se associaria ao pan-africanismo enquanto Kouyaté seria executado pelos nazistas em 1942 como militante da organização *Étoile Nord-Africaine*, de origem argelina.

A saída de Padmore da Comintern foi recheada de polêmicas com o também militante Otto Huiswoud. A relação que Padmore manteve com Kouyaté, militante do Partido Comunista Francês e reconhecidamente indisciplinado quando o assunto era seguir as linhas partidárias, tornou complicada a situação de Padmore na IC. A contenda entre Huiswoud e Padmore se iniciou a partir de uma ordem da Comintern para que aquele fizesse uma investigação sobre as atividades realizadas por Padmore enquanto esteve à frente do periódico “*The Negro Worker*” e do próprio ITUCNW. Padmore recusou-se a cooperar e a suspeição era de que ele estava usando o dinheiro que recebia da IC para patrocinar o periódico recém-fundado em 1931 por Kouyaté, “*Le Cri des Nègres*”, órgão do *Unión des Travailleurs Nègres*. Rapidamente, porém, Kouyaté perdera, em 1933, a direção do periódico e foi expulso da IC, assim como George Padmore em 1934.⁴²⁴

Otto Huiswoud foi editor do “*The Negro Worker*” entre 1934 e 1936.⁴²⁵ Membro articulador da Internacional dos Marinheiros, Huiswoud não demonstrou pautar-se indiscriminadamente pela onda da autodeterminação para enfrentar a questão do racismo, o que lhe rendeu longos períodos de militância na Europa e na União Soviética. Seu trabalho esteve, na maior parte das vezes, circunscrito às formulações do ITUCNW e à organização da Internacional dos Marinheiros. Em fevereiro de 1930, quando a tese da autodeterminação para o Sul dos Estados Unidos não só fora ratificada mas também redefinida em seus contornos

⁴²³ EDWARDS, Brent Hayes. **The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism**. Cambridge: Harvard University Press, 2003. p. 264. “that emphasizes race-based organizing and anticolonial alliances among differently positioned revolutionaries of African descent”

⁴²⁴ FEATHERSTONE, op. cit., p. 15. A crítica de Padmore esteve também associada ao movimento do governo da URSS no sentido de dissuadir as potências europeias de qualquer intento revolucionário por parte dos comunistas. Assim, justificou-se a falta de vigor da diplomacia soviética a respeito do conflito ítalo-etíope, que passou a ser alvo de Padmore quando este acusava os comunistas de terem abandonado os negros nas colônias. Ver também ROMAN, 2012, p. 132. Há estudos que apontam um aumento do intercâmbio econômico entre a Itália fascista e a União Soviética no período da Guerra Ítalo-Etíope. MATUSEVIC, Maxim. **No Easy Row for a Russian Hoe: Ideology and Pragmatism in Nigerian-Soviet Relations**. Trenton: Africa World Press, 2003. p. 36.

⁴²⁵ SANTIAGO-VALLES, William Fred. **Memories of the Future: Maroon Intellectuals from the Caribbean and the Sources of their Communication Strategies, 1925-1940**. 1997. Tese (Doutorado)—School of Communication, Simon Fraser University, Burnaby, 1997. p. 556.

com relação ao Norte,⁴²⁶ Huiswoud escreveu um artigo cujo título o posicionou no lado internacionalista do combate ao racismo: “World aspects of the Negro question”. Em sua elaboração esteve presente a caracterização de três circunstâncias específicas vivenciadas pelas populações negras no globo: 1) os casos de alguns países latino-americanos e dos Estados Unidos onde os negros constituíam minoria demográfica; 2) África e Índias Ocidentais, colônias onde os negros constituíam maioria demográfica em relação aos brancos; 3) Haiti e Libéria, nações negras independentes que se constituíam como semicolônias dos Estados Unidos. Para cada um desses casos, Huiswoud desenhou uma análise e estratégia específicas. Para o caso da África colonial, em geral, indicou a sublevação já que, aos seus olhos, estava posta uma problemática nacional-colonial. No caso das Índias Ocidentais, ele afirmava não haver uma questão racial tal qual formulada nos Estados Unidos. Em seu lugar haveria um sistema de castas ancorado em parâmetros raciais os quais, por meio da disputa ideológica, consolidavam uma posição de superioridade do branco em relação ao negro. O fato de existirem negros ocupando altas posições sociais confundia a população, sobretudo porque os grupos dirigentes brancos teriam dividido os negros dos mulatos, impondo-lhes o sistema de casta onde um seria superior ao outro. Nas Índias Ocidentais, o elemento racial aparecia como secundário quando confrontado com a exploração de classe. O caso do Haiti, segundo Huiswoud, não poderia ser tratado separadamente. Permanentemente acossado pelo imperialismo estadunidense, o Haiti deveria ser objeto de intensa atuação dos comunistas em prol da autodeterminação e da criação de uma “Federação das Índias Ocidentais” sob liderança do proletariado. Naturalmente, antes da consecução do plano era fundamental a criação e/ou tomada de sindicatos e partidos ligados ao mundo do trabalho com o fito de dirigir o proletariado caribenho contra o imperialismo. O caso dos negros estadunidenses, por sua vez, foi caracterizado como uma “minoridade racial oprimida” submetida à exploração racial e de classe. A chave da exploração de classe foi responsável pela maior parte das formulações de Huiswoud quando refletiu sobre os efeitos da “grande migração” e seus impactos na cadeia produtiva por ter induzido novos padrões de exploração do trabalho nos Estados Unidos. Ao esquecer a América Latina, que havia citado no início do texto, Huiswoud apresentou uma longa análise da realidade dos Estados Unidos apontando o caminho da integração como agenda fundamental dos comunistas para aquele país. Aos membros do CPUSA caberia lutar

⁴²⁶ Os negros do Norte passariam a compor uma parte da população negra que não teria como pauta fundamental a autodeterminação, e sim a integração de classe.

para efetivar uma aliança entre negros e brancos em sindicatos e consolidar a luta contra o imperialismo entre os trabalhadores.⁴²⁷

O pensamento de Huiswoud a respeito da autodeterminação forçou-o a autocríticas diante dos comissários da Comintern. Após isso, porém, sua posição terminou fortalecida diante da paulatina defecção de George Padmore, cuja circunstância foi obscurecida pelos métodos stalinistas de destruição de reputações.⁴²⁸ De um importante combatente revolucionário pelas causas negras, em 1934 Padmore foi considerado traidor dos trabalhadores negros, posto que, segundo a narrativa cominterniana, acariciava dois mestres: o anti-imperialismo e o nacionalismo negro. Foi acusado de querer promover o ressurgimento da África por meio de uma aliança negra em que banqueiros, latifundiários e os grupos dominantes teriam parte, para expulsar os brancos.⁴²⁹

A interrupção das atividades do ITUCNW a partir de 1933 ocasionou críticas por parte de Padmore à atuação da Comintern em relação aos trabalhadores negros no tempo em que Huiswoud passou a ser o editor do “Negro Worker” e, dessa maneira, responsável por ecoar as vozes do ITUCNW. O militante trinidadiano interpôs severas críticas à IC por descontinuar as atividades com os trabalhadores negros. Aquele que seria grande parceiro intelectual a partir de 1935, C. R. L. James afirmaria, em 1959, que o motivo para a interrupção teria sido uma proposta do governo britânico em reatar relações com a União Soviética desde que o trabalho anticolonial e anti-imperialista fosse cessado.⁴³⁰ James reafirmava a versão dada por George Padmore em outubro de 1935, numa carta aberta a Earl Browder, dirigente do CPUSA, publicada no jornal da NAACP, “The Crisis”. Padmore sugeriu que a liquidação do ITUCNW se dera

simplesmente para não ofender o Foreign Office britânico, que estava exercendo pressão para se tornar relevante para a diplomacia soviética por causa da tremenda indignação que o nosso trabalho havia levantado entre as massas negras na África, Índias Ocidentais e outras colônias contra o imperialismo britânico.⁴³¹

⁴²⁷ HUISWOUD, Otto. World aspects of the Negro question. *The Communist*, v. 9, n. 2, p. 132-147, fev. 1930.

⁴²⁸ A prisão de George Padmore, realizada pela polícia de Hamburgo em fevereiro de 1933, é alvo de suspeição e polêmica. Padmore estava circunscrito numa rede conspiratória, já que ele era alvo das inteligências alemã e britânica e começava a levantar suspeitas entre seus pares. Cf. WEISS, 2013, p. 579-580.

⁴²⁹ Hermina Huiswoud apud Van Enkevort, 2000, p. 115-116.

⁴³⁰ JAMES, C. L. R. *Notes on the Life of George Padmore*. [1959]. Chicago: University of Chicago Library, 1972. 1 bobina de microfilme; 35 mm. p. 11.

⁴³¹ PADMORE apud VAN ENCKEVORT, 2000, p. 117. “Simply in order not to offend the British Foreign Office which had been bringing pressure to bear on Soviet diplomacy because of the tremendous indignation which our work has aroused among the Negro masses in Africa, West Indies and other colonies against British imperialism.”

A resposta de Browder reencaminhou a disputa para o cerne da militância negra ao retratar o afastamento de Padmore não como uma decisão cominterniana, e sim dos camaradas negros com os quais Padmore cerrava fileira.

Van Enkevort sugere que a demora de quase um ano que George Padmore impôs para responder às acusações que sofrera lhe garantiu credenciais de autenticidade. Em outubro de 1935, a União Soviética e a IC já haviam decidido pelas Frentes Populares como diretiva para as seções nacionais da Comintern, a URSS já havia entrado para a Liga das Nações e, em maio de 1935, havia concluído um acordo diplomático com a França. Desse modo, o desenho geopolítico teria imposto à URSS concessões no campo do alastramento da revolução mundial e da luta anti-imperialista.

A dissolução melancólica do ITUCNW em 1937, sob a direção de Otto Huiswoud, encerrava, formalmente, uma trajetória de militância internacionalista por parte de comunistas negros sob a tutela da Internacional Comunista. No período entre 1934 e 1937 houve um duplo movimento repressivo junto às atividades e organização anticoloniais. Se, por um lado, a ascensão do Partido Nacional-Socialista na Alemanha soltou as amarras da repressão e obrigou uma mudança do quartel-general do ITUCNW de Hamburgo para a Antuérpia, por outro, os acordos sucessivos da URSS fizeram com que a organização se tornasse praticamente itinerante, até seu fim. Entre a Holanda e a Bélgica, o ITUCNW se tornou nômade ao passo que tentava centralizar as ações anti-imperialistas nas colônias africanas e nas Índias Ocidentais, o que conseguiu apenas de maneira débil. O afastamento de um centro portuário, como Hamburgo, próximo a um importante *hub* do movimento comunista internacional, Berlim, tornou as atividades comandadas por Huiswoud virtualmente ineficazes. A existência clandestina isolou o organismo de suas bases portuárias e da marinha mercante assim como seccionou os laços com a própria IC, que, em virtude de seu aparelhamento, já havia perdido sua relativa autonomia dos desígnios da política externa soviética. As forças ainda restantes da organização se encontravam, precisamente, na ampla rede proporcionada pelas ligações com a International of Seaman and Harbour Workers (ISH) e no amparo logístico restante, proporcionado pela Sindical Vermelha e pela Comintern.

Somente a transferência para Paris em 1936 devolveria alguma organicidade ao ITUCNW, visto que havia uma comunidade negra pulsante na capital francesa e o governo de frente popular fazia vistas grossas às atividades do ITUCNW. Se bem que, depois da inflexão da política externa operada na URSS, o governo francês não tinha o que temer. Ocorrera uma transformação: de uma linha política que visava angariar esforços para superar o jugo colonial, a partir de 1935 os comunistas deveriam se esforçar em ajudar a URSS a se preparar

para a guerra que se aproximava. Todos os organismos do movimento comunista internacional ligados à Comintern tiveram que se adaptar à nova realidade. Rompidos esses anteparos de força, o ITUCNW se tornaria responsável pela agitação e propaganda unicamente por meio do “The Negro Worker”, que continuou a ser produzido.

Em meados da década de 1930, o movimento anti-imperialista se tornaria o movimento contra esta ou aquela potência. Assim, os comunistas se insurgiram contra a agressão italiana na Etiópia, a despeito da URSS, e o Pan-Africanismo contra as opressões britânica e francesa. A principal expressão da luta anti-imperialista passou a obedecer aos espíritos nacionais.

5.2 Expressões do antirracismo nos Estados Unidos: por uma política de integração

Quando se coloca a temática racial no centro da análise do movimento comunista nos Estados Unidos, o período pós-1928 é excepcionalmente confuso. A política de “frente única por baixo” foi aplicada, estendendo-se ao limite da desobediência à própria filosofia da tática, já que muitas vezes foram construídas pontes com setores originalmente repelidos pelos comunistas. Um exemplo foi o Trade Union Educational League (TUEL), que se constituiu como uma organização de frente que buscava angariar diferentes militantes sindicais de amplas plêiades políticas. A tática a qual obedecia o TUEL era de infiltração e radicalização, por dentro, de sindicatos conciliatórios; seu alvo preferencial foi a American Federation of Labor (AFL).

A partir de 1928, o TUEL foi transformado em Trade Union Unity League (TUUL), a qual manteve como objetivo primordial a implosão do dualismo sindical e consequente confronto com a AFL. O TUUL durou até 1934, sua criação obedeceu aos impulsos esquerdistas do Terceiro Período. A caracterização da American Federation of Labor como “social-fascista” foi o ponto definidor da identidade sindical da organização.⁴³² O TUUL, ao encampar a bandeira de sindicatos autônomos e independentes, acabou angariando amplos apoios dentre diversas corporações de trabalhadores.

A greve de Passaic⁴³³ foi um importante ponto de inflexão na estratégia sindical comunista. Encorajou os críticos de Foster⁴³⁴ no partido a amplificar suas

⁴³² ZUMOFF, 2003, p. 260.

⁴³³ Ocorreu entre 1926 e 1927 em indústrias têxteis em Nova Jersey.

⁴³⁴ William Z. Foster, dirigente do CPUSA.

preocupações sobre organizar os desorganizados e antecipou um período de transição no foco, estilo e eleitorado dos sindicatos comunistas. A partir de então, uma mistura complicada de absorção e crítica, ambas de origem estrangeira e doméstica, resultou na criação do TUUL em 1929 com uma perspectiva radicalmente diferente daquela do TUEL.

O TUUL deve ser entendido não simplesmente como uma organização no “papel”, a soma de várias resoluções partidárias e ordens da Comintern. Ao contrário, deve ser vista como um experimento de radicalismo sindical que teve uma base firme em experiência organizativa e história sindical. No âmbito da implementação, a formação do TUUL ajudou a criar um certo tipo de cultura oposicionista na organização do trabalho por parte do PC que endereçou não apenas preocupações dos chefes do PC em Moscou, mas também relacionou questões persistentes sobre o potencial do movimento sindical nos Estados Unidos e do significado da IWW, sobre controle dos trabalhadores e da tecnologia no chão da fábrica, e sobre os lugares das mulheres e afro-americanos no novo tipo de organização sindical.⁴³⁵

De leste a oeste no país, o TUUL foi responsável por tentar unificar a pauta de trabalhadores brancos e negros materializando a principal transformação em relação ao TUEL. Na Califórnia, por meio de sua seção local, a Agricultural Workers Industrial League, o TUUL reuniu agricultores mexicanos, filipinos, japoneses e de outras origens em abril de 1930.⁴³⁶

Aparentemente, o TUEL tinha dificuldades de enfrentar o racismo pela via da questão sindical.⁴³⁷ O TUUL, enquanto expressão do encontro de aspirações sindicais radicais e das políticas perpetradas pelo Terceiro Período, foi responsável por introduzir o debate sobre a questão negra, enfrentando a possibilidade, sempre presente, de rachaduras nos sindicatos que

⁴³⁵ JOHANNINGSMEIER, Edward P. The Trade Union Unity League: American Communists and the Transition to Industrial Unionism: 1928-1934, **Labor History**, v. 42, n. 2, p. 168, 2001. “The Passaic strike was an important turning point in Communist trade union strategy. It encouraged Foster’s critics within the Party to further amplify their concerns about ‘organizing the unorganized,’ and foreshadowed a period of transition in focus, style, and constituency for Communist trade unionists. Henceforth, a complicated mixture of inputs and criticisms, both foreign and domestic in origin, resulted in the creation of the TUUL in 1929 with a radically different perspective from that of the TUEL. The TUUL should be understood not simply as a ‘paper’ organization, the sum of various party resolutions and Comintern orders. Rather, it should be regarded as an experiment in radical trade unionism that had a firm grounding in organizers’ experience and in union history. At the level of implementation, the formation of the TUUL helped create a certain kind of oppositional culture in CP labor organizing that addressed not only the concerns of the CP’s Moscow patrons, but also related persistent questions about the potential of the trade union movement in the U.S. and the meaning of the IWW, about workers’ control and technology on the shop floor, and about the places of women and African-Americans in any new type of union organization.”

⁴³⁶ UHLMANN, Jennifer Ruthanne. **The Communist Civil Rights Movement: Legal Activism in the United States, 1919-1946**. 2007. Tese (Doutorado em História), University of California, Los Angeles, 2007. p. 170. Esse evento se deu em organização conjunta com outra unidade de frente ligada ao CPUSA, a International Labor Defense (ILD).

⁴³⁷ Johanningsmeier (2001, p. 172) afirma: “O Sul profundo esteve amplamente fora do alcance dos organizadores comunistas na década de 1920, e foi uma política não escrita do partido que se opusesse à migração de afro-americanos para o norte porque isto enfraqueceria a posição de trabalhadores brancos sindicalizados e exacerbaria o antagonismo racial.” (“The deep South was largely out-of-bounds for Communist organizers in the 1920s, and it was an unwritten policy that the party opposed African-American migration to the North because it would undermine the position of unionized white workers and exacerbate racial antagonism”.) Embora a afirmação seja verossímil em relação às direções do movimento comunista americano durante a primeira metade da década de 1920, nos limites desta pesquisa, não foi possível atestar a afirmação com evidência empírica.

até 1928 eram eminentemente brancos. Dessa maneira, o TUUL terminou assumindo vigorosamente a pauta da integração.

Além de manifestações contra o imperialismo,⁴³⁸ e em coerência com a tática da integração, o TUUL foi o principal articulador da entrada dos comunistas no Sul dos Estados Unidos. Enquanto as correntes migratórias apontavam para uma quantidade expressiva de negros que se mudavam do Sul para o Norte, os comunistas estadunidenses avaliavam que, para enfrentar a questão do racismo nos Estados Unidos, era fundamental enfrentar as leis de segregação racial e o regime racista no Sul. Por isso, foi realizado um esforço a partir do mundo do trabalho, em que comunistas e simpatizantes passaram a ocupar espaços, por meio do TUUL, em sindicatos. Isso se deu no rastro do sucesso que os comunistas obtiveram conquistando “lideranças de grandes greves na indústria têxtil de Passaic, Gastonia e New Bedford, e na indústria de roupas na cidade de Nova York”.⁴³⁹ Aqui, duas políticas excludentes, a respeito do Sul, estavam à mesa dos comunistas: organizar sindicatos integrados, entre negros e brancos, e, ao mesmo tempo, levar a bandeira da autodeterminação aos estados do cinturão negro.

Apesar do vigor descrito anteriormente, os resultados efetivos demonstram efeitos muito mais modestos. Os relatórios internos tanto do TUUL quanto da Comintern e da Sindical Vermelha são inconclusos quanto ao problema da organização dos trabalhadores negros. Apesar da combatividade de trabalhadores industriais negros sulistas e da respectiva adesão de núcleos organizados à agenda do CPUSA e de seus organismos auxiliares, a militância comunista enfrentaria uma situação nova no Sul dos Estados Unidos. Lá o ambiente era mais hostil e as políticas de segregação racial eram executadas com mais firmeza.

As teses debatidas no CPUSA acerca do desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos também caíram por terra a partir de 1929, quando a presença dos comunistas no Sul passou a ser mais efetiva. Primeiro porque a tese, até então defendida pelos comunistas, da população negra do Sul como exército de reserva para os industriais do Norte não se efetivou. Os comunistas identificaram uma certa robustez industrial em curso também nos estados do Sul. Segundo porque a atitude combativa e organizada dos trabalhadores negros encontrados pelos militantes comunistas não coadunava com o perfil de lumpemproletariado desenhado pelos marxistas do Terceiro Período em relação aos “soldados” do exército de reserva. Por

⁴³⁸ Contra a presença de tropas americanas no Haiti e na Nicarágua em 1929.

⁴³⁹ JOHANNINGSMEIER, 2001, p. 160. “[...] were able to achieve leadership of large strikes in the textile industry at Passaic, Gastonia, and New Bedford, and in the clothing industry in New York City”.

fim, o encabeçamento da tese da autodeterminação não seria abraçada pelos negros do Sul; a agenda era a integração. A afinidade eletiva entre negros e comunistas se estabeleceria não pela obediência à linha e sim pelo que o clamor da autodeterminação significava: uma força política que colocara o negro no centro do debate social.

Em relação às tensões internas no Partido, os comunistas negros e brancos simpáticos à causa do antirracismo se camuflariam entre duas posições igualmente extremas: a resistência interna dos comunistas brancos nativos em estabelecer a centralidade da questão racial para a revolução americana e a diretriz cominterniana que comparava o Sul dos Estados Unidos às centenas de nacionalidades que a URSS englobava. À parte disso, o TUUL foi o elemento que tornou concreta a presença dos comunistas nos pleitos reais das comunidades negras, em especial, no Sul dos Estados Unidos. E este já tinha sido objeto da preocupação dos comunistas anos antes.

Em 1925, Thomas Dombal, dirigente da Internacional Camponesa (Krestintern), já chamava a atenção dos comunistas estadunidenses acerca da organização dos camponeses no Sul dos Estados Unidos. Numa crítica especialmente dirigida ao American Negro Labor Congress (ANLC), Dombal acrescentaria o desejo de fundar uma Seção Camponesa “para levantar a questão de conectar com as colônias africanas, e particularmente com a África do Sul, Libéria, Angola, Quênia, Índias Ocidentais, Filipinas e Brasil”.⁴⁴⁰

O American Negro Labor Congress (ANLC) nasceu para cumprir um papel específico: implodir o chamado Sinédrio Negro de 1924.⁴⁴¹ O ANLC foi fundado precisamente um ano depois do Sinédrio e organizado pela African Blood Brotherhood e pelo Workers Party. O plano do ANLC era construir um encontro mundial de negros em que as temáticas seriam os movimentos libertação e a emancipação colonial de populações negras.⁴⁴²

Em maio de 1929, já era tido como supérfluo. A conferência planejada não tinha ocorrido e o ANLC havia se tornado uma organização endógena, de negros para negros, que não conseguia amplificar o antirracismo para além daqueles já convencidos da agenda. Otto Huiswoud justificava a liquidação ao dizer que o objetivo dos comunistas era

⁴⁴⁰ RGASPI, F. 495, op. 155, d. 32, list. 28-30. “It would be extremely desirable, in case you decide to form a Peasant Section, to raise the question of connecting it with the African colonies, and particularly with South Africa, Liberia, Angola, Kennia, West Indies, Phillipines and Brazil.”

⁴⁴¹ Ver FONER; ALLEN, 1987, p. 112-113. Cf. DAWAHARE, Anthony. **Nationalism, Marxism, and African American Literature Between the Wars: A New Pandora's Box**. Jackson: University Press of Mississippi, 2003. p. 28-29. Para informações sobre o Sinédrio Negro: HUGHES, Alvin. The Negro Sanhedrin Movement. **The Journal of Negro History**, v. 69, n. 1, p. 1-13, inverno 1984. Em resumo, o Sinédrio Negro foi uma organização de curta duração que nasceu em 1924 com o objetivo de centralizar as ações das várias organizações negras existentes nos Estados Unidos.

⁴⁴² JOHNS, 1975, p. 215.

construir um movimento de massa baseado em trabalhadores industriais, particularmente trabalhadores organizados. Nós precisamos nos virar na direção do comércio e fábricas e nessa conexão nós precisamos estabelecer relações próximas e de cooperação com o TUEL. Nosso programa, tal qual se encontra hoje dificilmente está compatível com o propósito de alcançar as massas, e o novo programa que está sendo preparado irá corrigir largamente esses equívocos.⁴⁴³

Para ele e setores da militância negra que haviam tomado parte na African Blood Brotherhood, o ANLC não cumpria um papel efetivo na mobilização dos trabalhadores negros. A criação do TUUL foi um primeiro golpe no ANLC, porque propunha uma ruptura na arrumação sindical estadunidense ancorada na integração. Esse tema passou a ser contemplado de maneira massiva e sem relutância, além de manter em sua pauta programática uma contínua interação com a luta negra no mundo.⁴⁴⁴ Apesar disso, dadas as avaliações e resoluções do VI Congresso da Comintern, a atenção virtualmente nula que o ANLC prestou aos pequenos agricultores do Sul deixou pouca margem para manutenção do organismo.

Diante de tal cenário, a organização de um congresso antilinchamentos em novembro de 1930, fruto da Semana Nacional Antilinchamento e de um comitê organizador no Sul dos Estados Unidos, não garantiu mais que uma sobrevida ao moribundo ANLC.

A criação da League of Struggle for Negro Rights (LSNR) se deu em finais de 1930, sepultando de vez o ANLC. Esta nova organização já tinha sido objeto de debate tanto na convenção do partido realizada em julho de 1930, como também em reunião da comissão negra da Comintern. De acordo com Harry Haywood, “a LSNR foi concebida como o núcleo de um movimento de frente única em torno do programa do partido para a libertação negra. O *Liberator* deveria ser transferido do ANLC como a publicação oficial da nova organização.”⁴⁴⁵ O objetivo era “liderar as massas negras na luta contra a opressão e em prol de suas demandas por igualdade política e social e pelo direito de autodeterminação para maiorias negras no Sul”.⁴⁴⁶ A direção da LSNR e a do “*Liberator*” couberam a Benjamin D. Amis, provavelmente até meados de 1932, quando Harry Haywood assumiu o controle da LSNR. De 1934 em diante, o dirigente máximo do organismo foi Langston Hughes, até sua dissolução e transformação em “National Negro Congress”, em 1935.

⁴⁴³ FONER; ALLEN, 1987, p. 205. “[...] must be to build a mass movement based on the industrial workers, particularly organized workers. We must turn more to the shops and factories and in this connection we must establish close relationship and cooperation with TUEL. Our program as it is today is hardly suited to reach the masses and the new program which is being prepared will largely correct these shortcomings.”

⁴⁴⁴ FONER; ALLEN, 1987, p. 223.

⁴⁴⁵ HALL, 2012, posição 2554-2557. “The LSNR was conceived as the nucleus of a united front movement around the party's program for Black liberation. The *Liberator* was to be carried over from ANLC as the official publication of the new organization.”

⁴⁴⁶ Ibidem, posição 2592. “[...] to lead the Negro masses in struggle against oppression and for their demands for full political and social equality and the right of self-determination for Negro majorities in the South.”

A grande dificuldade enfrentada pela LSNR em seu próprio campo político estava, segundo Mark Solomon, em como se mostrar útil à comunidade haja vista o papel destacado da International Labor Defense desempenhado desde finais da década 1920. Para Glenda Gilmore, a dificuldade maior se expressava no mundo rural.

A LSNR operou uma mudança estrutural no enfrentamento ao racismo: diferenciou-se do ANLC por ser inter-racial e não uma organização negra. A proposta da LSNR era engajar brancos comprometidos com o programa da libertação negra. Essa posição colocava os comunistas da liga atuantes no Sul dos Estados Unidos em perigo dobrado, pois a integração era considerada ato criminoso, o que pode explicar a ausência virtual da LSNR naquela região dos Estados Unidos. Dentre as dificuldades enfrentadas pelos comunistas em meados da década de 1930, Campbell sintetiza bem:

Nos EUA, “a defesa sem reservas da política externa soviética por parte do PC criou obstáculos [...] no Harlem antes de qualquer outro lugar”. O comunista afro-americano Ben D. Amis reclamou que, no âmbito da base, apenas um pequeno início foi feito na direção de explicar e popularizar o conceito de direito a autodeterminação. Herman Mackawain, Secretário em Exercício da LSNR, deixou o partido, acusando a União Soviética de equipar o exército de Mussolini para sua conquista da Etiópia. O “jornal Negro” do PC, em existência desde meados de 1920, deixou de ser publicado. A LSNR foi substituída pelo National Negro Congress, orientado para Frente Popular. Então, apesar de grandes sacrifícios e considerável sucesso, a Alabama Sharecroppers' Union (que desde 1931 tinha afiliado em torno de 12.000 membros) foi dissolvida.⁴⁴⁷

A despeito do redirecionamento da política externa soviética, havia alguns complicadores que mantinham a militância comunista afro-americana em consonância com certas pautas negras. A ênfase se deslocaria vagarosa e discretamente da organização do mundo do trabalho para o campo das ideias, lugar em que propaganda e agitação desempenhariam um papel fundamental na estratégia dos comunistas. Ainda que não se localizem como eventos sucedâneos, os casos Yokinen e Scottsboro explicam a medida e forma por meio das quais os comunistas operaram essa virada na atuação e combate ao racismo.

⁴⁴⁷ CAMPBELL, 1994b, parágrafo 100. “in the USA, ‘the CP’s unqualified defense of Soviet foreign policy created obstacles...in Harlem earlier than it did in most places’ (Goldfield, 1985, 355). African-American Communist Ben D. Amis complained that, at the grassroots level, only a small beginning had been made toward explaining and popularizing the concept of the right to self-determination (Amis, 1935). Herman Mackawain, Acting Secretary of the LSNR, quit the Party, charging the Soviet Union with helping equip Mussolini’s army for its conquest of Ethiopia (Kanet, 1973, 115). The CP’s ‘Black newspaper,’ in existence since the mid-1920s,(20) ceased publication. The LSNR was replaced by the Popular Front-oriented National Negro Congress. Then, despite great sacrifices and considerable success, the Alabama Sharecroppers’ Union (which since 1931 had enrolled some 12,000 members) was disbanded (Haywood, 1978, 440, 403).”

O caso dos jovens de Scottsboro constituiu um dos grandes marcos da campanha antirracista dos comunistas.⁴⁴⁸ Aconteceu pouco depois de o partido expulsar o membro finlandês, August Yokinen, que teria impedido comunistas negros de dançarem no Clube dos Trabalhadores Finlandeses.⁴⁴⁹ Este último episódio foi feito de exemplo e consolidou a intolerância do CPUSA com o racismo. William Patterson assim noticiou o assunto em “The Negro Worker”, já com a resolução do partido:

O julgamento público do camarada Yokinen, um membro do Clube dos Trabalhadores Finlandeses da cidade de Nova York e também do Partido Comunista dos EUA estabeleceu um precedente. O camarada Yokinen foi acusado de veicular opiniões “contrárias ao programa do Partido Comunista e prejudicial aos interesses da classe trabalhadora”. Ele foi acusado de “dar expressão às mentiras da superioridade branca que têm se desenvolvido conscientemente por meio de capitalistas e donos de escravos do sulistas”.⁴⁵⁰

A punição para Yokinen foi o desligamento do partido. O finlandês teve que se submeter a um período probatório de engajamento na luta pelo fim do racismo e no cotidiano da luta de classe para ser readmitido no partido. Ele terminou sendo deportado para seu país de origem. Seu papel havia sido cumprido, já que

o julgamento de Yokinen, então, como a tese da nação do Cinturão Negro, foi momentaneamente útil para o domínio das relações públicas, onde um Partido Comunista stalinizado empurrou uma designação de menor denominador comum da questão racial como central na luta de classes nos Estados Unidos.⁴⁵¹

O caso Yokinen seria, portanto, uma prova do comprometimento dos comunistas em relação aos negros. Mostravam-se dispostos a depurar seus próprios quadros em nome da causa negra.

⁴⁴⁸ No final de março de 1931, um grupo de nove jovens negros foi acusado de estupro num trem de carga e de passageiros que fazia o percurso Chattanooga–Memphis. Os jovens tiveram julgamentos velozes e tiveram suas defesas prejudicadas pelo descaso da defensoria. Os três julgamentos iniciais sentenciaram todos a pena de morte, exceto o mais jovem, de 13 anos. Em 2013, o estado do Alabama concedeu indultos póstumos às vítimas. O caso virou um símbolo da luta contra a segregação racial e foi utilizado largamente pelos comunistas e militantes das causas negras.

⁴⁴⁹ GILMORE, 2008, p. 119.

⁴⁵⁰ PATTERSON, William. Race Hatred on trial. **The Negro Worker**, v. 1, n. 6, p. 21, jun. 1931. “The public trial of Comrade Yokinen, a member of the Finnish Workers' Club of New York City and also of the Communist Party of the U. S. A. has established a precedent. Comrade Yokinen was charged with entertaining views ‘contrary to the program of the Communist Party and detrimental to the interests of the working class’. He was charged with ‘giving expression to the white superiority lies that have been developed consciously by the capitalists and the southern slave owners’.”

⁴⁵¹ PALMER, Bryan D. Race and Revolution: review article. **Labour/Le Travail**, Guelph, n. 54, p. 201, outono 2004. Resenha “Race and Revolution” dos livros “Spectres of 1919: Class & Nation in the Making of the New Negro”, de Barbara Foley (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2003) e “Race & Revolution: A Lost Chapter in American Radicalism”, de Max Shachtman (Londres e New York: Verso, 2003). “The Yokinen trial, then, like the Black Belt nation thesis, was momentarily useful in the realm of public relations, where a Stalinized Communist Party pushed a lowest common denominator designation of the race question as pivotal in the United States class struggle.”

Mais importante que o julgamento de Yokinen, porém, foi o caso Scottsboro.⁴⁵² Este virou o grande *slogan* dos comunistas por anos vindouros. A mobilização em torno da defesa dos jovens de Scottsboro colocou a máquina do movimento comunista internacional para funcionar com um propósito até então inédito. Nesse episódio, os diferentes organismos auxiliares vinculados ao Partido e, dessa maneira, à Comintern, atuavam de maneira tão harmoniosa como poucas vezes observada.

O caso, além de chamar a atenção da opinião pública internacionalmente, permitiu aos comunistas construir um liame com intelectuais e forças antirracistas. A seguinte passagem trata da participação da escritora e ativista Louise Thompson Patterson⁴⁵³ na estruturação de uma campanha pela soltura dos jovens.

Ela liderou o grupo [seção do Harlem da FSU] composto principalmente por escritores do Harlem e intelectuais, incluindo Theodore Bassett, que aderiu ao CPUSA em 1932 e se tornou um dos principais organizadores afro-americanos no Harlem, e os escritores do *Amsterdam News* Henry Lee Moon e Theodore Poston. O FSU do Harlem foi um desenvolvimento significativo porque proveu um espaço para intelectuais negros curiosos em discutir a União Soviética, Marxismo e Scottsboro. O grupo também permitiu uma ponte entre os intelectuais do Harlem e radicais brancos do centro da cidade.⁴⁵⁴

A campanha pela soltura dos jovens de Scottsboro e de denúncia ao racismo e segregação racial englobou diferentes organismos vinculados aos comunistas nos Estados Unidos. Um deles foi a International Labor Defense (ILD).

A International Labor Defense⁴⁵⁵ foi uma organização de frente criada pelo comunista James P. Cannon em 1925. Um dos braços do Socorro Vermelho Internacional,⁴⁵⁶ a ILD se consolidou a partir do mapeamento de presos políticos (sindicalistas, anarquistas e socialistas) espalhados pelos Estados Unidos e posterior oferecimento de serviços de advocacia e outros auxílios de proteção aos militantes do mundo do trabalho por dentro do sistema legal. De acordo com Susan Campbell,

O propósito da ILD era defender todas as “vítimas da classe dominante independentemente de sua cor, credo, nacionalidade ou crença política”. Embora

⁴⁵² Para mais detalhes sobre a curiosa história de como os comunistas chegaram ao caso Scottsboro, ver Gilmore, 2008, p. 118-119.

⁴⁵³ Cf. “Louis Thompson Patterson”. WINTZ, Cary D.; FINKELMAN, Paul. **Encyclopedia of Harlem Renaissance**. Nova York: Routledge, 2012. v. 2.

⁴⁵⁴ MCDUFFIE, Erik S. **Long Journeys: Four Black Women and the Communist Party, USA, 1930-1956**. Tese (Doutorado)—New York University, New York, 2003. p. 92-3. “She headed the group comprised mainly of Harlem writers and intellectuals, including Theodore Bassett, who joined the CPUSA in 1932 and became one of its most effective African American organizers in Harlem; and Amsterdam News writers, Henry Lee Moon and Theodore Poston. The Harlem FSU was a significant development because it provided a space for curious black intellectuals to discuss the Soviet Union, Marxism, and Scottsboro. The group also provided a bridge between Harlem intellectuals and downtown white radicals.”

⁴⁵⁵ Ver “The International Labor Defense & Mass Defence” (UHLMANN, 2007, p. 95-176).

⁴⁵⁶ PALMER, Bryan D. **James P. Cannon and the origins of the American Revolutionary Left, 1890-1928**. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2007. p. 263. (Kindle Edition, position 6171).

alguns possam culpá-la pela inconsistência em buscar justiça ante as mesmas cortes que ela denunciava como ferramentas de opressão de classe, o secretário nacional da ILD, advogado afro-americano comunista William L. Patterson, explicou que o trabalho da ILD ajudava a “destruir as ilusões da democracia e da justiça acima das classes... expunha seu caráter de classe” enquanto fornecia ao acusado a melhor defesa legal possível. Apesar de em 1929 pouquíssimas pessoas das 300 que foram defendidas pela ILD serem negras, isso estava prestes a mudar. A organização conduziu campanhas informativas e comícios contra linchamentos, trabalhou pelos manifestantes desempregados que foram presos e defendeu o “Atlanta Six”, um grupo de organizadores sindicais composto por dois afro e quatro euro-americanos (dentre eles, duas mulheres) acusados de incitar insurreição.⁴⁵⁷

A escolha do nome foi uma tentativa deliberada de seu idealizador, James P. Cannon, de retirar o marcador comunista de maneira a atingir um maior número de seguidores. O Socorro Vermelho, organização que centralizou as atividades da ILD, explicitava a filiação comunista ao contrário da International Labor Defense.

O envolvimento orgânico da ILD com as pautas negras ocorreu a partir de 1929. Ainda que a ILD tenha atuado em defesa de trabalhadores e sindicalistas negros, a pauta racial adentraria a organização a partir do VI Congresso da IC.

Como braço do Socorro Vermelho, a ILD foi responsável por disseminar as atividades relativas ao caso Scottsboro. Em 1932, William L. Patterson se tornaria o primeiro (e único) afro-americano a dirigir a seção do Socorro Vermelho nos Estados Unidos. Em casos específicos, como na cidade de Memphis, a capacidade aglutinadora adquirira tamanha expressão que alguns militantes da NAACP atenderam ao chamado por “uma frente única da NAACP, ILD e LSNR contra a brutalidade policial”.⁴⁵⁸

A prevalência da ILD na indicação dos nomes dos defensores dos jovens de Scottsboro e a consequente amplificação do protagonismo da organização na formulação da estratégia de defesa deu aos comunistas e frentistas de esquerda uma dianteira moral nas comunidades negras em comparação a outras organizações negras, como a NAACP.

Exatamente por esse motivo a direção jurídica e política do caso Scottsboro foi um dos pontos de dissenso entre essas organizações. Consolidado o campo político ancorado em

⁴⁵⁷ “The purpose of the ILD was to defend all ‘victims of ruling class terror regardless of their color, creed, nationality, or political belief.’ Although some might fault it for inconsistency in seeking justice before the same courts that it denounced as tools of class oppression, the ILD’s National Secretary, African-American Communist lawyer William L. Patterson (1891-1980), explained that the ILD’s work helped ‘destroy the illusions of a democracy and justice above classes...expose their class character’ while providing the accused with the best possible legal defense. Although in 1929 only a very few of the 300 people whose cases were taken up by the ILD were Black, this was about to change. It conducted information campaigns and rallies against lynching, worked on behalf of arrested unemployed demonstrators, and defended the ‘Atlanta Six’, a group of two Afro-and four Euro-American union organizers (two of them women) charged with inciting insurrection.” CAMPBELL, 1994b, parágrafo 86.

⁴⁵⁸ BROWN-MELON, Gloria apud BASS, John Lawrence. **Bolsheviks on the bluff**: a history of Memphis Communists and their Labor and Civil Rights contributions 1930-1957. 2009. Tese (Doutorado História)–Universidade de Memphis, Memphis, 2009. p. 102. “a united front of the NAACP, ILD and LSNR against police brutality”.

marcadores raciais, as direções da NAACP e LSNR/ILD digladiaram-se em torno do caso. A NAACP, inicialmente defensora legal dos jovens, terminou, por hesitação, cedendo controle do caso ainda em 1931.⁴⁵⁹

No entanto, o ponto central na atuação da ILD, e em específico quando estivera sob a direção de William Patterson, foi a tentativa de expandir a problemática racial para além dos limites do chamado “cinturão negro” no Sul e dos limites raciais da descendência afro.⁴⁶⁰

A ILD foi responsável pelo contato e coordenação entre diferentes organizações auxiliares do movimento comunista internacional. A International Worker’s Relief,⁴⁶¹ por exemplo, foi responsável por construir um amplo arco de apoio aos jovens de Scottsboro e a toda campanha desenhada pelos comunistas alemães a partir do Comitê de Resgate das Vítimas de Scottsboro, em aliança, inclusive, com grupos do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Esse esforço de divulgação da campanha teve como alvo os inúmeros viajantes que passavam por Berlim àquela altura, além de servidores públicos, advogados, intelectuais da academia que envolveram parte progressista da sociedade alemã.⁴⁶²

Para além das disputas geopolíticas que fizeram do caso Scottsboro um caso específico de guerra ideológica, a solidariedade negra internacional, enquanto temática e ressignificada em moldes alternativos ao garveísmo, galvanizou as palavras de ordem dos comunistas a respeito do colonialismo e do imperialismo.

O prosseguimento da campanha, capitaneada pela ILD, redundou num fracasso relativo já que a mudança na correlação de forças políticas – a ascensão do nazismo na Alemanha – alterara as capacidades organizativas dos comunistas e frentistas. Isso não só abateu as organizações como também os sujeitos por ela influenciados. Até 1937, alguns dos acusados no caso Scottsboro já haviam sido soltos, mas o caso explicitaria a questão racial como calcanhar de aquiles da democracia ocidental para anos de Guerra Fria, inclusive.

A participação da ILD na construção de pontes com diferentes grupos sociais não poderia prescindir de estratégias de transferência de divisas e de vínculos com contornos políticos relativamente maleáveis, como exigiria uma política de frente. A organização que

⁴⁵⁹ VERNEY, Kevern; SARTAIN, Lee (Ed.). **Long is the way and hard**: one hundred years of the NAACP. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2009. p. 238. Para outra versão, ver: MILLER; PENNYBACKER; ROSENHAFT, 2001, p. 390-391.

⁴⁶⁰ Jennifer Uhlmann sustenta que, em pelo menos duas ocasiões, Patterson se sensibilizaria com a situação de trabalhadores mexicanos em Detroit e em Brighton, Colorado. UHLMANN, 2007, p. 204. William Patterson fazia parte do mesmo grupo de militantes adeptos do internacionalismo negro como agenda para o movimento. WEISS, 2013, p. 278.

⁴⁶¹ Internationale Arbeiter-Hilfe (IAH).

⁴⁶² MILLER, 1999, p. 417.

proveu isso à ILD e às outras iniciativas dos comunistas estadunidenses foi a Friends of Soviet Union (FSU).

A Friends of Soviet Union⁴⁶³ aparece como uma organização onipresente e invisível. Suas atividades estiveram circunscritas a diferentes esferas ao longo de sua existência. Não há estudos específicos sobre ela, mas está evidente que essa organização foi responsável pela tramitação de recursos e patrocínio de atividades de propaganda e agitação entre meados da década de 1920 e meados da década de 1930 nos Estados Unidos. Seu modelo organizativo teria longa vida, baseado na ideia de amizade entre os povos e, precisamente por isso, a organização não era sediada em Moscou e oficialmente não possuía uma única sede. No entanto, na prática a Friends of the Soviet Union dividia o mesmo escritório que a Liga Anti-Imperialista na Alemanha.⁴⁶⁴

A atuação da FSU se desdobrava em duas atividades. Um primeiro exemplo de como a FSU agia a respeito das atividades é o seguinte:

Kon serviu como chefe da Friends of Soviet Union (FSU) em Montreal até que a Segunda Guerra Mundial começou, escrevendo incontáveis cartas para os editores dos jornais locais e organizando eventos. [...] Em 1935, ele organizou uma exibição de arte soviética patrocinada pelo Friends of Soviet Union em Montreal, reclamou que era “objetivo das autoridades da cidade [de Montreal] prevenir que os trabalhadores franco-canadenses aprendessem a verdade sobre a Rússia Soviética”.⁴⁶⁵

Havia ênfase no patrocínio de atividades culturais por parte da FSU. A formação de opinião, a veiculação de notícias sobre a URSS e o intercâmbio no campo das artes constituíam objetos de especial interesse por parte da FSU. Isso obedecia aos princípios gerais do idealizador das organizações de frente, Willi Münzenberg, quem, a certa altura, reclamou insistentemente que os partidos comunistas não compreendiam a importância de organizações não partidárias na conquista daqueles que ainda não haviam despertado para a luta de classes.

⁴⁶³ [suriname and friends of soviet russia 025.jpg](#). Murphy Collection Records on International Communism, compiled 1958-1958, documenting the period 1917-1958. HMS Entry Number(s): A1 18. Record Group 263: Records of the Central Intelligence Agency, 1894-2002. National Archives at College Park. ARC Identifier: 7402621.

⁴⁶⁴ PETERSSON, 2013, p. 216.

⁴⁶⁵ ANDERSON, Jennifer. **Propaganda and Persuasion in the Cold War: The Canadian Soviet Friendship Society, 1949-1960**. 2008. Tese (Doutorado em História). Carleton University, Ottawa, 2008. p. 17-18. “Kon served as head of the Montreal-based Friends of the Soviet Union (FSU) until the Second World War broke out, writing countless letters to the editors of local newspapers and organizing events. [...] In 1935, he organized a Soviet art exhibition sponsored by the FSU in Montreal, complained that it was ‘the object of the [Montreal] city authorities to prevent the French Canadian workers from learning the truth about Soviet Russia’.” Louis Kon trabalhou em 1910 na construção da Grand Trunk Pacific (ferrovia transcontinental que ligava a cidade de Winnipeg, no meio do país, ao Oeste, até a Colúmbia Britânica), agindo como interlocutor com o governo russo no sentido de angariar trabalhadores para a construção da linha. Ao que parece, Kon estendeu as ligações que mantinha com a Rússia Czarista para o regime bolchevique. BLACK, Joseph Laurence. **Canada in the Soviet Mirror: Ideology and Perception in Soviet Foreign Affairs, 1917-1991**. Montreal: McGill University-Queens Press, 1998. p. 18-19.

Queixou-se também que os dirigentes comunistas, em geral, não entendiam as capacidades que só organizações não partidárias possuíam para construir pontes com sujeitos não partidários mas simpáticos à causa comunista. Para Münzenberg, já ciente da política de classe contra classe do novo período, as organizações chamadas por ele de não partidárias contrabalançavam a influência social-democrata ao mesmo tempo que permitiam o recrutamento de novos militantes. Entretanto, ele também reconhecia que organizações como a Friends of Soviet Union se tornariam fontes de oportunismo político caso não houvesse um entendimento claro dos seus significados para os partidos comunistas.⁴⁶⁶ Por isso, dedicou-se intensamente às organizações de frente. A despeito de ter sido o principal artífice da LAI, abdicou de participar intensamente da reorganização da entidade. Münzenberg preferiu focar na FSU e na Mezhrabpomfilm, a indústria cinematográfica dos comunistas.⁴⁶⁷

A ocorrência de um grande número de organizações de frente (ou não partidárias) criou situações em que elas disputavam prevalência diante das seções nacionais dos Partidos Comunistas. O exemplo destacado por Fredrik Petersson, a Liga Anti-Imperialista, demonstra a dificuldade que os comunistas tiveram em conciliar as diferentes agendas das organizações. A LAI, tanto na França como na Inglaterra, importante antagonista do colonialismo, teve acrescidas ao rol de obstáculos alheios aos comunistas, dificuldades organizativas em razão da atuação de outros grupos não partidários tais como a Friends of Soviet Union na Inglaterra e a Ligue pour la Défense de la Race Nègre (LDRN) na França. O *cul-de-sac* significou, para os comunistas da Comintern, que era imperativo resolver o problema o qual colocava em dificuldade a organização de frente responsável pelo combate ao imperialismo. A saída foi tornar mandatória a participação coletiva em todas as organizações de frente, no caso do PCF, e aplicar tática de “frente por baixo”, no caso do Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB), focando nas associações de universitários, como foi o caso dos indianos e dos caribenhos nas universidades em Oxford, Cambridge e Edimburgo, entre outras. Além disso, no caso da Inglaterra, os comunistas do partido assumiriam a responsabilidade de ajudar a organizar cursos a respeito de temas como imperialismo e marxismo.⁴⁶⁸

Pouco mais de um ano depois, num novo esforço de bolchevização dos partidos dos países da Europa Ocidental, o *bureau* da região recrudesceria a supervisão sob as

⁴⁶⁶ PETERSSON, 2013, p. 236-7. O debate ocorreu no VI Congresso da Comintern, em 1928, a propósito da discussão do relatório congressual apresentado por Nikolai Bukharin, então dirigente máximo da IC, quando Münzenberg ponderou a falta de comprometimento com as organizações não partidárias. O contra-argumento majoritário a Münzenberg, segundo Jane Degras, era o de que o excesso de organizações de frente sobrecarregava partidos pequenos. DEGRAS, 1959, p. 465.

⁴⁶⁷ RGASPI, F. 495, op. 4, d. 15, fols. 1-5, 1 mar. 1930.

⁴⁶⁸ PETERSSON, 2013, p. 372.

organizações auxiliares e não partidárias ao passo em que recolocaria na pauta a defesa da União Soviética contra o perigo de guerra.⁴⁶⁹ Entre o fim de 1932 e início de 1933, as organizações auxiliares estavam no centro de uma nova depuração da Comintern: as diretrizes partidárias, aparentemente, não estavam sendo seguidas e a IC enviaria especialistas para averiguar e inspecionar as atividades dos organismos frentistas.⁴⁷⁰

A conclusão de Fredrik Petersson é que a LAI e as outras organizações tiveram uma dinâmica de atividade interacionista entre si. Dentre os resultados dessa relação, estão:

a participação obrigatória de delegados de outras organizações simpatizantes nos congressos e conferências organizados pelos comunistas, a publicação e distribuição do material político, o intercâmbio de pessoal, a assistência financeira e o trabalho de preparação conjunta para organizar manifestações públicas. Além disso, a organização simpatizante era uma instituição de dentro do movimento comunista onde indivíduos dividiriam inspirações e experiências, mas também foi uma arena representativa de uma instituição tanto incluyente quanto excluyente para seus membros.⁴⁷¹

Os propósitos da Friends of Soviet Union eram “estar pronto[s] para tomar defesa incondicional do primeiro estado dos operários e camponeses contra todo ataque imperialista”⁴⁷² e “decidir sobre medidas práticas para defender a Revolução contra os ataques inevitáveis do mundo do capitalismo”.⁴⁷³ Uma das medidas da Friends of Soviet Union da Austrália, por exemplo, foi organizar viagens de delegados australianos para a União Soviética para que eles pudessem:

Se familiarizar com “a verdade”, sem dúvida dirigida aos delegados para que retornem como propagadores do socialismo e da propaganda soviética. Direito do trabalhador, condições e progresso na Rússia foram contrastados com a ofensiva capitalista e a Depressão que afligia a Austrália. Por meio de tais comparações, foi planejado gerar indignação proletária relativa aos planos imperialistas de invadir a Rússia Soviética, dessa maneira aumentando uma barreira insuperável baseada na opinião pública pela intervenção militar real.⁴⁷⁴

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 403.

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 481.

⁴⁷¹ Ibidem, p. 513. “the mandatory attendance of delegates from other sympathising organisations at congresses and conferences organised by a communist organisation, the publication and distribution of political material, the interchange of personnel, financial assistance and joint preparatory work to organise public demonstrations. Furthermore, the sympathising organisation was an institution within the communist movement where individuals could share inspiration and experiences, but it was also an arena representing either an inclusive or exclusive institution for its members.”

⁴⁷² Anexo n. 15 do memorando intitulado “Agencies for Soviet Propaganda in Countries Outside of Russia”. Murphy Collection. National Archives, Estados Unidos, 021.jpg, 12 abr. 1933, p. 1. “are ready to take up the unconditional defense of the first workers' and peasants' state against all imperialist attack”.

⁴⁷³ BOZINOVSKI, Robert. **The Communist Party of Australia and Proletarian Internationalism, 1928-1945**. 2008. Tese (Doutorado)–School of Social Sciences, Faculty of Arts, Education and Human Development, Victoria University, Melbourne, 2008. p. 49. “Decide upon practical measures to defend the Revolution against the inevitable attacks of world capitalism.”

⁴⁷⁴ BOZINOVSKI, 2008, p. 118. “Acquaint themselves with ‘the truth,’ doubtlessly intended for delegates to return as purveyors of socialism and Soviet propaganda. Worker’s rights, conditions and progress in Russia were contrasted with the capitalist offensive and Depression afflicting Australia. Through such comparisons, it was intended to generate proletarian indignation at imperialist plans to invade Soviet Russia thereby raising an insuperable barrier founded on public opinion to actual military intervention.”

A FSU desempenhou o mesmo papel no caso da Dinamarca onde, no seu auge, manteve entre 3 mil e 4 mil membros em suas hostes.⁴⁷⁵

Um relatório da inteligência estadunidense em Riga, datado de 12 de abril de 1933, estabelece um panorama relativamente completo da organização. O objetivo expresso da FSU é exposto como sendo uma “aproximação das massas proletárias e da inteligência trabalhadora dos países capitalistas para com a União Soviética e a luta ativa pela defesa da URSS contra a intervenção”.⁴⁷⁶ Além disso, o relatório descreve as atividades da FSU nos Estados Unidos. Primeiramente é enfatizado o grande trabalho feito pelos membros da organização em angariar fundos, para em seguida criticar o reduzido tamanho da FSU nos Estados Unidos inviabilizando a formação de uma grande frente única.⁴⁷⁷

A aproximação entre intelectuais em relação à agenda soviética estava no centro das preocupações da FSU. Tome-se como exemplo as organizações da Friends of Soviet Union em países diversos. Na Dinamarca, a despeito do fracasso em construir pontes institucionais com a Social Democracia em meados de 1930, foi possível estabelecer contato com intelectuais afinados à esquerda. Via Sovjetunionens Venner (Amigos da União Soviética), estabeleceu-se:

uma ampla organização de intelectuais, Luta Cultural Liberal (*Frisindet Kulturkamp*), que foi muito ativa entre 1934 e 39. Entre seus líderes estavam proeminentes intelectuais social-democratas, embora eles tenham participado sem permissão e sob protesto da liderança do Partido Social Democrata. A organização publicou um jornal excelentemente editado, “*Kulturkampen*” (“A Luta Cultural”) que teve uma tiragem de aproximadamente 2.000 exemplares.⁴⁷⁸

No Canadá, em diferentes espaços sociais o espírito frentista retornaria com força significativa em meados de 1930. Com relação ao mundo do trabalho, o perfil do PC canadense se alteraria na medida em que a atuação virava na direção dos desempregados e na construção da FSU e da League Against War and Fascism. Em todo o país, os “comunistas utilizaram ‘métodos sociais’ de trabalho como uma ponte para aprofundar seu envolvimento

⁴⁷⁵ THING, Morten. **The Communist Party of Denmark and Comintern 1919-1943**. 1990. p. 7. Disponível em: <http://rudar.ruc.dk/bitstream/1800/1073/1/The_communist_party.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

⁴⁷⁶ Anexo n. 15 do memorando intitulado “Agencies for Soviet Propaganda in Countries Outside of Russia”. Murphy Collection. National Archives, Estados Unidos, 021.jpg, 12 abr. 1933, p. 3. “Rapprochement of the proletarian masses and the toiling intelligentsia of the capitalist countries to the Soviet Union and the active struggle for the defense of the USSR from intervention.”

⁴⁷⁷ Ibidem, p. 8.

⁴⁷⁸ “a broad organisation of intellectuals, Liberal Cultural Struggle (*Frisindet Kulturkamp*), which was very active between 1934 and 39. Among the leaders were prominent Social Democratic intellectuals, although they participated without permission and under protest from the Social Democratic Party's leadership. The organisation published an excellently edited paper, *Kulturkampen* (The Cultural Struggle), which had a circulation figure of approx. 2,000.” THING, 1990, p. 7.

político e sindical. Iniciativas no âmbito da educação, conversas, bazares literários, danças e sociais contribuíram para uma modesta reconstrução do partido”.⁴⁷⁹

Já no início da década de 1930, o espírito era “de admiração tanto dos avanços sociais como culturais ocorridos na URSS, e a situação política que permitiu tais avanços.” Inicialmente fruto de curiosidade sobre o salto social soviético, a FSU organizou ao longo dessa década atividades com os viajantes que voltavam da URSS ou mesmo aqueles que eram capazes de discorrer acerca de Maksim Gorky e da “nova democracia” soviética.⁴⁸⁰

Em junho de 1935, os reclames de Münzenberg acerca da necessidade de converter não conversos chegava ao Canadá quando se passou a admitir, e mesmo a se declarar necessário, adequar o tom no diálogo com intelectuais e liberais.⁴⁸¹

Ao lidar com delegados e observadores de organizações de fora [do movimento comunista], é necessário usar uma técnica um pouco diferente de quando lida-se com organizações regulares de dentro. No limite, precisamos ter em mente que quando fazemos contato com um grande número de pessoas que estão fora da esquerda ou do movimento socialista revolucionário ou até mesmo suavemente socialista, essas pessoas saberão bem menos sobre a URSS e serão mais ou menos uma classe de jardim de infância. Quando nós conversamos com delegados regulares que têm ido a esses encontros por anos a fio, nós podemos usar uma técnica revolucionária, e termos um encontro normal do tipo fogo do inferno, mas esse tipo de coisa não é própria para delegados de outras organizações, que estão gradualmente se tornando interessados e simpáticos na direção dos desenvolvimentos da URSS.⁴⁸²

Já na década de 1940, na Índia, Jyoti Basu foi secretário da FSU e da Anti-Fascist Writers and Artists Association.⁴⁸³ Ambas as organizações estabeleceram-se no mesmo lugar, em Calcutá. Frutos do espírito frentista, intelectuais de variadas plêiades aderiram à organização para combater o nazifascismo.

Nos Estados Unidos as atividades da FSU não fugiam da perspectiva dupla de: 1) financiar atividades culturais; e 2) estabelecer vínculos entre a classe trabalhadora e a intelectualidade, ambas com o fito de defender ideologicamente a URSS. O vínculo entre

⁴⁷⁹ “As was happening across the country, communists used ‘social methods’ of work as a bridge to deeper political and trade union involvement. Educationals (the WEC [*Worker’s Educational Club*] was resurrected), talks, literature sales, dances, and socials all contributed to a modest re-building of the party.” MANLEY, John. *Preaching the Red Stuff: J.B. McLachlan, Communism, and the Cape Breton Miners, 1922-1935. Labour/Le Travail*, Toronto, v. 30, p. 101-2, outono 1992.

⁴⁸⁰ ANDERSON, 2008, p. 20.

⁴⁸¹ Ibidem, p. 20.

⁴⁸² WHITE, J. F. apud ANDERSON, 2008, p. 21. “[I]n dealing with delegates and observers from these outside organizations, it is necessary to use a slightly different technique than in dealing with the regular inside ones. After all, we have to realize that as we make contact with larger numbers of people who have been outside the left-wing or revolutionary or even mildly socialist movement, that these people will know very much less about the U.S.S.R., and will be more or less in the kindergarten class. When we are talking to regular delegates who have been going to these meetings for years, we can use revolutionary technique, and have a regular sort of hell-fire meeting, but that sort of thing is not proper for delegates from the other organizations, who are gradually becoming interested and sympathetic towards the developments in the U.S.S.R.”

⁴⁸³ BASU, Jyoti. *Memoirs, a political autobiography*. Bengala: National Book Agency, 1999. p. 17.

FSU e os organismos de propaganda do CPUSA eram nítidos. Há casos de militantes que se envolveram na organização das atividades culturais da FSU, partiam rapidamente para o “Daily Worker”, jornal oficial do partido, e terminavam indo para Escola Leninista Internacional.⁴⁸⁴

As Frentes Populares surgiram, como agenda programática da Comintern, em 1935, no VII Congresso da IC. O argumento até aqui defendido é que, sob alguns aspectos, as Frentes Populares já estavam sendo formadas, sobretudo em iniciativas de combate ao racismo e ao imperialismo.

Nos Estados Unidos, o caso da League of Struggle for Negro Rights (LSNR) foi especialmente marcante já que passaria a compor uma agenda que incluía brancos contrários ao regime de segregação racial, marcando decisivamente a posição dos comunistas em favor da integração racial. A LSNR se posicionaria em favor de pequenos agricultores e arrendatários, negros e brancos, em sua agenda para o campo. No auge de sua atuação no início da Frente Popular, a LSNR teria um papel relevante na luta por empregos e assistência em que pese o fato de nunca ter se descolado do partido.⁴⁸⁵

Em relação à política de Frente Popular, o primeiro problema enfrentado pelo partido foi a posição diante do New Deal. A vigência do Terceiro Período demarcou a posição política dos comunistas diante do plano de recuperação Roosevelt. Ao que parece, porém, o governo Roosevelt “habilmente manteve os sulistas segregacionistas sob vigilância enquanto abordava os negros”.⁴⁸⁶ Com apoio de organizações como National Association for Advancement of Colored People (NAACP) e Federal Council of Churches, de George E. Haynes, foi criado o Joint Committee on National Recovery sob a tutela de John P. Davis. Este, por sua vez, dirigiu-se no rumo da política de Frente Popular desenhada pelo CPUSA, cuja pauta fundamental para a questão negra era a unificação racial entre negros e brancos.

⁴⁸⁴ BROWN, 1996, p. 101. Pode-se ainda perceber a imbricação dessas organizações a partir da trajetória de Ella Reeve Bloor: “Bloor, a short time after her return from the RILU in 1921, moved to California as the CP's District Organizer for the California, Arizona, Nevada, Oregon, and Washington district. As District Organizer she worked to build the RILU-supported TUEL, to ensure the growth and development of established unions, and to recruit Party members through front organizations such as the Friends of Soviet Russia, the TUEL, and the ILD. She also organized for the Friends of Soviet Russia, the American Labor Alliance (ALA) which was the newly created legal Party apparatus, and the Workers (Communist) Party (CP) which in December of 1921 replaced the ALA.” Interspersed with her work on the West coast were trips east for National Conventions of the CP, including the Bridgman Conference, for TUEL organizing work among miners and textile workers, and for ILD organizing. Whether organizing for the TUEL or the ILD, or recruiting for the Party itself, Bloor's focus and tactics were almost exclusively on building front organizations through which American workers could be educated, recruited and trained for the Party.” (p. 287-8).

⁴⁸⁵ SOLOMON, 1998, p. 190-1.

⁴⁸⁶ “defly kept the southern segregationists under his tent while making overtures to blacks”. SOLOMON, 1998, p. 235.

Solomon defende que ainda havia uma ênfase na organização da classe trabalhadora e uma tentativa de coalescer as organizações negras em torno de questões trabalhistas e sindicais.⁴⁸⁷

No final de 1933, fruto dos arranjos que permitiriam certa hesitação dos comunistas em combater o New Deal, um outro evento da maior grandeza teria lugar. O crescimento da violência de brancos dirigida aos negros sob a forma de linchamentos fez com que a pressão exercida pelas frentes negras obtivessem suas primeiras vitórias nos marcos legais pela conquista dos direitos civis. Nos últimos dias de 1933 foi encaminhada uma proposta, por dois senadores, para que o linchamento fosse enquadrado como crime federal. Quando finalmente a lei seria aprovada, em 1935, os comunistas se posicionaram contrariamente, acusando o governo de implantar uma justiça burguesa.⁴⁸⁸

O desencontro dos comunistas com as comunidades negras que em parte explicaria a ausência e o silêncio da esquerda durante as mobilizações pró-Direitos Civis após a Segunda Guerra Mundial começava ali. A capacidade de mobilização e propaganda ainda se constituíam como habilidades importantes para os comunistas. O caso Scottsboro transbordou para a militância comunista em todo o globo em razão dessa capacidade, materializada pela International Labour Defense.⁴⁸⁹

Em fevereiro de 1936, quando o National Negro Congress (NNC) foi fundado em Chicago, os comunistas foram advertidos a não tentar tomar a organização. A tática da Frente Popular, conquanto tenha inspirado as outras organizações negras de viés comunista, tinha no NNC sua expressão ideal. Para Glenda Gilmore, “o sucesso do NNC veio da mistura de táticas de protestos diretos, alianças de Frente Popular, representação da classe operária e urgência”.⁴⁹⁰ O episódio da Guerra Ítalo-Etíope, com o qual a URSS teve um envolvimento obscuro, e os acordos diplomáticos com França e Inglaterra não tiveram um impacto tão forte na militância frentista quanto o Pacto de Não Agressão Názi-Soviético, firmado em agosto de 1939. A confusão política tornou as diretrizes do NNC igualmente obscuras: negavam Hitler, afirmavam não poder lutar com a Inglaterra por causa das possessões coloniais e viam o Sul dos Estados Unidos como uma Alemanha nazista.⁴⁹¹

⁴⁸⁷ Ibidem, p. 236.

⁴⁸⁸ Ibidem, p. 239. Os comunistas acusaram a legislação aprovada de omitir a pena de morte para linchadores, a manutenção de certos tipos de linchamento legais e ainda “expressing the feat that its definition of a mob (‘three or more persons acting in concert... to kill or injure’) could be used against the left”.

⁴⁸⁹ Houve disputas em torno do capital político resultante das ações do caso Scottsboro. Um dos cenários de disputa se deu, precisamente, entre a International Labor Defense e Samuel Leibowitz, o advogado de defesa dos acusados. SOLOMON, 1998, p. 240-249.

⁴⁹⁰ GILMORE, 2008, p. 309.

⁴⁹¹ GILMORE, 2008, p. 311.

O destino de alguns dos mais proeminentes dirigentes negros do movimento comunista internacional foi a expulsão de seus respectivos partidos ou desalojamento de espaços de protagonismo. Esse processo se deu até o final da década de 1940.

Otto Huiswoud, por exemplo, não obtivera permissão para voltar aos Estados Unidos depois da guerra. A partir de então, ele se tornaria um radicalizado em Amsterdã e, conquanto não se distanciasse do comunismo como horizonte,⁴⁹² estava aliado de participação efetiva da agenda comunista para as questões raciais. Richard Moore e Cyril Briggs foram expulsos do CPUSA em 1942 por “desvios de nacionalismo negro”. Harry Haywood lutou na Guerra Civil Espanhola em 1936. Depois de 1937, quando voltou da Espanha, foi acusado de ter abandonado seu batalhão e voltado antes da hora. Em razão da desmoralização que tal acusação impunha a Haywood, qualquer cargo de liderança estava fora de questão. De acordo com ele, “apenas anos depois fui capaz de ver como esse ataque a um quadro negro foi parte de um impulso geral na liderança do partido para liquidar a questão nacional e o nosso papel de liderança na luta”.⁴⁹³ Juntou-se, em 1943, à National Maritime Union, sindicato dos marinheiros da Marinha Mercante.⁴⁹⁴ Padmore, aparentemente, manteve ligações com a oposição comunista ligada a Jay Lovestone, histórico combatente contra a tese do cinturão negro. Em 1938, publicou artigos na revista do grupo e publicaria mais tarde, em 1956, o influente texto “Pan-Africanism or Communism: The Coming Struggle for Africa”.⁴⁹⁵

James Ford permaneceria como uma das importantes referências partidárias sobre a questão negra. Em 1941, escrevendo para o “Communist” em texto intitulado “The Negro People and the new world situation following june 22”, Ford reafirmaria a afinidade natural da URSS com os povos oprimidos pelo imperialismo. Ford sustentava que

Toda forma de discriminação foi abolida. A punição foi dispensada para qualquer um que praticasse desprezo ou maldade na direção de nacionalidades ou raças. Uma luta implacável foi travada contra ‘teorias de inferioridade ou superioridade das raças. A ‘Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia’, assinada por Lênin e Stalin, foi promulgada como uma lei básica em 1917. Ela aboliu todos os privilégios ou restrições baseadas na posição das nacionalidades e proclamou o direito de todas as nacionalidades que habitavam no território da Rússia ao desenvolvimento desimpedido. O caminho estava completamente aberto para o desenvolvimento cultural de muitas nacionalidades na União Soviética.⁴⁹⁶

⁴⁹² Ao menos esta é a hipótese de Susan Campbell. Para ela, aparecer no Segundo Congresso Internacional de Trabalhadores Negros, em 1959, quase 30 anos depois do primeiro, é uma prova de que “Huiswoud nunca rompeu com o movimento comunista internacional” (“Huiswoud never fell out with the international Communist movement”. CAMPBELL, 1994b, parágrafo 184).

⁴⁹³ “Only years later was I able to see how this attack on a leading Black cadre was part of the overall thrust in the leadership of the party to liquidate the national question and our leading role in the struggle.” (HALL, 2012, posição 3839)

⁴⁹⁴ Ibidem, posição 3876.

⁴⁹⁵ CAMPBELL, 1994.

⁴⁹⁶ Tamiment Library 2 597.jpg. Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, James W. Ford Papers and Photographs, TAM. 588, caixa 1, pasta Biographical Clippings. Rascunho (com notas a lápis do

Ford antecipava o teor que assumiriam as divergências entre União Soviética e Estados Unidos a respeito da política racial deste último país.

Todos os cultos reacionários e “teorias” que presumivelmente justificavam a superioridade de uma raça sobre a outra têm sido completamente refutados e arrancados da União Soviética, onde uma nova confiança mútua e relações fraternas entre pessoas são a regra. As políticas da União Soviética se destacam em agudo contraste com relação às políticas raciais brutais da Alemanha fascista.⁴⁹⁷

Num ajuste de contas tardio com a tese da autodeterminação, Ford retornou ao argumento que postulava a parte negra na tessitura nacional estadunidense, lembrando silenciosamente John Reed. Debatia também com setores das comunidades negras e organizações que viam a II Guerra Mundial como um assunto de brancos. Para ele, a “independência e existência nacional dos Estados Unidos estavam em risco”. Ford acreditava haver um esforço deliberado em excluir o povo negro do “próprio conceito de nação”. Considerava que, apesar disso, os negros “se vêem como uma parte da nação americana e não se renderão a ninguém em sua determinação em defendê-la”.⁴⁹⁸

A pergunta que, nesse artigo, Ford se impunha era a contradição evidente: por que um povo oprimido lutaria pela mesma nação que o oprime? Para responder à questão, Ford descartava todo o esforço feito pelos comunistas no sentido de justificar a autodeterminação. Para ele,

a luta por direitos para os negros deve ser conduzida por dentro da moldura da Unidade Nacional. Separar esses processos mutuamente conectados ou conduzir a luta por direitos para os negros em uma maneira que dificulte a Unidade nacional colocaria em perigo a tarefa central de defesa da nação e dos interesses especiais do povo negro. (destaques do original)⁴⁹⁹

autor) do artigo “The Negro People and the New World Situation Following June 22”, de James Ford, publicado em “Communist”, em agosto de 1941. “Every form of discrimination against races was abolished. Punishment was meted out to anyone practicing contempt and meanness toward nations or races. A merciless struggle was waged against 'theories of inferiority or superiority of races. The 'Declaration of the Rights of Peoples of Russia', signed by Lenin and Stalin, was promulgated as a basic law in 1917. It abolished all privileges or restrictions based on the position of nationalities, and proclaimed the right of all nationalities inhabiting the territory of Russia to unhampered development. Full play was opened up for the cultural development of the many nationalities in the Soviet Union.” (p. 3).

⁴⁹⁷ Tamiment Library 2 597.jpg. Ibidem, p. 3. “All reactionary cults and ‘theories’ presuming to justify superiority of one race over another have been utterly disproved and uprooted in the Soviet Union, where new mutual trust and fraternal relations between people are the rule. The policies of the Soviet Union stand out in sharp contrast to the brutal racial policies of fascist Germany.”

⁴⁹⁸ Tamiment Library 2 608.jpg. Tamiment Library and Robert F. Wagner Labor Archives, James W. Ford Papers and Photographs, TAM. 588, caixa 1, pasta Biographical Clippings. Rascunho (com notas a lápis do autor) do artigo “Some problems of the Negro people in the national front to destroy Hitler and fascism”, de James Ford, publicado em “Communist”, em outubro de 1941. “Some problems of the Negro people in the national front to destroy Hitler and Hitlerism”. “Independence and national existence of the United States are endangered.” “Despite all efforts of enemies of the American people to exclude the Negro people from the very concept of the nation, the Negro people rightfully regard themselves as a part of the American nation and will yield to no one in their determination to defend it” (p. 1).

⁴⁹⁹ Tamiment Library 2 608.jpg. Ibidem. “The fight for Negro rights must be conducted within the framework of the National Unity. To separate these two mutually connected processes or to conduct the fight for Negro rights

Mirando no “nacionalismo negro”, Ford os acusava de divisionistas a partir do epíteto de “trotskista”. Desse modo, aqueles que propagandeavam ideias que fragmentavam o espírito de Unidade Nacional e aliança entre trabalhadores negros e brancos eram trotskistas. Ford igualou, sem maiores cerimônias, aqueles que reafirmavam a ausência de motivo para que os negros entrassem na guerra aos que participavam e organizavam comícios pró-Hitler no Harlem. Tanto um quanto outro, segundo ele, eram instigados pelos trotskistas. Concluiu dizendo que “a ideologia dos assim chamados ‘nacionalistas negros’ é o reverso da moeda das teorias da raça ariana de Hitler e representa para o povo negro o mesmo veneno que o racismo de Hitler representa para o povo alemão”.⁵⁰⁰

in such a way as to hamper National Unity would endanger the central task of defense of the nation and the special interests of the Negro people.”

⁵⁰⁰ Tamiment Library 2 608.jpg. Ibidem. “The ideology of these so-called ‘Negro nationalists’ is the reverse of the coin of Hitler’s Aryan theories of race, and represents for the Negro people the same poison as Hitler’s racism does for the German people.”

6 Os comunistas, o antirracismo e a revolução no Brasil

Georgi Dimitrov, preso pela Gestapo em 1933, acusado de incendiar o Reichstag, se naturalizou soviético no ano seguinte. Herói, chegou à URSS com um *status* tal que terminou, ainda em 1934, nomeado Secretário-Geral da Internacional Comunista, por Josef Stalin. Uma de suas primeiras ações foi realizar um Congresso Mundial da Comintern, depois de cinco anos do último que havia sido organizado. O VII Congresso foi o derradeiro e aquele que livrou os comunistas da política de classe contra classe. Em resumo, o Congresso realizado entre julho e agosto de 1935 reconheceu a falha das decisões do evento anterior e redefiniu a constelação de alianças dos comunistas para os anos vindouros.

Num discurso comedido do ponto de vista do conteúdo, Dimitrov foi responsável por apresentar o principal relatório do Congresso. Esforçou-se em demonstrar, aos camaradas presentes, a necessidade de aliança com setores progressistas da burguesia – leia-se antifascistas – para garantir que não houvesse “escravização das nações fracas, intensificação da opressão colonial e nova repartição do mundo por meio da guerra”.⁵⁰¹

Se a política de Frentes Populares, por um lado, resultou numa novidade derivada de Moscou, por outro já era em alguma medida praticada por comunistas de variadas partes do mundo. O reconhecimento da superação da linha ultraesquerdista de 1928 já havia resultado em política efetiva por parte dos comunistas nos cotidianos locais.

Àquela altura, a Internacional Comunista se localizava na esfera de influência direta da burocracia stalinista. Assim, a ausência de Congressos, desde 1928, e o enrijecimento centralizador na estrutura cominterniana coadunavam-se com a nova fase da história da URSS: o período dos expurgos. Ironicamente, portanto, a fase em que os comunistas de todo o mundo receberam o aval para serem criativos na montagem de suas táticas se deu à custa do revigoramento das restrições na URSS. Marshall Berman, ao analisar a Frente Popular nos Estados Unidos, afirmou, sem esconder uma ponta de romantismo, que:

A idéia era que todas as “forças democráticas” se reunissem para impedir que o fascismo e o nazismo tomassem conta do mundo, e que era um dever urgente dos comunistas apoiar essas forças democráticas, fossem elas comunistas ou não. Essa idéia definiu a política cultural comunista até o início da Guerra Fria. Nos Estados Unidos, liberou os comunistas para serem inclusivos e criativos, muito mais do que jamais tinham sido ou seriam de novo. Podemos agradecer à Frente Popular pelo

⁵⁰¹ “enslaving the weak nations, by intensifying colonial oppression and repartitioning the world anew by means of war.” DIMITROV, Georgi. The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class against Fascism: Main Report delivered at the Seventh World Congress of the Communist International. 2 ago. 1935. **Marxists Internet Archive**: Georgi Dimitrov. 2014. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/dimitrov/works/1935/08_02.htm#s9>. Acesso em: 31 out. 2014.

CIO [Congress Industrial Organizations], pelo TVA [Tennessee Valley Authority], pelo controle municipal dos aluguéis, por *As Vinhas da Ira*, *Let us now praise famous men*, *Um fio de esperança*, “Strange fruit”, “*Appalachian spring*, *Cidade nua*. A Frente animou a cultura americana durante toda a Segunda Guerra Mundial. Embora concebida por subalternos de Stalin, fez provavelmente muito mais pelos Estados Unidos do que jamais fez pela União Soviética.⁵⁰²

Coube a Dimitrov o papel de liderar a inflexão decisiva para os comunistas em todo o mundo. Ele abriu o Congresso falando sobre os partidos da burguesia. Induziu a recuperação da criatividade de formulação dos comunistas; com a chave da porta que levava à liberdade de avaliar, recuperou o elitismo comunista o qual imaginava a vanguarda como fator decisivo para a defesa da União Soviética. Caberia aos líderes comunistas desfazer o domínio burguês.

Nos países capitalistas, a maior parte dos partidos e organizações, tanto políticas quanto econômicas, estão sob a influência da burguesia e seguem-na. A composição social desses partidos e organizações é heterogênea. Eles incluem camponeses ricos lado a lado com camponeses sem terra, grandes comerciantes com pequenos arrendatários; mas o controle está nas mãos dos primeiros, dos agentes do grande capital. Isso nos obriga a *abordar as diferentes organizações de diferentes maneiras*, lembrando que frequentemente a massa dos membros ignora o real caráter político da liderança. Sob certas circunstâncias nós podemos e devemos tentar dirigir estes partidos e organizações ou certas seções deles para o lado da Frente antifascista popular, apesar de sua liderança burguesa.⁵⁰³

A respeito dos chamados países semicoloniais, a lógica seria a mesma:

A mudança na situação internacional e nacional empresta importância excepcional à questão da *frente única anti-imperialista* em todos os países coloniais e semicoloniais.

Ao formar uma ampla frente única anti-imperialista, é necessário antes de tudo reconhecer a variedade de condições sob as quais a luta anti-imperialista das massas está se dando, os variados graus de maturação do movimento de libertação nacional, o papel do proletariado nele e a influência do Partido Comunista sobre as massas.⁵⁰⁴

Ao contrário do então passado recente, quando as linhas gerais provenientes deveriam ser obedecidas pelos partidos, agora a Comintern deixava, explicitamente, certa margem de manobra para as seções nacionais avaliarem, dentro de alguns limites, as possibilidades. Para cada caso, a ação corresponderia às avaliações, interpretações específicas e à capacidade

⁵⁰² BERMAN, Marshall. *Um século em Nova York*: espetáculos em Times Square. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 107.

⁵⁰³ “In the capitalist countries the majority of these parties and organizations, political as well as economic, are still under the influence of the bourgeoisie and follow it. The social composition of these parties and organizations is heterogeneous. They include rich peasants side by side with landless peasants, big businessmen alongside petty shopkeepers; but control is in the hands of the former, the agents of big capital. This obliges us to *approach the different organizations in different ways*, remembering that often the bulk of the membership ignores the real political character of its leadership. Under certain conditions we can and must try to draw these parties and organizations or certain sections of them to the side of the anti-fascist People's Front, despite their bourgeois leadership.” DIMITROV, 2014.

⁵⁰⁴ “The changed international and internal situation lends exceptional importance to the question of the *anti-imperialist united front* in all colonial and semi-colonial countries.

In forming a broad anti-imperialist united front of struggle in the colonies and semi-colonies it is necessary above all to recognize the variety of conditions in which the anti-imperialist struggle of the masses is proceeding, the varying degree of maturity of the national liberation movement, the role of the proletariat within it and the influence of the Communist party over the masses.” Ibidem.

prática que a Comintern mantinha no sentido de impor suas diretivas às seções nacionais. O caso do Brasil era visto da seguinte maneira:

No Brasil o problema difere daquilo que ocorre na Índia, China e outros países. No *Brasil* o Partido Comunista, tendo consolidado uma base correta para o desenvolvimento da frente única anti-imperialista ao estabelecer a Aliança Nacional Libertadora, deve empreender todo o esforço para estender essa frente atraindo para ele primeiro e mais importante os muito milhões do campesinato, culminando na formação de unidades de um exército popular revolucionário, completamente devotado para a revolução e para o estabelecimento de um governo da Aliança Nacional Libertadora.⁵⁰⁵

Na avaliação de Dimitrov, perante o Congresso Mundial da Comintern, o Partido Comunista no Brasil já se encontrava num estágio avançado de exercício de hegemonia da Frente, materializada na ANL. O passo seguinte seria o de arregimentação do exército popular.⁵⁰⁶

Diante da ascensão do Nacional-Socialismo e o consequente desbaratamento da estrutura organizativa do PC da Alemanha, também ruíram as redes de comunicação, transporte e logística da IC. Não havia muitas alternativas para os formuladores da política externa soviética, a não ser reatar antigos laços. A Alemanha, um dos principais centros do movimento comunista internacional, se encontrava comprometida. A circulação de comunistas e de informação, indo e vindo da União Soviética, estava prejudicada. A Itália sob Mussolini, a despeito da perseguição aos comunistas italianos, mantinha relações normais com a URSS.⁵⁰⁷ Restava o porto de Amsterdã-Rotterdam, que também se encontrava sob vigilância da inteligência europeia (sobretudo britânica) desde meados de 1920. Desse modo, a capacidade de influência e pressão exercida pela Comintern *vis-à-vis* as seções nacionais estava diminuída salvo pela ascendência moral e pelo centralismo democrático de quem ainda obedecia.⁵⁰⁸ De modo mais claro, é preciso relativizar a capacidade prática de ordenar que a

⁵⁰⁵ “In Brazil the problem differs from that in India, China and other countries.

In *Brazil* the Communist Party, having laid a correct foundation for the development of the united anti-imperialist front by the establishment of the National Liberation Alliance, must make every effort to extend this front by drawing into it first and foremost the many millions of the peasantry, leading up to the formation of units of a people's revolutionary army, completely devoted to the revolution and to the establishment of a government of the National Liberation Alliance.” DIMITROV, 2014.

⁵⁰⁶ Sobre o tema há uma bibliografia relativamente farta: Cf. PINHEIRO, 1991; VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2007; PRESTES, Anita Leocádia. A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe e os levantes de 1935 no Brasil. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 132-153, 2006; GOMES, Ângela de Castro et al. **Velhos Militantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991; BRANDÃO, Gildo Marçal. **Esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista, 1922-1964**. São Paulo: Hucitec, 1997; HILTON, Stanley. **A Rebelião Vermelha**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

⁵⁰⁷ URBAN, Joan Barth. **Moscow and the Italian Communist Party: From Togliatti to Berlinguer**. Ithaca: Cornell University Press, 1986. p. 83.

⁵⁰⁸ Vale lembrar que se trata justamente do período em que começam a haver dissensões nas seções nacionais não só no Brasil como também em outros países, o que não se explica tão somente pela dificuldade nas

IC passou a ter em relação a certas seções nacionais, haja vista as novas condições internacionais pós-1935.

O impacto dessas mudanças na estrutura da Comintern nas organizações negras comunistas foi relativo. Por um lado, as organizações auxiliares da III Internacional que tratavam das questões negras já vislumbravam pontos de contato entre si e estavam espalhadas nos variados setores progressistas da sociedade nos Estados Unidos, e no Brasil não sucederia de modo diverso. Por outro lado, o futuro das teses que vinculavam autodeterminação à possibilidade de secessão territorial tiveram destinos distintos em função do lugar onde foram aplicadas e discutidas, ainda que todas tenham fracassado. Embora a autodeterminação articulada à secessão fosse o principal viés interpretativo dos aparelhos da IC que elaboravam sobre a questão negra, o caso brasileiro assumiu contornos diferentes daqueles estadunidenses.

No Brasil, os anos que acompanharam o combate à ascensão nazifascista, materializada com a criação da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, evidenciaram uma contradição entre militantes do PCB: a abertura política do arco antifascista contraposta ao sectarismo tenentista exemplificado pelas sublevações de novembro de 1935.⁵⁰⁹

O foco deste capítulo está no primeiro aspecto da contradição: as amplas pautas do arco antifascista e suas implicações para a questão negra. Em relação ao enfrentamento da questão racial no Brasil entre os comunistas, talvez o período de vigência da Frente Popular tenha sido o de maior fertilidade mesmo que envolto de paroxismos. Foi entre a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha e o fim da Segunda Guerra Mundial que se realizaram os Congressos Afro-Brasileiros, que Graciliano Ramos traduziu “Up from Slavery: An Autobiography”, de Booker T. Washington, e que a Frente Negra Brasileira e a Frente Negra Socialista alcançaram visibilidade pública. Foi também o ponto alto da rarefeita e curta aproximação entre comunistas norte-americanos (dentre eles alguns negros) e brasileiros. Em resumo, este capítulo tem como objetivo apresentar como os comunistas de Brasil e Estados Unidos lidaram com a questão racial desde as Frentes Populares ao ocaso da Internacional Comunista em 1943.

Entretanto, não estavam em curso apenas os destinos dos comunistas. Estava sendo operada uma rearticulação no formato das organizações negras no Brasil. A experiência de

comunicações, mas, sobretudo, pelo recrudescimento do stalinismo, dentro e fora da União Soviética, a saber, também na Internacional Comunista.

⁵⁰⁹ VIANNA, 2007, p. 409.

clubes e associações negras, paulatinamente, redundavam em expressões políticas cada vez mais claras. Entre 1931, quando a Frente Negra Brasileira foi criada, e 1937,

[...] outras entidades floresceram com o propósito de promover a integração do negro à sociedade mais abrangente, dentre as quais destacam-se o Clube Negro de Cultura Social (1932) e a Frente Negra Socialista (1932), em São Paulo; a Sociedade Flor do Abacate, no Rio de Janeiro, a Legião Negra (1934), em Uberlândia/MG, e a Sociedade Henrique Dias (1937), em Salvador.⁵¹⁰

Tratava-se de um movimento mais amplo de reconhecimento da esfera política como palco fundamental de atuação dos negros para que fossem estabelecidos os parâmetros de sua integração. A equação em torno dessa pauta foi complexa e se materializou na heterogeneidade que compôs as formações políticas as quais tiveram como motivação fundamental a questão racial. Uma parte da complexidade dessa equação esteve exposta nos dois Congressos Afro-Brasileiros realizados em meados da década de 1930.

6.1 Os Congressos Afro-Brasileiros e os comunistas

Entre os anos de 1934 e 1937 foram realizados dois Congressos Afro-Brasileiros, no Recife e em Salvador, respectivamente. De acordo com a imagem elaborada pelos próprios organizadores, os dois Congressos diferiram sobremaneira um do outro. A coordenação do primeiro coube aos pernambucanos, liderados por Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano. O segundo foi dirigido pelos baianos Édison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Em meados de 1930 havia tonalidades distintas nas cores ideológicas prediletas dos dois grupos.⁵¹¹ Ademais, a natureza da vinculação com a questão negra que os dois grupos experimentaram, de um modo ou de outro, contribuiu para as diferentes expressões que os Congressos adquiriram.

Luiz Gustavo Freitas Rossi, em trabalho sobre Édison Carneiro, considerou a possibilidade de que a organização do I Congresso Afro-Brasileiro no Recife fosse feita por Freyre de modo a constituir uma comunidade científica. O mote em torno do qual teria se centrado a disputa pela prevalência no campo científico seria o espólio da herança deixada

⁵¹⁰ DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 107, 2007.

⁵¹¹ A divisão dos grupos não é em função de naturalidade. Havia pernambucanos que discordavam da apropriação freyriana da questão negra assim como havia baianos que não subscreviam os argumentos de Édison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz, como será mostrado.

pelo médico baiano Raimundo Nina Rodrigues.⁵¹² A superação de modelos interpretativos excessivamente vinculados aos termos biologizantes e deterministas da medicina seria o objetivo científico primordial. Ainda segundo Rossi, Arthur Ramos e Gilberto Freyre estariam pleiteando a preponderância no campo científico culturalista, por assim dizer, ocupando diferentes posições no campo em construção ao passo que, para isso, operacionalizavam diferentes estratégias.⁵¹³

A entrada de intelectuais comunistas nessa seara obedeceu a variantes não determinada por eles. Houve aspectos ligados às possibilidades de ascensão de classe por parte de intelectuais que não tinham espaços em outras miríades ideológicas. Ainda, ocorreram certas afinidades eletivas já que a própria militância comunista na Bahia se rendeu à pauta negra, em mais de uma medida. Desse modo, tanto elementos relativos às biografias como suas predileções ideológicas condicionavam os comunistas baianos a determinada interpretação da temática negra. Tanto assim que será possível identificar argumentos e estruturas de pensamento desses intelectuais partilhadas noutras partes do globo onde a questão negra fora pautada institucionalmente pelos PCs, a saber, Estados Unidos e a Comintern.

De antemão, é preciso reiterar, de modo a advertir o leitor, que na documentação dos comunistas brasileiros não foi possível encontrar muitas referências aos Congressos. Em princípio, isso demonstra um certo distanciamento da direção partidária do debate sobre a questão negra no Brasil, o que tampouco distoa da história “oficial” do PCB.⁵¹⁴ No entanto, foi possível identificar ao menos três nomes que estiveram nos Congressos e mantiveram estreitos vínculos com a atividade comunista na década de 1930 e após o fim da Segunda Guerra Mundial. Foram eles: Aydano do Couto Ferraz, Édison Carneiro e Jorge Amado. Para consolidar o argumento de que eles operavam em consonância com os ditames cominternianos, em ambos os Congressos, é possível ver replicadas algumas das teses da Internacional Comunista acerca da questão negra, com maior ou menor ortodoxia.

Talvez valha problematizar a natureza do comunismo ao qual se viam imersos os intelectuais supracitados. Ainda que organicamente envolvidos no Partido, mesmo após a Segunda Guerra Mundial eles teriam uma participação de destaque depois de certa abertura decorrente da política de Frente Popular. Essa tendência à abertura, salvo surtos sectários e insurreicionais, passaria a ser uma constante na história do PCB. Os militantes mencionados

⁵¹² ROSSI, 2011, p. 147-152.

⁵¹³ ROSSI, 2011, p. 146-154.

⁵¹⁴ Como será evidenciado adiante, Octávio Brandão, na União Soviética em 1936, menciona uma ampla participação dos comunistas no I Congresso Afro-Brasileiro.

nunca foram formuladores altamente influentes na hierarquia partidária. Mesmo assim, em meados da década de 1930 já se viam imersos no cotidiano do partido. Já participariam, por exemplo, do I Congresso Afro-Brasileiro no Recife como militantes partidários.

6.2 O Congresso Afro-Brasileiro do Recife

Para Gilberto Freyre, em novembro de 1934,

O 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife foi o menos solenne dos congressos. Nelle não brilhou um colarinho duro. Não apareceu um fraque. Não trovejou um tribuno. Não houve um só discurso em voz tremida. Foi tudo simples e em voz de conversa.⁵¹⁵

Afirmou que, entre estudiosos, sentaram-se “ialorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, [...] negros de engenho como o Jovino” com “trabalho cheio de erros de portuguez [...]” e “outros analphabetos e semi-analphabetos inteligentes, com um conhecimento directo de assumptos afro-brasileiros, de que muito se aproveitou o Congresso”.⁵¹⁶

Do Congresso participaram “gente mais simples” e “da mais douta”. O evento foi recebido com simpatia, segundo Gilberto Freyre, por

[...] especialistas em assumptos negros, ou de anthropologia em geral, e afro-brasileiros, em particular, está na atenção que lhe dedicaram Franz Boas, Nancy Cunard, Roquette Pinto, Odum, Froes da Fonseca, Nuno Simões, Osorio de Oliveira, Rüdiger Bilden, Azevedo Amaral e, fora da especialidade, o professor Cannon, o grande mestre de physiologia da Universidade de Harvard; na importancia que lhe deram jornaes europeus e americanos, entre outros *The New York Times*; na collaboração que lhe enviaram mestres como Rodolfo Garcia, Mario de Andrade, Arthur Ramos, Antonio Austregesilo, Bastos de Avila, Cunha Lopes, para não falar no sábio africanista, professor Melville J. Herskovits e no grande anthropologista brasileiro Roquette Pinto.⁵¹⁷

Para Freyre, portanto, o Congresso havia sido um sucesso e uma unanimidade dentre variados segmentos sociais. No entanto, as palavras do sociólogo pernambucano, em sua avaliação final do I Congresso, deixaram entrelinhas cintilantes: “O Congresso do Recife foi, ainda, o mais independente dos congressos. Não recebeu nenhum favor do governo. Não se associou a nenhum *movimento político*, a nenhuma doutrina religiosa, a *nenhum partido*.”⁵¹⁸

Acrescentou que

⁵¹⁵ FREYRE, Gilberto et al. **Novos Estudos Afro-Brasileiros**. Recife: Fundaj; Massangana, 1988. p. 348.

⁵¹⁶ Ibidem, p. 348.

⁵¹⁷ Ibidem, p. 351-352.

⁵¹⁸ Ibidem, p. 349, grifo nosso.

O Congresso do Recife, com toda a sua simplicidade, deu novo feitio e novo saber aos estudos afro-brasileiros, libertando-os do exclusivismo academico ou scientificista das “escolas” rígidas, por um lado, e por outro, da leviandade da ligeireza dos que cultivam o assumpto por simples gosto do pittoresco, por litteratice, por *politiquice*, por esthetismo, sem nenhuma disciplina intellectual ou scientifica, sem um sentido social mais profundo dos fatos.⁵¹⁹

Um dos participantes do I Congresso deu o seguinte depoimento acerca das prováveis “politiquices” a que Freyre se referia: “Não posso negar que não tivesse havido tentativas de infiltração por parte dos comunistas – todas repelidas por Gilberto Freyre”.⁵²⁰ Alguns anos depois, Freyre afirmaria, em jornal, a respeito do II Congresso Afro-Brasileiro: “não me parece que os congressos afro-brasileiros devam resvalar para a apologia política ou demagógica da gente de cor. Seria sacrificar todo o seu interesse científico de esforço de pesquisa e de colheita e interpretação honesta de material”.⁵²¹

Possivelmente os destinatários das palavras de Freyre atendiam pela alcunha de Jorge Amado, Aydano do Couto Ferraz e, sobretudo, Édison Carneiro. Havia uma discordância central, principalmente entre Carneiro e os outros estudiosos não comunistas, tais como Arthur Ramos e Gilberto Freyre. Enquanto os dois últimos viviam empenhados na consolidação de um campo científico, a agenda política de Carneiro superpunha-se aos desígnios acadêmicos daqueles. Havia uma pauta local assumida por Carneiro diante do Povo de Santo – relativo a candomblecistas e umbadistas – que encontrava os ecos das linhas globais de enfrentamento da questão negra por parte dos comunistas.⁵²²

As contribuições de Édison Carneiro e Jorge Amado ao I Congresso Afro-Brasileiro indicam um certo tipo de filiação partidária. O autor de “Suor” restringiu sua apresentação à

⁵¹⁹ FREYRE, 1988, p. 351, grifo nosso.

⁵²⁰ ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. p. 169-170, nota de rodapé.

⁵²¹ FREYRE, Gilberto apud ROSSI, 2011, p. 169. Octávio Brandão, em um rascunho de texto a respeito da questão negra e indígena no Brasil, afirmou: “nosotros participamos activamente en el 1o congreso afro-brasileño realizado en Recife, que defendió esos [liberdade de costumes e de religião para os negros] de los negros” (RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 39).

⁵²² Ruth Landes caracterizou essa afinidade da seguinte maneira: “Como muitos intelectuais jovens do Brasil, ele tinha uma simpatia apaixonada por povos do mundo que eram oprimidos econômica e politicamente, e ele se tornou conhecido como um cruzado político. Entre outras coisas, ele trabalhou para ajudar o povo do candomblé a viver tão livremente quanto quisesse”. Tradução livre de: “Like so many young intellectuals of Brazil, he had a passionate sympathy for peoples all over the world who were oppressed economically and politically, and he had become known as a political crusader. Among other things, he worked to help the people of candomblé live as widely as they desired.” LANDES, Ruth. **The City of Women**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994. p. 61. Há o caso de Solano Trindade, que teria participado de ambos os Congressos Afro-Brasileiros. Teria também fundado, em 1936, a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileira no Recife. As ligações de Solano Trindade com o PCB ainda não foram devidamente explicadas, embora haja indícios de que fora simpatizante. SANTOS, Oluemi Aparecido dos. **Nas sendas da revolução**: a poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)–Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 21-23.

propaganda de duas coletâneas, nas quais “mesmo aquillo que não é negro nestas collecções, é escolhido para o *gosto negro* do publico que compra e lê ou ouve ler esses folhetos”. Para Jorge Amado, definitivamente, “na Bahia o elemento popular é negro ou mulato, as religiões africanas continuam a ter uma decisiva influencia na massa, e assim a sua literatura popular não pode deixar de ser directamente influenciada pelo negro”. Ao descrever a coleção “Moderna”, afirmou que “nella são interpretados por um poeta popular os factos mais importantes que se passam em todo o universo. Factos que são traduzidos, vamos dizer assim, para o gosto negro”.⁵²³ Portanto, a indicação de Jorge Amado é, em síntese, que ambas as coleções apanhavam o que havia de essencial na Bahia, que é a cor negra da classe trabalhadora, “do elemento popular”.

Édison Carneiro, por sua vez, escreveu textos chamados “Xangô” e “Situação do Negro no Brasil”. No primeiro, refere-se à cosmogonia dos deuses africanos. O aspecto central de sua contribuição foi demonstrar a filiação do Povo de Santo de Salvador ao orixá Xangô e despi-lo da roupa de São Jerônimo vestida nele pelo Catolicismo. No percurso de seu argumento, fez uma curiosa alusão a Trotski, comparando-o a Ogun, num tempo em que o trotskismo era pecado capital entre comunistas:⁵²⁴ “chefe da corrente internacionalista do movimento comunista”. “Deus das luctas e das guerras”, “o título de Ogun, que lhe dão, *em família*, os camaradas do Rio de Janeiro”.⁵²⁵

Uma segunda contribuição de Édison Carneiro foi intitulada “A situação do negro no Brasil”.⁵²⁶ Um texto comprometido politicamente e um demarcador público de suas predileções ideológicas. Dizia ele: “sabe-se que o negro tem fornecido um grande contingente para as fileiras do Partido Comunista do Brasil”.⁵²⁷ Num apanhado crítico da então história recente do Brasil, Carneiro parte do pressuposto de que “Nada fizemos, de verdadeiramente util, pela incorporação do negro à comunidade brasileira”.⁵²⁸ Relaciona a vulnerabilidade dos negros a doenças, precariedade de moradias, dependência alcoólica e criminalidade às condições históricas legadas aos negros libertos da escravidão. Sem constrangimento e com

⁵²³ FREYRE, 1988, p. 262-3.

⁵²⁴ León Trotsky foi deportado da União Soviética no início de 1929. É recorrente na documentação da dirigência comunista a importância do combate ao trotskismo. Cf. DEWEY, John. **Not Guilty Report of the Commission of Inquiry into the Charges Made Against Leon Trotsky in the Moscow Trials**. Nova York; Tóquio: Ishi Press, 2008. DEUTSCHER, 2005b.

⁵²⁵ FREYRE, 1988, p. 139.

⁵²⁶ Cf. PAZ, Clinton Silva. **Um monumento ao negro**: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife, 1934. 2007. Dissertação (Mestrado)—Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 52 [p. 172]. ROSSI, 2011, p. 171.

⁵²⁷ CARNEIRO, Édison. A situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos Afro-Brasileiros**: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, em 1934. Recife: Fundaj; Massangana, 1988. p. 238.

⁵²⁸ Ibidem, p. 240.

alguma hesitação, Carneiro explicou como entende o papel dos brancos na exclusão dos negros da “comunidade brasileira”.

[...] a culpa não cabe somente ao branco ou somente ao negro, mas a toda a sociedade burguesa, que, em benefício de um punhado de pulhas que não trabalham, que não têm a existência justificada por nenhum trabalho honesto e productivo, consagra o tabú da propriedade privada para que esse mesmo punhado de pulhas possa dormir sobre a miséria das classes inferiores da sociedade. O pior, porém, é que essa sociedade burguesa, donde resultam todos esses males para população negra, está representada, quasi que exclusivamente, pelos brancos. O que sempre é um incentivo à luta de raças...⁵²⁹

Argumentou que houve uma “liberdade fictícia” fruto da experiência, para ele ineficaz, da democracia burguesa a qual “provou sua inutilidade na resolução dos problemas humanos do país”.⁵³⁰

Édison Carneiro se esforçou para garantir que a luta negra contra o racismo fizesse parte da luta global do proletariado contra o capitalismo. Por isso ele acrescentou que o caso brasileiro (e global) foi afetado pelo que chamou de “crescente desorganização do capitalismo” e pelos imperialismos que se digladiavam pelo mercado local. Concluiu que:

Os negros conscientes, que se adaptaram, bem ou mal, à super-estrutura política da sociedade brasileira, sabem perfeitamente que os seus interesses imediatos e futuros não são em nada diversos dos do proletariado em geral e desejam, além da instrução, da alimentação suficiente e do melhoramento das condições de trabalho, reconhecimento dos seus direitos – como de todas as raças oprimidas do país, – a colaboração, no mesmo pé de igualdade, com o branco na obra de reconstrução econômico-política do Brasil.⁵³¹

Carneiro tentou demonstrar que havia um liame possível entre as forças mais moderadas da luta antirracista e ele. A Frente Negra Brasileira, então mais representativa das organizações negras no país, apresentava características nitidamente conservadoras, quando não reacionárias, haja vista o monarquismo de seu dirigente-mor Arlindo da Veiga dos Santos, além das vinculações com o integralismo assumidas pela Frente.⁵³² O texto de Carneiro arriscou-se equilibrar entre duas questões nitidamente opostas, mas que poderiam, em tese, coadunar com a tática da Frente Popular: 1) a assunção de que a questão negra é uma questão do proletariado e, portanto, deveria revestir-se de crítica estrutural ao capitalismo, reverberando teses comunistas; 2) o esforço de construir adesão em torno da questão negra por parte de diferentes plêiades do movimento negro dirimindo outros dissensos ideológicos. No plano subjetivo e individual, Rossi afirma que,

⁵²⁹ CARNEIRO, 1988, p. 240.

⁵³⁰ Ibidem, p. 238.

⁵³¹ Ibidem, p. 240.

⁵³² Cf. ROSSI, 2011; FRANCISCO, 2010; DOMINGUES, 2007b, p. 107. Para a relação entre a Frente Negra Brasileira e o ideário monarquista, ver: DOMINGUES, Petrólio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!”. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 517-536, jul.-dez. 2006.

[...] em enorme medida, foi em meio a estas clivagens entre ciência, política e disputas ideologias que Édison Carneiro não apenas deu molde aos termos de sua inserção na seara dos estudos afro-brasileiros, atento aos arroubos *conservadores* dos movimentos negros, como também formatou as posições contrárias aos modelos de intervenção médicas que, mesmo no I Congresso Afro-Brasileiro de Recife, ainda ofereciam uma das abordagens privilegiadas para os *problemas* raciais brasileiros.⁵³³

Outro destaque no I Congresso Afro-Brasileiro foi Alfredo Brandão. Tio do importante militante comunista Octávio Brandão, Alfredo que o criara. Em suas memórias, o sobrinho conta que foram juntos, Octávio e Alfredo, perscrutar a região do Quilombo de Palmares para composição do livro do tio, de 1914, “Viçosa de Alagoas”.⁵³⁴ Intelectuais como Aderbal Jurema⁵³⁵ (1912-1986) e Jovelino M. de Camargo, dedicados a demonstrar, respectivamente, o instinto de liberdade que alimentava a resistência escrava, onde residiria o potencial revolucionário secular das massas negras, e o malogro da liberdade jurídica concedida aos escravos em sua incapacidade de inseri-los na sociedade de classes, também fizeram parte do Congresso.⁵³⁶ *Mutatis mutandis*, foi esse o procedimento interpretativo padrão dos comunistas acerca da questão negra na década de 1930: ocupar os espaços públicos de discussão da temática e estabelecer a crítica à capacidade de integração do negro pela sociedade burguesa.

Em que pese a afinidade intelectual desses sujeitos inclinados à esquerda, os baianos, especificamente, tinham uma trajetória de compasso com o cotidiano popular. Aydano do Couto Ferraz e Édison Carneiro, provenientes da cidade de Salvador, compartilharam, ainda em finais da década de 1920, o mesmo espaço de formação intelectual na chamada Academia dos Rebeldes, da qual o membro mais famoso viria a ser Jorge Amado. Esse grupo pôs-se em desacordo com o padrão estético e a filiação ideológica de outro grupo intelectual soteropolitano de finais dessa década, este materializado nas publicações do periódico “Arco e Flecha”. A Academia dos Rebeldes caracterizou-se por uma crítica à ordem moral burguesa, em grande medida, anticonvencionalista.⁵³⁷ Eram críticos da modernização e experimentavam a ambiguidade da decadência baiana. Viam no Rio de Janeiro o símbolo do cosmopolitismo e apostavam em saídas universais para os problemas locais baianos onde provavelmente o comunismo tenha se apresentado como saída viável.

⁵³³ ROSSI, 2011, p. 157.

⁵³⁴ BRANDÃO, 1978, p. 73.

⁵³⁵ Aderbal Jurema: “O negro vai compreendendo que o seu problema não é simplesmente um problema de raça. É antes um problema de classe [...] Em determinado momento histórico, o sentimento revolucionário em potencial que o negro possui e nos transmitiu há de se transformar em consciência revolucionária de classe. Com o desenvolvimento dos acontecimentos econômicos, políticos e sociais no Brasil e nas Américas, este potencial será a força viva de um novo mundo” (apud ROSSI, 2011, p. 181-2).

⁵³⁶ ROSSI, 2011, p. 166.

⁵³⁷ Ibidem, p. 110.

A aproximação entre pernambucanos e aqueles baianos da Academia dos Rebeldes em torno da construção do I Congresso Afro-Brasileiro é um tanto obscura. As narrativas que tratam do assunto não problematizam os antecedentes do Congresso nem historicizam o processo de aproximação desses diferentes grupos em torno do evento. Há uma ênfase na figura de Gilberto Freyre como catalisador e Ulysses Pernambucano como um apoiador próximo, algo que já consta nos anais.

Sabe-se que, posterior ao I Congresso Afro-Brasileiro, houve o I Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia, de onde surgiu um clube de cultura popular organizado por Dias da Costa⁵³⁸ e Édison Carneiro. Dentre os membros correspondentes estavam Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Jorge Amado.⁵³⁹ Estes últimos estiveram no Congresso Afro-Brasileiro no Recife, seja organizando seja participando de algum modo.⁵⁴⁰ De qualquer sorte, as divergências eram nítidas entre os grupos baiano e pernambucano,⁵⁴¹ as ênfases e interesses díspares tornaram o cenário propenso a um debate público.

Nos meses posteriores ao I Congresso, depois de realizar dura crítica à obra freyriana, Édison Carneiro defendeu sua predileção teórico-metodológica da seguinte forma, frente aos principais intelectuais sobre as questões de raça no Brasil naquele período:

A interpretação dos fatos sociais exige outros métodos. Não servia para o caso dos negros brasileiros, a escola antropológica de Nina Rodrigues, como também não serve a psicanálise do mestre Freud, mesmo através de um discípulo como o Sr. Arthur Ramos. Somente a concepção materialista da história pode resolver de uma vez por todas, a questão [...] A consequência (a psique individual) não pode explicar a consequência (a religião, a superestrutura ideológica). Somente o estudo das transformações econômicas a que a raça negra se submeteu e se submete ainda, no habitat originário e no Brasil, junto aos estudos das relações entre o homem negro e o meio natural e social [...] pode levar à interpretação exata das concepções religiosas dos negros.⁵⁴²

No âmbito dessa tensão intelectual e discussão aberta, o II Congresso Afro-Brasileiro foi pensado e organizado. Realizado em Salvador, em janeiro de 1937, foi encabeçado por Édison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz.⁵⁴³ Se Gilberto Freyre, por um lado, se vergara

⁵³⁸ Escritor baiano nascido em Salvador, em 1907, e membro da Academia dos Rebeldes.

⁵³⁹ Cf. PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos vermelhos**: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937). 2006. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. p.70-71.

⁵⁴⁰ PRIMO, 2006, p. 71.

⁵⁴¹ A identificação do grupo baiano como de esquerda, ligado aos comunistas, e dos pernambucanos como seguidores de Gilberto Freyre não é rígida e deve ser relativizada. Utiliza-se essa caracterização para fins didáticos de maneira a discernir o núcleo dirigente de cada um dos dois grupos.

⁵⁴² CARNEIRO, Édison apud ROSSI, 2011, p. 170. CARNEIRO, Édison. Nota sobre o Negro Brasileiro. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 185, abr. 1935a.

⁵⁴³ Aydano do Couto Ferraz possui ficha na IC. A referência é f. 495, op. 197, d. 228, assim como Jorge Amado, cuja referência é f. 495, op. 197, d. 323, dok. 4. Não foi possível encontrar a pasta pessoal de Édison Carneiro,

aos discípulos de Nina Rodrigues com as homenagens que prestou a este quando da realização do I Congresso Afro-Brasileiro, por outro lado, não despendeu esforços para a consecução do II Congresso, realizado em Salvador, como já observado. O perfil do II Congresso inauguraria a supressão das abordagens médicas no âmbito dos estudos raciais, ao menos naquele berçário de ideias. Nenhum trabalho que consta nos anais preocupou-se em articular aspectos fenotípicos e genotípicos a padrões sociais de comportamento. Em seu lugar, foram enfatizados aspectos ligados a religião, literatura, cultura e história dos negros no Brasil, nas Américas; e, em mais de uma maneira, estudos contemporâneos sobre o Atlântico emergiram. Aqui se soma um elemento que já acompanhava a trajetória de inserção desses comunistas de primeira viagem no amplo arco antifascista.

O movimento antifascista que tomou conta das hostes comunistas chegou ao Brasil, em sua forma institucional e obediente à IC com a fundação da Aliança Nacional Libertadora, oficialmente, em 30 de março de 1935.⁵⁴⁴ Os trabalhos desempenhados pelos comunistas ligados à Comintern teriam, a partir de então, maior amplitude temática; além disso, o leque de correligionários seria também ampliado nas ações da frente. Precisamente nesse ambiente, sujeitos como aqueles provenientes da Academia dos Rebeldes participariam de atividades ligadas ao PC e partilhariam de sua pauta de maneira a paulatinamente imiscuir-se à bandeira da revolução mundial o que nesse caso significava, primordial e contraditoriamente, defender a URSS. Manteve-se a bandeira anti-imperialista. Foi adicionada a ela uma pauta antifascista que terminou sendo o *leitmotiv* das frentes populares. O II Congresso Afro-Brasileiro foi gestado nesse ambiente.

6.3 O II Congresso Afro-Brasileiro, Édison Carneiro e o antirracismo: uma agenda comunista entre a integração e a secessão

O próprio Édison Carneiro, central na concepção do II Congresso, experimentaria no ano de 1935 a confluência de seus mais vigorosos interesses. Tanto seu desejo pessoal de ascensão como sua predileção pelos “irmãos negros” e “oprimidos” colocariam-no num

embora haja suspeitas de que ela exista. Tampouco foi possível consultar as pastas pessoais de Aydano do Couto Ferraz e de Jorge Amado, já que os trâmites do RGASPI não permitiam o acesso quando foi feita a visita *in loco*.
⁵⁴⁴ PRIMO, 2006, p. 1. A Frente Única Antifascista já havia sido fundada dois anos antes, em 1933. Cf. CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul.-dez. 2002.

campo intelectual em que suas ideias objetavam a conciliação de classe e a pacificação racial. Jorge Amado já afirmara que “todos nós fomos levados às casas de santo por sua mão de iniciado [de Édison] [...] por ter sido o primeiro, marcou com as cores políticas de esquerda o mistério dos axés”.⁵⁴⁵ Em 1932 já havia escrito um conto,⁵⁴⁶ intitulado “História de gente pobre”, cuja história é uma “espécie de drama doméstico em torno de uma família negra e pobre baiana, marcada pela violência do marido que, depois de perder o emprego, se vicia em álcool, passando a bater na esposa e levando ao vício o filho de sete anos ‘que também se alcoolizava’”.⁵⁴⁷

As ligações de Édison Carneiro com os “poetas da baixinha” e o submundo soteropolitano, “frequentadores de uma boemia *declassé*, menos *seletiva* e mais *misturada* – mas também mais ‘farrista’, ‘popular’ e próxima da ‘chamada baixa prostituição’” davam conta de certa afinidade eletiva não só com a classe trabalhadora desses comunistas mas, sobretudo, com o lumpemproletariado.⁵⁴⁸ Portanto, o comunismo desses membros da Juventude Comunista na Bahia não espelhava o modelo tido como clássico, exemplificado pelo personagem do romance “Que fazer?”, de Nikolai Chernyshevsky, o asceta Rakhmetoff.

Essa ligação, *sui generis* à primeira vista, entre intelectuais e o lumpemproletariado aparece politizada no sentido da luta de classes e da revolução social em meados da década de 1930. A inclinação política genérica e sem forma definida provém de um diferente tipo de politização a qual já acontecia em finais de 1920 na Academia dos Rebeldes, quando seus membros apontavam para um inconformismo com a modernidade burguesa que se apossava da Bahia e do país sem, no entanto, apresentar qualquer proposta de transformação radical da sociedade.

⁵⁴⁵ AMADO, Jorge apud ROSSI, 2011, p. 143.

⁵⁴⁶ Não se sabe exatamente quando, mas Armênio Guedes afirma que Carlos “Stanislaw” Marighela organizou uma célula comunista na casa de Édison Carneiro. A célula só pode ter sido fundada até 1934, ano da partida de Marighela ao Rio de Janeiro. RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista**: história política, charme e confidências de Fernando Sant’Anna. Rio de Janeiro: Versal, 2002. p. 152.

De acordo com Rossi, “pelo menos desde 1933, portanto, começa a ser quase impossível dissociar as atividades intelectuais de Édison Carneiro dos encargos políticos e simbólicos que ele começou a assumir como quadro de célula comunista e, mais tarde, membro do núcleo da Aliança Nacional Libertadora (ANL).” ROSSI, 2011, p. 142. Na mesma página, em nota de rodapé, acrescenta que “a partir de 1933, talvez com auxílio de Jorge Amado e mesmo do pai ou do irmão Nelson, que se encontravam no Rio de Janeiro, além das redes de relações propiciadas pelo Partido Comunista, Édison Carneiro ampliou significativamente o escopo de sua atuação, passando a colaborar em importantes periódicos culturais e literários da capital federal e de outros estados; a exemplo de *Boletim de Ariel*, *Literatura*, *Revista Acadêmica*, *Rumos* etc. Em sua maioria, notas ou resenhas críticas de acentuado caráter ideológico voltadas à produção ensaística e literária que estava surgindo naquele momento.”

⁵⁴⁷ A temática da violência doméstica e pública, da dependência química associada à pobreza, foi uma marca em toda a literatura afro. De Marcus Garvey até a Frente Negra Brasileira, o intuito de civilizar objetivava suprimir essas práticas do cotidiano das comunidades negras. Édison Carneiro sugeriu que não se tratava de algo mutável por meio do costume e sim pela estrutura social na qual o negro estava imerso. ROSSI, 2011, p. 131.

⁵⁴⁸ ROSSI, 2011, p. 97-98.

Esses comunistas “sem carteirinha” impuseram uma circunstância nova à militância moralista do PC e à direção da IC. “Tanto na Faculdade de Direito, instituição em que boa parte deles estudava, quanto nos redutos boêmios nas intermediações da Sé, onde frequentavam o *Bahia-Bar*”,⁵⁴⁹ os comunistas passaram a atuar, principalmente aqueles egressos da Academia dos Rebeldes (em sua maioria na Juventude Comunista). Foi esse mesmo grupo dos *rebeldes* que organizou o II Congresso Afro-Brasileiro em 1937. Este “marxismo difuso”,⁵⁵⁰ também chamado de “mistura de Quincas Berro d’Água com Stalin”,⁵⁵¹ precisa ser relativizado no sentido de que as pautas locais desse movimento “negro-mestiço” liderado por Édison Carneiro na defesa do direito de manifestação das religiões de matrizes africanas navegava no rastro da IC e de questões globais.

A Guerra Ítalo-Etíope terminou permitindo que o discurso antifascista se acoplasse a um debate sobre o negro e o racismo, apesar da dubiedade do estado soviético a respeito do evento. A ampla condenação da invasão italiana por parte do movimento comunista internacional, no Brasil, teve a dianteira da Juventude Comunista na Bahia, não por acaso, perfazendo o discurso reiterado pelos negros comunistas ao redor do globo.⁵⁵² Uma nota divulgada pela Juventude Comunista em dia e mês incertos de 1935, além de criticar o furor colonialista italiano sob o mando de Mussolini, exortava que

[...] a juventude de todos os países se una, num grande protesto de massa, ao lado dos trabalhadores de todas as nações, aos negros, aos intelectuais honestos, aos amigos da paz e da liberdade, contra as manobras infames do tirano fascista. Liberdade a uma raça oprimida e explorada [...]
Lançamos um apêlo aos nossos colegas, sem distinção de credos políticos e religiosos, aos estudantes de todas as escolas [...] e ao povo em geral, no sentido de que a gente do continente negro não veja no século XX repetidas as cenas de vandalismo e da mais repelente selvageria de que foi vítima nos séculos anteriores.⁵⁵³

Em data incerta, a própria ANL chamaria a atenção para o conflito.

A ANL precisa utilizar o mais possível, no momento atual, a grande vontade de luta dos negros, despertada pela guerra imperialista contra a Abissínia. Para isso devem ser enviados os maiores esforços e empregados todos os métodos e recursos [...] Nos lugares onde houver organizações negras, chamá-las à frente com a ANL contra a guerra, o imperialismo e contra o fascismo pela defesa dos interesses específicos dos

⁵⁴⁹ Ibidem, p. 138.

⁵⁵⁰ Ibidem, p. 169.

⁵⁵¹ RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004. p. 503.

⁵⁵² Ainda que no plano da geopolítica soviética a URSS tenha se relacionado de forma dupla com o conflito, os comunistas, na maior parte do mundo, se sentiram livres para condenar o ataque imperialista italiano. Mesmo que tenha provocado fraturas nas relações internacionais entre alguns comunistas negros e organizações negras, a maior parte da militância comunista continuou apoiando os esforços de resistência etíopes. Cf. MATUSEVICH, Maxim. **No Easy Row for a Russian Hoe: Ideology and Pragmatism in Nigerian-Soviet Relations**. Asmara: Africa World Press, 2003. p. 36; e CLARKE, Joseph Calvitt. **Alliance of the Colored Peoples: Ethiopia and Japan Before World War II**. Woodbridge: James Currey, 2011. p. 72.

⁵⁵³ RGASPI, F. 533, op. 010, d. 609. Cedem/Unesp. A nota é assumida como sendo dos estudantes de Direito da Bahia. Ela chegou à KIM (Juventude Comunista Internacional).

negros em cada localidade [...] Nas localidades e principalmente nas capitais nas quais não existem organizações negras como a Frente Negra, os aliancistas devem imediatamente tomar iniciativa de sua organização, sem fazer questão de programas radicais, nem de imediata adesão formal a ANL.⁵⁵⁴

Era, portanto, parte da estratégia frentista associar diferentes esferas da experiência subalterna dos negros aos diversos lugares onde viveram tal condição. Um documento do Socorro Vermelho, provavelmente datado entre 1934 e 1935, fez uma crítica às organizações negras no Brasil a partir da ideia de conluio entre essas entidades e “os feudal-burguezes e imperialistas”. Comparava os batalhões negros do conflito de 1932 no estado de São Paulo às tropas negras coloniais de 1914-1918, durante a I Guerra Mundial. O ensejo das lutas anti-imperialistas e a afinidade do tema com a situação dos negros no Brasil levaram os autores de pequenos libelos a associar as ideias eugenistas ao exercício de imperialismo com fins econômicos.

As massas negras do Brasil e de todo o mundo são a mais exploradas e oprimidas. Seus salários são os mais miseráveis, as condições de trabalho as mais penosas! E, além disso, os negros são tratados como *raça* inferior e desprezíveis devido ao preconceito de cor criado e alimentado pelo imperialismo para, desse modo, tirar maior proveito econômico. Isso indica claramente as massas negras que o caminho de sua libertação e o caminho da luta de classes, ao lado de seus irmãos, os trabalhadores brancos, índios e de todas as cores e nacionalidades! [...] Os feudal-burguezes e os imperialistas tem em vista ahi dois 'benefícios': a liquidação do desemprego e a 'purificação da raça' pelo extermínio da população negra, como já se diz cinicamente na Assembléia Constituinte.⁵⁵⁵

A solução apontada pelo Socorro Vermelho estava na formação de organizações autônomas e perpassava a necessidade de autoimposição enquanto sujeito e constituição de uma agenda política coletiva, ciente do incontornável dever de ocupar o espaço público com bandeiras anti-imperialistas, antirracistas e pela autodeterminação.

Formae vossas organizações independentes para lutar pelo direito de ser negro e pelo vosso próprio direito à vida! Não vos deixeis sacrificar nas guerras imperialistas de rapina! Conquistae a direção das Frentes Negras paro (sic) lutar concretamente pela vossa autodeterminação, isto é, pelo direito de for- (sic) o vosso próprio governo, vosso Estado, onde *posasse* ter a religião que desejaes! Uni-vos aos trabalhadores brancos na luta de classe por vossas reivindicações econômicas, políticas e culturais! [...] Lutae em defesa da União Soviética que é a única pátria de todos os trabalhadores, negros, brancos, índios e de todas as cores! Vinde às fileiras

⁵⁵⁴ ANL apud PRIMO, 2006, p. 64-5. “A autora ainda recupera uma circular do PCB, de 1935, na qual era mencionada a importância da ANL se transformar ‘no paladino’ das lutas pela ‘igualdade de direito das massas negras’, visando não apenas atrair as ‘organizações revolucionárias locais negras’, mas também firmar uma ‘luta conjunta com a chamada frente negra’.” As lideranças da ANL reconheciam a importância e capilaridade das organizações negras. “A Aliança popular deve transformar-se ao mesmo tempo no paladino de lutas pelas reivindicações elementares e pela completa igualdade de direito das massas negras, racial e nacionalmente oprimidas, atraindo à Aliança não somente as organizações revolucionárias locais dos negros, senão também firmando um ato sobre a luta conjunta com a chamada ‘frente negra’, organização esta que romperá abertamente com o governo reacionário de Vargas e orientará suas atividades com os objetivos revolucionários da Aliança.” Ibidem, p. 65.

⁵⁵⁵ RGASPI, F. 539, op. 003, d. 390. Cedem/Unesp, ic-1263.pdf.

do SOCORRO VERMELHO e, sob nossa bandeira fraterbal (sic), lutae pela liberdade de vossos irmãos de classe, os presos-politicos proletários!⁵⁵⁶

Dessa maneira, os vínculos entre os conflitos internacionais, entre colônias e metrópoles, alcançavam alguma notoriedade: circulando em panfletos de comunistas.

O primeiro aspecto ligado à aproximação desse grupo de comunistas na Bahia e das ideias divulgadas pela IC em relação ao negro divide-se em duas partes. Uma primeira guarda relação com o diagnóstico da situação negra e uma segunda com o prognóstico que, se não assume, por parte dos baianos, para si as pautas cominternianas, remonta e dialoga com elas. A característica classista da exploração e opressão racial fez parte do argumento de Carneiro, de Jorge Amado e de outros comunistas. Mas isso não é o marcador fundamental. O acoplamento do imperialismo enquanto processo complicador da questão racial terminou assumindo uma posição de prevalência na hierarquia de causas do fenômeno racista. Em meados de 1930, na elaboração dos baianos comunistas, o nazifascismo se apresentava como um recrudescimento do imperialismo o qual teria sido gestado pela evolução do capitalismo. Nessa narrativa, a inferioridade negra, reproduzida e divulgada pelo racismo, serviria como elemento justificador da entrada europeia na África e na Ásia; seria essa suposta inferioridade original que promoveria os motivos para a supressão dos direitos de autodeterminação dos povos sob o jugo do imperialismo.⁵⁵⁷

O segundo aspecto diz respeito à vitória da tese da secessão territorial de nacionalidades oprimidas como parte da agenda da IC. Exemplarmente aplicada no plano teórico nos Estados Unidos e na África do Sul, essa tese dominaria parte majoritária do repertório anti-imperialista da Comintern na década de 1930, mesmo que não lograsse amplos apoios de massa. A expressão máxima dessa formulação no pensamento de Édison Carneiro se deu em artigo de novembro de 1934 sugestivamente intitulado “As raças oprimidas no Brasil”, quando ele acompanhou a tese propagandeada pelo PCB em julho de 1934, resultado da 1ª Conferência do partido.

A democracia operária, que vem de baixo para cima [...] das massas para o Partido e para os órgãos dirigentes da sociedade, não pode opor às aspirações populares o tabu da *unidade da pátria* ou qualquer coisa igualmente estúpida. A democracia operária tem que cumprir seu dever, dando às raças e às nacionalidades oprimidas a oportunidade de se governarem por si mesmas, reconhecendo-lhes [...] até mesmo o direito de se separarem e formarem Estados independentes – mesmo burgueses [...] Talvez o negro, sob o regime comunista, não deseje se separar do proletariado branco. Ele, forçado à vida civilizada, conhece, bem ou mal, os benefícios que poderão resultar de uma aplicação mais humana das conquistas materiais e intelectuais da humanidade. Por outro lado, não se deve esquecer que o proletariado negro concorrerá brilhantemente para o próprio sucesso político do proletariado

⁵⁵⁶ Ibidem.

⁵⁵⁷ CARNEIRO, Édison apud ROSSI, 2011, p. 175.

brasileiro em geral. Prevendo, porém, o caso, não de todo improvável, de que o negro não se sinta totalmente satisfeito com a colaboração do branco na sociedade comunista, o proletariado terá de reconhecer-lhe, desde já, o direito de governar por si mesmo e de formar, caso queira, o seu Estado independente.⁵⁵⁸

Carneiro teria justificado a secessão no Brasil, de acordo com Rossi, porque

[...] a sociedade brasileira, ao dispensar às “raças oprimidas”, o negro e o indígena, a mesma violência empregada pelas potências europeias imperialistas na atividade colonizadora da África ou da Ásia, somente teria gerado efeitos nefastos do ponto de vista de seu desenvolvimento e progresso autônomos enquanto grupos.⁵⁵⁹

Portanto, ao livrar-se do “tabu da unidade da pátria”, as “raças oprimidas” no Brasil, a saber índios e negros, teriam a chance de construir um rumo próprio, livre da violência do imperialismo, fosse ela praticada por europeus, fosse pelo Estado nacional brasileiro. Carneiro mobilizou um argumento que já era, ao menos desde 1928, utilizado para os países (e regiões específicas de Estados-Nação, tais como o Sul dos Estados Unidos) com enclaves étnicos e raciais, por assim dizer. Por fim, Carneiro flertava com o nacionalismo negro ao sugerir que mesmo estados burgueses teriam o direito de autodeterminar-se. Nessa passagem, levou seu anti-imperialismo a um extremo tal que já não partilhava do viés cominterniano para o engajamento da questão negra.

Uma última questão apontada por Carneiro antes da realização II Congresso Afro-Brasileiro estava ligada ao fenômeno da exploração do negro como objeto de estudo. Mesmo aqueles que se colocavam em favor da luta dos “irmão negros” construía argumentos que não ajudavam na luta antirracista e viviam, na prática, de modo não comprometido com as necessidades cotidianas dos negros, acusava ele. Para Carneiro, o “interesse pelo irmão negro degenera em falsidade patente à sua psyché e em exhibicionismo literário ao gosto dos *blasés* das ruas elegantes”.⁵⁶⁰ Carneiro fez, no texto em questão, um comentário crítico ao estado da arte dos estudos raciais no Brasil. Ele avaliou a relação entre os estudiosos sobre o negro na formação social brasileira e seus respectivos objetos, a saber, o negro enquanto sujeito. Para ele, havia por parte de todos os estudiosos mais proeminentes uma espécie de usufruto do negro a despeito das aspirações deste último por liberdade e autodeterminação, segundo palavras do próprio Carneiro. Mesmo considerando que Nina Rodrigues e Arthur Ramos estavam situados em outro patamar, tanto eles quanto Gilberto Freyre, Roquette Pinto, Manuel Querino e Aderbal Jurema⁵⁶¹ (este que operou sua análise inspirado pelas

⁵⁵⁸ CARNEIRO, Édison apud ROSSI, 2011, p. 187.

⁵⁵⁹ ROSSI, 2011, p. 176.

⁵⁶⁰ CARNEIRO, Édison. A exploração do negro. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 14 nov. 1935b.

⁵⁶¹ Eis a crítica desferida por Carneiro a Aderbal Jurema: “No mais novo de todos, - Aderbal Jurema - ha muito pouca profundidade (Insurreições negras no Brasil), muita vontade de pregar a revolução proletária usando como bandeira o exemplo do negro... O negro, em Aderbal Jurema, não é um fim, é um meio. Nestas

formulações do PC) incluíam-se no mesmo rol. Concluía, finalmente, que todos esses intelectuais,

Não podendo sentir **como** negros, elles o utilizam – animados das melhores intenções do mundo, reconheço, – apenas como matéria-prima. Ora essa mesma qualidade que os escravagistas iam caçar nas florestas da África...
[...] Fica apenas a esperança de que, futuramente, a própria raça negra forneça o grande intelectual que lhe interprete as aspirações de autodeterminação e liberdade. Esperemos por ele.⁵⁶²

Em mais de uma maneira este alegado descaso com os “irmãos negros” era contraposto, por Édison Carneiro, com uma efetiva experiência nos espaços culturais e sociais onde ele se punha como negro. Esse tema, da maneira como foi levantado por Carneiro, terminaria por replicar as teses do PCB acerca da divisão interna do país, não propriamente em termos de nações, mas, no seu caso, em termos de opressão de raça. A distinção situou-se no desenrolar da tese de Carneiro, a qual desaguou na evidência de uma batalha no campo das ideias.

Um dos palcos desse conflito foi o II Congresso Afro-Brasileiro, que ocorreu de modo a responder a esses incômodos externados por Édison Carneiro. No centro da questão esteve, sobretudo, a liberdade religiosa, o que indica a maneira concreta por meio da qual Carneiro fez valer as teses diretivas da IC. A articulação dele e do PC no plano prático elegeu esta como a principal bandeira; tanto assim, que o Congresso culminou na criação da União das Seitas.

O II Congresso, em si, não contou com a participação da comitiva pernambucana que organizara o I Congresso. Arthur Ramos foi o principal chamariz do evento ocorrido no mês de janeiro de 1937. Nina Rodrigues fora lembrado, tal qual Gilberto Freyre, ainda que por motivos diferentes. Enquanto o primeiro foi homenageado, o segundo teve o nome citado apenas para que se recordasse que ele próprio não contribuíra por não acreditar no sucesso do II Congresso.

O teor dos textos foi crítico ao *status quo* racial do país. Mesmo quando, aparentemente, tratava de assunto científico ao discorrer sobre o orixá Omolu, Carneiro fazia crítica: “Ôrixá dos pobres, disse eu. Ele torna inutil a medicina official, livrando os negros do perigo de apodrecerem nos hospitaes”.⁵⁶³

condições, o estudo do Negro vira demagogia, não arma de combate sério e honesto. E assim por diante, em todos os demais pesquisadores das influências da raça no meio social do Brasil.” Ibidem.

⁵⁶² Ibidem.

⁵⁶³ CARNEIRO, Édison. O médico dos pobres. In: RAMOS, Arthur (Org.). **O Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 207.

Aydano do Couto Ferraz se utilizaria do mesmo expediente ao mobilizar Castro Alves como ponte, sugerindo que o poeta baiano já antecipava que “negro da nossa população ligado por interesses economicos ao proletariado nascente, mais cêdo ou mais tarde adquiriria a consciencia ideologica da sua classe”. Couto Ferraz terminaria sua intervenção comparando Castro Alves a poetas contemporâneos, alguns deles pertencentes a partidos comunistas:

Ele não traiu a missão determinista de, não sendo negro, ser a propria poesia negra. E quem, dentre seus irmãos mais moços no continente americano, pôde colocar a frente até onde foi a sua? Langston Hughes, Corrothers, Claude Mc Kay (sic), Jacques Romain, Jean Toomer, Countee Cullen, Raul Bopp, René Maran, poeta em prosa?

[Castro Alves] foi o precursor da poesia quente da Norte America (sic) e da America Central, sendo libertario dos preconceitos sociaes-nacionais, antes de Langston Hughes, e artifice de versos crioulos, antes de Raul Bopp e de Nicolás Guillén.⁵⁶⁴

Outros trabalhos relevantes foram apresentados por Alfredo Brandão, que se dedicou a uma apresentação técnica do que ele chamava de documentos antigos sobre Palmares. Jorge Amado, por sua vez, fez uma homenagem ao professor Martiniano do Bomfim. Dessa maneira, o II Congresso Afro-Brasileiro apresentou características muito diferentes da polarização do anterior, permitindo uma participação mais livre de simpatizantes e militantes do PCB. Ademais, possivelmente porque a estrutura partidária do PC encontrava-se debilitada, o modo comunista ortodoxo, por assim dizer, de interpretar a questão negra passou ao largo do evento, e isso resultou em pautas mais pragmáticas tais como garantir que o estado laico não oprimisse as manifestações religiosas negras. Começava aí a história da União das Seitas, já que,

[...] a partir do congresso, Carneiro iria conseguir articular e lograr melhores chances de dar cabo ao que, no final das contas, era o que mais lhe interessava: organizar uma entidade civil entre os pais e mães de santo da Bahia, a fim de conseguir a liberdade religiosa dos candomblés.⁵⁶⁵

É difícil provar o que mais interessava a Édison Carneiro. É possível, porém, sustentar que seus esforços voltaram-se mais para uma pauta concreta, menos afeita a arroubos teóricos. Em meados de 1938, uma observadora recém-chegada à Bahia, e que se tornaria próxima de Édison Carneiro, descreveu uma cena sintomática a respeito da relação entre comunistas e os negros organizados em torno da questão religiosa e de liberdade de culto.

A essa altura, os grupos de cultos eram acusados de serem ninhos da propaganda comunista. Eu frequentemente pensei sobre a acusação, a qual me foi feita gravemente pelo belo coronel comandante das tropas federais na área. Na maior parte, os negros não sabiam ler ou escrever e nunca foram ao cinema, mas passavam suas vidas entre seus locais de trabalho e templos. O medo da propaganda comunista estava espalhado, e meu próprio cônsul, cuja despreocupação americana era um

⁵⁶⁴ FERRAZ, Aydano do Couto. Castro Alves e a poesia negra da América. In: RAMOS, Arthur (Org.). **O Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 228-9.

⁵⁶⁵ ROSSI, 2011, p. 196.

tanto intimidada pelos fatos da vida na Bahia, me aconselhou ao dizer que ele não estava preparado para me proteger no caso de dificuldade. Eu vi como uma pequena ameaça à vida política da República assim como eu vi em casa, nos Estados Unidos. Certo era, no entanto, que os negros e intelectuais estavam sendo feitos de bode expiatórios das ansiedades da administração. E quer queira quer não queira eu *fui* tragada para dentro. Alguns seis meses depois, enquanto esperava pelo bonde numa noite sufocante em fevereiro, Edison falou com seu inglês cuidadoso: “Eu acho que um espião está te espionando. Ele está vestido como um trabalhador negro”. Eu me voltei para Edison surpresa porque eu não acreditei nele.

“É verdade”, ele sorriu. “Eu tenho longa experiência reconhecendo a polícia secreta. Eles são muito desajeitados nisso. Agora, quando você entrar no carro, vamos sentar no banco traseiro, para que possamos vê-lo de frente.” E assim foi.

Quando nós chegamos na casa da mãe de santo que estávamos visitando, e eu disse a ela em assombro, ela me respondeu silenciosamente: “Nós sabemos disso há muito tempo. Nós não te dissemos nada porque não queríamos assustá-la”.

Edison se divertiu: “Bem, agora você sabe que é perigosa. Você é amigável com as pessoas erradas; você não deve ser vista com negros ou com homens da universidade. Ou você terminará na prisão conosco ano que vem! Estimada colega, você agora está na República do Brasil”.⁵⁶⁶

Para Ruth Landes,⁵⁶⁷ o ambiente político baiano diferia de outras áreas do país. Comparando-o com o Rio de Janeiro, ela caracterizou como única a relação entre certos setores negros com os comunistas na Bahia.

Eu estou à frente da minha história, mas essa é a atmosfera na qual eu me achava brevemente após chegar na Bahia. Alguém pode não sentir tais coisas tão agudamente no Rio porque era lá o assento do governo central, e a polícia federal era forte. Até a tentativa abortada de assassinar Vargas, que ocorreu logo depois da minha chegada no Rio e a apenas uma quadra do meu hotel, não teve nenhuma repercussão na cidade. Nem eram os negros notáveis no Rio comunistas; eram na verdade temidos como mágicos, e elogiados como vagabundos de rua, já que eram muito pobres. Mas na Bahia eles eram seriamente considerados de todas as maneiras

⁵⁶⁶ LANDES, 1994, p. 61-62. “At this time, the cult groups were accused of being nests of communist propaganda. I often wondered at the charge, which was made to me gravely by the handsome colonel commanding the federal troops in the area. For the most part, the blacks could not read or write and never went to the moving pictures, but passed their lives between their places of work and the temples. Fear of communist propaganda was wide-spread, and my own consul, whose American insouciance was quite intimidated by the facts of life in Bahia, advised me that he was not prepared to protect me in case of difficulty.

I saw as little threat to the political life of the Republic as I did at home in the United States. Certain it was, however, that the blacks and the intellectuals were being made scapegoats of the administration's anxieties. And willy-nilly I was dragged into it. Some six months later, while waiting one sweltering night in February for the streetcar into the jungle, Edison said in his careful English: ‘I think a spy is watching you. He is dressed like a black worker.’ I turned to Edison in amazement because I did not believe him.

‘It’s true,’ he smiled. ‘I have long experience in recognizing the secret police. They are very clumsy at it. Now, when we get on to the car, let us take the rear seat, so we can watch him in front.’ And so it was.

When we reached the home of the priestess we were visiting, and I told her in astonishment, she answered quietly: ‘We’ve known it for a long time. We didn’t say anything because we didn’t want to frighten you.’

Edison was amused. ‘Well, now you know you are dangerous. You are friendly with the wrong people; you must not be seen with blacks or with university men. Or you’ll end up in jail with us next year! Esteemed colleague, you are now in the Republic of Brazil.’

⁵⁶⁷ “Communist activity in Bahia (Political Report)”, 9 fev. 1939. Murphy Collection, caixas 202-3, 149-163.

“Incidentally, an American, Mrs. Ruth Landes who recently departed from Bahia after studying here for some eight months on a scholarship from the Rockefeller Foundation was on the police suspect list and was kept under surveillance for about two weeks prior to her departure. Two members of the police department said privately that her difficulties were due to her constant association with Edson Carneiro, another suspect” (p. 14).

e, se os intelectuais eram comunistas, por que não os negros com quem eles se associavam?⁵⁶⁸

O depoimento de Landes corrobora a observação feita pelo Cônsul dos Estados Unidos em Salvador. Primeiro, Robert Janz descrevera os tipos de comício que ocorriam na capital baiana e, ao fazê-lo, enfatizou que

O segundo tipo de comício era aberto ao público e consistia quase que inteiramente de falas e discursos baseados na doutrina comunista. Os princípios enfatizados eram: extrema liberdade pessoal, abolição do dinheiro e completa falta de distinção entre pessoas de diferentes cores. O último era um ponto importante de conversa na Bahia onde as raças eram tão intrinsecamente misturadas e onde as pessoas são muito sensíveis a respeito da questão de cor. Os comícios públicos eram dirigidos prioritariamente para as classes mais baixas, especialmente trabalhadores fabris, estivadores e motoristas.⁵⁶⁹

Paradoxalmente, Janz não via presença comunista na Bahia. Exceção feita à Livraria Editora Bahiana, que, justamente, agregava os membros da Academia dos Rebeldes.

Essa loja está sob vigilância de autoridades federais, mas a polícia local não parece ter qualquer conhecimento sobre o que está acontecendo. A suspeita é baseada no fato de que a loja faz muito pouco negócio e parece não ter interesse em fazer mais, e é dirigida por suspeitos comunistas. A informação seguinte é evidência privada que eu tenho sobre a loja: entre as pessoas procuradas pela polícia depois do golpe de 10 de novembro de 1937, estava um escritor radical, Jorge Amado, que é tido como comunista. A venda de seus livros fora proibida, e embora eu tenha tentado várias livrarias eu não consegui obter nenhuma cópia até que um amigo me falou para tentar a Livraria Editora Bahiana novamente, explicando quem eu era. Eu fiz isso, e uma série completa dos livros de Amado foi enviada para mim.

Os livros de Amado são romances das classes trabalhadoras. Na maior parte das suas histórias há numerosos comunistas que falam da doutrina comunista, e o cenário dado sobre as classes dominantes nunca é elogioso.⁵⁷⁰

⁵⁶⁸ LANDES, 1994, p. 62. "I am ahead of my story, but this is the atmosphere in which I found myself shortly after reaching Bahia. One did not sense these things so sharply in Rio because that was the seat of the central government, and the federal police was strong. Even the abortive attempt to assassinate Vargas, which occurred soon after my arrival in Rio and only a block away from my hotel, had no repercussions in the city. Nor were the Rio blacks notorious as "communists"; rather they were feared as magicians, and glamorized as street vagrants, since they were very poor. But in Bahia they were taken seriously in all ways and (sic), if the intellectuals were communists, why not the blacks with whom they associated?"

⁵⁶⁹ "Communist activity in Bahia (Political Report)", 9 fev. 1939. Murphy Collection, caixas 202-3, 149-163, p. 5. "The second type of meeting was open to the public, and it consisted almost entirely of speeches and discussions based upon the communist doctrine. The principles stressed in Bahia were extreme personal liberty, the abolition of money, and a complete lack of distinction between persons of different color. The latter was a strong talking point in Bahia where races are so inextricably mixed and where the people are very sensitive about the color question. The public meetings were directed chiefly at the lower classes, principally the factory workers, stevedores and chauffeurs."

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 13. "This store is under the surveillance of the federal authorities but the local police do not appear to have any knowledge of what is taking place. The suspicion is based upon the fact that the store does very little business and shows no interest in doing more, and that is patronized by suspected communists. The following is some private evidence that I have about the store: Among the persons wanted by the police after the coup of November 10, 1937, was a radical author, Jorge Amado, who was said to be a communist. The sale of his books was prohibited, and although I tried several book stores I was unable to obtain any copies until a friend told me to try the Livraria Editora Bahiana again, explaining who I was. I did so, and a full set of Amado's books were delivered to me.

Amado's books are novels of the laboring classes. In most of his stories there are numerous communists who speak the communist doctrine, and the picture given of the ruling classes is never flattering."

Com a perseguição da polícia e dificuldades de se expressar politicamente no partido, parte da militância comunista, sobretudo aquela não centralizada pelas direções locais, dedicou-se ao ataque de questões locais, ainda que articuladas de modo transnacional. De qualquer modo, as redes que a IC havia construído permaneciam vigentes porque eram reproduzidas por sujeitos políticos.

A avaliação vinda dos círculos internacionais – e, mais precisamente, soviético – acerca das questões raciais proveio também da Juventude Comunista Internacional. Essa característica indica que a prevalência desse tema na Juventude Comunista brasileira, sobretudo na Bahia, não ocorreu a despeito de correntes internacionais do movimento. Ao contrário, pode ter sido fruto de incentivo da JCI, de uma agenda sua. Em documento que consta no acervo do Secretariado Latino-Americano, datado de 29 de setembro de 1935, sobre o que aparentemente foi um encontro de jovens comunistas, a questão negra e indígena foi cotejada pelo orador, que aparece sob o nome de Torres.⁵⁷¹ O documento confirma a presença das organizações comunistas de jovens da França e dos Estados Unidos, um indicativo ainda mais forte de que o tema racial pode ter centralizado parte das discussões desse encontro.

Inicialmente, o tema foi a organização da juventude indígena no Chile e na Argentina, na chamada região da Araucânia. Defendia-se que as realidades eram diferentes e, para cada caso, haveria uma forma de dirigir a questão. No Chile, buscou-se organizar um Congresso de Jovens:

Aqui está um exemplo para os camaradas do México, Peru, Colômbia e os demais países onde há população indígena. Não creiam, vocês, que esse exemplo possa ser seguido em seus países. Sim, camaradas. Devem se colocar esta tarefa e obterão êxitos com certeza.⁵⁷²

Queriam organizar um Congresso da Federação Juvenil Araucana.

Com relação à questão negra, Torres discorreu mais detidamente. No discurso, pode-se identificar dois caminhos igualmente defendidos pelo movimento comunista internacional. Um primeiro diz respeito à identificação de maiorias étnicas submetidas em regiões específicas, como seria o caso da Bahia e da província Oriente em Cuba. A despeito disso, sobre o segundo, a diretriz indicada pelo dirigente é que se deveria objetivar a integração racial das juventudes, brancas e negras, onde quer que elas se encontrassem separadas apesar da maioria demográfica de uma em relação a outra.

⁵⁷¹ De acordo com Manuel Caballero, um militante argentino. CABALLERO, 1986, p. 40.

⁵⁷² RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6.

Em alguns países da América Latina, como Brasil e Cuba existe uma numerosa população negra. Eles são descendentes dos antigos escravos africanos importados em massa no tempo da colônia, por negreiros ingleses, holandeses, portugueses e outros. E apesar de hoje a escravidão ter sido abolida, os travos escravistas ainda tendem a subsistir. A juventude negra, da mesma maneira que a indígena, além de sofrer a opressão nacional que aguenta toda a juventude dos países da América Latina, padece e é vítima da discriminação imposta por diversas formas pelos elementos reacionários do próprio país. Devemos encarar o problema do trabalho entre a juventude negra de forma audaz. Se queremos agrupar e educar as massas da juventude negra, devemos trabalhar em suas organizações, naquelas que existem e criar outras organizações onde sejam necessárias. A juventude negra tem a particularidade que geralmente vive nas mesmas cidades com a juventude branca. No entanto, por diversas razões elas tendem a organizar-se separadamente e se organizam, em suas associações recreativas, desportivas, culturais e de ajuda mútua, e outras tendo em conta esta particularidade é que devemos buscar a organização em países como Brasil, particularmente no estado da Bahia, como também em Cuba, particularmente no Estado Oriente, a unificação de todas as organizações existentes da juventude negra sobre a base de uma plataforma por direitos da juventude negra e pelo aperfeiçoamento cultural, recreativo da juventude.

Essas organizações da juventude negra devem trabalhar intimamente com as organizações da juventude branca, e em conjunto com as juventudes brancas devem criar em cada país uma união nacional das juventudes populares.

Eu tenho a segurança de que a juventude democrático-anti-imperialista da América Latina, recebe com entusiasmo nossa mensagem de unidade e que do rio Brava à Terra do Fogo, e do Atlântico ao Pacífico, nas cidades das montanhas e nas planícies, o grito da unificação de todas as juventudes democráticas e anti-imperialistas será transformado numa realidade.⁵⁷³

Édison Carneiro flertou com a integração como forma de solução do problema racial, embora sempre tenha demarcado uma posição hesitante em relação ao branco. E no mesmo texto em que essa hesitação aparece, evidencia-se também uma articulação no mesmo diapasão do debate supramencionado. Logo depois de identificar a sociedade burguesa como responsável pelos males contra a população negra e cujos dirigentes eram brancos, Carneiro afirmava que os negros, tal qual o proletariado em geral,

⁵⁷³ RGASPI, F. 495, op. 17, d. 1, fols. 25. “En algunos países de la América Latina, como Brasil y Cuba existe una numerosa población negra. Ellas son descendientes de los antiguos esclavos africanos importados en masas en el tiempo de la colonia, por los negreros ingleses, holandeses y portugueses y otros. Y a pesar que hoy la esclavitud ha sido abolida, los resabios esclavistas aun suelen subsistir. La juventud negra lo mismo que la indígena, además de sufrir la opresión nacional que sufre toda la juventud de los países de América Latina, sufre y es víctima de la discriminación impuesta en diversas formas por los elementos reaccionarios del propio país. El problema del trabajo entre la juventud negra debemos encararlo audazmente. Si queremos agrupar y educar a las masas de la juventud negra, debemos trabajar en sus organizaciones, en aquellas que existen y crear allí donde sea necesario diversas otras organizaciones. La juventud negra tiene la particularidad que suele vivir en las mismas ciudades con la juventud blanca. Sin embargo, por diversas razones ellas tienden a organizarse separadamente y se organizan, en sus asociaciones recreativas, deportivas, culturales y su ayuda mutua, y otras teniendo en cuenta esta particularidad es que debemos plantear la organización en países como Brasil, particularmente en el Estado de Bahía, como así en Cuba, particularmente en el Estado Oriente, la unificación de todas las organizaciones existentes de la juventud negra, sobre la base de una plataforma por los derechos de la juventud negra y del mejoramiento cultural, recreativo de la juventud. Estas organizaciones de la juventud negra, deben trabajar intimamente con las organizaciones de la juventud blanca, y en conjunto con las juventudes blancas, deben crear en cada país la unión nacional de las juventudes populares. Yo tengo la seguridad que la juventud democrática-antiimperialista de América Latina, recibí con entusiasmo, nuestro mensaje de unidad y que desde el río Brava a la Tierra del Fuego, y desde el Atlántico al Pacífico, en las ciudades en las montañas, y en las llanuras, el grito de la unificación de todas las juventudes democráticas y antiimperialistas será transformado en una realidad.”

[...] desejam, além de instrução, da alimentação suficiente e do melhoramento das condições de trabalho, o reconhecimento dos seus direitos – como de todas as raças oprimidas do país, – a colaboração, no mesmo pé de igualdade, com o branco na obra de reconstrução econômico-política do Brasil. [...] Somente a sociedade comunista, que reconhece às raças oprimidas até mesmo o direito de se organizarem em Estado independente, conseguirá realizá-la, abolindo a propriedade privada e acabando, de uma vez por todas, com a exploração do homem pelo homem.⁵⁷⁴

Tanto o documento da JCI quanto o escrito de Édison Carneiro durante o I Congresso Afro-Brasileiro demonstram as ambiguidades das diretrizes cominternianas quando confrontadas com o exercício prático de construir organizações. A tímida menção da autodeterminação por parte de Carneiro e a omissão por parte de Torres são os sintomas de que a corrente integracionista foi mais efetiva no plano da execução da agenda do movimento comunista internacional. Apesar de uma retórica que, por vezes, flertou com o segregacionismo, Carneiro vislumbrava a integração de negros e brancos, ainda que matizasse sua integração de maneira nem sempre coincidente com as propostas cominternianas.

Um outro comunista, de características distintas de Carneiro, tanto nos moldes interpretativos quanto, e sobretudo, na forma de militar no PCB, também refletiu sobre a questão negra e o racismo.

6.4 Octávio Brandão e o PCB: da classe à raça

Em Moscou, provavelmente entre finais de 1934 e 1936, Octávio Brandão dedicou-se ao estudo da questão das “nacionalidades” no Brasil, na América Latina e no Caribe. Tal estudo foi registrado em dois manuscritos, rascunhos que não se sabe em que resultaram. Esses dois escritos permaneceram inéditos ao grande público e tampouco parecem ter influenciado as tomadas de decisão do PCB naqueles anos. Ambos explicitavam o fato de não serem acabados, tratavam-se de trabalhos em progresso. Considerando que o estado de conservação de um deles é ruim, nem sempre foi possível identificar o ordenamento pretendido pelo autor e, muitas vezes, não foi possível fazer a leitura de maneira adequada. Tampouco foi possível precisar a circunstância e o momento de escrita de um deles.

O primeiro parece ter sido “Las nacionalidades negra e india na América del Caribe y del Sur”. Justamente este conjunto documental, que se encontra em seu acervo pessoal sob a

⁵⁷⁴ CARNEIRO, Édison. A situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Ariel, 1935c. p. 240-1.

guarda do Arquivo Edgard Leuenroth, está em estado de difícil leitura. A “Pasta 60”,⁵⁷⁵ onde se encontra o documento, tem 47 folhas de anotações esparsas, entre estatísticas demográficas e frases soltas misturadas a parágrafos aparentemente concluídos. Uma constante no pensamento de Octávio Brandão foram as chaves interpretativas do feudalismo e do pré-capitalismo para explicar o arcaísmo da sociedade latino-americana e, mais precisamente, do Brasil. Também fazia parte de seu repertório o elemento imperialista que teria tornado mais lenta e vagarosa a modernização da sociedade brasileira. Para ele, o campesinato negro e índio encontrava-se em estado pré-capitalista e, desse modo, enfrentava o domínio feudal e o imperialismo como fatores de arrasto.⁵⁷⁶ Numa de suas observações desconexas, Brandão afirma que “no PC se dizia que não há discriminação em Cuba. Se dizia que os negros da Jamaica e Haiti são negros de segunda categoria e que não vale a pena trabalhar entre os negros de Barbados já que são negros muito atrasados”.⁵⁷⁷

O traço definidor do argumento de Brandão estava na consideração de que negros e índios constituiriam, no Brasil, nações oprimidas.

Entre os negros e índios se encontram as nacionalidades mais oprimidas em toda a América do Caribe e do Sul. Por isso, nesses países, no centro da questão nacional está a questão dos negros e índios. Os trabalhadores negros e índios são uma parte importante do proletariado em toda uma série de países (Brasil, México, Peru e outros).⁵⁷⁸

No entanto, ele se mostrava hesitante em afirmar que, por consequência, a questão da secessão estaria aplicada. De fato, Brandão não parece subscrever a tese da 1ª Conferência do PCB tampouco o artigo de Édison Carneiro que, mesmo timidamente, advogara a secessão de negros. Para Brandão, como disse em uma das notas que desenvolveria mais tarde, “Na América do Caribe e do Sul é preciso ver nacionalidades e não tribos nem raças”.⁵⁷⁹

No documento seguinte, intitulado “Los problemas negro y indio en Brasil”,⁵⁸⁰ escrito provavelmente depois de outubro de 1936, Octávio Brandão escreveu sobre a história do

⁵⁷⁵ Arquivo Edgar Leuenroth – AEL (Unicamp), OB Pm.93, p. 60 – MR/0004. De acordo com ficha catalográfica do AEL, o documento data de 29 set. 1934. É importante destacar que essa data ainda se encontra em aberto, a julgar pelas informações dispostas no próprio documento.

⁵⁷⁶ AEL, OB Pm.93, p. 60 – MR/0004, p. 7-8.

⁵⁷⁷ “En el P.C. se decía que no hay discriminación en Cuba. Se decía que los negros de Jamaica y Haiti son negros de segunda categoría y que no vala la pena trabajar entre los negros de Barbados debiendo[se] a que son negros muy atrasados”. AEL, OB Pm.93, p. 60 – MR/0004, p. 4. E este argumento remete à discussão da “questão brasileira” quando os membros da IC tentavam convencer os brasileiros a rumar na direção dos conflitos raciais.

⁵⁷⁸ “Entre los negros e indios se encuentran las nacionalidades más oprimidas en toda America del Caribe y del Sur. Por esto, en estos países, en el centro de la cuestion nacional está la cuestion de los negros e indios. Los obreros negros e indios son una parte importante del proletariado en toda una serie de países (Brazil, Mejico, Perú y otros).” AEL, OB Pm.93, p. 60 – MR/0004, p. 4.

⁵⁷⁹ “En la ACS [América del Caribe y del Sur] es preciso ver nacionalidades y no tribos ni razas”. Ibidem, p. 17.

⁵⁸⁰ RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6.

Brasil partindo de índios, negros e mestiços. Além de encadear um fluxo histórico ligado ao avanço da formação do proletariado e campesinato na história do Brasil, Brandão não teve maiores preocupações em associar a classe trabalhadora brasileira às definições raciais.

O mais importante aspecto para o raciocínio desenvolvido neste momento é o conhecimento de Brandão sobre o andamento da atividade do partido no Brasil, mesmo estando em Moscou, e sua preocupação em retroceder às atividades do partido que envolveram negros e/ou índios. Para isso, citou o evento do Posto Paraguassú,⁵⁸¹ na Bahia, que “com nossa participação, os índios do posto de Serviço se revoltaram com armas em mão, lutando heroicamente pela defesa de suas terras”.⁵⁸² Analisou a questão negra brasileira de modo a relativizar a opressão racial já que, para ele, a realização dos congressos afro-brasileiros demonstravam a importância ascendente do negro e sua inserção na sociedade.⁵⁸³ Salientava, porém, que a vida do negro no sul do país era problemática por causa dos espaços vívidos de segregação. Havia condições precárias frutos de tensão com colônias italianas.

Do ponto de vista sociológico, acrescentou uma série de elementos provindos do negro africano e do índio para a formação brasileira, referindo-se ao estudioso Manoel Bonfim. Brandão identificava os movimentos do período imperial como

[...] não lutas dos povos negros e índios por sua autodeterminação, senão que representam as lutas dos descendentes mestiços de negros e índios que formam o povo brasileiro, ajudados por negros e índios, pela libertação nacional e pelos direitos democráticos de todo o povo.⁵⁸⁴

Justamente porque negros, índios e mestiços seriam mais numerosos na região Nordeste, teria saído de lá o principal ponto irradiador de contestação. Concluiu que

Finalmente foi no nordeste onde a ---- de combate dada por Prestes e pela Aliança de Libertação Nacional encontrou mais eco, fazendo a união, sob a bandeira da libertação nacional de índios, negros e mestiços, e onde primeiro se fez a insurreição de 1935 contra o jugo imperialista, chefiadas por “caboclos” e “pardos”, mestiços de índios e negros.⁵⁸⁵

Brandão também cita eventos de luta na história do sul-sudeste do país e conclui que,

em todos esses movimentos, houve participação de negros, também eram seus chefes os brasileiros mais populares, quase todos descendentes de negros ou de

⁵⁸¹ Edison Carneiro fez a cobertura jornalística desse conflito em 1936. Cf. LINS, Marcelo. Uma voz dissidente: A cobertura jornalística de Edson Carneiro à invasão do Posto Paraguaçu de 1936. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 7., 2014. *Anais...* Cachoeira: Anpuh/BA, 2014.

⁵⁸² “con nuestra participacion, los indios puesto de eso Servicio se han revoltado de armas en las manos, luchando heroicamente por la defensa de sus tierras”. RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6, p. 8.

⁵⁸³ Ibidem, p. 10.

⁵⁸⁴ RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6, p. 24.

⁵⁸⁵ “Finalmente fue en el nordeste donde la ---- de combate dada por Prestes y la Alianza de Liberación Nacional encontró más eco, haciendo la union, bajo la bandera de la liberacion nacional de indios, negros y mestizos, y donde primero se hizo la insurreccion en 1935 contra el jugo imperialista, jefiadas por ‘caboclos’ y ‘pardos’, mestizos de indios y negros.” Ibidem, p. 25.

índios. A “frente negra”, da qual falaremos adiante, aderiu à ANL, assim como a apoiavam os índios de alguns postos de Serviço de Proteção já referido.⁵⁸⁶

Sobre as organizações negras:

É certo também que de 1930 até hoje se formaram e se desenvolveram organizações especiais de negros (A Frente Negra), com o objetivo único de lutar “pela liberdade da raça”. Mas, [ilegível], seus lemas são somente a igualdade de direitos, econômicos, políticos e sociais, e também na maioria dos casos essas organizações se unem a partidos políticos brasileiros de diferentes classes, inclusive de latifundiários.⁵⁸⁷

A fim de concluir uma crítica à política do PCB sobre a questão negra e indígena, Brandão remontou à definição de nação numa mimese da elaboração staliniana.

De fato, o que é uma nação? O camarada Stalin definiu com clareza depois de mostrar categoricamente como ela “não é uma comunidade de raça nem de tribo”. [...] “Nação”, define Stalin, “é uma comunidade estável historicamente formada de idioma, de território, de vida econômica e de hábitos psicológicos refletidos em uma comunidade de cultura”.

Dando essa definição clara, o camarada Stalin prova como a existência de uma nação exige a presença de todos os símbolos distintivos que ele cita.

É necessário enfatizar que nenhum dos símbolos distintivos indicados, tomados isoladamente, é suficiente para definir a nação. Mais ainda: basta que falte ainda que seja um destes símbolos distintivos para que a nação deixe de ser uma nação.⁵⁸⁸

Para Brandão, as características necessárias e mínimas para que os negros pudessem ser caracterizados como uma nação eram aquelas apontadas por Stalin.⁵⁸⁹ A pergunta fundamental para ele era precisamente se os negros, no Brasil, reuniam essas características. Dentre elas estava, necessariamente, uma burguesia capaz de tocar a luta pela libertação

⁵⁸⁶ “En todos esos movimientos, hubo participacion de negros, además de que eran sus jefes los brasileños más populares, casi todos descendientes de negros ó de índios. El ‘frente negra’, del qual hablaremos adelante adheriu a la ANL, asi como la apoyaban los indios de algunos puestos del Servicio de Proteccion ya referido.” Ibidem, p. 26.

⁵⁸⁷ “Es cierto también que de 1930 hasta hoy se han formado y se desarrollaran organizaciones especiales de negros (El Frente Negro), con el objetivo único de luchar “por la libertad de la raza”. Pero, [ilegível] solamente sus consignas son las de igualdad de derechos, económicos, políticos y sociales, como también en la mayoría de los casos, esas organizaciones se unen a partidos políticos brasileños de diferentes clases, incluso de latifundarios.” Ibidem, p. 2806.

⁵⁸⁸ “De hecho, que es una nación? El camarada Staline ha definido con claridad después de mostrar categóricamente como ella ‘no es una comunidad de raza ni de tribo’. (Stalin, El marxismo y el problema nacional, Ediciones Europar America, Barcelona, p. 8)

[...] ‘Nacion’, define Stalin, ‘es una comunidad estable historicamente formada de idioma, de territorio, de vida economica y de habitos psicologicos reflejados en una comunidad de cultura’. (p. 10 de Stalin)

Dando esa definición clara, el camarada Staline prueba como la ejistencia de una nación exige la presencia de todos los signos distintivos que el cita.

‘Es necesario subrayar que ninguno de los signos distintivos indicados, tomado aisladamente, es suficiente para definir la nación. Más aún: basta con que falte aunque solo sea uno de estos signos distintivos para que la nación deje de ser una nación’. (p. 10 de Stalin)” RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6, p. 29. grifos do original.

⁵⁸⁹ “Portanto, para que los negros del Brasil puedan ser llamados una nación, hace falta que ellos presenten todos los signos indicados por Staline. Quiere decir, es preciso que los negros del Brasil sean una comunidad de hombres que tengan una historia común, un idioma común y único, un territorio común, una vida económica común, y hábitos psicológicos, cultura, comunes.” Ibidem, p. 29.

nacional, tarefa precipuamente burguesa, segundo Stalin, a quem Brandão seguia. A conclusão do brasileiro foi peremptória.

Os negros do Brasil têm esses símbolos distintivos? É certo que, sobretudo na Bahia, e mesmo no Maranhão ou Sergipe, existem pequenos “núcleos” territoriais onde os negros estão mais ou menos restritos; é certo que, segundo uma entrevista publicada em um diário do Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1936, encontram-se na Bahia filhos de africanos, populares entre a população negra do estado, que defende o idioma, os costumes, a religião de seus pais e tem expressões como essa: “Os negros da Bahia sentem, faz muito tempo, a necessidade se reunirem assim em família, como nos bons tempos de África”; também é certo que o idioma nagô e os costumes da magia negra, da religião negra (macumba, culto gege-nagô, etc.) até hoje são seguidos por negros, apesar da bárbara perseguição policial, sobretudo no Rio e São Paulo, Recife se faz sentir essa selvageria policial.

Mas pode-se dizer que com isso os negros são uma nação? Não. Eles não têm todos os símbolos indicados por Stalin.⁵⁹⁰

Ora, ao não constituir uma nação, não poderia ser caracterizada como nação oprimida nem, muito menos, reivindicar o lema da autodeterminação.

Nós já demos nossa opinião sobre os negros e os índios como nações oprimidas. À luz do que nos ensina o camarada Stalin, não se pode ter os negros e índios como nações. Serão raças, tribos oprimidas, que poderão talvez mais tarde formar nações; mas hoje não são nações.

Então, está por isso mesmo resolvido o caso do lema da autodeterminação para os negros e índios. Ele não é indicado para esse momento. E ele não é indicado não somente porque não se trata de nações mas porque não convém à etapa atual da revolução no Brasil este lema. O lema da autodeterminação, diz Stalin, não é sempre defendido por nós. Os comunistas colocarão este lema, quando “a autonomia ou a separação seja sempre e em todas as partes vantajosa para a nação, ou melhor, para a maioria dela, ou seja para as classes trabalhadoras”.⁵⁹¹

Para Brandão, o debate fundamental era com o PCB e não propriamente com a Comintern ou outras instâncias do movimento comunista. Assim, arvorou-se, baseado em

⁵⁹⁰ “Los negros del Brasil tienen esos signos distintivos? Es cierto que, sobretudo en Bahia, y aún en Maranhão ó Sergipe, hay pequeños “núcleos” territorio donde los negros están acumulados más ó menos; es cierto que, según una entrevista publicada en un diario de Rio de Janeiro, en 15 de julio de 1936, se encuentra en Bahia todavía hijos de africanos, populares entre la población negra del Estado, que defiende el idioma, los costumbres, la religión de sus padres y que tienen expresiones como esa: “Los negros de Bahia sienten, hace mucho, la necesidad de se reuniren así en familia, como en los buenos tiempos de Africa”; también es cierto que el idioma nagô y los costumbres de la magia negra, de la religión negra (macumba, culto gege-nagô, etc) hasta hoy es seguido por negros, a pesar de la persecucion policial barbara, sobretudo en Rio y San Pablo, Recife se hace sentir esa salvajería policial.

Pero, se puede decir que con eso son los negros una nación? No. Ellos no tienen todos los signos indicados por Staline.” Ibidem, p. 30.

⁵⁹¹ “Nosotros ya demos nuestra opinión sobre los negros y los indios como naciones oprimidas. A la luce del que [p. 36] nos ensina el camarada Stalin, no se puede tener los negros y indios como naciones. Seran razas, tribos oprimidas, que podrán talvez más tarde formar naciones; pero hoy no son naciones. Entonces, esta por eso mismo resuelto el caso de la consigna de autodeterminación para los negros y los indios. Ella no es indicada en eso momento.

Y ella no es indicada no solamente porque no se trata de naciones como porque no conviene a la etapa actual de la revolución en Brasil esa consigna. La consigna de autodeterminación, dice Staline, no es siempre defendida por nosotros. Los comunistas plantearán esa consigna, cuando ‘la autonomía o la separación sean siempre y en todas partes ventajosas para la nación, es decir, para la mayoría de ella, o sea para las capas trabajadoras’.” RGASPI, F. 495, d. 118, fols. 001-03906, p. 36-38.

alguns argumentos de autoridade,⁵⁹² criticar as elaborações do partido a respeito da questão negra e indígena. Concomitantemente às críticas, Brandão fez um *mea culpa* indicando as limitações interpretativas e de acesso à leitura como causas dos equívocos das formulações do PC.

Nós no Brasil, e eu principalmente, influenciados pelas teorias de Guralsky, e sem conhecer o que haviam escrito Lênin e Stalin, não somente sustentamos por muito tempo o lema da autodeterminação para os negros e índios, mecanicamente, como o alargamos para os estados do Nordeste. Em nosso programa do Partido, em 1934, ~~aprovado com a presença de um enviado de [ilegível] e Guralsky,~~ saiu essa barbaridade, que somente poderia servir para criar no Brasil um caso semelhante ao do Panamá na Colômbia, com grande satisfação dos opressores imperialistas.⁵⁹³

Em seguida, aponta a evolução do partido em relação à questão, o que ocasionou uma nova postura sobre o tema.

No entanto, eu penso que, em 1935, nosso Partido corrigiu em parte seus erros de 1934, encarando com justiça o problema dos negros e índios, face a primeira etapa de nossa revolução.

Assim, não somente os manifestos de Prestes, do Partido e da ANL lançaram os lemas justos de “igualdade de direitos entre negros e índios” e “restituição das terras roubadas aos índios”, como também nossa “Classe Operária” e nosso órgão de massa, em primeiro lugar “A Manhã”, do Rio de Janeiro, defendiam com energia a liberdade mais ampla para os costumes e a religião dos negros, combatendo com força as perseguições policiais contra esses costumes. Além disso, nós participamos ativamente do I Congresso Afro-Brasileiro realizado em Recife, que defendeu esses direitos dos negros. Também por isso, as organizações negras do país aderiram com entusiasmo à ANL e os sinceros defensores dos índios aplaudiram o programa de Prestes, assim como tivemos posições em aldeias indígenas da Bahia e Maranhão.⁵⁹⁴

Octávio Brandão, nos idos de 1938, face aos expurgos dirigidos pela burocracia de Stalin contra opositores políticos, foi obrigado a escrever longa e humilhante autocrítica. O trecho que interessa a este trabalho é o seguinte:

⁵⁹² “Nuestro Partido, aunque desde 1931-32 buscó estudiar esos problemas, no lo hice jamás con profundidad, sobretudo porque solamente aquí yo fue uno de los únicos cuadros del partido que tuvo la felicidad de en 1935 conocer la literatura de Staline sobre la cuestión nacional.” Ibidem, p. 38.

⁵⁹³ “Nosotros en Brasil, y yo principalmente, influenciados por las teorías de Guralsky, y sin conocer lo que habían escrito Lenin y Stalin, no solamente por mucho tiempo sustentamos la consigna de autodeterminación para los negros y indios, mecánicamente, como la alargamos has los Estados del Nordeste. En nuestro programa del Partido, en 1934, apruebad con la presencia de un enviado de [Cinani?] y Guralsky, salió esa barbaridad, que solamente podría servir para crear en Brasil un caso semejante al del Panamá en Colombia, con grande placer de los opressores imperialistas.” Ibidem, p. 38.

⁵⁹⁴ “Sin embargo, yo pienso que en 1935, nuestro Partido corrigió en parte sus erores de 1934, encarando con justeza el problema de los negros y indios, face a la primera etapa de nuestra revolucion. RGASPI, F. 495, op. 17, d. 118, fols. 001-039o6, p. 38.

Asi, no solamente los manifestos de Prestes, del Partido y de la ANL lanzaran las consignas justas de ‘igualdad de derechos hacia negros y indios’ y ‘restitucion de las terras robadas a los indios’, como tambien nuestra ‘Clase Operaria’ y nuestro organos de masa, em primero logar ‘A Manhã’, de Rio de Janeiro, defendian con energia la libertad más amplia para los costumbres e y la religion de los negros, combatendo con fuerza las persecuciones policiales contra esos costumbres. Además de eso, nosotros participamos activamente en el lo congreso afro-brasileño realizado en Recife, que defendió esos derechos de los negros. También por eso, las organizaciones negras del país adherirán con entusiasmo a la ANL y los sinceros defensores de los indios aplaudirán el programa de Prestes, así como tuvimos posiciones en aldeas indias de Bahia y Maranhão.” Ibidem, p. 39.

Eu não compreendi a característica da revolução no Brasil como uma revolução de libertação nacional contra o imperialismo. Eu proclamei a luta imediata e simultânea contra o imperialismo e o feudalismo, sem separar as etapas. Eu coloquei como perspectiva um 1789 e um março de 1917.

Eu não compreendi a questão camponesa nem a questão agrária. Eu subestimei o papel do campesinato; eu dei pouca atenção aos milhões de negros, de mulatos, de mestiços e de índios. Em minha opinião, aqui está a razão desse erro: eu fui anarquista por dois anos e meio (1919-1921). Diz-se que o anarquismo, tendência oportunista, não compreendeu jamais a questão do Estado, nem o papel do partido proletário, nem o papel do campesinato, etc. Está claro que uma luta real pela hegemonia do proletariado é impossível se se subestimar o papel do campesinato, se não levar à luta milhões de camponeses.

Eu exagerei as contradições entre a burguesia e os feudais. Eu estudei a história da revolução francesa e apliquei mecanicamente suas lições políticas às novas condições históricas do Brasil e do mundo.⁵⁹⁵

A autocrítica em relação à questão negra se materializou em função da pouca intensidade a qual ele teria se dedicado ao tema. Brandão se acusava de não ter problematizado, de modo algum, suas próprias elaborações sobre a questão, tendo-as mantido tal qual elaboradas em “Los problemas negro y indio en Brasil”. De todo modo, sua tarefa a partir de então viria a ser demonstrar as relações entre a exploração racial e a econômica permeadas pelo imperialismo. Assim, ao caracterizar o proletariado latino-americano, escreveu:

As minas de estanho na Bolívia pertencem principalmente aos imperialistas americanos: Guggenheim. O minerador é, na maior parte, um índio. Ele é terrivelmente explorado e oprimido – vítima de permanências pré-capitalistas, tais como castigos corporais, mesmo na mina.⁵⁹⁶

A respeito do Brasil, Brandão, depois da autocrítica, aprofundou seu entendimento da vinculação entre a exploração imperialista e racial, sem tampouco influir de maneira evidente no debate partidário.

Setenta e um por cento da população do estado da Bahia, no Brasil, é formada por negros e mulatos. Os trabalhadores e as trabalhadoras das fábricas de tabaco no interior da Bahia, nas cidades de Cachoeira, São Félix e Maragogipe, são formados por negros e mulatos. Eles são muito oprimidos pelos patrões: Dannemann, Stender e Suerdich, isto é, imperialistas alemães. Esses imperialistas pagam um salário

⁵⁹⁵ “Je n'ai pas compris le caractère de la révolution au Brésil en tant que révolution nationale-libératrice contre l'imperialisme. Je proclamais la lutte immédiate et simultanée contre l'imperialisme et le féodalisme, sans séparer les étapes. Je posais comme perspective un 1789 et un mars 1917.

Je n'ai pas compris la question paysanne ni la question agraire. J'ai sousestimé le rôle de la paysannerie; j'ai donné peu d'attention aux millions de négres, de mulâtres, de metis et d'indiens. A' mon opinion, voici la racine de cette erreur: j'ai été anarchiste 2 1/2 ans (1919-1921). On sait que l'anarchisme, courant opportuniste, n'as pas compris jamais ni la question de l'Etat, ni le rôle du parti prolétarien, ni le rôle de la paysannerie, etc. Il est clair qu'une lutte réelle pour l'hégémonie du prolétariat est impossible si on sousestime le rôle de la paysannerie, si on n'entraîne à la lutte les millions de paysans.

J'ai exagéré les contradictions entre la bourgeoisie et les féodaux. J'ai étudié l'histoire de la révolution française et j'ai appliqué mécaniquement ses leçons politique aux nouvelles conditions historiques du Brésil et du monde.” RGASPI, F. 495, op. 197, d. 2, 13 abr. 1938.

⁵⁹⁶ RGASPI, F. 495, op. 17, d. 153, fol. 47. “Les mines d'étain en Bolivie appartiennent surtout aux impérialistes américains: Guggenheim. Le mineur est, pour la plupart, un indien. Il est terriblement exploité et opprimé -- victime de survivances précapitalistes, tels que les châtiments corporels, même dans la mine.”

muito baixo e fazem esses operários trabalharem 10, 12 horas por dia. Esses imperialistas exploram também os pequenos camponeses, plantadores de tabaco: eles compram o tabaco muito barato.⁵⁹⁷

Para Brandão, América Latina e Brasil eram palcos de “opressão nacional”, já que segmentos raciais eram objetos prioritários da agenda imperialista. Assim, combater os efeitos da “opressão nacional” levada a cabo pelos imperialistas constituía uma atividade que se coadunava com o esforço de guerra em vigor.⁵⁹⁸

Nessa série de escritos, Octávio Brandão parecia debater, sobretudo, contra Bangu, apelido de Lauro Reginaldo da Rocha, membro do Secretariado Nacional do PCB desde 1933, alçado aos círculos dirigentes do partido durante a implantação do obreirismo. Foi ele quem lançou a discussão sobre a questão nacional no partido durante a 1ª Conferência Nacional do PCB, em julho de 1934. Para Bangu, o Brasil não constituía uma nação mas, sim, um conjunto de nacionalidades. Ele identificou as causas disso associando as “areas tropical, subtropical e temperada que influenciaram nas diversas nacionalidades aqui existentes”.⁵⁹⁹ Propôs “o lançamento da palavra de ordem de ‘autodeterminação para o Nordeste’, dizendo que o proletariado das nacionalidades opressoras deve unir-se ao proletariado das nacionalidades oprimidas”.⁶⁰⁰ Bangu encaixou o Nordeste entre as nações oprimidas observando: 1) “a grande tradição de luta das nacionalidades oprimidas do Brasil”; 2) que “o Nordeste fornece 70% para as forças armadas do Brasil”; 3) a inconsistência, para ele, de setores do PCB que entendiam nacionalidade apenas como referência aos imigrantes no Brasil; 4) as relações longínquas dos trabalhadores brasileiros em relação aos estrangeiros.⁶⁰¹ Para ele, a experiência de nacionalidades oprimidas no Nordeste deveria ser cotejada com outras nacionalidades existentes no país.

⁵⁹⁷ RGASPI, F. 495, op. 17, d. 153, fol. 47, 4 nov. 1939. “71% de la population de l'Etat de Bahia, au Brésil, sont formés par des nègres et mulâtres. Les ouvriers et les ouvrières des fabriques de tabac à l'intérieur de Bahia, dans les villes de Cachoeira, Sao Felix et Maragogipe, sont nègres. Ils sont très opprimés par les patrons: Dannemann, Stender et Suerdich, c'est-à dire, impérialistes allemands. Ces imperialistes payent un salaire très bas et font les ouvriers travailler 10, 12 heures chaque jour. Ces impérialistes exploitent aussi les petits paysans, planteurs de tabac: ils achètent le tabac à très bon marché.”

O mesmo documento foi replicado em 23 jun. 1940. Ambos fazem parte da documentação do Secretariado Ibarruri, como ficou conhecido o Secretariado Latino-Americano depois que Dolores Ibarruri passou a dirigi-lo, conforme aparece nos descritores dos arquivos da Comintern.

⁵⁹⁸ “Entre los habitantes se calcula que 36% son negros y mulatos, 35% son blancos y 28% son indios y mestizos de indios. Los indios son en numero de 1 a 1 1/2 millón.

Los negros y los indios son oprimidos por los imperialistas y por los semifeudales. Los imperialistas ejercen sobre todo el país la opresión nacional. De ahí ha importancia enorme, decisiva de la cuestion nacional en Brasil como tambien en toda la America Latina. 20 de febrero de 1940.” RGASPI, F. 495, op. 17, d. 163, fol. 11.

⁵⁹⁹ “Ata da CONFERENCIA NACIONAL DO P.C.B.” RGASPI, F. 495, op. 029, d. 074, fol. 53. Cedem/Unesp, ic-0391b.pdf.

⁶⁰⁰ Ibidem, p. 54

⁶⁰¹ Ibidem, p. 54.

Embora a ampla maioria dos presentes na Conferência tenha apoiado Bangu, sua proposta sofreria resistência por parte de alguns membros do PCB. Na ata da conferência, Martinez expôs seu desacordo “com o ponto de vista de Bangu sobre a autodeterminação para o Nordeste”.⁶⁰² Outro militante, de codinome Mario, explicita contraditoriedade ao “tom peremptório de certas de suas afirmações como, por exemplo: uma nacionalidade nunca é composta de um só *typo racial*”.⁶⁰³ Mauro, por sua vez, “não crê que o Nordeste, em seu conjunto, constitua uma nacionalidade. A palavra de ordem justa deve ser: ‘Autodeterminação para os negros e índios’”.⁶⁰⁴ Para Macário, a complexidade estava no fato de o “Nordeste em seu conjunto ser uma nacionalidade oprimida não exclui[r] a existencia, alli, de minorias nacionais com direito a sua base territorial”.⁶⁰⁵ Bangu respondeu que “a autodeterminação [...] não significa a separação forçada, mas o direito duma nacionalidade dispor livremente de seus destinos. O governo operário e camponês é a única garantia da autodeterminação”.⁶⁰⁶

O avançar da década de 1930 e as fraturas internas do Partido e no movimento comunista internacional fizeram com que a discussão racial entre comunistas navegasse com a preponderância das questões internas, como atestam os resultados práticos do II Congresso Afro-Brasileiro. A partir do paulatino desmembramento do Partido Comunista, durante o Estado Novo, e dos braços da IC em finais da década de 1930, os comunistas brasileiros rearticularam-se recrudescendo a tática da Frente Popular. Em resumo, as alianças com setores liberais pela derrota do nazifascismo foram efetivadas, principalmente, no campo da produção cultural. Obras de autores norte-americanos foram traduzidas por comunistas e membros da Frente. Ao mesmo tempo, foram estabelecidas tentativas de construir veículos de comunicação que expressassem a posição política aliancista, mesmo que dirigida pelo PCB. Uma das expressões dessa política foi a revista “Seiva”.⁶⁰⁷

⁶⁰² Ibidem, p. 54. Provavelmente, trata-se do mesmo Ricardo Martinez já citado.

⁶⁰³ Ibidem, p. 54. “Mario” refere-se provavelmente a Esteban Peano. Cf. KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea: O PCB em 1937-1938**. São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 2003. p. 278.

⁶⁰⁴ Ibidem, p. 54. “Mauro” era codinome de Domingos Brás. Cf. KAREPOVS, 2003, p. 254.

⁶⁰⁵ Ibidem, p. 54. Trata-se, provavelmente, de Guilherme Yolles Macário. Cf. SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930)**. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 200.

⁶⁰⁶ Ibidem, p. 57.

⁶⁰⁷ A “Seiva” foi um entre tantos empreendimentos editoriais dos comunistas e antifascistas. Cf. ARBEX, Luciana Bueno Marta. **Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria: agenda cultural, revistas e engajamento comunista**. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Em 1940, foi publicada a obra “Memórias de um negro”, tradução de Graciliano Ramos de “Up from Slavery”, de Booker T. Washington. Em 1941, “Filho nativo”, de Richard Wright, foi publicado em tradução de Monteiro Lobato. Cf. FONSECA, Sílvia Asam da. **A coleção *Bibliotheca do Espírito Moderno*: um projeto para alimentar**

A publicação circulou entre dezembro de 1938 e julho de 1943.⁶⁰⁸ Em sua história, empenhou-se, dentre outras coisas, em propagandear a edição dos anais do II Congresso Afro-Brasileiro, organizada por Arthur Ramos. A temática negra perpassou a história da revista em artigos esparsos que apareceram em suas edições, até o número 4, de maio de 1939, que foi dedicado ao debate da questão. Talvez, a periodicidade com que a “Seiva” debatia a questão negra e o esforço desses intelectuais em traduzir poetas da renascença do Harlem tenham levado o cônsul dos Estados Unidos a reportar a seu chefe imediato que “oficiais e indivíduos na Bahia têm proliferado a doutrina segundo a qual os Estados Unidos são o foco de onde se espalham ideias comunistas”.⁶⁰⁹

O grupo da Academia dos Rebeldes apareceu, sobretudo, em artigo de Aydano do Couto Ferraz, que discorreu elogiosamente acerca de como a permanência das religiões afro permitiu que a volta à África se concretizasse em território brasileiro. Ao contrário de posições que vislumbravam a transformação do negro em algo mais próximo dos valores ocidentais, Couto Ferraz escrevera sobre o legado cultural do elemento negro.

A empreitada materializada nesse periódico antifascista deu vazão a diferentes vozes. Houve quem defendesse a necessidade de desalienar os negros do mundo do “candomblé e da feitiçaria”. Houve quem advogasse a necessidade de livrar o negro da vadiagem, e quem entendesse que o negro era capaz de maior reconhecimento que aquele de “candomblezeiro e feiticeiro”. Embora não dissonantes, os argumentos diferiam em suas ênfases.

Em suma, para os comunistas a revista “Seiva” – e sua edição sobre o negro – interrompeu uma linha de reflexão sobre a questão racial brasileira. Deixou em evidência que entre os antifascistas não havia convergência em relação ao tema e, ainda, legou aos comunistas baianos, sobretudo, uma agenda que já se delineava timidamente em 1935 com Édison Carneiro e sua defesa dos terreiros de candomblé.

A escolha dos espaços culturais e de práticas negras como locais invioláveis norteariam a pauta antirracista dos comunistas, como um todo. Embora a revista se insurgisse contra práticas de segregação racial, o vigor fundamental estava na forja de espaços culturais

espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977). 2010. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 122, 123, 139, 301 e 349.

⁶⁰⁸ Circulou novamente entre novembro de 1950 e junho de 1952 (FALCÃO, João. **A história da Revista Seiva**. Salvador: Ponto e Vírgual, 2008. p. 10). FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012; FONTES, Rafael Oliveira. **A Seiva de uma Juventude: Intelectualidade, juventude e militância política (Salvador, Bahia, 1932-43)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

⁶⁰⁹ “Communist activity in Bahia (Political Report)”. 09 fev. 1939. Murphy Collection, caixas 202-203, 149-163, p. 10, “officials and individuals in Bahia have long preached the doctrine that the United States is the focal point for the spread of communistic ideas.”

e de sociabilidade para o negro, protegidos de uma sociedade eminentemente racista. A partir de então, a política dos comunistas em relação à questão negra continuaria no mesmo ritmo. Por inércia.

Referências

ACTIVITIES of Russian Soviet Regime. In: STEVENSON, Archibald E. et al (Ed.). **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part I. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. v. 1. p. 635-657. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924052844218>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

AGOSTI, Aldo. As Correntes Constitutivas do Movimento Comunista Internacional. In: HOBSBAWM, Eric et al. **O marxismo na época da Terceira Internacional**: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. **Il partito mondiale della rivoluzione**: Saggi sul comunismo e l'Internazionale. Milão: Unicopli, 2009.

AKERS, David. Rebel or Revolutionary? Jack Kavanagh and the Early Years of the Communist Movement in Vancouver, 1920-1925. **Labour/Le Travail**, Toronto, v. 30, p. 36, outono 1992.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANDERSON, Jennifer. **Propaganda and Persuasion in the Cold War**: The Canadian Soviet Friendship Society, 1949-1960. 2008. Tese (Doutorado em História). Carleton University, Ottawa, 2008.

ANDREW, Christopher. **The Inter-War Years**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.mi5.gov.uk/home/mi5-history/mi5-between-the-wars/the-inter-war-years.html>>. Acesso em: 14 out. 2012.

ARBEX, Luciana Bueno Marta. **Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria**: agenda cultural, revistas e engajamento comunista. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A TRADE Union Program Of Action For Negro Workers. **The Communist**, [Nova York], p. 42-7, jan. 1930.

AVRICH, Paul. **Sacco and Vanzetti**: The Anarchist Background. Princeton: Princeton University Press, 1996.

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos (memórias)**: uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BASS, John Lawrence. **Bolsheviks on the bluff**: a history of Memphis Communists and their Labor and Civil Rights contributions 1930-1957. 2009. Tese (Doutorado História)—Universidade de Memphis, Memphis, 2009.

BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra no Estado de São Paulo. In: _____. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Coleção Estudos, 18).

BASU, Jyoti. **Memoirs, a political autobiography**. Bengala: National Book Agency, 1999.

BENNER, Erica. **Really existing nationalisms**: a post-communist view from Marx and Engels. Oxford: Oxford University Press, 1995.

BERCUSON, David Jay. Syndicalism Sidetracked: Canada's One Big Union. In: VAN DER LINDEN, Marcel; THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalism**: an International Perspective. Aldershot: Scolar Press, 1990. p. 221-236.

BERLIN, Isaiah. **Russian Thinkers**. Londres: Penguin Books, 1994.

BERMAN, Marshall. **Um século em Nova York**: espetáculos em Times Squase. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BLACK, Joseph Laurence. **Canada in the Soviet Mirror**: Ideology and Perception in Soviet Foreign Affairs, 1917-1991. Montreal: McGill University-Queens Press, 1998.

BOZINOVSKI, Robert. **The Communist Party of Australia and Proletarian Internationalism, 1928-1945**. 2008. Tese (Doutorado)—School of Social Sciences, Faculty of Arts, Education and Human Development, Victoria University, Melbourne, 2008.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **Esquerda positiva**: as duas almas do Partido Comunista, 1922-1964. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v. 1.

BRASKÉN, Kasper. **The revival of international solidarity**: the Internationale Arbeiterhilfe, Willi Münzenberg and the Comintern in Weimar Germany, 1921-1933. 2014. Tese (Doutorado em História)—Abo Akademi, Turku, 2014.

BROUÉ, Pierre. *The German Revolution, 1917-1923*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2004.

_____. **História da Internacional Comunista: a ascensão e a queda (1919-1943)**. São Paulo: Sundermann, 2007. v. 1.

BROWN, Kathleen A. **Ella Reeve Bloor**: The Politics of the Personal in the American Communist Party. 1996. Tese (Doutorado)—Universidade de Washington, Seattle, 1996.

CAB/24/95. **Revolutionary Movements in British Dominions Overseas and Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), p. 28, dez. 1919.

CAB/24/111. **Revolutionary Movements in British Dominions Overseas and Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), n. 21, jul. 1920.

CAB/24/112. **A Monthly Review of Revolutionary Movements in Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), set. 1920.

CAB/24/116. **The Second Congress of the Third International-July-August 1920**: Special Report, Directorate of Intelligence (Home Office), n. 19, nov. 1920.

CAB/24/138. Report on Revolutionary Organisations in the United Kingdom. **The National Archives**, 24 ago. 1922.

CAB/94/95. **A Monthly Review of Revolutionary Movements in Foreign Countries**, Directorate of Intelligence (Home Office), dez. 1919.

CABALLERO, Manuel. **Latin America and the Comintern 1919–1943**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CAMARERO, Hernán. **A la conquista de la clase obrera**: Los comunistas y el mundo del trabajo, 1920-1936. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

CAMPBELL, Susan. “Black Bolsheviks” and recognition of African-America's right to self-determination by the Communist Party USA Science & Society. **Science and Society**, New York, v. 58, n. 4, p. 440-470, inverno 1994a.

_____. “Black Bolsheviks” and recognition of African-America's right to self-determination by the Communist Party USA Science & Society. **Science and Society**, New York, v. 58, n. 4, p. 440-470, inverno 1994b. Disponível em: <<http://pastebin.com/vZE1UM4B>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. An Introduction. In: *The Negro Worker: A Comintern Publication of 1928-37*. **Marxists Internet Archive**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/negro-worker/>>. Acesso em: 1º nov. 2014.

CAMPIONE, Daniel. **El comunismo en Argentina**: sus primeros pasos. Buenos Aires: Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini (CCC), 2005.

CAMPIONE, Daniel; MAIER, Bárbara; CANTERA, Mercedes Fernanda López. **Buenos Aires-Moscú-Buenos Aires**: los comunistas argentinos y la Tercera Internacional, primera parte (1921-1924). Buenos Aires: Ediciones del CCC, 2007.

CANNON, James Patrick. **James P. Cannon and the Early Years of American Communism**: Selected Writings and Speeches, 1920-1928. Nova York: Spartacist Publishing Co., 1992.

CARNEIRO, Édison. Nota sobre o Negro Brasileiro. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 185, abr. 1935a.

_____. A exploração do negro. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 14 nov. 1935b.

_____. A situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Ariel, 1935c.

_____. O médico dos pobres. In: RAMOS, Arthur (Org.). **O Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

_____. A situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos Afro-Brasileiros**: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, em 1934. Recife: Fundaj; Massangana, 1988.

CARR, Barry. Marxism and Anarchism in the Formation of the Mexican Communist Party. **The Hispanic American Historical Review**, Durham, v. 63, n. 2, p. 294, mai. 1983.

_____. **La izquierda mexicana a través del siglo XX**. México DF: Ediciones Era, 1996.

CARR, Edward Hallett. **A History of Soviet Russia**: The Bolshevik revolution, 1917-1923. New York: The MacMillan Company, 1953. v. 3.

_____. **Socialism in One Country**. Nova York: MacMillan, 1958. (History of Soviet Russia, n. 5).

_____. "Self-determination in practice" e "The balance-sheet of self-determination". In: _____. **The Bolshevik Revolution (1917-1923)**. Nova York: MacMillan Company, 1985. v. 1. p. 286-379.

CASTELLUCI, Aldrin. Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 64, 2012.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul.-dez. 2002.

CERDAS CRUZ, Rodolfo. **La Hoz y el Machete**: La Internacional Comunista, América Latina y la Revolución en Centro América. Málaga: Eumed, 1986.

CHERNYSHEVSKY, Nikolay. **What's to be done?** Boston: Benj. R. Tucker Publisher, 1886.

CLARKE, Joseph Calvitt. **Alliance of the Colored Peoples**: Ethiopia and Japan Before World War II. Woodbridge: James Currey, 2011.

CLAUDÍN, Fernando. **The Communist Movement**: from Comintern to Cominform (part two). Nova York; Londres: Monthly Review Press, 1975.

CONKLIN, Alice L. **A Mission to Civilize**: The Republican Idea of Empire in France and West Africa, 1895-1930. Stanford: Stanford University Press, 1997.

D'AMATO, Paul. **Understanding the united front**. 13 ago. 2013. Disponível em: <<http://socialistworker.org/2013/08/13/understanding-the-united-front>>. Acesso em: 29 out. 2014.

DAVENPORT, Tim (Ed.). **Roger Baldwin Raps Haywood's "Desertion"**. Corvalis: 1000 Flowers Publishing, 2007. Disponível em: <<http://www.marxisthistory.org/history/usa/unions/iww/1921/0429-leader-baldwin.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

DAVIDSON, Apollon; FILATOVA, Irina; GORODNOV, Valetin; SHERIDAN, Johns (Orgs). **South African and the Communist International**: A documentary history. Londres, Portland: Frank Cass Publishers, 2003. v. 1 (Socialist pilgrims to Bolshevik footsoldiers).

DAWAHARE, Anthony. **Nationalism, Marxism, and African American Literature Between the Wars**: A New Pandora's Box. Jackson: University Press of Mississippi, 2003.

DEGRAS, Jane (Ed.). **The Communist International, 1919-1922, Documents**. Londres: Royal Institute of International Affairs, 1955a. v. 1.

_____. (Ed.). **The Communist International, 1919-1943, Documents**. Londres: Frank Cass and Company; Oxford University Press, 1955b. v. 1.

_____. **The Communist International, 1919-1943**. Londres/Nova York: Oxford University Press, 1959. v. 2.

_____. **The Communist International, 1919-1943**. Londres/Nova York: Oxford University Press, 1964. v. 3.

DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB, 1928-1935**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DEUTSCHER, Isaac. **Trotski: o profeta armado (1879-1921)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

_____. **Trotski: o profeta desarmado (1921-1929)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

_____. **Stalin: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DEWEY, John. **Not Guilty Report of the Commission of Inquiry into the Charges Made Against Leon Trotsky in the Moscow Trials**. Nova York; Tóquio: Ishi Press, 2008.

DIMITROV, Georgi. The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class against Fascism: Main Report delivered at the Seventh World Congress of the Communist International. 2 ago. 1935. **Marxists Internet Archive**: Georgi Dimitrov. 2014. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/dimitrov/works/1935/08_02.htm#s9>. Acesso em: 31 out. 2014.

DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!”. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 517-536, jul.-dez. 2006.

_____. “Constantemente derrubo lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do governo Vargas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 146-171, jan.-jun. 2007a.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007b.

DRAPER, Theodore. **The Roots of American Communism**. Nova York: The Viking Press, 1957.

_____. **American Communism and Soviet Russia: The Formative Period**. Nova York: Viking, 1960.

_____. **The Roots of American Communism**. Nova Jersey: Transaction Publishers, 2003.

DREW, Allison. Bolshevizing Communist Parties: The Algerian and South African Experiences. **International Review of Social History**, Amsterdam, v. 48, p. 167-202, 2003.

DU BOIS, W. E. B. Opinion. **The Crisis**, Nova York, p. 5-9, maio 1921.

EDWARDS, Brent Hayes. **The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

ELEY, Geoff. **Forging Democracy: The history of the Left in Europe, 1850-2000**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

FALCÃO, João. **A história da Revista Seiva**. Salvador: Ponto e Vírgual, 2008.

FEATHERSTONE, David. Black internationalism, international communism and anti-fascist political trajectories: African American volunteers in the Spanish Civil War. **Twentieth Century Communism**, n. 7, p. 9-40, set. 2014.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Globo, 2008. v. 2.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. 1982. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais)–Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

FERRAZ, Aydano do Couto. Castro Alves e a poesia negra da América. In: RAMOS, Arthur (Org.). **O Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças**: a materialização da revista *Seiva* (1938-1943). 2012. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

FINK, Carole. **The Genoa Conference**: European Diplomacy, 1921-1922. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

FONER, Philip S.; ALLEN, James S. (Org.). **American Communism and Black Americans**: a documentary history (1919-1929). Philadelphia: Temple University Press, 1987.

FONSECA, Sílvia Asam da. **A coleção *Bibliotheca do Espírito Moderno***: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977). 2010. Tese (Doutorado em Educação)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FONTES, Rafael Oliveira. **A Seiva de uma Juventude**: Intelectualidade, juventude e militância política (Salvador, Bahia, 1932-43). 2011. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

FOURTH Congress of the Communist International: The Black Question, 30 nov. 1922. **Marxists Internet Archive**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/4th-congress/blacks.htm>>. Acesso em: 19 out. 2012.

FOSTER, William Z. **History of the Communist Party of the United States**. Nova York: International Publishers, 1952.

FOWKES, Ben. (Trad.). **The German Left and the Weimar Republic**: A Selection of Documents. Leiden: Brill Academic Publishers, 2014.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. **Fronteiras em definição**: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal *O Clarim da Alvorada* (1924-1932). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FREYMOND, Jacques (Org.). **Contributions à l'Histoire du Comintern**. Genebra: Droz, 1965. (Publications de l'Institut Universitaire de Haute Études Internationales, 45).

FREYRE, Gilberto et al. **Novos Estudos Afro-Brasileiros**. Recife: Fundaj; Massangana, 1988.

GENOVA, James Eskridge. **Colonial Ambivalence, Cultural Authenticity, and the Limitations of Mimicry in French-ruled west Africa**. Nova York: Peter Lang, 2004.

GILMORE, Glenda. **Defying Dixie: The radical roots of Civil Rights, 1919 – 1950**. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 2008.

GINZBURG, Lyubov. **Confronting the Cold War legacy: the forgotten history of the American colony in St. Petersburg**. 2010. Tese (Doutorado em *American Studies*)—University of Kansas, Lawrence, 2010.

GIRARD, Frank; PERRY, Ben. **Socialist Labor Party, 1876-1991: A Short History**. Filadélfia: Livra Books, 1991.

GOMES, Ângela de Castro et al. **Velhos Militantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GOMES, Arilson. **A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do negro em Porto Alegre - RS (1931-1958)**”. 2008. Dissertação (Mestrado em História)—Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GOMES, Flávio. **Negro e política (1888-1937)**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

GOUNOT, André. Sport or Political Organization? Structures and Characteristics of the Red Sport International, 1921-1937. **Journal of Sport History**, Fullerton, v. 28, n. 1, p. 23-39, spring 2001.

GREEN, Bryan. **Brazil**. Nova York: International Publishers [Prepared by Labor Research Association], 1937.

GUIMARÃES, Sérgio Antônio. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950. **Revista Afro-Ásia**, n. 29/30, p. 247-269, 2003.

HALL, Gwendolyn M. (Ed.). **A black communist in the freedom struggle: the life of Harry Haywood**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. (Versão Kindle).

HALLAS, Duncan. The Comintern: 3. The Ebb. **Marxists Internet Archive**. 4 nov. 2004. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/hallas/works/1985/comintern/ch3.htm>>. Acesso em: 23 set. 2014.

HARRISON, Alferdteen (Org.) **Black Exodus: The Great Migration from the American South**. Jackson: University Press of Mississippi, 1991.

HAYWOOD, Harry. **Black Bolshevik**: Autobiography of an Afro-American Communist. Chicago: Liberator Press, 1978.

_____. "Self-determination: the fight for a correct line". In: HALL, Gwendolyn M. (Ed.). **A black communist in the freedom struggle**: the life of Harry Haywood. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. (Versão Kindle).

HILTON, Stanley. **A Rebelião Vermelha**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HIRSCH, Arnold R. **Making the Second Ghetto**: Race and Housing in Chicago, 1940-1960. Nova York: Cambridge University Press, 1983.

HIRSCH, Francine. The Soviet Union as a Work-in-Progress: Ethnographers and the Category Nationality in the 1926, 1937, and 1939 Censuses. **Slavic Review**, Urbana, v. 56, n. 2, p. 275, verão 1997.

_____. Race without the Practice of Racial Politics. **Slavic Review**, Urbana, v. 61, n. 1, p. 31, primavera, 2002.

HOLTHOON, Frits van; LINDEN, Marcel van der. **Internationalism in the Labour Movement, 1830-1940**. Leiden: E. J. Brill, 1988. v. 2.

HORNE, Gerald. **Black and red**: W.E.B. Du Bois and the Afro-American response to the Cold War 1944 – 1963. Albany: State University of New York Press, 1986.

_____. **Black liberation/red scare**: Ben Davis and the Communist Party. Londres; Mississauga: Associated University Press, 1994.

HORNSTEIN, David P. **Arthur Ewert**: A life for the Comintern. Lanham: University Press of America, 1993.

HUGHES, Alvin. The Negro Sanhedrin Movement. **The Journal of Negro History**, v. 69, n. 1, p. 1-13, inverno 1984.

HUISWOUD, Otto. World aspects of the Negro question. **The Communist**, v. 9, n. 2, p. 132-147, fev. 1930.

HUMBERT-DROZ, Jules. **De Lenine a Staline**: dix ans au service d'Internationale Communiste (1921-1931). Neuchatel: Baconniere, 1971.

INTERNATIONAL UNION OF WOODWORKERS. **In commemoration of the twenty-fifth anniversary of the founding of the International Union of Woodworkers, 1904-1929.** Amsterdam: International Union of Woodworkers, 1929.

IRIYE, Akira. The Internationalization of History. **The American Historical Review**, Durham, v. 94, n. 1, p. 1-10, fev. 1989.

ISSERMAN, Maurice. **Which side were you on: the American Communist Party during the Second World War.** Middletown: Wesleyan University Press, 1982.

JAMES, C. L. R. **Notes on the Life of George Padmore.** [1959]. Chicago: University of Chicago Library, 1972. 1 bobina de microfilme; 35 mm.

JEIFETS, Victor. Die Komintern und Argentinien in den Jahren 1919-1922. Die Kommunistische Partei Argentinien gegen die "argentinischen Lenins". **The International Newsletter of Communist Studies**, Mannheim, v. 15, n. 22, p. 137-147, 2009.

JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. Michael Borodin: The First Comintern-emissary to Latin America (Part 1). **The International Newsletter of Historical Studies on Komintern, Communism, and Stalinism**, v. 2, n. 5-6, p. 145-149, 1994-1995.

_____. Michael Borodin: The First Comintern-emissary to Latin America (Part 2). **The International Newsletter of Historical Studies on Komintern, Communism, and Stalinism**, v. 3, n. 7-8, p. 84-88, 1996.

JOHANNINGSMEIER, Edward P. The Trade Union Unity League: American Communists and the Transition to Industrial Unionism: 1928-1934, **Labor History**, v. 42, n. 2, p. 159-177, 2001.

_____. Communists and Black Freedom Movements in South Africa and the US: 1919-1950. **Journal of Southern African Studies**, v. 30, n. 1, p. 155-180, mar. 2004. Special Issue: Race and Class in South Africa and the United States.

JOHNS, Sheridan. The Comintern, South Africa and the Black Diaspora. **The Review of Politics**, Notre Dame, v. 37, n. 2, abr. 1975.

_____. **Raising the Red Flag: The International Socialist League and the Communist Party of South Africa, 1914-1932.** Bellville: University of the Western Cape, 1995. (History and Literature Series).

KAREPOVS, Dainis. **A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)**. 2001. Tese (Doutorado em História Social)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Luta subterrânea: O PCB em 1937-1938**. São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 2003.

_____. *A Nação e a Juventude Comunista do Brasil*. **Cad. AEL**, Campinas, v. 17, n. 29, 2010.

KELLEY, Robin D. G. **Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression**. Chapel Hill: The North Carolina Press, 1990.

KEYS, Barbara. **Globalizing sport: national rivalry and international community in the 1930s**. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

KHRUSHCHEV, Nikita; KHRUSHCHEV, Sergei (Ed.). **Memoirs of Nikita Khrushchev: Commissar (1918-1945)**. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2005. v. 1.

KLEHR, Harvey. **Communist Cadre: The Social Background of the American Communist Party**. Stanford: Hoover Institution Press, 1960.

KORNWEIBEL JR., Theodore. **“Seeing Red”: Federal campaigns against black militancy, 1919-1925**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

KUHN, Rick. Revolutionary strategy and the united front. **Marxist Left Review**, n. 3, primavera 2011. Disponível em: <<http://marxistleftreview.org/index.php/autumn-2011/67-revolutionary-strategy-and-the-united-front>>. Acesso em: 29 out. 2014.

LA CORRESPONDENCIA Sudamericana, Buenos Aires, n. 9, p. 15, 1º abr. 1929.

_____, Buenos Aires, n. 10, p. 6, 30 abr. 1929.

LANDES, Ruth. **The City of Women**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994.

LAPORTE, Norman; MORGAN, Kevin; WORLEY, Matthew. **Bolshevism, Stalinism and the Comintern: Perspectives on Stalinisation, 1917-1953**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2008.

LAZIĆ, Branko M.; DRACHKOVITCH, Milorad M. **Biographical dictionary of the Comintern**. ed. rev. Stanford: Hoover Institution Press, 1986.

LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. ... **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LENINE, Vladimir. I Congresso da Internacional Comunista: Teses e Relatório sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado. In: _____. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2004. v. 3.

_____. O Imperialismo, fase superior do capitalismo. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 575-671.

LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos Percorridos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LINS, Marcelo. **Os vermelhos nas terras do cacau**: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936). 2007. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

_____. Uma voz dissidente: A cobertura jornalística de Edson Carneiro à invasão do Posto Paraguaçu de 1936. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 7., 2014. **Anais...** Cachoeira: Anpuh/BA, 2014.

LINDEMANN, Albert S. **The Red Years**: European Socialism Versus Bolshevism, 1919-1921. Los Angeles: University of California Press, 1974.

LOBATO, Mirta. Rojos: Algunas reflexiones sobre las relaciones entre los comunistas y el mundo del trabajo en la década de 1930. **Prismas, Revista de história intelectual**, Bernal, n. 6, 2002.

LOVELL, David; WINDLE, Kevin. **Our Unswerving Loyalty**: A documentary survey of relations between the Communist Party of Australia and Moscow, 1920-1940. Canberra: The Australian National University Press, 2008.

LÖWY, Michael. O Sonho Naufragado: a Revolução de Outubro e a questão nacional. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, v. 7, mar. 2011.

MAGEE, Jeffrey. **Cambridge History of American Music**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MAKALANI, Minkah. **For the liberation of Black people everywhere: the African Blood Brotherhood, black radicalism and pan-African liberation in the New Negro movement, 1917-1936.** 2004. Tese (Doutorado em História)–Universidade Illinois, Urbana-Champaign, 2004.

MANIFESTO da 1ª Conferência do PCB. In: **Fundação Dinarco Reis**. [s.d.]. Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=130:manifesto-da-1o-conferencia-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb>. Acesso em: 31 out. 2014.

MANLEY, John. Preaching the Red Stuff: J.B. McLachlan, Communism, and the Cape Breton Miners, 1922-1935. **Labour/Le Travail**, Toronto, v. 30, p. 101-2, outono 1992.

_____. Moscow Rules? ‘Red’ Unionism and ‘Class Against Class’ in Britain, Canada, and the United States, 1928-1935. **Labour/Le Travail**, Toronto, v. 56, p. 9-49, outono 2005.

MANTZARIS, Evangelos. The promise of the impossible revolution: the Cape Town industrial socialist league, 1918-1921. In: _____. **Labor Struggle in South Africa: the forgotten pages 1903-1921.** Disponível em: <<http://www.sahistory.org.za/pages/library-resources/online%20books/labour-struggles/chapter-1.htm#14>>. Acesso em: 22 abr. 2011. Atualização em jan. 2015: <<http://www.sahistory.org.za/archive/chapter-1-promise-impossible-revolution-cape-town-industrial-socialist-league-1918-1921>>.

MATUSEVICH, Maxim. **No Easy Row for a Russian Hoe: Ideology and Pragmatism in Nigerian-Soviet Relations.** Asmara: Africa World Press, 2003.

_____. An exotic subversive: Africa, Africans and the Soviet everyday. **Race and Class**, Londres, vol. 49, n. 4, p. 57-81, abr. 2008.

MAXWELL, William J. **New Negro, old left: African-American writing and Communism between the Wars.** Nova York: Columbia University Press, 1999.

MAZZEO, Antônio Carlos. **Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 1999.

MCDUFFIE, Erik S. **Long Journeys: Four Black Women and the Communist Party, USA, 1930-1956.** Tese (Doutorado)–New York University, New York, 2003.

MCFADDEN, David W. **Alternative Paths: Soviets and Americans, 1917-1920.** Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

MCGERR, Michael. The Price of the “New Transnational History”. **The American Historical Review**, Durham, v. 96, n. 4, p. 1056-1067, out. 1991.

MCILROY, John; CAMPBELL, Alan. 'Nina Ponomareva's hats': the new revisionism, the Communist International, and the Communist party of Great Britain, 1920-1930. **Labour/Le Travail**, Toronto, n. 49, p. 147-187, primavera 2002.

MEINANDER, Henrik. **A History of Finland**. Londres: C. Hurst & Co., 2011.

MINUTES of the Second Congress of the Communist International: Seventh Session – July 30. **Marxists Internet Archive**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/2nd-congress/ch07.htm>>. Acesso em: 20 set. 2012.

MILLER, Christopher. **Nationalists and Nomads**: Essays on Francophone African Literature and Culture. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

MILLER, James A.; PENNYBACKER, Susan D.; ROSENHAFT, Eve. Mother Ada Wright and the International Campaign to Free the Scottsboro Boys, 1931-1934. **The American Historical Review**, v. 106, n. 2, p. 387-430, abr. 2001.

MORENO, Paul D. **Black Americans and organized labor**: a new history. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006.

MUKHERJI, Ani. **The Anticolonial Imagination**: The Exilic Productions of American Radicalism in Interwar Moscow. 2011. Tese. (PhD)–Brown University, Providence, 2011. p. 133.

MULLEN, Bill V. **Popular Fronts**: Chicago and African-American Cultural Politics, 1935-46. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1999.

MULLEN, Bill; SMETHURST, James Edward. **Left of the Color Line**: Race, Radicalism, and Twentieth-Century Literature of the United States. Chapel Hill: The North Carolina Press, 2003.

MUÑOZ CARRILLO, Gabriel. **Disputa por el comunismo en Chile**: estalinistas y oposicionistas en el partido de Recabarren (1924-1934). Informe de Seminario (Licenciatura em História)–Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago, 2014.

MURPHY Collection Records on International Communism, compiled 1958-1958, documenting the period 1917-1958 – Brazil. National Archives at College Park. Record Group 263: Records of the Central Intelligence Agency, 1894-2002. Entry number: A1 18, caixa 201, ARC Identifier: 7403114.

MURPHY Collection Records on International Communism, compiled 1958-1958,

documenting the period 1917-1958. HMS Entry Number(s): A1 18. Record Group 263: Records of the Central Intelligence Agency, 1894-2002. National Archives at College Park. ARC Identifier: 7402621.

NAISON, Mark. **Communists in Harlem during the Depression**. Champaign: The University Illinois Press, 2005.

NELSON, Cary. What happens when we put the left at the Center? **American Literature**, Durham, v. 66, n. 4, dez. 1994.

NEMZER, Louis. The Soviet Friendship Societies. **The Public Opinion Quarterly**, v. 13, v. 2, p. 271, primavera 1949.

PADMORE, George. **What Is the International Trade Union Committee of Negro Workers?** Hamburgo: International Trade Union Committee of Negro Workers, [193-?].

PALMER, Bryan D. Race and Revolution: review article. **Labour/Le Travail**, Guelph, n. 54, p. 193-221, outono 2004.

_____. **James P. Cannon and the origins of the American Revolutionary Left, 1890-1928**. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2007.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros: Memória e História do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PAREDES, Ricardo. El movimiento obrero en el Ecuador. **La Internacional Sindical Roja**, n. 1, p. 76-81, ago. 1928. Disponível em: <<http://www.yachana.org/earchivo/comunismo/paredes-isr-agosto28.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012.

PATTERSON, William. Race Hatred on trial. **The Negro Worker**, v. 1, n. 6, p. 21-22, jun. 1931.

PAZ, Clinton Silva. **Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro- Brasileiro do Recife, 1934**. 2007. Dissertação (Mestrado)—Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, Astrojildo. Sociologia ou apologética? In: _____. **Ensaio históricos e políticos**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979. p. 163-174.

PETERSSON, Fredrik. **In Control of Solidarity?** Willi Münzenberg, the Workers' International Relief and League against Imperialism, 1921-1935. Comintern Working Papers – CoWoPa 8, 2007. Disponível em: <<http://www.abo.fi/institution/media/7957/cowopa12petersson.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2012.

_____. **“We Are Neither Visionaries Nor Utopian Dreamers”**: Willi Münzenberg, the League against Imperialism, and the Comintern, 1925 – 1933. 2013. Tese (Doutorado em História Geral)–Abo Akademi, Turku, 2013.

PIATNITSKY, Ossip. **The Bolshevization of the Communist Parties by eradicating the social-democratic traditions**. Manchester: Co-operative Printing Society, [s.d.].

PINHEIRO, Paulo Sergio. **Estratégias da ilusão**: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PRESTES, Anita Leocádia. A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe e os levantes de 1935 no Brasil. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 132-153, 2006.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos vermelhos**: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937). 2006. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. p.70-71.

PROBLEMA de las razas. **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, n. 15, p. 28, ago. 1929.

RAVINES, Eudocio. **La Gran Estafa**: la penetración del Kremlin en Iberoamérica. México: Libros y Revistas, 1952.

REED, John. Minutes of the Second Congress of the Communist International: Fourth Session, July 25 – Discussion, America and the Negro question. **Marxists Internet Archive**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/2nd-congress/ch04.htm#v1-p121>>. Acesso em: 19 out. 2012.

REPORT of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York, part. I. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. v. 1.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira**: depoimentos. São Paulo: Quilombhoje, 1999.

RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista**: história política, charme e confidências de Fernando Sant'Anna. Rio de Janeiro: Versal, 2002.

_____. **Uma história da cidade da Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROJAS, Gonzalo Adrián. **Os socialistas na Argentina (1880-1980)**: um século atuação política. Tese (Doutorado em Ciência Política)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROLNIK, Raquel. *A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp, 1997.

ROMAN, Meredith L. **Opposing Jim Crow**: African Americans and the Soviet indictment of U.S. racism, 1928-1937. Lincoln: University of Nebraska, 2012.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ROY, Manabrenda Nath. **M. N. Roy's Memoirs**. Bombay: Allied Publishers, 1964.

SANTIAGO-VALLES, William Fred. **Memories of the Future**: Maroon Intellectuals from the Caribbean and the Sources of their Communication Strategies, 1925-1940. 1997. Tese (Doutorado)—School of Communication, Simon Fraser University, Burnaby, 1997.

SANTOS, Oluemi Aparecido dos. **Nas sendas da revolução**: a poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)—Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SEGATTO, José Antonio. **Breve História do PCB**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

SELVERSTONE, Marc J. **Constructing the Monolith**: The United States, Great Britain, and International Communism, 1945–1950. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

SENA, Caridad Massón. Comintern y comunismo en Cuba: Una reflexión crítica. **Revista Izquierdas**, Santiago, ano 3, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2011/07/masson.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2012. Atualização em dez. 2014: <<http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2011/07/masson.pdf>>.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Frente Única, Frente Popular e Frente Nacional: anotações históricas sobre um debate presente. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS,

5., 2007. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2007. Disponível: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao3/Carlos_Zacarias.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.

_____. **Os impasses da estratégia:** os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

SHERWOOD, Marika. **Origins of Pan-Africanism:** Henry Sylvester Williams, Africa, and the African Diaspora. Nova York: Routledge, 2012.

SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930).** Dissertação (Mestrado em História Social)—Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOLOMON, Mark. **The Cry Was Unity:** Communists and African Americans, 1917-36. Jackson: The University of Mississippi Press, 1998.

SOUTH African Communist Party Documents, 1917: International Socialism and the Native – No Labour Movement without the Black Proletariat. **Marxists Internet Archive.** [s.d]a. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sections/sacp/1917/native.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

SOUTH African Communist Party Documents, 1928: The South African Question. **Marxists Internet Archive.** [s.d]b. Disponível em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sections/sacp/1928/comintern.htm>>. Acesso em: 20 set. 2011.

SPENSER, Daniela. **The Impossible Triangle:** Mexico, Soviet Russia and the United States in the 1920s. Duke; Londres: Duke University Press, 1999.

_____. **Stumbling its way through Mexico:** the early years of the Communist International. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2011.

STALIN, Josef V. **O marxismo e o problema nacional e colonial.** São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. The Political Tasks of the University of the Peoples of the East. **Marxists Internet Archive.** 2005. <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1925/05/18.htm> Acesso em: 13/08/2013.

_____. On the road to nationalism. **Marxists Internet Archive**. 2008. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/01/12_2.htm>. Acesso em: 14 out. 2012.

STEVENS, Margaret. **The Red International and the Black Caribbean**: Transnational Radical Organizations in New York City, Mexico and the West Indies, 1919-1939. 2004. Tese (Doutorado)–Departamento de *American Civilization*, Universidade Brown, Providence, 2004.

STEVENSON, Archibald E. et al. (Ed.). **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part I Revolutionary and subversive movements abroad and at home. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. 2 v. (v. 1-2).

_____. **Revolutionary Radicalism**: Its history, purpose and tactics with an exposition and discussion of the steps being taken and required to curb it being Report of the Joint Legislative Committee Investigating Seditious Activities, filed april 24, 1920, in the Senate of the State of New York – Part Part II Constructive movements and measures in America. Albany: J. B. Lyon Company Printers, 1920. 2 v. (v. 3-4).

STEWART, Jeffrey. **The Critical Temper of Alain Locke**. Nova York: Garland Publishing, 1984.

STORCH, Randi. **Red Chicago**: American Communism at its Grassroots, 1928-35. Champaign: University of Illinois Press, 2007.

TARCUS, Horacio (Ed.). **Diccionario Biográfico de la Izquierda Argentina**: de los anarquistas a la “nueva izquierda” (1870-1976). Buenos Aires: Emecé, 2007.

THE INTERNATIONAL Negro Workers’ Review, v. 1, n. 1, jan. 1931.

THING, Morten. **The Communist Party of Denmark and Comintern 1919-1943**. 1990. Disponível em: <http://rudar.ruc.dk/bitstream/1800/1073/1/The_communist_party.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

TOSSTORF, Reiner. **Profintern**: Die Rote Gewerkschaftsinternationale, 1921-1937. Paderborn: Schoeningh Ferdinand, 2004.

TROTSKY, Leon; VARGA, Eugen. The International Situation: a Study of Capitalism in Collapse. **Marxists Internet Archive**. 2010. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/varga/1921/x01/x02.htm>>. Acesso em: 18 set. 2012.

TROTTER, Joe William (Org.) **The Great migration in historical perspective: new dimensions of race, class & gender**. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

TURNER, Joyce Moore. **Caribbean Crusaders and the Harlem Renaissance**. Champaign: University of Illinois Press, 2005.

TYRRELL, Ian. American Exceptionalism in an Age of International History. **The American Historical Review**, Durham, v. 96, n. 4, p. 1031-1055, out. 1991.

UHLMANN, Jennifer Ruthanne. **The Communist Civil Rights Movement: Legal Activism in the United States, 1919-1946**. 2007. Tese (Doutorado em História), University of California, Los Angeles, 2007.

ULDRICKS, Teddy J. **Diplomacy and Ideology: The origins of Soviet Foreign Relations, 1917-1930**. Londres; Beverly Hills: Sage Publications, 1979.

URBAN, Joan Barth. **Moscow and the Italian Communist Party: From Togliatti to Berlinguer**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

VAN ENCKEVORT, Maria Gertrudis. **The Life and Word of Otto Huiswoud: professional revolutionary and internationalist (1893-1961)**. 2000. Tese (Doutorado em História)–The University of West Indies, Kingston, 2000.

VAN HOLTHOON, Frits; VAN DER LINDEN, Marcel. Introduction. In: _____. (Ed.). **Internationalism in the labour movement 1830–1940**. Leiden: Brill, 1988. (Contributions to the History of Labour and Society, 1.)

VARGA, Eugen. Economic Basis of Imperialism in the U.S. of North America. **Marxists Internet Archive**. 2010. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/varga/1921/x01/x01.htm>>. Acesso em: 18 set. 2012

VERDUGO, Arnaldo Martínez. **Historia del Comunismo en México**. México: Grijalbo, 1985. (Coleção Enlace).

VERNEY, Kevern; SARTAIN, Lee (Ed.). **Long is the way and hard: one hundred years of the NAACP**. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2009.

VEYSEY, Laurence. The Autonomy of American History Reconsidered. **American Quarterly**, Baltimore, n. 31, p. 455-77, outono 1979.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VISHNYAKOVA-AKIMOVA, Vera Vladimirovna. **Two Years in Revolutionary China, 1925-1927**. Cambridge: Harvard University Press (Harvard East Asian Monographs), 1971.

WALL, Irwin M. **The United States and the Making of Postwar France, 1945-1954**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WALTZER, Kenneth. **The American Labor Party**: Third Party Politics in New Deal-Cold War New York, 1936-1954. 1977. Tese (Doutorado em História)—Harvard University, Cambridge, 1977.

_____. The Party and the Polling Place: American Communism and an American Labor Party in the 1930s. **Radical History Review**, Nova York, n. 23, p. 104-129, 1980.

WATKINS-OWENS, Irma. **Blood relations**: Caribbean immigrants and the Harlem community, 1900-1930. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

WEISS, Holger. **The Hamburg Committee, Moscow and the Making of a Radical African Atlantic, 1930-1933, Part Three**: The LAI and the ITUCNW. Comintern Working Papers – CoWoPa 21, 2010.

_____. **The Road to Hamburg and Beyond**: African American Agency and the Making of a Radical African Atlantic, 1922-1930. Part Three. Turku: Abo Akademi, 2011. Disponível em: <<https://www.abo.fi/student/en/media/7957/cowopa18weissupdated2011.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

_____. **The Road to Hamburg and Beyond**: African American Agency and the Making of a Radical African Atlantic, 1922-1930. Part One. Turku: Abo Akademi, 2009. Disponível em: <<http://www.abo.fi/institution/en/media/7957/cowopa16weiss.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2012.

_____. **Framing a Radical African Atlantic**: African American Agency, West African Intellectuals and the International Trade Union Committee of Negro Workers. Leiden: Brill, 2013.

WASHINGTON, Mary Helen. Disturbing the Peace: What Happens to American Studies If You Put African American Studies at the Center? **American Quarterly**, Baltimore, v. 50, n. 1, p. 1-23, mar. 1998.

WHAT is the International Trade Union Committee of Negro Workers. **The International Negro Workers' Review**, Hamburgo, v. 1, n. 1, jan. 1931.

WINTZ, Cary D.; FINKELMAN, Paul. **Encyclopedia of Harlem Renaissance**. Nova York: Routledge, 2012. v. 2.

WOHL, Robert. **French Communism in the Making, 1914-1924**. Stanford: Stanford University Press, 1966.

WORLDWIDE propaganda network built by the CIA. **The New York Times**, Nova York, 26 dez. 1977. Disponível em: <<http://jfk.hood.edu/Collection/Weisberg%20Subject%20Index%20Files/C%20Disk/CIA%20Reporters%20New%20York%20Times%20Series%2012-25-77/Item%2007.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

YAMANOUCHI, Akito. The Early Comintern in Amsterdam, New York and Mexico City. **Journal of History**, Fukuoka, v. 147, p. 102, 2010. Disponível em: <<https://qir.kyushu-u.ac.jp/dspace/bitstream/2324/16911/1/pa099.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2012. Atualização em jan. 2015: <<http://catalog.lib.kyushu-u.ac.jp/handle/2324/16911/pa099.pdf>>.

ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista: 1922-1929**. São Paulo: Vertice, 1988.

ZUMOFF, Jacob Andrew. **The Communist Party of the United States and the Communist International, 1919-1929**. 2003. Tese (Doutorado em História)—University College, Londres, 2003.